

Renata de Oliveira Carreon
Roberto Leiser Baronas
(Orgs.)

ESTUDOS DISCURSIVOS DO MONJOLINHO:

*questões entorno
do digital*

Editora da

ABRALIN

Renata Oliveira Carreon e Roberto Leiser Baronas
(Orgs.)

**ESTUDOS DISCURSIVOS DO
MONJOLINHO:**
questões entornos do digital

Editora da ABRALIN

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Estudos discursivos do Monjolinho [livro eletrônico] : questões entorno do digital / Renata de Oliveira Carreon, Roberto Leiser Baronas (orgs.). -- Campinas, SP : Editora da Abralin, 2024. -- (Altos estudos em linguística) PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-68990-50-6

1. Análise do discurso 2. Cultura digital
3. Linguística - Teoria I. Carreon, Renata de Oliveira. II. Baronas, Roberto Leiser. III. Série.

24-236058

CDD-410

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguística 410

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Palavras das Editoras

Houve um tempo em que as grandes religiões se apresentavam como a principal fonte de parâmetros éticos explícitos para a vida em sociedade. Jessé de Souza, no livro *A tolice da inteligência brasileira*. Ou como o país se deixa manipular pela elite (Editora Leya, 2015, p. 12), entretanto, chama a nossa atenção para o fato de que esse papel tem sido hoje disputado com as ciências, na medida em que elas oferecem um conjunto de ideias (construídas em espaço social de prestígio) capturadas em programas de partidos políticos, de planejamento do Estado, de planejamento e condução do ensino, de elaboração e aplicação das leis, daquilo que a mídia publica. Podemos testemunhar um tanto dessas disputas durante os períodos mais críticos da pandemia de SARS-COVID-19, em que cientistas, falsos cientistas e anti-cientistas ofereceram produtos e valores capturados pelo poder, levando, por um lado, a cenários caóticos inimagináveis e, por outro lado, a oportunidades de demonstração de tudo o que se ganha quando o conhecimento (teórico, aplicado, tecnológico) é respeitado.

A ABRALIN tem sido incansável no esforço de fortalecimento e de difusão dos saberes produzidos pelas ciências da linguagem no Brasil. Uma parte desse esforço resultou na criação, em 2020, desta Editora, cuja função é apoiar e divulgar a pesquisa em Linguística – o nosso modo peculiar de enfrentamento à ignorância, ao preconceito, à injustiça que se constroem com as línguas ou em torno delas.

Existe uma grande diversidade de áreas, temas, orientações, interesses, pessoas no nosso campo de estudo. A Editora da ABRALIN quer se firmar como um espaço para a expressão dessa diversidade, que aqui se alia a propósitos científicos, democráticos e humanitários. Sendo open access, gratuita e digital, ela quer contribuir para que a circulação de saberes linguísticos solidamente construídos seja garantida e alcance a todos e todas que por eles se interessarem (estudantes, docentes e quem mais quiser).

Cada obra passa pelo crivo de especialistas associados à ABRALIN, que gentilmente prestam esse serviço à comunidade, e pelas disposições de editais públicos, pensados para assegurar a ampla participação e também a relevância dos textos selecionados.

Assim, é com muita satisfação, que publicamos esta obra, plenamente inserida nesse conjunto de diretrizes e compromissos da Editora da ABRALIN.

Ana Paula Scher
Olga Ferreira Coelho Sansone

*Os rios que eu encontro vão seguindo comigo. Rios
são de água pouca, em que a água sempre está por
um fio. Cortados no verão que faz secar todos os rios.
Rios todos com nome e que abraço como a amigos.
Uns com nome de gente, outros com nome de bicho,
uns com nome de santo, muitos só com apelido. Mas
todos como a gente que por aqui tenho visto: a gente
cuja vida se interrompe quando os rios.*

João Cabral de Melo Neto, O Rio, 1986

Apresentação

Capítulo

01

A Dimensão Sócio-Cognitiva das Fake News em redes sociais

Para começar, para além dessa epígrafe, retomo uma pequena história com jeito de anedota

Um pouco sobre a teoria dos pré-discursos...

Algumas análises...

Enéas considerações finais...

Referências bibliográficas

Capítulo

02

Regionalização de dizeres negacionistas no Youtube: um ensaio sobre o funcionamento das formações algorítmicas

Introdução

Arthur do Val e o Movimento Brasil Livre

Capitalismo de plataforma

ADDigital: Formação algorítmica

Notas conclusivas

Referências bibliográficas

Capítulo

03

A contribuição do método perspectivista à Análise do discurso digital a partir do estudo sobre refugiados na pandemia

Análise do Discurso, refugiados e redes sociais

Uma revisão bibliográfica digital

A Análise do discurso digital aliada ao

Perspectivismo de Rede

Análise

Considerações finais

Referências bibliográficas

Capítulo

04

Enunciadores de dados: o uso de inteligências artificiais é capaz de pasteurizar sujeitos de dados?

Primeiras palavras: sobre a memória e o sujeito de dados

- Capítulo**
04 Pequena descrição e análise da campanha VW 70 anos | Gerações | VW Brasil
Elis Regina da Volkswagen: sujeito de dados ou um novo tipo de locutor angélico? Uma análise ensaística
Algumas considerações finais
Referências bibliográficas

Capítulo
05 **O (an)verso dos sentidos no/do discurso digital: perspectivas e deslocamentos**

Introdução
Caminhos para uma Análise do discurso digital: (dis)curso e(m) rede
No (an)verso da história: o compósito na materialidade digital
Considerações finais
Referências bibliográficas

Capítulo
06 **Tecnodiscursividade e (des)racialização no ecossistema *Twitter*: investigação de estratégias tecnolinguageiras no perfil @geledes**

Um efeito de começo
A governamentalidade e a produção de saberes - (des)racilizar a divulgação científica?
Tecnodiscursividade: teoria e características
Metodologia
Análise dos dados gerados
Efeito de fim
Referências bibliográficas

Capítulo
07 **Análise de discurso em contexto digital: uma escrita de emoji - o filme**

Introdução
Percurso metodológico
Análise inicial do corpus
Considerações e resultados parciais
Referências bibliográficas

Capítulo

08

Manifestações tecnodiscursivas e a resignificação proposta por Marie-Anne Paveau: reflexões sobre os contradiscursos do movimento estudantil secundarista

Ressignificação discursiva e o argumento da salamandra

O movimento estudantil secundarista brasileiro contemporâneo e a relação com o digital

As manifestações tecnodiscursivas e a resignificação no digital: estratégias adotadas e rejeitadas

Considerações finais

Referências bibliográficas

Capítulo

09

Um estudo tecnodiscursivo da hashtag #criançaãoémãe no *Twitter*

Considerações iniciais

O digital e algumas condições

Relações interdiscursivas e o domínio do digital

Sobre o discurso digital nativo

Sujeitos e acontecimentos de estupro de meninas de 10 - 11 anos

O Projeto de Lei do Nascituro e “afiliação difusa” da #criançaãoémãe

Batalha e argumentação da hashtag

Considerações finais

Referências bibliográficas

Capítulo

10

Análise sintática, semântica e pragmática de títulos de notícia dos jornais “Araguaia Notícia” e “Folha de S. Paulo”

1. Gênero “título de notícia”

2. Níveis de análise linguística na perspectiva da gramática funcional

3. Características predominantes nos dados analisados

Considerações

Referências bibliográficas

Capítulo

11

Posturas enunciativas e a construção de autoridade em memes políticos. O caso da conta do *Twitter* “memes de esquerda”

Introdução

1. Quadro teórico e objetivos

2. A Conta do *Twitter* “memes de esquerda”: corpus e metodologia

3. Autoridade social e posturas enunciativas em “memes de esquerda”

Concluindo: Memes políticos e construção de uma autoridade social

Referências bibliográficas

Sobre os/as autores/autoras

APRESENTAÇÃO

Mas manter essa posição não implica em necessariamente que a análise de discurso informatizada deve tender a realizar uma auto-leitura da estrutura do corpus pelo corpus ele mesmo, como AAD69 subentendia: não seria finalmente se não uma nova teologia, uma *teologia da estrutura* escorada em uma concepção ortopédica do conhecimento; em síntese, a informática como prótese da leitura, máquina de lavar textos, ou aparelho de raio X!

(Michel Pêcheux, *Análise de discurso e informática*)

A datificação dos afetos ou a algoritmização dos dizeres revelam mudanças sociais, econômicas e políticas profundas atravessadas pela relação do sujeito com a máquina. A tecnologia passou a regular os aparelhos do Estado e a plataformização do trabalho alterou definitivamente as estruturas sociais. Nessa nova conjuntura, ainda que o mais valor seja gerado pela exploração do trabalho humano, a lógica da mercadoria passa a ser a lógica da extração de dados, na qual o Estado algorítmico – nas mãos das grandes empresas de tecnologia – passa a exercer papel preponderante para a redefinição da própria compreensão da categoria de sujeito. Se antes, como afirma Haroche (1992), a expansão econômica define a categoria de sujeito, hoje é a expansão tecnológica que o faz, levando-nos a repensar, recategorizar e deslocar muito do que já está posto nas ciências humanas como um todo.

É em razão disso que a análise de discurso, disciplina de entremeio, tem se interessado, desde a sua fundação, por deslocamentos conceituais importantes que produzissem, seja para a linguística, a psicanálise ou o materialismo histórico, uma mudança de terreno significativa do fazer científico da época. A obra fundadora da área, *Análise Automática do discurso* (AAD69), já revelava o interesse de Pêcheux na

relação da língua com a informática. Seja em AAD69 ou em AAD80, Pêcheux buscou construir um algoritmo que desse conta do funcionamento dos sentidos. Encontrou a falha, o equívoco e a deriva. Seus resultados e as críticas que fez ao projeto apontam para nós, hoje, que a relação sujeito-máquina nunca foi transparente e que o efeito de evidência da neutralidade tecnológica gera um problema de arquivo.

Afinal, como o analista de discurso, cujo *corpus* de análise é atravessado pela extração de seus próprios dados, pode fugir do esquecimento de sua existência digital? De que forma os dispositivos analíticos da análise de discurso, em suas diversas correntes brasileiras, podem servir quando a materialidade é digital? Como produzir deslocamentos conceituais importantes sem com isso cair na “teologia da estrutura” e apenas lavar textos em uma máquina cheia de sabão?

Estas e muitas outras questões são colocadas para pensar esse novo objeto que é o discurso digital. É nessa esteira de reflexões que Cristiane Dias, no Brasil, tem buscado empreender uma Análise do discurso digital que se assenta “no princípio teórico incontornável” da leitura. A autora propõe, em *Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo* (2018), uma leitura materialista dos discursos digitais levando em conta os pontos decisivos do materialismo histórico: a questão do Estado, da prática política e da psicanálise. Para ela, “o digital tem se configurado como um campo de questões imprescindível às ciências e ao fazer científico”, por isso, é preciso repensar categorias já estabilizadas da análise de discurso e produzir deslocamentos conceituais que indiciam, conforme Orlandi (2017), que a “práxis da análise de discurso exige uma virada”. Assim, Dias propõe dispositivos de interpretação alinhados às novas condições de produção e novas formas de assujeitamento, como memória digital, textualidade seriada, sujeito de dados e dimensão técnica do silêncio. Alguns desses dispositivos são mobilizados nesta obra e evidenciam a produtividade de se (re)pensar o discurso pelo digital.

Do outro lado do Atlântico, a francesa Marie-Anne Paveau tem buscado empreender uma perspectiva ecológica, simétrica e pós-dualista da linguagem para pensar o discurso em contexto digital. A autora afirma, em *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas* (2021), que é preciso atribuir lugares semelhantes ao languageiro e ao não languageiro na análise, entendendo, para isso, os tecnodiscursos

como compósitos. Disso resulta que fazer Análise do discurso digital é promover a descrição e a análise do “funcionamento das produções linguageiras nativas da internet, particularmente da web 2.0, em seus ambientes de produção”. Não basta, portanto, utilizar a internet *para* corpus, mas *como* corpus, o que implica em dizer que a proposta não é apenas retirar o material de seu ambiente nativo e utilizar as categorias tradicionais da análise de discurso: é preciso repensar categorias como extralinguístico, contexto e situação. Em razão disso, Paveau propõe conceitos que levam em conta a máquina como exterioridade constitutiva do discurso digital, como memória tecnodiscursiva, extimidade, produto e ciberviolência discursiva. Alguns dos verbetes de seu dicionário são trazidos nesta obra por pesquisadores brasileiros, também apontando que o discurso digital e a compreensão de sua ecologia produz importantes desdobramentos na área.

Assim, esta coletânea de autoria coletiva tem como objetivo geral pensar os deslocamentos, desdobramentos e inquietações que estão sendo impostos à análise de discurso e que derivam para a própria compreensão do discurso digital como um objeto de análise multifacetado, desdobrável e armadilhesco. Ao mesmo tempo em que o tomamos como analistas, ele nos toma, nos atravessa e nos constitui. Por isso, a obra mobiliza pesquisadores de diferentes geografias e distintos interesses de pesquisa sob a égide de pensar o digital. O trabalho, além disso, é fruto das reflexões empreendidas no grupo plural que é o *Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais* (LEEDIM/UFSCar/CNPq), uma espécie de albergue coletivo de ideias, cujo esforço epistemológico coletivo tem resultado em trabalhos como este.

No capítulo de abertura, intitulado *A dimensão sócio-cognitiva das Fake News em redes sociais*, Roberto Baronas (re)pensa a partilha de conhecimentos e crenças que pavimentam a produção, a circulação e adesão às Fake News, mas esse processo entendido não em termos de submissão cega a ideologias por parte dos indivíduos, mas sim em termos de um processo de colaboração e cooperação na construção dos objetos discursivos. Como *corpus*, o autor mobiliza um pequeno conjunto de notícias falsas sobre a vacina da Covid-19, que circulou em redes sociais e aplicativos de trocas de mensagens entre o final de fevereiro e durante praticamente todo o mês de março de 2023.

No capítulo dois, intitulado *Regionalização de dizeres negacionistas no YouTube: um ensaio sobre o funcionamento das Formações Algorítmicas*, Bárbara Daniel e Renata Carreon objetivam compreender o algoritmo como textualização de discursos que, filiados a uma determinada formação algorítmica, produzem sentidos e, por consequência, indiciam a regionalização de dizeres negacionistas na web. As autoras buscam demonstrar que o fortalecimento de grupos negacionistas na internet está aquém da filiação dos sujeitos a uma certa formação discursiva, uma vez que isso também ocorre na ordem da máquina, cujo apagamento de sua não neutralidade promove, cada vez mais, as polarizações sociais.

No capítulo três, intitulado *A contribuição do método perspectivista à Análise do discurso digital a partir do estudo sobre refugiados na pandemia*, Lídia Neves-Hora, Renata Coutinho e Fabio Malini propõem uma análise quali-quantitativa dos discursos sobre refugiados nos dois anos iniciais da pandemia de Covid-19 (2020 e 2021). Para isso, associam a Análise do discurso digital (Paveau, 2021; Paveau, Costa, Baronas, 2022) ao Método Perspectivista da Análise de Redes Sociais (Malini, 2016; 2017) e fazem uma análise sobre os atores citados em 38 mil posts do Facebook sobre o tema. O trabalho, que traz também uma revisão bibliográfica sobre pesquisas relativas a refugiados no Facebook, aponta em sua análise a importância das instituições da sociedade civil (inclusive religiosas) e de governos para dar voz aos refugiados e à sua causa, além de indicar caminhos para o combate à xenofobia e aos discursos de ódio.

No capítulo quatro, intitulado *Enunciadores de dados: o uso de Inteligências Artificiais é capaz de pasteurizar sujeitos de dados?*, Jackelin Cavalcante busca traçar uma possível faceta do conceito de *sujeito de dados* (Dias, 2018) levando em conta novas complexidades impostas pela popularização e pela exacerbação dos processos de promoção e utilização, para os mais diversos fins, das Inteligências Artificiais. Para tal, a autora busca compreender a atribuição de discursos a sujeitos que, empiricamente, não existem nem são mais capazes de enunciar, refletindo acerca da possível emergência de um novo tipo de locutor: o angélico. A análise recai sobre o comercial VW 70 anos | Gerações | VW Brasil, lançado em julho de 2023 pela montadora Volkswagen, em que sistemas de Inteligência Artificial foram utilizados para recriar

a imagem de Elis Regina, que canta a canção “Como nossos pais” na peça publicitária em questão.

No capítulo cinco, intitulado *O (an)verso dos sentidos no discurso digital: perspectivas e deslocamentos*, Lauren Sanches, Lígia Araújo e Marco Ruiz problematizam o funcionamento do discurso no perfil *Greengo Dictionary* da rede social Instagram e, com isso, buscam promover um exercício analítico a partir da perspectiva pós-dualista e ecológica de Paveau (2021), cujo material se constitui por recortes desse espaço compósito. A partir disso, os autores observaram que o *corpus*, além de fornecer certas regularidades comparadas ao discurso “tradicional” dos dicionários, promove, no seu escopo, ressignificações por meio do humor que (des)dizem sobre uma memória social estabilizada, (des)construindo os espaços enunciativos e, como consequência, irrompendo novos efeitos de sentidos.

No capítulo seis, intitulado *Tecnodiscursividade e (des)racialização no ecossistema Twitter: investigação de estratégias tecnolinguageiras no perfil @geledes*, Jorcemara Cardoso e Eduardo Glück analisam práticas e aspectos tecnodiscursivos (Paveau, 2021) na produção de divulgação científica do perfil @geledes no ecossistema *Twitter*, a partir de uma lente racializada (Silva, 2022; Carneiro, 2023), a fim de compreender como tais práticas e aspectos caminham na direção de um desracializar-se, conforme Sueli Carneiro (2023). O *corpus* dos autores é composto de tuítes de divulgação científica postados pelo @geledes, em consonância com as temáticas de Geledés - Instituto da Mulher Negra do qual o perfil é parte.

No capítulo sete, intitulado *Análise de discurso em contexto digital: uma escrileitura de Emoji: o filme*, Carlinho de Sousa propõe uma análise discursiva da produção cinematográfica *Emoji: o filme* para compreender como se estabelecem as relações entre o mundo real e o digital, verificando se são dois universos separados (dualismo digital) ou um universo estendido por bits e átomos (realidade ampliada). Para o autor, a análise do material sugere que o conceito de semântica global (Maingueneau, 2005) pode ser relacionado com a concepção de ecologia do discurso (Paveau, 2021), uma vez que ambos os conceitos direcionam a análise de qualquer discurso para além da relação binária superfície/profundidade.

No capítulo oito, intitulado *Manifestações tecnodiscursivas e a ressignificação proposta por Marie-Anne Paveau: reflexões sobre os contradiscursos do Movimento Estudantil Secundarista*, Mariana Morales busca compreender o funcionamento de distintas estratégias discursivas empregadas pelo movimento e seus apoiadores por meio de contradiscursos nativos da web, subversivos ou não, que estabeleceram grandes tensões com as representações e com os discursos produzidos pelos meios tradicionais de comunicação sobre o movimento e suas práticas políticas. A autora reflete sobre a questão teórica da ressignificação e o argumento da salamandra no militantismo na era digital (Paveau, Lourenço, Baronas, 2021) por meio da análise de duas manifestações tecnodiscursivas antagônicas, a divulgação digital dos eventos postados no Facebook “Vandalismo cultural” e “Virada ocupação”.

No capítulo nove, intitulado *Um estudo tecnodiscursivo da hashtag #criançaãoeMãe no Twitter*, Carina Santos e Sidnay Fernandes dos Santos apresentam uma análise discursiva de tecnotextos vinculados à hashtag #criançaãoeMãe no Twitter. Modos de constituição de sujeitos e processos de subjetivação por meio do uso da hashtag em pauta são estudados pelas autoras pelo viés da memória (metálica, discursiva, digital) e por caracterizações do discurso digital nativo. Assim, as autoras observam como a hashtag reclama sentidos históricos e militantes e como sujeitos sociais e mecanismos digitais/tecnolinguageiros – intrinsecamente conectados – produzem sentidos de resistência a opressões impostas às mulheres.

No capítulo dez, intitulado *Análise sintática, semântica e pragmática de títulos de notícia dos jornais “Araguaia Notícia” e “Folha de S. Paulo”*, Lennie Bertoque e Mízael Lima buscam compreender quais são as características sintáticas, semânticas e pragmáticas predominantes nos títulos de notícia de dois jornais brasileiros *on-line*, “Araguaia Notícia”, do município de Barra do Garças (MT), e “Folha de S. Paulo”, de São Paulo (SP), considerando-se sua função social como gênero discursivo. Os autores constataram que o gênero “títulos de notícias” mantém características rígidas em relação às orientações dos manuais de redação jornalística, mas, por outro lado, apresenta características elásticas, a fim de cumprir a sua função social: comunicar.

No capítulo final, intitulado *Posturas enunciativas e construção de autoridade em memes políticos. O caso da conta do Twitter “memes de esquerda”*, traduzido por Renata Carreon e Marco Ruiz, Stefano Vicari apresenta uma análise pragmático-enunciativa dos processos enunciativos dos memes políticos da conta do Twitter “memes de esquerda” com o objetivo de mostrar que as posturas enunciativas construídas nos memes permitem fundamentar o discurso memético em uma autoridade social e compartilhada.

Por fim, cumpre fazer menção ao título desta obra coletiva, mais especificamente ao nome próprio: *Monjolinho*, prática de atribuir título a obras, talvez pouco usual em coletâneas, já publicadas no campo do discurso em terras brasílicas. Este vocábulo dá nome ao bairro, em que está situada a Universidade Federal de São Carlos – UFSCar – Campus São Carlos, espaço geográfico e acadêmico, que sedia o LEEDIM/UFSCar/CNPq. Todavia, o nome do bairro em que está situado o Leedim, vem do Rio¹ de igual nome, que corta toda a extensão do Campus da UFSCar. Nesse sentido, pelo menos por três razões, a analogia entre o Rio *Monjolinho* e o Leedim (tomado aqui como uma representação metonímica desta obra) nos parece particularmente apropriada: assim como o *Monjolinho* se constitui por seus afluentes, o Leedim se constitui pelos/as pesquisadores/ras de diferentes regiões do Brasil e do exterior e em distintos estágios de formação; b) da mesma forma que o *Monjolinho* é uma espécie de símbolo da identidade São-carlense, o Leedim tem no contexto brasileiro e internacional uma identidade própria na maneira de pensar epistemologicamente e teórico-metodologicamente o discurso, tanto em sentido mais *lato* (discurso político, discurso publicitário...) quanto mais *stricto-sensu*

1 O rio Monjolinho é um rio brasileiro do estado de São Paulo. Trata-se de um singular curso d'água que se outras fossem as dimensões territoriais poderia ser chamado de, numa alusão dialógica ao Velho Chico, o Rio da Integração São-carlense; tem suas nascentes dentro do município de São Carlos a leste, praticamente na área urbana, mas ainda em área rural numa altitude aproximada de 900 m, margeia a cidade rumo ao norte onde adentra o campus da Universidade Federal de São Carlos-UFSCar, segue depois tomando o sentido sudoeste até a foz do Córrego do Gregório, na sequência, toma sentido oeste seguindo num leito pedregoso de basalto ao município vizinho de Ibaté. Sua foz dá-se no Rio Jacaré Guaçu numa altitude aproximada de 534 m. Sua extensão é de 43,24 km e a área da sub-bacia compreende 273,77 m² com perímetro de 84,75 km. Possui 40 afluentes, sendo 19 pela margem direita e 21 pela margem esquerda. Sua importância deve-se à Usina Hidrelétrica Monjolinho, a primeira usina hidrelétrica do Estado de São Paulo, a segunda do Brasil e do hemisfério sul. A usina entrou em operação em 1893 e continua ativa até hoje.”

(como é o caso aqui do discurso digital) e c) um dos sentidos do nome do Rio *Monjolinho* vem do diminutivo de monjolo: um engenho bastante rústico, movido a água usado desde alhures no Brasil para moer milho, descascar arroz e outros cereais. Assim também são os trabalhos produzidos no Leedim, uma espécie de engenhoca acadêmica, movida por um coletivo, que alberga as mais distintas ideias, sensibilidades e afetos e que acredita que é possível produzir conhecimento de forma diversa (da qual impera hoje na academia) a da dos *trens* (produtivistas, que ra(n)keiam os indivíduos pelo número de artigos publicados e citações), (mas sim como), *a viagem que fazem os rios: convivem com as coisas entre as quais vão fluindo; demoram nos remansos para descansar e dormir; convivem com a gente sem se apressar em fugir.* (João Cabral de Melo Neto, 1986).

Renata de Oliveira Carreon e Roberto Leiser Baronas
pelos/as autores/as



A dimensão sócio-cognitiva das Fake News em redes sociais

1

AB

A DIMENSÃO SÓCIO-COGNITIVA DAS FAKE NEWS EM REDES SOCIAIS²

Roberto Leiser Baronas (DL/PPGL-UFSCar/CNPq)



Para começar, em forma de epígrafe, retomo uma pequena história com jeitão de anedota³

19

Em julho de 2019, depois de apresentar trabalho no 67º Seminário do GEL, no IBILCE da UNESP, na cidade de São José do Rio Preto, chamei um táxi para me levar do hotel em que estava hospedado até à Rodoviária. Mal entrei no carro e sem sequer me dizer boa noite, o motorista, um senhor de cabelos brancos e rosto bastante sofrido, de mais ou menos 65 anos de idade, começou a contar-me que o filho mais velho, do então ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, fora filmado saindo de um hotel em Dubai com uma Ferrari banhada a ouro.

Comecei a rir e disse-lhe que isso era mais uma Fake News. Assim, como a história da fazenda do Lula e de sua família no Tocantins e

² Uma versão modificada deste texto foi apresentada como comunicação oral no simpósio Desinformação, Fake News e manipulação: abordagens discursivas, durante 69 Seminário do Grupo de Estudos do Estado de São Paulo – GEL, realizado na FFLCH da USP, em julho de 2023.

³ Essa narrativa está presente na abertura do capítulo 04 do livro de ALMEIDA, J. & BARONAS, R. L. **Fake News: abordagens discursivas**. Araraquara, SP; Letraria Editora, 2023. Disponível em [Fake-news-abordagens-discursivas- Letraria.pdf](#)

no Mato Grosso, das suas Usinas de Álcool e de Açúcar na região de Ribeirão Preto e Araraquara-SP e de outras mentiras. Ainda acrescentei: como as mentiras desferidas contra o então candidato Fernando Haddad, que comprometeram toda a lisura e, consequentemente, o resultado do processo eleitoral de 2018. Tivemos uma eleição em que um candidato, Jair Bolsonaro, um ilustre desconhecido, à época, a despeito de seu pouquíssimo tempo de propaganda eleitoral oficial de TV, foi eleito presidente a partir da disseminação em massa de Fake News, contra o seu principal adversário, especialmente, por meio de mensagens no WhatsApp.

O senhor então em tom agressivo me disse: “Olhe aqui, não estou mentindo, está no meu *Whats* o vídeo do filho do Lula saindo com sua Ferrari banhada a ouro”. Repentinamente, ele estacionou o carro e me mostrou o vídeo no seu celular. Vi realmente imagens desfocadas de um sujeito, saindo com uma suposta Ferrari cor dourada de um hotel – por conta de uma placa em que estava escrito Hotel – e uma legenda: “Filho do Lula saindo do Hotel em Dubai com sua Ferrari, banhada a ouro, comprada com dinheiro roubado do povo”. Tentei convencê-lo de que se tratava de mais uma mentira, dado que o vídeo estava muito desfocado e não tinha como reconhecer a pessoa, se era ou não o filho mais velho do Lula, nem se realmente se tratava de um hotel em Dubai e muito menos se o carro era uma Ferrari. Lembrei-me do cavaleiro, símbolo da montadora italiana, que fica bem à frente do capô desses carros e que não vira. Além disso, falei: “uma Ferrari banhada a ouro!!! Estranho, pois até onde sei o charme desses carros é serem vermelhos e os seus motores “roncarem” muito alto. Vai ver que o dono desse raríssimo carro é o Rei Midas!!!

No entanto, todas as minhas tentativas de contra-argumentar foram em vão. Dado o tom cada vez mais agressivo do taxista, acabei então deixando essa discussão para as calendas gregas. Na viagem de volta, já no ônibus, fiquei me perguntando o que faz com que as pessoas acreditem numa história tão estapafúrdia, visto que para além da legenda, não há nenhum indício concreto de que se tratava do filho do ex-presidente Lula, muito menos se era um hotel em Dubai e se o carro era mesmo uma Ferrari banhada a ouro. À época, acho que por conta de ter citado o Rei Midas, lembrei-me também do mito de Narciso

e, por outro motivo, do bom e velho Althusser com a sua potente proposta da interpelação ideológica: o senhor que me levara à rodoviária, por mais distorcidas que estivessem as imagens, consequentemente sem nenhum indício material de veracidade, só conseguia enxergar no vídeo aquilo que o seu posicionamento ideológico o deixava ver. Entretanto, por mais potente que seja a interpelação ideológica, entendemos que de par e com ela há outros elementos também determinantes na circulação, adesão e eficácia das Fake News, a saber, os pré-discursos.

Um pouco sobre a teoria dos pré-discursos...

Em seus textos “Palavras anteriores: os pré-discursos entre memória e cognição (2007)”⁴ e “As vozes do senso comum na escola” (2021)⁵ e também em seu livro “Os pré-discursos: sentido, memória e cognição (2013)”⁶, Marie-Anne Paveau nos mostra com raro didatismo e profundidade o papel fundamental dos quadros pré-discursivos (saberes, crenças e práticas – emoções, sentimentos e engajamentos políticos, acrescentaríamos por conta e risco) na constituição dos discursos (ordinários, científicos, religiosos, mentirosos, de ódio...), isto é, ela nos mostra como as anterioridades discursivas – o que veio antes e está na base do que “eu” disse agora – são determinantes na instrução dos discursos, bem como na sua circulação, interpretação, adesão e eficácia.

Não se trata especificamente dos alhures discursivos materializados linguisticamente – o que veio antes, independentemente de outros lugares enunciativos e que se materializa nos discursos – (estereótipos, memória, interdiscurso, pré-construído, discurso transversal...), o primeiro vindo da sociologia e os quatro últimos tão pertinentemente postulados por Pêcheux (1971, 1975, 1981, 1982...) e seu coro de

4 Disponível em Palavras anteriores. Os pré-discursos entre memória e cognição | Filologia e Linguística Portuguesa (usp.br)

5 Disponível em <https://www.lettraria.net/wp-content/uploads/2021/01/Linguistica-folk-uma-introducao-Letraria-VER-ONLINE.pdf>

6 A edição francesa deste livro foi publicada em 2006 com o título *Les prédiscours: sans, mémoire et cognition* pela Presses Sorbonne Nouvelle

vozes, para retomar uma feliz expressão criada pelo colega Pedro de Souza, mas algo que é da ordem do pré-dizível, ou do préalable, como designam os franceses e, em um contexto político e epistemológico bem específico (linguística saussuriana; althuserianismo e lacanismo), que não se materializa no dizível, mas que para Paveau sempre o instrui. Em última instância, os alhures discursivos (interdiscurso, memória discursiva, pré-construído...) também são instruídos pelas crenças, valores, emoções, sentimentos, práticas e engajamentos políticos, ou seja, pelos quadros pré-discursivos, que seriam uma espécie de anterioridade das anterioridades discursivas. Nesse sentido, Paveau (2007, p. 318) define os pré-discursos

como um conjunto de quadros pré-discursivos coletivos que têm um papel instrucional na produção e interpretação do sentido em discurso. São quadros de saber, de crença e de prática que não estão disponíveis apenas no espírito dos indivíduos e na cultura dos grupos (é sua natureza representacional), mas estão distribuídos, no sentido cognitivo desse termo, nos ambientes materiais da produção discursiva (sua natureza prática e mesmo técnica ...). Os pré-discursos não são sequências discursivas identificáveis (discursos que teriam sido produzidos antes, o que os aproximaria do discurso relatado, do dialogismo (e do pré-construído e do discurso transverso?), mas quadros prévios tácitos, assinalados nos discursos atuais por um certo número de fenômenos. São dotados de seis características que os tornam analisáveis:

- sua coletividade, resultado de uma co-elaboração entre os indivíduos e entre o indivíduo e a sociedade;
- sua imaterialidade, já que a pré-discursividade é de ordem tácita (isto é, não formulável explicitamente, ao contrário do implícito (e/ou do pré construído e do discurso transverso?));
- sua transmissibilidade, no eixo horizontal de comunicabilidade enciclopédica (a ideia do compartilhamento) e no eixo vertical da transmissão por meio das linhagens discursivas (o papel da memória);
- sua experiencialidade, já que permitem ao sujeito organizar e, também, antecipar seu comportamento discursivo;
- sua intersubjetividade, pois os critérios de mobilização são verirelacionais, e não lógicos;

- sua discursividade, enfim, já que são linguisticamente assinalados.

Por mais que se avizinha, não se trata de uma ordem discursiva institucional, tal qual a perquirida por Michel Foucault na sua Aula Inaugural no Collège de France, em dezembro de 1970, talvez uma ordem *prealable*, com princípios de controle e rarefação pré-discursivos dos discursos, muito distintos dos propostos por Foucault, tampouco de uma formação discursiva no sentido foucaultiano ou mesmo pecheuxiano do termo, mas mais próximo do que poderíamos chamar, por falta de um melhor nome no momento, de uma enformação discursiva. Enformação justamente porque no nosso entendimento não somente instrui, mas também formata os discursos antes mesmo de que eles possam ser ditos. Essa enformação discursiva não se apresenta, todavia como algo imutável, mas está sempre aberta à negociação, à partilha, à transmissão e à circulação do sentido nos diferentes grupos sociais.

É preciso dizer também que os pré-discursos embora façam parte de um quadro de crenças, valores, emoções, sentimentos, práticas e engajamentos políticos, funcionam diferentemente para os diferentes tipos de discurso, ou seja, não há uma matriz pré-discursiva única a-histórica para todos os tipos de discurso. Dito de outro modo, os pré-discursos que instruem e enformam os discursos de ódio não são os mesmos que instruem e enformam as Fake News, por exemplo.

Algumas análises...

Para dar conta da asserção anterior, conforme já enunciado, na apresentação deste livro trabalharemos com dados publicados no Relatório Especial, intitulado *A volta da desinformação sobre as vacinas*⁷, publicado pelo NetLab da UFRJ e que compreende o período de 27 de fevereiro a 21 de março de 2023. Este relatório tomou como ponto de partida a nova fase na vacinação contra a Covid 19, a partir das vacinas bivalentes. Essa nova fase instaurada pelo governo brasileiro,

7 Disponível em Relatório Especial_ Vacinas (atualizado).pdf

por meio do Ministério da Saúde, começou no dia 27 de fevereiro último, com a vacinação do presidente Luís Inácio Lula da Silva. Essa nova campanha foi acompanhada no ambiente digital por uma intensa onda de desinformação acerca das vacinas contra a Covid19. O objetivo primeiro desse relatório foi “identificar a orquestração sistemática de informações nocivas” sobre a vacina e os seus efeitos. Dentre os principais resultados sumariamente descritos estão:

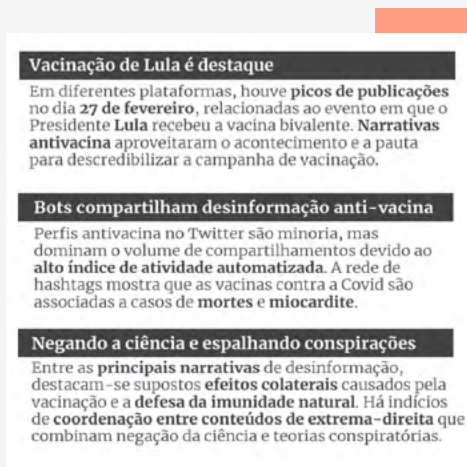


Figura 01: Relatório A volta da desinformação sobre as vacinas, publicado pelo NetLab da UFRJ.

Especificamente, no que concerne à circulação dessas Fake News na web, o relatório aponta que “as publicações demonstram um retorno de antigas narrativas antivacina e a adesão a essas pautas, especialmente como reação à nova fase de imunização. Em relação ao volume de conteúdo no tempo, WhatsApp, Telegram e sites de desinformação se destacam por manter o debate com força ao longo de todo o período analisado”, como se pode ver nos gráficos a seguir:”

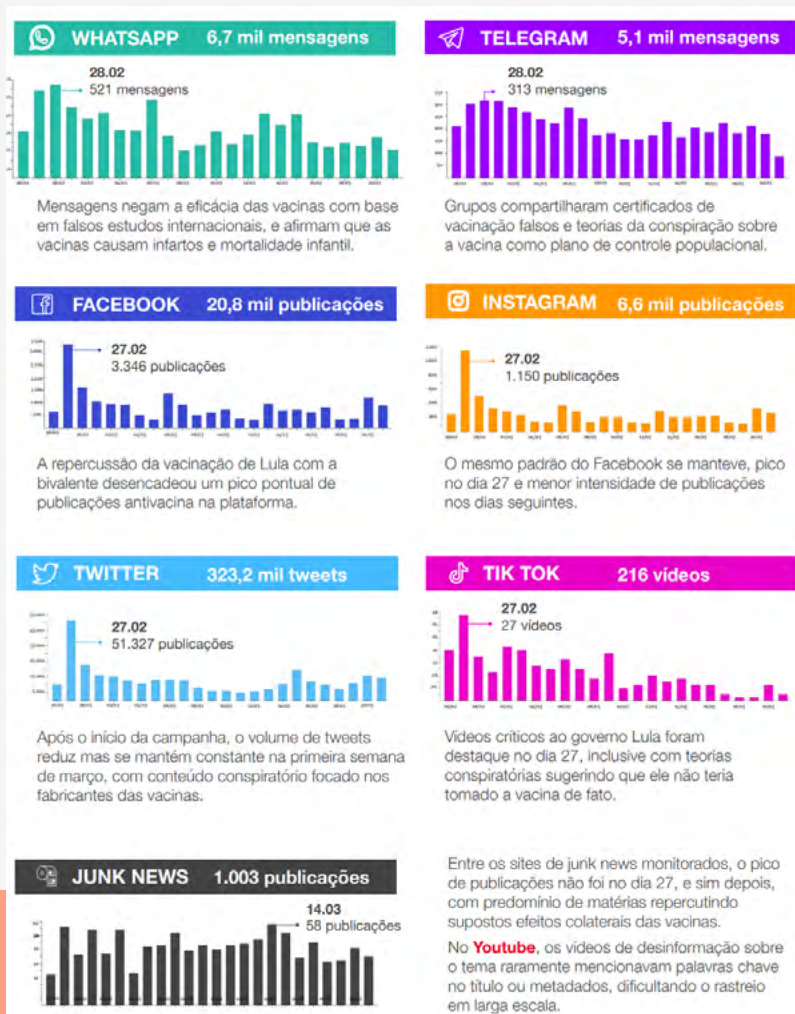


Figura 02: Relatório A volta da desinformação sobre as vacinas, publicado pelo NetLab da UFRJ.

O Relatório do NetLab ainda, aponta, por um lado, que essas postagens podem ser agrupadas em oito grandes narrativas: 01) “Vacinas com grafeno”; 02) “Plano de redução populacional”; 03) “Eventos adversos após vacinação”; 04) “Meu DNA, minhas regras”; 05) “Conspiração da Big Pharma”; 06) “Efeitos colaterais comprovados?”; 07) “Vacina sem nada e mascote trans” e 08) “Danos cerebrais e cardíacos”, e, por outro, analisa por meio de grafos, a rede de compartilhamentos no *Twitter* e também a rede de hashtags.

Para este capítulo, por uma questão de objetividade, tomo como objeto de análise, algumas dessas narrativas: Vacinas com grafeno; Vacina sem nada e Mascote trans. Na primeira, analiso o traço pré-discursivo da coletividade e, nas últimas, o traço da transmissibilidade, da linha-gem discursiva. Imagens a seguir:

VACINAS COM GRAFENO

Muitos grupos de Whatsapp trouxeram textos e links que culpam as vacinas contra Covid-19 por mortes de [crianças](#) e artistas, como o músico brasileiro [Bebeto Castilho](#) e o sul-africano [Costa Titch](#), vítimas de mal súbito sem indícios de relação com a vacina.

Uma mensagem com vídeo viralizada no início de março atribui a vacina a um “plano de extermínio da população mundial”.

O vídeo sugere que um laboratório teria encontrado alta quantidade de grafeno na vacina Sputnik quando observada em um microscópio.

O texto diz que o grafeno seria um componente intencional para causar embolia pulmonar, trombose e infarto nos vacinados.

A imprensa e as “big techs” são descritas como instituições compradas por políticos assassinos de esquerda para esconderem os efeitos colaterais da vacinação.



Figura 03: Relatório A volta da desinformação sobre as vacinas, publicado pelo NetLab da UFRJ.

Como foi dito anteriormente, o objetivo do NetLab com este relatório foi o de “identificar a orquestração sistemática de informações nocivas” sobre a vacina e os seus efeitos. Todavia, nossa questão aqui é outra, ou seja, buscamos descrever/interpretar o papel dos quadros pré-discursivos na instrução e enformação discursivas das Fake News, sobre a campanha de vacinação conta a Covid19. Para nós aqui o que mais importa não é desmentir as Fake News, trabalho extremamente importante, mas sim, mostrar o que está na base, no pavimento dessas mentiras, isto é, o solo discursivo a partir do qual elas emergem, circulam e provocam adesão. O que não significa de forma alguma minimizar os malefícios das Fake News.

Nesse sentido, na mensagem enviada pelo WhatsApp é possível ler “Olha a vacina para o extermínio da população mundial... todas com excesso de grafeno para causar embolia pulmonar, trombose e infarto. Mídia podre financiada pela esquerda maldita do Lula...”. O texto verbal é reforçado por um outro texto verbo-visual no qual aparece a fotografia de um homem manuseando um microscópio e duas legendas: Observando as “vacinas” no microscópio. Cheio de grafeno e Toda mídia Big Techs compradas p enganar esconder a Verdade Políticos Assassinos. Pode-se associar esse enunciado a dois quadros pré-discursivos: primeiro, haveria um complô mundial (da mídia...) para exterminar as pessoas por intermédio da manipulação das vacinas de Covid19 com o uso do grafeno e, segundo, esse complô midiático seria financiado pela esquerda maldita do Lula. Esses dois quadros pré-discursivos embora intimamente relacionados pertencem a naturezas distintas. O primeiro é da ordem da crença – o compartilhador acredita na existência de um complô mundial (midiático) para o extermínio das pessoas por meio da vacina da Covid19 – e, o segundo é da ordem do engajamento político – a esquerda maldita do Lula é quem financia esse complô. Sobre essa relação entre crença e engajamento/expressão política nos diz Roussin (2023, p. 30)

Pode-se pensar que a verdade do que é literalmente enunciado na mensagem não é a questão principal nessas formas de comunicação. Isso não quer dizer que a adesão a notícias falsas se apresente como uma indiferença fundamental à verdade. Falsas, as Fake News compartilhadas permitem exprimir uma *“verdade mais profunda”* ou *“de um outro gênero”*, isto é, elas deixam falar uma emoção ou uma ideologia: o sentimento de

ser rebaixado, a ausência de controle sobre suas condições de vida, o privilégio perdido, a desconfiança nas elites e nas instituições, [a derrota da direita nas últimas eleições presidenciais brasileiras], etc. O falso nessa perspectiva “*exprime uma parte da verdade*” (...). A verdade ou falsidade dos fatos reportados não está em jogo: os que comentam ou compartilham essas Fake News não pretendem agregar uma informação ao conhecimento do grupo, mas exprimir a experiência, os sentimentos ou os valores que elas ilustram tal qual as metáforas ou os mitos (grifos da autora).

Na Fake News em questão, “a verdade mais profunda” ou pré-discurso na compreensão de Paveau, que está em jogo, não é só a suposta verdade acerca do complô mundial para o extermínio das pessoas, isto é, uma informação que seria muito útil para o grupo do qual o locutor da mensagem de WhatsApp faz parte, mas é a reafirmação perante/com esse grupo do sentimento partilhado de ódio, desprezo, repúdio, repugnância, de nojo... ao Lula. Todavia, como disse alhures Marie-Anne Paveau, tomando como objeto outros tipos de discurso: “tudo isso não nos diz como a coisa funciona efetivamente, como os pré-discursos se difundem entre os diversos agentes”, isto é, como esse saber é compartilhado e reatualizado. Tomemos outras duas narrativas destacadas pelo Relatório do NetLab da UFRJ, intituladas “Vacina sem nada” e “Mascote Trans” e que circularam na rede social TikTok. Imagens a seguir.”

28



Figura 04: Relatório A volta da desinformação sobre as vacinas, publicado pelo NetLab da UFRJ.

As duas Fake News acima arroladas pelo NetLab questionam a afirmação, por um lado, de que Lula não teria tomado a vacina bivalente contra a Covid19 e, por outro, que o Governo do Estado da Bahia teria usado uma mascote trans para incentivar a vacinação no seu Estado. As imagens veiculadas pela rede social TikTok apontariam tais informações. Na primeira imagem, uma seta indica que a seringa usada para vacinar Lula estaria vazia. E, na segunda, o Governador da Bahia, Jerônimo Rodrigues Souza, aponta com seu dedo indicador da mão direita para a genitália masculina da mascote trans. Essas supostas informações estão alicerçadas em dois quadros pré-discursivos, que embora distintos, se relacionam. Primeiro, Lula é um mentiroso: disse que tomou vacina e não tomou – mentiu alhures, por exemplo, que nada sabia sobre o mensalão e os supostos desvios de recursos da Petrobrás, durante os seus dois primeiros mandatos e, segundo, o PT, partido de Lula e do atual governador da Bahia, como parte da ideologia de gênero, na qual se inscreve, realiza práticas de apologia à homossexualidade, como no episódio conhecido como mamadeira de piroca⁸. Nesse sentido, cumpre uma vez mais chamar Marie-Anne Paveau (2007, p. 325-6) para quem

é a memória que vai constituir o principal agente dessa transmissão, mas não uma memória reduzida à simples estocagem e desestocagem de informações semânticas e enciclopédicas. Trata-se, de fato, de uma memória cognitivo-discursiva, que elabora as linhagens discursivas, as quais podem ser definidas como dispositivos representacionais internos e externos, permitindo acolher e transmitir conteúdos semânticos ligados aos saberes, crenças e práticas. Isso quer dizer que existem “lugares de memória” discursivos e cognitivos.

Em outros termos, assim como Lula teria mentido em relação aos supostos desvios do Mensalão e da Petrobrás e que o PT e os seus correligionários defendem a ideologia de gênero, Lula e seus correligionários estariam também seguindo a mesma linhagem discursiva

8 Segundo a Wikipédia mamadeira de piroca “é uma notícia falsa que circulou durante o período precedente à eleição presidencial no Brasil em 2018. Ela alegava que o Partido dos Trabalhadores (PT) e seu candidato à presidência, Fernando Haddad, promoviam a distribuição de mamadeiras com bicos em formato de pênis nas creches do país, supostamente planejando adotar a medida em todo o país após sua eleição.”

na campanha de vacinação contra a Covid19. Nesse sentido, tem especial relevância o papel da rede social TikTok, muito utilizada entre os jovens, pois permite reatualizar/refrescar tecnodiscursivamente, compartilhando em outros ambientes, essa memória discursiva do Lula mentiroso e da defesa da ideologia de gênero, por parte do PT, construídas alhures.

Enéas considerações finais...

Para finalizar este capítulo, retomo aqui a epígrafe presente no início deste texto. Essa epígrafe com um jeitão de cena genérica anedota, não é decorativa. Ela mostra de maneira lapidar que os quadros pré-discursivos, enquanto dispositivo teórico-metodológico, no campo do discurso, pode nos oferecer um importante canteiro de trabalho sobre a compreensão das Fake News. A questão implicada aqui não é desmentir o conteúdo das Fake News (tarefa importantíssima), mas como um bom arqueólogo, cavoucar o solo de onde elas emergem, trazendo à lume o que está na sua base e como essa base molda os discursos, por exemplo.

Com efeito, em relação a um suposto avanço no que concerne à proposta de Marie-Anne Paveau (2007; 2013 e 2021) sobre a hipótese teórica dos pré-discursos ou dos quadros pré-discursivos – crenças, saberes, práticas, emoções, sentimentos e engajamentos políticos... – eles, no nosso entendimento não apenas instruem, como assevera a autora francesa, mas também e, sobretudo, a depender do gênero discursivo em que circulam, enformam os discursos. Em outras palavras, diferentemente do que pensa a autora, para quem os pré-discursos teriam um caráter mais ou menos epistêmico, para nós eles têm um caráter notadamente deôntico, isto é, com base em pressuposições compartilhadas pelos membros de um grupo sobre o mundo em que vivem, esses sujeitos produzem os seus discursos. Daí asseverar que os pré-discursos pela força diretiva que possuem enformam os discursos.

Referências bibliográficas

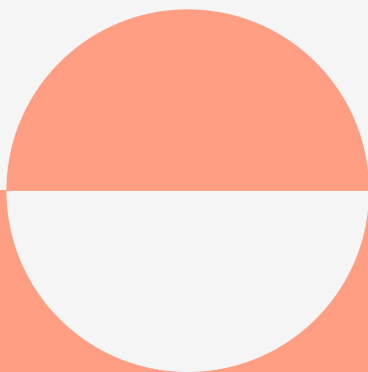
FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Trad. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Orlandi et all. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.”

PAVEAU, M-A. & GOLDSTEIN, N. S. (2007). *Palavras anteriores. Os pré-discursos entre memória e cognição. Filologia e Linguística Portuguesa*, (9), 311-331. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i9p311-331>

_____. **Os pré-discursos: sentido, memória e cognição**. Trad. Greciely Costa e Debora Massmann. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

ROUSSIN, J. *Fake News: um problema de crença*. In: ALMEIDA, J. & BARONAS, R. L. **FakeNews: abordagens discursivas**. Araraquara, SP; Letraria Editora, 2023.”



2

**Regionalização de
dizeres negacionistas
no youtube:** um ensaio
sobre o funcionamento
das formações
algorítmicas

Regionalização de dizeres negacionistas no youtube: um ensaio sobre o funcionamento das formações algorítmicas



Bárbara Daniel (MDCC/Unicamp-CAPES)
Renata de Oliveira Carreon (Labeurb/Labjor/Unicamp-FAPESP)

33

Introdução

Há injunção à interpretação. Há uma injunção na trajetória de sentidos que será tomada como evidente pelo sujeito. Para Orlandi (2020), esse efeito de evidência dos sentidos se dá pela ideologia, pois “parece ao sujeito, no efeito da interpretação, que o sentido, para ele, só pode ser aquele” (Orlandi, 2020, p. 156). Assim, o real da língua e o real da história se encontram na materialidade do discurso e, sendo o discurso a materialidade específica da ideologia, tem-se a abertura ao simbólico, à falha, ao equívoco.

No entanto, quando olhamos para o discurso digital, objeto da Análise do discurso digital (doravante ADDigital) proposta pela pesquisadora brasileira Cristiane Dias (2018), parece aí incidir uma outra forma de textualização de sentidos: o algoritmo. Entre o real da língua e da história, há ainda o real da máquina que materializa discursos filiados a uma certa região do interdiscurso. Nesse sentido, o discurso digital

é materialidade específica da ideologia, mas nessa materialidade (co) operam outras formas materiais de textualização que levam à injunção na trajetória de sentidos. “Se, como tenho dito com insistência, ao significar o sujeito significa, o gesto de interpretação é o que – perceptível ou não para o sujeito e/ou para os seus interlocutores – decide a direção dos sentidos, decidindo, assim, sobre sua (do sujeito) direção”. (Orlandi, 2020, p. 21). Como então pensar, a partir de Orlandi, essa direção de sentidos pelo digital que é atravessada pelo algoritmo?

Mais especificamente, neste capítulo, buscaremos compreender o algoritmo como textualização de discursos que, filiados a certa formação algorítmica, produzem sentidos e, por consequência, indiciam a regionalização de dizeres negacionistas no YouTube. Buscaremos demonstrar, ainda que de forma inicial, que o fortalecimento de grupos negacionistas na internet está aquém da filiação dos sujeitos a uma certa formação discursiva: isso também se dá na ordem da máquina, cujo apagamento de sua não neutralidade promove, cada vez mais, polarizações sociais.

Para tal empreendimento, olharemos para as bordas. Em um primeiro trabalho de arquivo, cujo objeto era outro, foram coletados 40 vídeos produzidos por Arthur do Val, em seu canal MamãeFalei, no YouTube. Para isso, precedemos de vários processos considerados de “anonimização” na web para que pudéssemos coletar o material sem dados de preferência anteriormente extraídos. Ao iniciar a coleta, de forma considerada “anônima”, as “bordas do dizer” ainda estavam frouxas: no primeiro vídeo, não havia propaganda. No segundo, apenas a de um jogo para celular. Conforme aquele perfil teoricamente anônimo foi interagindo com os vídeos, mais a personalização de dados regurgitou propagandas filiadas àquela formação discursiva: de propagandas de empreendedorismo e bancos digitais ao próprio negacionismo da ciência. Fato linguageiro curioso: o algoritmo havia promovido uma regionalização de sentidos a partir da extração dos dados. Em razão disso, iniciamos o trabalho que aqui chamamos de borda: tomamos o que surgiu como “ruído” de outro trabalho de arquivo. E o que é o trabalho do analista senão a escuta desses ruídos?

Arthur do Val e o Movimento Brasil Livre

O Movimento Brasil Livre nasce como “uma marca” idealizada pela rede Estudantes Pela Liberdade, *think tank* neoliberal financiado por organizações internacionais como a Atlas Network, com o objetivo de infiltrar-se nos protestos populares de Junho de 2013 e pautar o debate acerca das exigências coletivas, direcionando suas filiações à direita (Amaral, 2015; Barbosa, 2017). Valendo-se de linguagem acessível, de memes e do engajamento que enunciados polêmicos geram nas redes sociais, o MBL tornou-se uma grande força de articulação política, mirando em homens, jovens, brancos, de classe média, identificados como “apartidários” ou “suprapartidários”, e com “um grau de politização bastante questionável” (Moura, 2020, p. 3; Freitas, 2018, p.63).

Já bem estabelecido, entre 2014 e 2015 o Movimento definiu publicamente seus “valores”. Pontos como “Autonomia do indivíduo e liberdade contratual”; “Primazia do indivíduo e da sociedade sobre o Estado” e “Livre mercado” dividiram espaço com “Eficiência”; “Inovação” e “Meritocracia” em suas diretrizes. Neste mesmo ano a organização recebeu financiamentos internacionais de empresários com interesses na desarticulação do controle estatal sobre áreas estratégicas do mercado nacional – tais como o setor petroleiro, por exemplo – e, como resultado, o MBL se comprometeu com a implementação do Golpe Institucional contra Dilma Rousseff, em 2016, encabeçando as mobilizações a favor do *impeachment* nas ruas e na internet (Casimiro, 2016, p. 356-357).

Sempre reiterando sua não adesão aos partidos políticos, o MBL liderou protestos, caravanas e passeatas pedindo o afastamento da então Presidente da República. Comungando sob as cores do Brasil para evocar um ponto de identificação coletivo, nacionalista e apaixonado, o Movimento foi capaz de calcar um discurso que ressoasse com grande parte da sociedade. Através do sequestro das pautas anticorrupção e contra um suposto autoritarismo – característica intrínseca ao

Estado sob a Esquerda, segundo eles –, o Movimento Brasil Livre criou uma armadilha retórica onde estar contra eles era ser conivente com tais posturas (Freitas, 2018, p. 53).

Na esteira do sucesso do golpe, o MBL trouxe para a equipe uma figura em ascensão que prometia angariar ainda mais visibilidade: Arthur do Val. Com grande público no YouTube mesmo antes de filiar-se ao Movimento Brasil Livre, do Val se colocava enquanto defensor dos “interesses dos indivíduos à mercê do agigantamento do Estado”; sempre revoltado e muito crítico, o “YouTuber de política” chega para subir o tom no que tange ao antipetismo.

Sintomaticamente, o grupo chegou às eleições de 2018 apoiando o candidato que de forma mais intrínseca se opunha ao Partido dos Trabalhadores: Jair Bolsonaro. Durante a campanha e mais especificamente no dia das eleições, o Movimento promoveu a divulgação em massa de Fake News que favoreceram o candidato do extinto PSL. Agindo enquanto seu cabo eleitoral, Arthur do Val colheu os frutos da despolitização generalizada ao se eleger Deputado Estadual pelo estado de São Paulo (Freitas, 2018, p. 55-56. Frias; Chaia, 2020, p. 1074).

No meio do mandato 2018-2022, com a chegada da pandemia de Covid-19 e a gestão criminosa do presidente frente à crise, somado aos numerosos escândalos de corrupção, e ainda dada à intensificação do conservadorismo cristão que mais afastava grande parte dos jovens em vez de convertê-los, o MBL oportunamente desvinculou-se de Bolsonaro e passou, concomitantemente, a classificá-lo enquanto um “aliado do PT”, sabiamente se utilizando de uma repulsa já enraizada contra um espectro político para abarcar outro.

Nesse sentido, e a partir de outros acontecimentos problemáticos ao longo do caminho – como por exemplo a expulsão de do Val da legenda do Democratas¹⁰, seguida pela perda do mandato de Deputado

10 SCHWINGEL, Samara. “DEM expulsa Arthur do Val, o Mamãe Falei, pré-candidato à Prefeitura de SP”. Poder 360, 19 nov. 2019. Disponível em: <poder360.com.br/partidos-politicos/dem-expulsa-arthur-do-val-o-mamae-falei-pre-candidato-a-prefeitura-de-sp/>. Acesso em: 28 jun. 2023”

por quebra de decoro parlamentar¹¹ –, o MBL se distanciou paulatinamente da Extrema-Direita, desenvolvendo uma nova roupagem à sua imagem, desta vez mantendo-se aparentemente neutro frente às pautas morais mais conservadoras, e caracterizando-se como oposição a todo o arcabouço político em voga.

Sem a tribuna da Alesp, Arthur do Val assumiu o papel de cabo eleitoral dos outros míseros seis candidatos do Movimento, e do que soa para o ouvinte como um “coordenador de estratégia”, sempre apresentando novos planos para o grupo. Ele usa o YouTube enquanto plataforma de divulgação dos candidatos e das ideias do Movimento Brasil Livre, assumindo sua condição de isolamento como uma consequência de seu inconformismo, uma punição por sua “autenticidade”. Seu discurso está alicerçado na ideia de que ele e seus ouvintes são especiais, “diferenciados”, justamente por pensarem como pensam, por optarem divergir das linhas de argumento principais, por serem fiéis ao que acreditam. Neste mesmo sentido, as propagandas negacionistas que aos poucos vão tomando espaço entre os vídeos do canal de Arthur atestam a não convencionalidade como o único passo para a obtenção de resultados extraordinários.

37

Antes de nos debruçarmos sobre estas propagandas, porém, olhemos para o funcionamento delas dentro da lógica das plataformas, sob os efeitos de sentido gestados pelos algoritmos.

Capitalismo de plataforma

Primeiramente, é necessário que estabeleçamos o que são, de fato, “plataformas”. O termo, que na última década tornou-se generalizado em nosso vocabulário dadas as mudanças em nossa realidade

11 CALEJON, Cesar. “Em áudios, Arthur do Val diz que mulher ucraniana é ‘fácil porque é pobre’”. **UOL**, 4 mar.2022. Disponível em: <noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2022/03/04/arthur-do-val-diz-que-mulheres-ucranianas-sao-faceis-porque-sao-pobres.htm>. Acesso em: 28 jun. 2023. RODRIGUES, RODRIGO. “Alesp aprova cassação de Arthur do Val, que perde os direitos políticos por oito anos; é o 1º mandato cassado em 23 anos”. **G1**, 17 mai. 2022. Disponível em <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/05/17/alesp-aprova-cassacao-do-ex-deputado-arthur-do-val-que-perde-os-direitos-politicos-por-oito-anos.ghhtml>. Acesso em: 28 jun. 2023.

material, foi melhor trabalhado pelo economista digital Nick Srnicek em seu livro de 2016, *Platform Capitalism*. Segundo o autor canadense, as plataformas digitais são “infraestruturas que permitem que dois ou mais grupos interajam” (Srnicek, 2016, p. 30). A partir disso, é importante que compreendamos que tal interação se dá por meio do digital enquanto esfera, mas interferindo no real da história – de modo que um e outro não se distingam, mas atuem enquanto uma mesma camada de realidade materializada, híbrida e heterogênea.

Para Srnicek, as plataformas posicionam-se enquanto “intermediárias”, unindo diferentes usuários; elas se comportam enquanto ferramentas de conexão que ligam “consumidores a anunciantes, prestadores de serviço, produtores, fornecedores e até a objetos físicos” (ibid.); são “espaços” que reduzem o espaço. Instrumentalizadas em favor do capital, no entanto, os resultados deste novo modelo de negócios é no mínimo preocupante, uma vez que desde os anos 1970, mas de forma mais incisiva a partir a crise financeira de 2008, a doutrina neoliberal – traduzida por Faria e Chaia como “um projeto econômico-político das elites capitalistas”, que, dentre outras coisas, garante a mercantilização da vida em todos os seus aspectos sociais (2020, p. 1060) – tornou-se a regra para a gestão de todos os âmbitos da existência humana, com certa ênfase danosa nas periferias do capital, como a América Latina. Para expandir suas margens de acesso e lucro, toda a estrutura do mercado, capitaneada principalmente por empresas de tecnologia, agora passavam a investir em terceirização, destruição de direitos trabalhistas e, principalmente, na pauperização dos trabalhadores que vêm trabalhando mais e ganhando gradativamente menos (Kalil, 2020, p. 76-77).

A globalização e o avanço das tecnologias da informação e da comunicação permitiram soluções mais acessíveis e facilmente reproduzíveis; da estrutura logística do negócio até o gerenciamento de recursos humanos, delegar, automatizar e digitalizar tornaram-se metas. Assim como na vida dos trabalhadores comuns, alugar tornou-se mais rentável – e mais possível – do que comprar. Logo, “enquanto as empresas um dia tiveram que gastar grandes quantias de dinheiro investindo em equipamento de computação e na expertise necessária para suas áreas”, explica Srnicek, “hoje as start-ups florescem porque

elas podem simplesmente alugar hardwares e softwares da nuvem” (2016, p. 46). O canadense ainda acrescenta que “em vez de construir um marketplace do zero, a plataforma proporciona a infraestrutura básica para intermediar diferentes grupos”, (ibid., p. 30). Este é o grande trunfo das plataformas em relação aos modelos de negócio que as precedem, pois esta dinâmica produz um ativo que se tornou a base para os empreendimentos que são mediados, atravessados ou estruturados pela instância digital – isto é, os dados.

A nova matéria prima bruta central para o desenvolvimento desta nova fase do capitalismo são informações, registros de que algo aconteceu. Dados documentam fatos sobre o clima, o tráfego, as preferências e as rotas dos usuários, *status* de saúde e financeiro, hábitos alimentares e sexuais, entre muitas outras coisas. A despeito do que a aparente transparência ideológica na qual o termo está envolto sugere, dados têm sim existência material: eles são coletados, estocados e mantidos por processos maquínicos, que requerem espaço e consumo de energia para existir. A concepção de que a captação e a análise de dados são processos puramente automáticos é falsa e, em última instância, perigosa: dados sem tratamento não nos dizem quase nada; eles precisam ser organizados e formatados de acordo com padrões pré-estabelecidos através de algoritmos que os filtram e modelam. Tais algoritmos são gerados por diretrizes manualmente estabelecidas, ideologicamente alinhadas e direcionadas (Srnicek, 2016, p. 28), às quais são ditas o que fazer, e que, assim sendo, reproduzem comandos exogenamente atribuídos.

Em resumo, dados são registros de atividades de usuários provenientes da vigilância – dentro da rede e também fora dela. Eles são captados, interpretados e direcionados através dos algoritmos nas plataformas, e estes, por sua vez, são construídos de acordo com o alinhamento ideológico de seus donos.

Como meios de tradução e padronização do comportamento dos sujeitos – consumidores –, os dados passaram a ter múltiplas funções dentro do funcionamento do capitalismo: eles educam e dão vantagem competitiva, coordenam e terceirizam trabalhadores, otimizam e flexibilizam processos produtivos (Srnicek, 2016, p. 29). A própria análise de dados, como aponta Srnicek, é ela mesma geradora de

dados, e isso torna esta matéria prima o ativo mais valioso do século XXI, oferecendo às plataformas digitais o lugar de honra no topo da lista das empresas mais rentáveis do mundo pois, ao colocarem-se “(1), entre os usuários, e (2), como o espaço no qual as atividades ocorrem”, elas têm acesso privilegiado à geração e coleta de informações serializadas (ibid., p. 30).

Este cenário de “produção enxuta, cadeias produtivas *just-in-time* e terceirização”, somado à expansão das tecnologias digitais e da dependência que todos os setores da economia passaram a nutrir em relação à elas (Kalil, 2020, p. 79), estrutura o que Srnicek optou por chamar de “Capitalismo de Plataforma” (2016). O termo traz um contraponto à transparência que atravessa toda a compreensão deste processo de monitoramento, coleta e filtragem de informação que se reproduz enquanto uma noção absolutamente abstrata para a maior parte dos usuários a ele submetidos (Kalil, 2021, s.p). Da forma como coloca Kalil (2020, p. 79), na configuração político-econômica contemporânea, “as plataformas são edifícios tecnoculturais e estruturas socioeconômicas”, que padronizam a circulação nas áreas em que se especializam e paulatinamente garantem o monopólio de diferentes segmentos em cada vez menos mãos. Em razão do apagamento da não neutralidade da tecnologia, somos cada vez mais submetidos a um regime no qual “a mão invisível do algoritmo” se coloca como “um instrumento impenetrável e racional para a organização da produção”, sem levar em consideração que “as decisões do algoritmo” são, em última instância, as decisões específicas de empresas específicas, sob interesses ideológicos e de classe muito bem estabelecidos (ibid., p. 88-89).

“Habilitadas pela tecnologia digital, as plataformas surgem como meios para liderar e controlar indústrias”, explica Srnicek (2016, p. 50). “Em seu auge, elas têm proeminência sobre manufatura, logística e design, fornecendo a estrutura básica sobre a qual o resto da indústria opera”. Para ele, “longe de serem meras proprietárias da informação”, empresas que desenvolvem plataformas amplamente utilizadas em nosso dia a dia “estão se tornando proprietárias das infraestruturas da sociedade” (ibid.). Nesse sentido, a plataforma passa a ser estruturante das relações sociais e, por consequência, da própria individuação dos sujeitos.

Os três modelos majoritários de plataforma que operam no interior desta nova configuração do capitalismo são: (1) as *Lean Platforms*, ou plataformas de suporte, como Uber e AirBnB, que oferecem serviços por meio da conexão entre consumidor e fornecedor, terceirizando determinadas atividades apesar de não disporem diretamente dos “meios” para realizar o que suas operações sugerem, a exemplo da Uber, que é o maior aplicativo de “caronas” do mundo, mas não possui um único carro em sua frota; (2) Já as *Cloud Platforms*, ou plataformas de nuvem, são empresas que oferecem estocagem de informação, aluguel e manutenção de hardware e software, permitindo que outras empresas se desenvolvam através de seus produtos; exemplos deste modelo são a AWS – *Amazon Web Services* –, a Microsoft e até um braço específico da Google; e por fim (3) as Plataformas de Publicidade, como YouTube, Facebook e Google, que geram suas receitas por meio da venda de anúncios direcionados através da interpretação e aplicação certa de dados coletados via registro de atividades *on-line* (Srnicek, 2021, s.p.; Srnicek, 2016, p. 33-48).

Embora tenha sofrido um “esfriamento” em sua estimativa de crescimento entre 2021 e 2022, a receita dos anúncios no YouTube entregou aos cofres da Alphabet Inc. – holding que incorpora a plataforma – um total de 29.2 bilhões de dólares, ou ainda 80 milhões de dólares por dia. A estimativa é que em 2023 este número cresça 4,0% – atingindo US\$30,4 bilhões – e em 2024 chegue à casa dos 10,3% – ou à soma obscena de 33,5 bilhões de dólares¹². E tudo isso, claro, graças à coleta e tratamento de dados por estruturas algorítmicas.

Nesse sentido, o tratamento de dados é fundamental às plataformas, pois o que importa é “a capacidade da corporação de capturar dados e comportamentos *on-line* com base na vigilância e de tratá-los (produção) para explorar seu valor econômico com venda de publicidade (circulação)” (Raulino, 2022, p. 153). A venda de publicidade é a fonte majoritária de receita do YouTube, embora a plataforma esteja

12 “WARC Media’s Platform Insights: YouTube’s global advertising revenue is set to rise 4.0% in 2023 to reach\$30.4bn”. Chief Marketing Officers Magazine (CMOs). 25 mai. 2023. Disponível em: <<https://www.cmosmagazine.com/en/warc-medias-platform-insights-youtubes-global-advertising-revenue-is-set-to-rise-4-0-in-2023-to-reach-30-4bn/>>. Acesso em: 26 jul. 2023.”

caminhando para um modelo híbrido, oferecendo aos usuários assinaturas *premium*. Os “dados sob vigilância” (Raulino, 2022) estão na base da venda de anúncios, pois “no caso do YouTube, esses dados são gerados em todas as ações tomadas na plataforma, como assistir, curtir, comentar e compartilhar vídeos, utilizar o sistema de busca, criar *playlists* etc.” (p. 198).

Assim, considerando o capitalismo de plataforma como condição de produção dos discursos que circulam pelo digital, entendemos que a regurgitação de dados realizada pelo YouTube, sobretudo em forma de propagandas, é um caminho interessante para observar o funcionamento do que Ferragut (2022) propõe pensar, do âmbito da ADDigital, como formação algorítmica.

ADDigital: Formação algorítmica

O marco fundador da análise de discurso, cuja paternidade é atribuída a Michel Pêcheux e a publicação de *Análise Automática do discurso* (AAD69), está ligado, sobretudo, aos seus deslocamentos e “mudança de terreno” em relação às ciências humanas em geral. ADD69, o “primeiro momento de um itinerário” e “laboratório de uma teoria do discurso ainda por vir” (Maldidier, 2003) marca de forma determinante o interesse de Pêcheux pela linguística e pela informática:

[...] Mas é talvez sua relação com a informática que é a sua maior originalidade. Ele não queria se servir dela, ele a queria fazer servir. Contrariamente aos primeiros procedimentos da inteligência artificial, a informática devia segundo ele permitir reformular hipóteses, ir mais longe em uma leitura “em que o sujeito é ao mesmo tempo despossuído e responsável pelo que lê”. (Maldidier, 2003, p. 97)

Tendo a leitura como princípio incontornável da análise de discurso, Pêcheux buscava construir uma máquina que dessuperficializasse os discursos: “momento febril de construção” (Maldidier, 2003, p. 24). Já nos anos 1980, no “tempo da desconstrução”, o RCP ADELA (*Recherche Coopérative Programmée-Analyse du discours et lecture d'archive*), entre

outras coisas, ainda visava aperfeiçoar o projeto inicial por meio de um “trabalho adaptado aos problemas da análise sintática e de construção de algoritmos discursivos” (Maldidier, 2003, p. 85). O novo projeto, AAD80, revisou de forma sistemática os erros cometidos em AAD69, sobretudo aqueles ligados ao lugar da paráfrase, da análise sintática e ao propósito geral do procedimento. Para Pêcheux, Leon, Bonnafous e Marandin (2014), em *Apresentação da análise automática do discurso* (1982), tratava-se, nesse momento, de pensar a confecção de algoritmos de análise do discurso como “apenas uma parte de uma problemática mais vasta” (p. 277). Para isso, “a análise do discurso não será mais uma prótese da leitura, mas uma provocação à leitura” (p. 278).

Desde então, a disciplina de análise de discurso (doravante AD) consolidou-se no Brasil, especialmente devido aos esforços de Eni Orlandi e cujos dispositivos de análise contribuíram para o que hoje se entende por análise de discurso materialista. Inserida nessa esteira de reflexões, Cristiane Dias, precursora dos estudos sobre o discurso digital no Brasil, afirma que, se podemos entender os anos 1980 como a primeira virada teórica da AD, os anos de 2010 podem ser tomados como a segunda virada, na qual o problema da leitura no digital passa a ser uma de suas questões incontornáveis¹³. Para a autora, as duas conjunturas, embora separadas por 30 anos, vão marcar rupturas e deslocamentos no campo da AD. Para Orlandi (2017)

Estamos, pois, no momento de uma *virada* na análise de discurso. Inauguração de um novo campo de questões. Uma nova conjuntura histórica, novas formas de existência histórica da discursividade leva a análise de discurso a novas indagações. Outro programa de leituras, um campo de novas interrogações. Não se trata, quando falo de seu objeto, de uma nova definição (o discurso é efeito de sentido entre locutores, M. Pêcheux, 1969). O que pode estar mudando de lugar é o *conceito* discurso. É uma questão para a teoria e a sua posição face a epistemologia, a história da ciência. (Orlandi, 2017, p. 43)

13 Tais reflexões foram empreendidas por Cristiane Dias em seu curso de inverno “Análise do discurso digital-teoria,método e análises”, ministrado entre 10 e 18 de julho de 2023 no auditório do Labeurb na Universidade Estadual de Campinas.

Consideramos, a partir de Orlandi (2017) e Dias (2018), que esse momento de virada que inaugura um novo campo de questões é justamente a compreensão do digital como um objeto de análise da AD – questão fundante para o que hoje entendemos como Análise do discurso digital (ADDigital). E tomar o discurso digital como condição de possibilidade do próprio campo em construção – a ADDigital – é propor novas indagações para o dispositivo teórico-analítico da AD pensando, a partir disso, o lugar e o caminho dessa disciplina constitutivamente de entremeio. É “propor uma leitura materialista dos discursos digitais” tendo em vista “novos objetos de análise e, portanto, desdobramentos teóricos sobre os processos de compreensão dos discursos” (Dias, 2018, p. 22-23). Nas palavras da pesquisadora brasileira,

[...] pretendo traçar um percurso de compreensão da natureza da relação do discurso como campo de questões a partir do qual se produzem objetos de análise de discurso. Para tanto, é preciso levar em consideração que 1) o dado está na base do digital e dos processos de individuação dos sujeitos e 2) está na base dos procedimentos discursivos e dos dispositivos de poder que determinam o mundo e os processos de identificação (Dias, 2018, p. 23).

Nessa esteira de reflexões, distintos dispositivos de análise são engendrados em busca de compreender as novas questões do campo, como memória digital, sujeito de dados e textualidades seriadas (Dias, 2018; 2019). Dentre eles, mobilizamos, para este trabalho, a noção de *formação algorítmica* (Ferragut, 2022), desenvolvida por Guilherme Ferragut em seu doutorado orientado por Cristiane Dias e Rachele Raus.

Para Ferragut (2022), formação algorítmica (FA) “é tudo o que pode e deve ser digitado, pesquisado, clicado, acessado, compartilhado, falado, ouvido, assistido e/ou lido pelo digital”. (p. 121, tradução nossa). Isso nos interessa na medida em que, se por um lado, os discursos se regionalizam em distintos lugares do interdiscurso por meio das formações discursivas, por outro, são regionalizados, antecipadamente, pelo próprio algoritmo que, estando intrinsecamente ligado

à circulação de discursividades, não deixa de afetar a formulação a nível intradiscursivo. Nesse sentido,

Ao apresentar determinados resultados nos motores de busca, ou ao circular de certa forma as mensagens postadas em uma rede social, as formações algorítmicas antecipam o mecanismo de antecipação dos sujeitos. São elas que criam o que Pêcheux chama de contexto ou situação em que o discurso aparece. Assim, o objeto imaginário é criado, pelo digital, por meio das formações algorítmicas. Isso não significa, no entanto, que as FA não desloquem outras noções basilares da análise do discurso. [...] Em outras palavras, temos aqui um novo objeto imaginário formado a partir de formações algorítmicas, um “ponto de vista do sujeito” criado a partir da travessia pelo digital (Ferragut, 2022, p. 125-126, tradução nossa).

É o que em distintas áreas das ciências humanas se compreende como “efeito bolha”, tido como uma “tendenciosidade dos filtros” que consequentemente “leva à limitação das pessoas a uma exposição seletiva, alimentada pelos algoritmos” e ainda “intensifica as tendências homofílicas, ou seja, aquelas de só se buscar concordâncias e fugir das discordâncias [...]” (Kaufman; Santaella, 2020, p. 8).

No entanto, é importante destacar que essa perspectiva não se debruça sobre o discurso. Por isso, aqui defendemos que, do âmbito da ADDigital, a noção de FA pode ser uma alternativa da área como um dispositivo analítico. Assim, partindo de Ferragut (2022), entenderemos como formação algorítmica o processo antecipatório que, por meio da mineração de dados, regurgita “preferências pessoais” aos usuários em forma de propagandas, conteúdos sugeridos etc., de modo que a inscrição a certa formação discursiva desse sujeito acaba sendo antecipada pela formação algorítmica. É desta forma que entendemos tanto as sugestões de conteúdo do Instagram e Facebook, quanto as sugestões de vídeos do YouTube e de músicas no Spotify, e ainda os anúncios publicitários que embasam a rentabilidade dessas plataformas. Tal antecipação da formação algorítmica pode ser observada na sugestão de conteúdo a um vídeo de Arthur do Val:

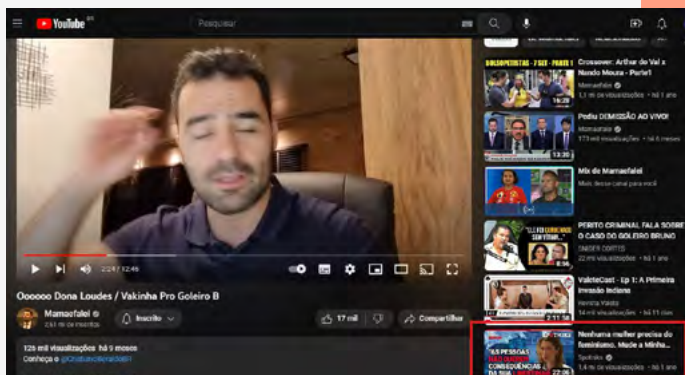


Figura 1: Sugestão de conteúdo do YouTube

Fonte: MAMÃEFALEI, "Oooooo Dona Lourdes/Vakinha Pro Goleiro B", 18 ago. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mAcFEUmbzpc>>. Acesso em: 26 jul. 2023.



Figura 2: Vídeo sugerido pelo YouTube

Fonte: SPOTNIKS, "Nenhuma mulher precisa do feminismo. Mude a Minha Opinião.", 3 fev. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BEuAL-S21sHk&ab_channel=Spotniks>. Acesso em: 26 jul. 2023.

É importante destacar que, para a coleta desse material, utilizamo-nos de configurações específicas que pudessem, de certa forma, garantir o “anonimato” de nossos dados para que já não houvesse injunção à regionalização de sentidos ligados a certa formação discursiva. Durante o processo, atemo-nos ao emprego de uma VPN¹⁴, à criação de um novo endereço de e-mail sem quaisquer vínculos telefônicos, associado a uma conta de recuperação igualmente recém-criada. Procedemos à coleta de dados a partir do Google Chrome, um dos navegadores que mais capta dados e com melhor performance em gestão algorítmica, porém, antes, desvinculamos e promovemos a limpeza de cache de quaisquer outras contas logadas na máquina de acesso – a fim de criar uma rede de navegação algorítmica o mais especificamente direcionada possível, tal qual é a especialidade dos produtos da Google, a partir das interações feitas no âmbito da pesquisa. Com isso, tentamos criar o ambiente mais “asséptico” possível para a investigação sem nos valer de recursos demasiadamente sofisticados ou distintivos, criando ao mesmo tempo um “perfil algorítmico” sólido.

Considerando então a assepsia desse novo usuário, do qual nos valemos para a coleta, passamos a interagir com os vídeos de Arthur do Val. Aos poucos a extração de dados tornou esse usuário mais palpável para o algoritmo, que passou a lhe devolver conteúdos personalizados de acordo com suas preferências. Enfim regionalizou-se a formação algorítmica em certo lugar do interdiscurso, filiada a uma memória digital (DIAS, 2018), que passou a determinar o que “pode e deve ser acessado” sob a forma de um conteúdo ou publicidade.

O conteúdo sugerido pelo algoritmo durante o vídeo de Arthur do Val, conforme se observa na figura 1, é anti-feminista: Pietra Bertolazzi, que segundo descrição de seu canal possui “conteúdo conservador de qualidade, anti-feminista e anti-lacração”, vai às ruas com o canal Spotnicks tentar ser convencida por outras mulheres de que ela precisa do feminismo. O feminismo é considerado “pauta” da esquerda no Brasil e tem sido motivo de amplas críticas por parte de grupos de direita. Uma dessas críticas pode ser vista na “capa” do vídeo, na qual

14 VPN significa Virtual Private Network (rede privada virtual): um serviço que protege a sua conexão de Internet e privacidade online, possibilitando tornar uma navegação privada, ocultar seu endereço de IP e até mesmo mudar a localização geográfica de onde você acessa.

a palavra “libertinagem” surge como atribuição às mulheres feministas. Tal discursividade filia-se à memória discursiva ligando aos sentidos atribuídos ao que é ser feminista e que destoam, socialmente, do que seria uma mulher “cristã” e de “direita”.

Nessa esteira de sentidos, um fenômeno linguageiro interessante a ser observado na história do presente do Brasil é que, depois de quatro anos de governo Bolsonaro e a decisão de sua inelegibilidade para as próximas eleições, ainda assim é possível observar o fortalecimento de grupos bolsonaristas nas redes que, dentre outras coisas, ficaram conhecidos pelo negacionismo à ciência durante a pandemia da Covid-19. Muito disso deveu-se ao enfrentamento distópico do então presidente Jair Bolsonaro, na contramão mundial, negando determinações da OMS. Mais especificamente, podemos afirmar que a partir da ocupação do cargo único de Presidente da República, que é estruturante do processo de significação desse discurso, é que se pôde observar a textualização do negacionismo e da banalização das mortes que fomentaram práticas discursivas por parte de todo um conjunto de pessoas que se filiam a esse discurso. Prova disso é o movimento social antivacina e contra o uso da máscara que facilmente são verificáveis ainda no fim de 2021 e que encontraram amparo no discurso de Bolsonaro.

Pensando nessa formação discursiva que opera o negacionismo brasileiro, propomo-nos a olhar para o fortalecimento de grupos bolsonaristas nas redes sociais, e aqui o fazemos não apenas a partir das relações que esses discursos estabelecem com certa região do interdiscurso onde as práticas discursivas de Bolsonaro são condição de produção e de existência das discursividades, mas, sobretudo, encaramos esse fortalecimento olhando para o modo de funcionamento algorítmico que vem sendo a base daquilo que pode e deve ser dito (ou clicado) *on-line*, sendo a máquina coconstrutora de sentidos e esquecimentos do sujeito em relação ao seu lugar de existência no mundo e no capitalismo de plataforma.

Podemos olhar para esse fenômeno a partir do que a plataforma do YouTube entrega (e regurgita) ao usuário por meio dos vídeos de do Val. Embora o *youtuber* tenha tentado se afastar da extrema direita para se dizer acima de partidos políticos, ainda assim, discursivamente,

não deixou de se filiar à formação discursiva bolsonarista que propaga discursos de ódio, defende a “despolitização” da política e espalha todo tipo de Fake News como forma de disseminar o caos ou mesmo incitar a desconfiança popular nos processos democráticos. Embora fosse interessante um trabalho de análise em relação a essas afirmações, reforçamos que o nosso objetivo é outro. Queremos olhar para a borda desse processo para entender o funcionamento da formação algorítmica.”

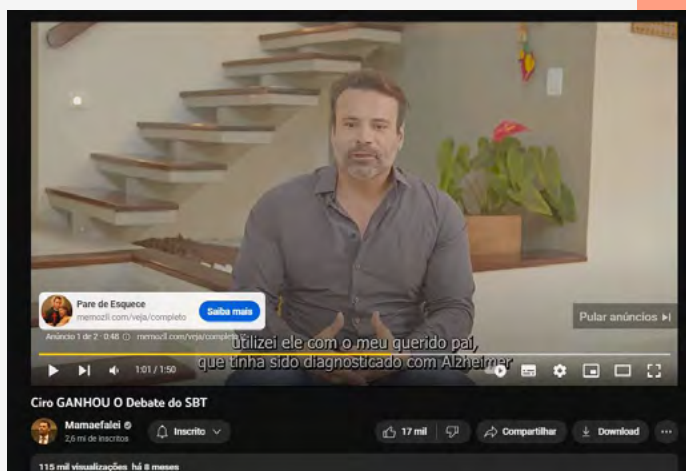


Figura 3: Anúncio de cura do Alzheimer

Fonte: MAMÃEFALEI, “Ciro GANHOU O Debate do SBT”, 25 set. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9FulMxO02ds>>. Acesso em: 26 jul. 2023.

O perfil inicialmente asséptico que criamos passou a receber não só sugestão de conteúdo anti-feminista como mostrado na figura 1 e 2: quanto mais interação com o canal MamãoFalei, mais a filiação a certa formação algorítmica antecipou o próprio sujeito que, inscrito em certa formação discursiva, já teve tal inscrição lida e regurgitada para si em forma de anúncio para a cura do Alzheimer, conforme a figura 3, antes mesmo que ele de fato pudesse promover um gesto de leitura.

A máquina já o leu. Assim, a formação algorítmica, que determina o que pode e deve ser apresentado ao sujeito, atua diretamente na circulação pelo digital, criando uma regionalização de sentidos que, filiada a uma formação discursiva, opera com o que é da ordem do linguístico e do algorítmico, retornando para o sujeito incessantemente por meio da repetição da máquina.

Tal massificação de sentidos que retorna insistentemente sob o eixo da formulação aos usuários, produz sentidos. A repetição pela máquina, o excesso, o número – ainda que possa ser um número inflado por bots, como muitas vezes acontece com o conteúdo de direita na internet –, aos poucos legitima a polarização social e política que se manifesta em grupos extremistas, bolsonaristas e negacionistas. Através do digital, esses grupos encontraram uma forma de se fortalecer ao experimentarem suas filiações discursivas sendo reiteradas e, em última instância, suas experiências ou expectativas empíricas sendo sustentadas a partir da identificação antecipada que as formações algorítmicas promovem. O que nos interessa aqui, também para futuras pesquisas, é entender como o algoritmo está na base dessa legitimidade e desse fortalecimento.



Figura 4: Anúncio do vídeo de Arthur do Val

Fonte: MAMÃEFALEI, “Bolsonaro destruiu Amanda Klein Na Jovem Pan”, 7 set. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=R4Y7qqdFMj0>>. Acesso em: 28 jul. 2023.

Essa regionalização de sentidos que por meio da formação algorítmica antecipa a inscrição do sujeito a uma certa formação discursiva pode ser observada também na figura 4, quando o anúncio do vídeo de Arthur do Val é de técnicas de invasão hacker, o que legalmente pode ser considerado crime.

Negacionismo, anti-feminismo, invasão hacker: é o que a formação algorítmica entregou ao usuário “anônimo” depois de apenas interagir com vídeos de Arthur do Val. Por isso reafirmamos: há injunção à interpretação. O discurso de do Val está alinhado à discursos outros, que enxergam – e constroem – em seu público o perfil consumidor de farsas anticiência, reacionarismo e atuação criminosa, ainda que amparados por dizeres que defendem a autonomia do indivíduo, o zelo pela moral e a autenticidade nos métodos de resolução de problemas.

Notas conclusivas

Perguntamos, na introdução deste trabalho, como pensar, a partir de Orlandi, essa direção de sentidos pelo digital que é atravessada pelo algoritmo? Depois de breves gestos de interpretação de um material coletado das bordas, nos parece que a questão é promissora. Não que não a tenhamos respondido. Porque, na realidade, a questão levanta muitas outras para nós, em específico, e para a área como um todo. Afinal, se o algoritmo textualiza dizeres que podem e devem ser mostrados ao sujeito a partir de um processo tecnodiscursivo de antecipação de sua inscrição a uma formação discursiva, em certo lugar da memória, como pensar a relação sujeito-ideologia-máquina? A coleta do material que foi mobilizado para outros fins demonstra que estamos diante de novas formas de construção de arquivo. O método também parece ser outro. Ou talvez seja uma ampliação do tradicional. De qualquer forma, há questões para analistas do discurso digital que se impõem sobre método, corpus, dispositivos de análise.

Mas não se trata de uma nova análise de discurso, de reinventar a roda ou de construir uma máquina de lavar textos, como afirma Pêcheux. Trata-se de alargar o dispositivo teórico do analista que busca causa

naquilo que falha. Nesse sentido, a posição do analista é de se desvencilhar do apagamento da não neutralidade da máquina, entendendo o algoritmo como co-construtor de sentidos, na base da circulação e que incide diretamente na formulação. É uma virada decisiva.

Referências bibliográficas

DIAS, C. **Análise do discurso digital: Sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

FARIA, A. L. B.; CHAIA, Vera. **Os institutos liberais e a consolidação da hegemonia neoliberal na América Latina e no Brasil**. Cadernos Metropolitanos, São Paulo, v. 22, n. 49, pp. 1059-1080, set/dez 2020.

FERRAGUT, Guilherme. **Mouvements souciaux et sens de la ville: la circulation du discours urbain par le numérique**. 2022. **Tese (Doutorado)** – Programa de Doutorado em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, cotutela com: Universidade de Gênova.

KALIL, Renan Bernardi. **A regulação do trabalho via plataformas digitais**. São Paulo: Blucher, 2020. Disponível em: <https://juslaboris.tst.jus.br/bitstream/handle/20.500.12178/192691/2020_kalil_renan_regulacao_trabalho.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 jul. 2023.

KALIL, Renan Bernardi. **“Capitalismo de Plataforma: o conceito que melhor explica as relações de trabalho digitais”**. Carta Capital. 26 out. 2021. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/opiniaao/capitalismo-de-plataforma-o-conceito-que-melhor-explica-as-relacoes-de-trabalho-digitais/>>. Acesso em: 21 jul. 2023.

KAUFMAN, D.; SANTAELLA, L. (2020). **O papel dos algoritmos de inteligência artificial nas redes sociais**. Revista FAMECOS, 27(1), e34074. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2020.1.34074>

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje**. Trad, Eni P. Orlandi, Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, E. **Discurso em análise: Sujeito, Sentido e Ideologia**. Campinas: Pontes Editores, 2017.

ORLANDI, E. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5ª edição. Campinas: Pontes, 2020.

PÊCHEUX, M. et al. (2014). “Apresentação da análise automática do

discurso (1982)”. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Trad. Bethania Mariani et. al. Campinas: Editora da Unicamp, 5ª ed., p. 251-279

RAULINO, G. Capital e trabalho nas plataformas sociodigitais. In: DANTAS, M. [et al.] **O valor da informação: de como o capital se apropria do trabalho social na era do espetáculo e da internet**. São Paulo: Boitempo, 2022.

SRNICEK, N. **Imaginar plataformas alternativas: entrevista com Nick Srnicek**. Digilabour.11 out. 2019. Disponível em: <<https://digilabour.com.br/srnicke-capitalismo-de-plataforma-mudancas/>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

SRNICEK, N. **Platform Capitalism**. Cambridge: Polity Press, 2017.

3

**A contribuição do
método perspectivista
à Análise do discurso
digital a partir do estudo
sobre refugiados na
pandemia**

A contribuição do método perspectivista à Análise do discurso digital a partir do estudo sobre refugiados na pandemia



Lidia Gurgel Neves-Hora(UFES-CAPES)¹⁵

Renata Rodrigues Coutinho(UFMG)

Fabio Malini de Lima (UFES)

Análise do Discurso, refugiados e redes sociais

56

A Análise do Discurso tem sido de grande importância para compreender a construção de sentidos para que contribuem para reforçar (ou combater) ideias e ideologias na sociedade, buscando compreender as situações sócio-históricas nas quais eles são produzidos (Maingueneau, 2015; Van Dijk, 2021). Na condição sócio-histórica atual, há dois aspectos que se encontram em nosso trabalho e que fazem parte das questões contemporâneas: as migrações forçadas, decorrentes de guerras, intervenções militares, conflitos internos e outras formas de desigualdade e dominação, e os discursos digitais, produzidos e reproduzidos nas redes sociais, contribuindo para produzir e fortalecer sentidos.

A situação do refúgio tem motivado a preocupação global, na medida em que tem se agravado a cada ano, chegando a 108,4 milhões de pessoas em 2022, como resultado de perseguições, conflitos, violência,

¹⁵ Agradecemos o apoio da Fapes, do CBEAL/ Memorial da América Latina, da Capes e do CNPq no desenvolvimento desta pesquisa.

direitos humanos, violações e eventos de distúrbio à ordem pública (Unhcr, 2023). O número tem crescido de forma vertiginosa, atingindo, majoritariamente, países em desenvolvimento, que recebem 76% do total dessa população. No Brasil, o número de refugiados também voltou a crescer em 2022 (Junger da Silva et al., 2023), com um aumento de 73% em relação ao ano anterior. Esse aumento vertiginoso ressalta, também, o fim de um ciclo de restrições a esse grupo, imposto pelo governo Bolsonaro a partir do início da pandemia de Covid-19, no ano de 2020 (Junger et al., 2022; Silva et al., 2021).

O período da pandemia levou os refugiados a uma situação de sobreposição de vulnerabilidades. Neste artigo, analisaremos os atores citados nos discursos digitais no Facebook, nos anos de 2020 e 2021, aproximando a Análise do discurso digital (Paveau, 2021) e o Método Perspectivista da Análise de Redes Sociais (Malini, 2016, 2017; Neves-Hora, 2022). Para apontar os diferenciais que este caminho analítico proporciona, trazemos, neste artigo, uma revisão bibliográfica de análises de discurso sobre refugiados feitas no ambiente digital que antecede à nossa análise.

57

Nos interessa recortar a pesquisa no Brasil de modo a possibilitar o aprofundamento em relação a essa realidade específica, ainda que integrada a fenômenos globais. Tal escolha está orientada pelo que Santos apresenta em seu paradigma emergente das ciências, quando destaca o aspecto local/total do conhecimento: “No paradigma emergente o conhecimento é total [...]. Mas sendo total, é também local. Constitui-se em redor de temas que em dado momento são adoptados por grupos sociais concretos como projectos de vida locais [...]”. (Santos, 2008, p. 76)

Nessa linha de raciocínio, concordamos com o autor no entendimento de que refletir sobre os refugiados no Brasil pode contribuir para uma visão “total” sobre o tema no mundo. Santos aponta, ainda, que o paradigma emergente de conhecimento visa a produzir senso comum (2008, p. 80) – ou seja, ensinar a sua aplicação no cotidiano, para além da discussão acadêmica e científica. Tanto no âmbito global quanto no local, o tema dos refugiados tem apresentado marcas discursivas, inclusive de xenofobia e rejeição, características dos discursos de ódio (Arcila-Calderón et al., 2021; Neves-Hora, 2022). As redes sociais têm

sido um espaço fundamental para a formulação e a distribuição de discursos, o que ressalta a importância de estudar discursos sobre refugiados no ambiente digital. Além disso, tais plataformas são fundamentais para a integração dos refugiados no país que os acolhe, seja para oferecer produtos e serviços, para se inserir legalmente no país ou para ter um primeiro contato com o idioma (Sanzovo, 2021 p. 85); (Seimoha, 2022, p. 39).

Conforme Paveau, temos “o uso das tecnologias digitais, da internet e dos objetos conectados sendo progressivamente integrados a nossas existências, pelo menos nas áreas culturais, sociais e geográficas nas quais as ferramentas informáticas e as tecnologias digitais puderam se desenvolver” (Paveau, 2021, p. 27). Esse espaço digital, no entanto, não é neutro, mas responde a determinados interesses capitalistas (Dias, 2018, p. 29; 34). Bucholz e Da Rosa falam de “outras condições de produção” que afetam as práticas dos sujeitos que produzem discursos nas redes sociais (Bucholz; Da Rosa, 2023, p. 267) sem precisar quais. A partir da conceituação de (Pêcheux, 1969, p. 78-85) sobre as condições materiais de produção dos discursos, compreendemos que faz parte de tais condições, nas redes sociais, entender não só sobre as *affordances* dessas redes e sobre como o algoritmo impacta a produção e circulação dos discursos, como aponta Paveau (2021, p. 44), mas também sobre os interesses de mercado das grandes empresas de tecnologia (conhecidas pela expressão em inglês *big techs*).

D’Andrea (2020) ressalta a necessidade de se considerar, de forma conjunta, o algoritmo e outros aspectos políticos e econômicos característicos da plataforma. Recentemente, a compra da rede social *Twitter* pelo empresário Elon Musk e as consequentes mudanças no algoritmo e nas políticas da plataforma têm apontado alguns aspectos desse debate, permeado por disputas ideológicas (e discursivas) sobre poder e liberdade de expressão (G1, 2023), que passam pela discussão do papel das empresas e dos governos na regulação desses espaços, para evitar a propagação de discursos de ódio e desinformação e suas consequências nocivas para além do digital. Anne Helmond (2015) descreve a adesão do Facebook ao modelo de plataforma, inclusive na sua geração de dados.

No Brasil, um dos episódios recentes envolve o Projeto de Lei 2.630

(conhecido como PL das Fake News), em debate no Congresso no momento da realização desta pesquisa, que pretende regular as plataformas no que diz respeito ao compartilhamento de desinformação e discursos de ódio. No próprio processo de discussão do PL, as plataformas favoreceram a circulação de conteúdos alinhados aos seus interesses (Ribeiro, 2023). Tal fato é uma demonstração do que esse poder do algoritmo pode representar e da própria necessidade de regulamentação.

O papel do algoritmo nas plataformas e nos discursos, inclusive por meio de recursos automáticos, também é discutido em relação aos refugiados e as situações que os levam a essa condição, dentre elas as guerras. Heller, Perazzo e Souza (2016) abordam o tratamento algorítmico das fotos sobre o conflito na Síria: enquanto uma imagem do menino Aylan Kurdi, morto em uma praia da Turquia, se tornou viral, outras fotos de meninos vítimas da guerra civil na Síria foram consideradas ofensivas no Facebook.

Apesar dessas situações, que não podem ser ignoradas, consideramos válido analisar discursos nas redes sociais. Elas se incluem na chamada Web 2.0. que tem como uma parte essencial “tirar partido da inteligência coletiva, transformando a web em uma espécie de cérebro global” (O’reilly, 2005, p. 15). Nesse espaço, não apenas há o repositório de uma grande quantidade de discursos, mas também há a possibilidade de interação, em uma notória construção de discursos a partir de discursos já proferidos e, muitas vezes, materialmente presentes ali mesmo (considerando, ainda, o potencial do algoritmo de contribuir para fazer circular ou fazer silenciar esses discursos). As redes sociais também contam com outra competência essencial da Web 2.0, que trata do gerenciamento de dados centrais como localização, identidade, calendário de eventos públicos, identificadores de produtos e códigos. Passam a ser, assim, um lugar de ampla produção e circulação de discursos, e por isso, motiva o interesse da Linguística – e especificamente da Análise do Discurso.

Paveau e Dias, juntamente com outras autoras e autores, têm se debruçado sobre várias possibilidades de análise do discurso no ambiente digital e sobre os desafios impostos à Linguística nesse sentido (Dias, 2018; Paveau, 2021). Um desses desafios trata de lidar com um

grande volume de dados e aproveitá-los em uma análise qualitativa ou quali-quantitativa (Paveau, 2014). Propomos atuar nesse campo a partir do Método Perspectivista, que possibilita tratar grandes corpora com mineração e visualização de dados e, assim, categorizar discursos a partir dos relacionamentos com outros discursos de uma rede social específica (Malini, 2016, 2017; Neves-Hora; Cavalcanti; Miranda Costa, 2021; Neves-Hora, 2022). Não se trata, no entanto, de uma análise automática do discurso, como havia proposto Pêcheux (1969), mas sim de uma Análise do discurso digital, qualitativa, que expande seus horizontes a partir de recursos tecnológicos que possibilitam utilizar dados gerados pelas plataformas, tão característicos da Web 2.0.

Buscamos apontar os diferenciais que este caminho analítico proporciona, integrando nossos conhecimentos sobre a dinâmica dessa rede para nos colocar, como propõe Krieg-Planque, na posição de analistas com o papel de “interpretante razoável” para analisar discursos (Krieg-Planque, 2011).

O interpretante razoável é aquele que não é nem inteiramente invadido pelo já-dito de toda palavra, aturdido pelo dialogismo no qual cada palavra se produz, sufocado pela memória interdiscursiva de que o mais singelo dos discursos é depositário [...], nem inteiramente preso aos grilhões do dicionário e da gramática mais tradicional, que ele reconhece como parâmetros de representação de uma língua “correta” [...] (Krieg-Planque, 2011, p. 30).

Nos juntamos a Dias (2018, p. 37) na intenção de fazer perguntas à tecnologia a partir do lugar das ciências humanas, buscando contribuir para novas perspectivas de análise e novas respostas para os problemas da sociedade. E o fazemos a partir das experiências do Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), que tem desenvolvido métodos, mas também ferramentas, para tornar possíveis tais análises.

Dessa forma, buscamos dar visibilidade a essa situação específica de vulnerabilidade, como propõe Paveau (Paveau, 2017, p. 135-136), buscando, assim, dar voz e força aos refugiados, em solidariedade a eles. Entendemos, assim como Van Dijk (2021, p. 12, 19, 381), que

os discursos são elementos de exercício de poder na sociedade, mas que também podem ser utilizados para modificar posicionamentos e práticas sociais. Assim, é possível contribuir para uma sociedade menos xenófoba e mais acolhedora para com os imigrantes em geral e os refugiados em particular. As redes sociais permitem a participação de variados atores para alcançar este fim, dentre eles os próprios refugiados e pessoas e instituições com capacidade de influenciar grupos específicos, ou mesmo o conjunto mais amplo de usuários, ensejando oportunidades para esse grupo (Neves-Hora, 2022).

Após esta introdução, este capítulo se estrutura em uma revisão bibliográfica dos estudos sobre refúgio no Facebook em português, seguida de uma proposta teórico-metodológica para a nossa análise, que será apresentada de forma subsequente, e por fim, nossas considerações.

Uma revisão bibliográfica digital

61

A revisão bibliográfica tem um método que se sobrepõe à nossa pesquisa sobre discursos no ambiente digital: ambos se debruçam sobre o termo “refugiados” em uma ferramenta de busca. O termo “refugiado” tem o seu sentido denotativo e o metafórico amplamente utilizados, em várias línguas, o que já aponta, desde o princípio, a importância do olhar qualitativo na escolha do que analisar – por isso mesmo, escolhemos usar o termo no plural, buscando resultados referentes à população.

Assim como se dá em relação à escolha de qual rede social pesquisar, as opções de ferramentas para revisão bibliográfica também são bastante amplas – pelo menos para as pesquisas em inglês. Sendo assim, procuramos identificar, no universo dos recursos disponíveis para levantamentos bibliográficos em português. Notamos diferenças algorítmicas significantes nos resultados das variadas ferramentas, – o que poderia merecer uma metadiscussão sobre o papel do algoritmo. No entanto, nos concentraremos nos resultados, dessa busca, olhando para o maior universo possível de artigos que possam apontar

caminhos metodológicos e analíticos para pesquisas sobre refugiados no Facebook em Análise do Discurso e áreas afins.

Para isso, utilizamos a combinação dos termos “refugiados”; “Facebook”; e “Análise do discurso digital”. Como estratégia expandida, acrescentamos os conceitos próximos “pessoas deslocadas” e “corpus mediado por computador”. Na Web of Science, nenhum resultado é encontrado para a busca simples ou a expandida em português. Partimos, então, para a combinação de apenas dois termos de busca, caminho pelo qual chegamos ao estudo de Gálvez-Rodríguez, Haro-de-Rosario e Caba-Pérez, (2019). O estudo não analisa os discursos, mas o engajamento em páginas espanholas que tratam do refúgio – que é maior em páginas de organizações não governamentais do que nas do governo.

A única ferramenta que oferecia uma diversidade maior de trabalhos publicados em português na busca que orienta nossa pesquisa foi o Google Scholar. A busca simplificada apresentou apenas dez resultados, sendo três de nossa autoria (Figueira; Neves-Hora; Hora, 2022; Neves-Hora, 2022; Neves-Hora; De Lima, 2022). Outros seis não tratam do tema, podendo citar o termo de forma figurada ou tratar de vários grupos vulneráveis, dentre os quais são identificados os refugiados (Baronas; Lourenço, 2022, p. 17). Já Ávila trata da polidez do hóspede a partir da análise do perfil de uma influenciadora migrante. Ela “assume inicialmente o papel de hóspede, da figura reservada, educada e até passiva no que diz respeito às regras e limites que lhes são impostos” (Ávila, 2022, p. 196), em uma tentativa de sair do ethos de migrante e ser compreendida, na sociedade, como uma empreendedora ou uma “ex-refugiada”, ou seja, uma cidadã igual aos demais. Tanto Baronas e Lourenço quanto Ávila apontam para o aspecto da fragilidade desta situação do refugiado nas redes, que envolve a necessidade de serem acolhidos e também contratados, de modo que buscam oferecer serviços e, ao mesmo tempo, evitam se manifestar politicamente sobre o Brasil.

Para ampliar o escopo da revisão bibliográfica, combinamos dois dos três termos de busca de cada vez. Ao olhar para a combinação “refugiados” e “Análise do discurso digital”, o escopo se amplia para um total de 16 trabalhos, dentre os quais apenas um se agrega aos anteriores,

abordando o universo dos refugiados de forma central. Bucholz e Da Rosa (2023) analisam discursos de refugiados do Afeganistão e da Costa do Marfim que se tornaram empresários no Brasil, em seus perfis no Instagram e no site *Refugiados Empreendedores*. Esses migrantes forçados indicam ter escolhido o Brasil para morar devido ao imaginário de país acolhedor, próspero e culturalmente diverso (Bucholz; Da Rosa, 2023). Os posts, segundo as autoras, buscam não só vender produtos, mas também conquistar reconhecimento e respeito diante do público e, com isso, uma maior integração no Brasil.

Até este ponto de análise, vemos um diferencial da nossa pesquisa sobre as demais, por debruçar-se sobre os discursos de terceiros a respeito dos refugiados, enquanto outros estudos analisam os discursos proferidos por eles. Além disso, o único que utiliza (e atualiza) a metodologia proposta por Paveau, de verificar o discurso em seu ambiente, é o de Baronas e Lourenço, sobre revascularização dos discursos digitais,

que se propõe a compreender como o sujeito, em situação de vulnerabilidade, encontra percursos discursivos alternativos para solucionar a sua obstrução discursiva e, como depois de liberado o fluxo discursivo, esse mesmo fluxo se capilariza pelos mais diferentes mídiuns (Baronas; Lourenço, 2022, p.15).

63

O cartaz de um refugiado venezuelano, pedindo ajuda e emprego, cuja foto depois circula nas redes sociais, é o primeiro elemento do *corpus* de análise dos autores para explicitar sua teoria, que segue para outros casos de pessoas em vulnerabilidade. Assim, não encontramos nenhuma pesquisa, além da nossa, que analise discursivamente um grande banco de dados sobre refugiados no Facebook.

Abrimos mão de revisitar o conjunto de trabalhos sobre refugiados em Análise do Discurso, que inclui abordagens e temáticas diversas e, recorrentemente, o apontamento desse público associado à criminalidade e aos problemas sociais (Galvão, 2019; Lara; Da Rosa; Tauzin-Castellanos, 2021) para concentrar-nos no aspecto digital. A busca associada dos termos “refugiados” e “Facebook” traz 24,7 mil resultados, sendo que destes, 10,8 mil são em português e os restantes em espanhol. São estudos em um campo bem vasto, que utilizam o Facebook e que tratam de refugiados de formas bem diversas – das

mais estruturais às mais pontuais –, no campo da Comunicação, da Saúde e da Linguística, entre outros, dos quais avaliamos que sete são pertinentes para este estudo.

Dentre esses trabalhos, a análise crítica do discurso feita por Moura e Souza (2019), se concentra na repercussão local sobre a chegada de um grande fluxo de refugiados venezuelanos a Boa Vista em 2018, que motivou reações da população local e até pedido de fechamento da fronteira terrestre. O trabalho analisa comentários de discursos de ódio e xenofóbicos, que apontam que “os usuários brasileiros se enxergam como responsáveis pelo bem do país e difundem a imagem do refugiado como um invasor causador de desordem e determinado a tomar aquilo que deveria pertencer aos brasileiros” (Moura; Souza, 2019, p. 44).

Na mesma linha, o estudo de Seara e Cabral (2020) se dedica a analisar comentários sobre refugiados feitos em posts de portugueses e brasileiros, em busca de identificar o uso do “*argumento ad hominem* como estratégia para macular a imagem dos migrantes refugiados” (Seara; Cabral, 2020, p. 139), com apoio na análise do discurso e na teoria da argumentação. Mais uma vez, as autoras identificam estratégias de desvalorização e de exclusão para com os migrantes, realizadas com uma agressividade, nos discursos em ambos os países.

Os insultos e as demais marcas de agressividade na análise que aqui desenvolvemos não acontecem em contextos presenciais nem dialogais, mas numa situação específica de enunciação, que é comumente designada por *delocução*: são proferidos ou escritos e dirigidos a um outro ausente, o que como anteriormente mostramos, se reveste de maior complexidade e de acrescida agressividade, pois possivelmente face-a-face tais enunciados não seriam pronunciados. (Seara; Cabral, 2020, p. 151-152)

Se por um lado a população migrante é qualificada como “ilegal, intrusa, terrorista, bárbara” (idem), por outro, as autoras identificam uma exaltação a quem acolhe. Esse artigo mostra, como também é nossa intenção, a necessidade de se debruçar sobre a realidade específica do Brasil em relação aos refugiados, seja pela fama de seu povo de ser diverso e acolhedor, seja por seus problemas sociais, ou mesmo pelas

questões político-ideológicas que impactam (ou impactaram), especialmente, a relação do Brasil com a Venezuela e o acolhimento aos migrantes desse país. O estudo das autoras também torna possível observar aspectos que aproximam a realidade brasileira da portuguesa (ou da europeia, ou do conjunto de países que recebem refugiados): os discursos indicam que os refugiados são muitos, perturbadores da ordem e estranhos, como forma de naturalizar o medo, a intolerância, o racismo e a xenofobia. Outro tipo de comentário na mesma direção, identificado pelas autoras e também por nós (Neves-Hora, 2022), trata de ataques indiretos aos migrantes por meio de críticas à classe política e/ou às políticas públicas que se faz ou que se deixa de fazer em relação a esse público. Sobre os discursos de portugueses, resultado semelhante é encontrado em Santos, Sousa e Vieira (2020).

Mais pesquisas se dedicam a estudar os discursos dos refugiados nas redes sociais. Miranda (2022) estuda os posts deles em grupos temáticos e aponta a preponderância do empreendedorismo e venda de produtos como principal categoria, seguida de postagens de transmissões ao vivo e da temática religiosa. Já Seimoha (2022) trata de páginas de refugiadas que, além de vender seus produtos, proferem discursos para combater o preconceito ao apresentar a história e a cultura de seus países de origem, bem como as participações delas na mídia. A autora aponta que, nos posts dessas páginas, não foram registrados ataques a elas nos comentários.

Em uma revisão integrativa de artigos sobre o processo de migração no Facebook entre 2008 e 2018, Andrade et al (2021) concluem que, na maioria dos artigos, os “refugiados eram originários de países situados no Oriente Médio, especialmente sírios, com destinos predominantemente para países desenvolvidos” (Andrade et al., 2021, p. 240). O estudo aponta que os refugiados têm três finalidades principais com o uso de redes sociais: planejar as rotas de imigração, manter vínculo com familiares e amigos e lutar por direitos humanos. Além disso, as plataformas contribuem no aprendizado do idioma no novo país e são uma janela para a autorrepresentação desse público.

Diante desse panorama, é possível compreender que há uma série de trabalhos que se debruçam sobre páginas e grupos específicos de refugiados e outros que se dedicam a páginas abertas ou ambientes onde

se encontram comentários de ódio, xenofobia e preocupação política em relação ao tratamento de refugiados. Com nossa metodologia, a ser explicada a seguir, é possível verificar um grande volume de posts e possíveis associações entre eles, viabilizando um retrato mais amplo dessa realidade.

Nossos estudos prévios identificaram que os refugiados estão entre os grupos populacionais que têm recebido alguma atenção política em nosso país (Figueira; Neves-Hora; Hora, 2022). Em uma análise dos léxicos, identificamos uma sobreposição da situação de refúgio a outras relativas a gênero, idade, racismo, desemprego, pobreza e acesso deficitário à saúde, educação, trabalho, moradia, alimentação e água, entre outros direitos (Neves-Hora, 2022). Tais aspectos vêm associados a discursos de rejeição a esses migrantes forçados. Por outro lado, se destaca a ação de instituições que atuam nesse campo e de pessoas “influenciadoras”, que atuam como embaixadoras da causa refugiada, tratando do tema, apoiando organizações ou mesmo dando voz a refugiados em seu perfil ou página. O papel dos influenciadores apareceu de forma mais intensa ainda em outra análise, na rede social *Twitter*, no caso do assassinato do refugiado congolês Moïse Kabagambe, no Rio de Janeiro, em 2022 (Neves-Hora; Cavalcanti; Malini, no prelo). São aspectos que se diferem das análises realizadas por outros autores, complementando, a nosso ver, o entendimento do cenário sobre os refugiados no país a partir dos discursos, com o embasamento teórico-metodológico que explicamos a seguir.

A Análise do discurso digital aliada ao Perspectivismo de Rede

Os estudos de Paveau sobre a Análise do discurso digital têm expandido os horizontes da área, a partir de uma proposta que considera não apenas a linguagem, mas também a tecnologia e o algoritmo, de forma compósita (Paveau, 2021, p. 119). Em nosso estudo, procuramos expandir as possibilidades de análise do discurso, de forma interdisciplinar com a Análise de Redes Sociais (ARS), principalmente o método perspectivista (Malini, 2016, 2017). Dessa forma, retomamos o diálogo da análise do discurso com outras teorias das ciências

humanas e sociais, como propõe Orlandi (1994).

A ARS aborda o estudo de grupos sociais, permitindo sua análise estrutural sistemática. É uma abordagem que tem suas raízes na Sociometria e na Teoria dos Grafos, de viés matemático, para analisar relações sociais. (Recuero et al, 2015). Por meio dela, é possível estruturar a percepção de grupos sociais através de uma rede determinada a partir de premissas metodológicas. “A ideia que embasa os estudos das estruturas sociais é aquela de que os indivíduos, os atores sociais, estão inseridos em estruturas complexas de relações com outros atores” (Recuero, 2017, p. 9).

Uma perspectiva ecológica da Análise do discurso digital (ADD) se propõe a considerar todos os aspectos proporcionados por determinada rede social em sua análise: o conteúdo linguageiro e o não-linguageiro, os comentários, o algoritmo, as *affordances* das plataformas. Ao aproximar a ARS da ADD, identificamos um potencial para identificar e categorizar discursos de forma quali-quantitativa, buscando, conforme Paveau (2014, p. 2) uma harmonia, com “uma simetria entre qualitativismo e quantitativismo, a natureza do conhecimento linguístico produzido, a tomada em consideração do contexto e da relevância de uma ou outra abordagem no *corpus* de discursos nativos on-line”.

A partir do método perspectivista, propomos formas de extrair e analisar *corpora* nativos digitais com grandes bases de dados. A extração, mineração e tratamento de dados torna possível observar não só discursos majoritários, mas também outros que, postos em contato, ganham força em rede, no conjunto de interações que possam ser observadas em um determinado momento na rede social (Latour et al., 2012; Venturini; Latour, 2019). Dessa forma, torna-se “possível seguir uma multiplicidade de interações e, simultaneamente, distinguir a contribuição específica que cada uma delas tem para a construção de fenômenos sociais” (Venturini; Latour, 2019, p. 43).

Para nossa análise, partimos dessa conceituação, compreendendo, como Malini, as formações de redes como relações entre os perfis das plataformas. A cartografia de dados baseada no perspectivismo realça três aspectos, de acordo com Malini (2016, p. 12): os pontos de vista, aglutinados por afinidades, formando *clusters* ou perspectivas;

a topologia que indica proximidade ou distanciamento (temporal ou espacial) entre os diversos pontos de vista, indicando antagonismo ou convergência; e a dinâmica de poder no protagonismo e disputa de discursos, podendo levar à neutralização ou sobreposição de outras perspectivas. O método torna possível identificar atores principais em cada perspectiva e os elementos que o fortaleceram em determinado espaço-tempo, bem como outros aspectos discursivos.

A forma de analisar depende do olhar do analista, como em toda análise qualitativa, no entanto, a seleção do que analisar pode ser influenciada pela centralidade de determinados atores/discursos, pela recorrência, ou mesmo por um protagonismo que não teria sido identificado em uma coleção de exemplos obtida a partir da nossa própria *timeline* da rede social, método usual na ADD (Paveau, 2022, p. 40).

A análise a seguir é feita a partir de um *corpus* extraído no Facebook, referente aos anos de 2020 e 2021, que foram marcados pelo período mais intenso da pandemia de Covid-19 e com mais restrições motivadas por ela. Por meio da plataforma Crowdtangle (2023) é possível extrair dados de posts do Facebook ou do Instagram, com a possibilidade de retroceder a 2018. Utilizamos o Facebook por ser a plataforma com uma maior variedade de discursos e maior quantidade de posts sobre “refugiados”, a partir desse termo de busca (no plural, para identificar melhor os migrantes forçados, uma vez que no singular, encontramos muitos posts em que o léxico é utilizado de maneira metafórica, principalmente em contexto religioso). Filtramos, ainda, os posts em língua portuguesa, já que a mesma palavra existe também em espanhol. Após escrutinar mais de 10 milhões de páginas e perfis verificados, foram encontrados 38.410 posts que fazem parte de nosso *corpus*, e que motivaram 2,8 milhões de interações (curtidas, compartilhamentos, comentários) até o momento da extração dos dados, em 12 de julho de 2022, quando passam a ser analisados de modo *offline*. Deve-se ressaltar que, diferentemente de outras pesquisas que se debruçam sobre grupos nessa rede, optamos por trabalhar páginas e perfis, porque há poucos grupos de refugiados no Brasil que são públicos, e o Crowdtangle só coletaria dados de grupos configurados dessa maneira.

A partir da extração no Crowdtangle, é gerado um arquivo CSV (valores separados por vírgulas, sigla em inglês), que será tratado em três

etapas, segundo Medeiros (2015, p. 3069): mineração de posts, processamento dos dados e criação da visualização em grafo. A aplicação Ford, do Labic-Ufes (2021), foi utilizada para a mineração de dados, que exclui informações inservíveis ou repetidas e gera os arquivos-base para a produção de grafos. No caso do grafo de atores, ele é gerado a partir do vínculo do nome de usuário (mencionado nos textos das mensagens) com o termo-base da busca, refugiados, e com outros usuários, a partir de citações.

O interessante das citações está em observar o próprio mecanismo de poder por meio dos discursos nas redes sociais: esses atores que aparecem nos grafos podem não ter posts no *corpus* de análise, porque não estão entre as páginas fortes que a plataforma rastreia; no entanto, são fortalecidos nas redes por meio de outros atores que, com seu poder e influência (seja por número de seguidores ou pela reputação advinda da indicação de outros), podem contribuir para dar visibilidade a determinados discursos, bem como às pessoas e instituições que os proferem.

Para visualizar essas relações, é utilizado o arquivo minerado, em formato de gráfico (GEXF), que envolve os atributos de um gráfico, como os nós e arestas necessários para gerar um grafo. Esse arquivo, por sua vez, passa a ser trabalhado no software Gephi (2021), que indica, visualmente, esses atores, que aparecem como nós, e a relação entre eles, indicada por arestas. O tamanho de um nó indica a sua importância naquele *corpus*, medida por sua presença e sua relação com outros nós.

As relações mais fortes são identificadas pelos atores com a mesma cor, formando uma perspectiva. Ao mesmo tempo, a proximidade ou distanciamento entre os atores podem ser identificados pela posição em que eles se encontram no grafo. Nesta análise, foram considerados 23.665 atores, que estabeleceram 37.941 relações entre eles. A partir do que se destaca no grafo – seja ele de atores, léxicos, *hashtags*, *links* ou outro elemento –, buscamos no arquivo CSV tais ocorrências, para entender melhor os elementos reincidentes e o ambiente em que se apresentam. A partir disso, partimos para a análise de alguns discursos específicos, em seu ambiente, conforme propõe Paveau na Análise do discurso digital, considerando não só o texto, mas todos os recursos que a plataforma e o algoritmo proporcionam.

No caso da análise de atores, uma das características que precisa ser considerada é a integração de plataformas, possibilitando que um post feito para o Instagram seja compartilhado também no Facebook. Dessa forma, os usuários citados podem ser tanto de uma rede quanto de outra, ensejando, sempre que necessário, essa verificação do perfil dos usuários em ambas. Assim, há ocorrências de que algumas páginas do Facebook repliquem posts originalmente do Instagram: são plataformas diferentes e portanto, conforme Paveau (2021) propõe, escolhemos o tecnogênero da mensagem no Facebook, porém, considerando que as “arrobas” dos perfis citados podem ser de usuários do Instagram.

Análise

No estudo das controvérsias nas redes sociais, os grafos são ferramentas úteis para identificar convergências e divergências. O mais comum, para essas análises, é utilizar o comando do Gephi “”=Force Atlas 2” para mostrar essa correlação de forças e, em temas polêmicos ou ideologicamente marcados, as diferentes perspectivas não costumam se sobrepor. Já o assunto que analisamos e a janela temporal escolhida nos coloca numa situação diferente: as diferentes perspectivas se sobrepõem, como se vê na Figura 1, o que indica que não há um grau de controvérsia forte nas publicações sobre refugiados nas redes sociais no período 2020-2021. É possível ver uma proximidade entre atores de perspectivas diferentes, o que indica que há diálogo entre eles (por meio de citações em posts).

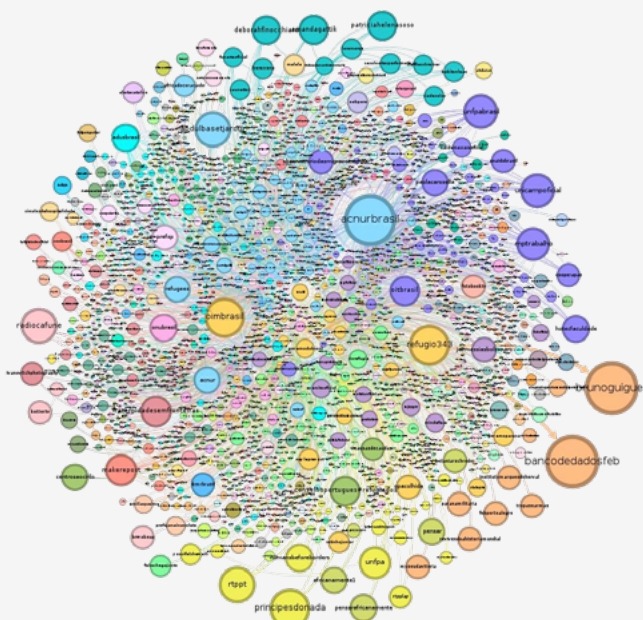
O @acnurbrasil, da seção brasileira da Agência das Nações Unidas para os Refugiados, é o que aparece em maior destaque na posição central, reafirmando o seu protagonismo frente à temática, conforme já destacado em trabalho anterior, que se dedicou a analisar os léxicos e identificou discursos atrelados a pandemia, direitos humanos, conflitos na Síria e crise venezuelana (NEVES-HORA, 2022).

Entre as páginas mais relevantes para a temática no período de 2020 e 2021, também se encontram as organizações Médicos Sem

Fronteiras, ONU Brasil, Organização Internacional para as Migrações (OIM), Fraternidade Sem Fronteiras, Unicef Brasil, ACN – Ajuda à Igreja que Sofre, Refúgio 343, dentre outras. É possível notar que, além do viés humanitário predominante nas redes, há também a presença de contas e páginas sobre áreas de conhecimento especializadas, como Geografia Geral, História Islâmica, Banco de Dados da FEB e Almanaque Militar, assim como de veículos de mídia como CNN Brasil, Mídia Ninja, Estadão e UOL, dentre outros. Tais presenças ressaltam a importância dos diversos atores na construção e circulação de discursos em favor do acolhimento dos refugiados e migrantes e no combate à xenofobia.”

Figura 1: Atores

Fonte: Crowdtangle / Ford / Gephi



É possível ver também, na Figura 1, a grande profusão de perspectivas a serem analisadas – 18 delas

foram identificadas compondo pelo menos 1% das relações entre os nós do grafo (cada nó representa um usuário/página). Para conseguir aprofundar e destacar o papel de alguns grupos de atores em relação aos refugiados, no entanto, consideramos produtivo visualizar os dados no formato “Circle Pack Layout”, que separa cada uma das perspectivas (Figura 2).”

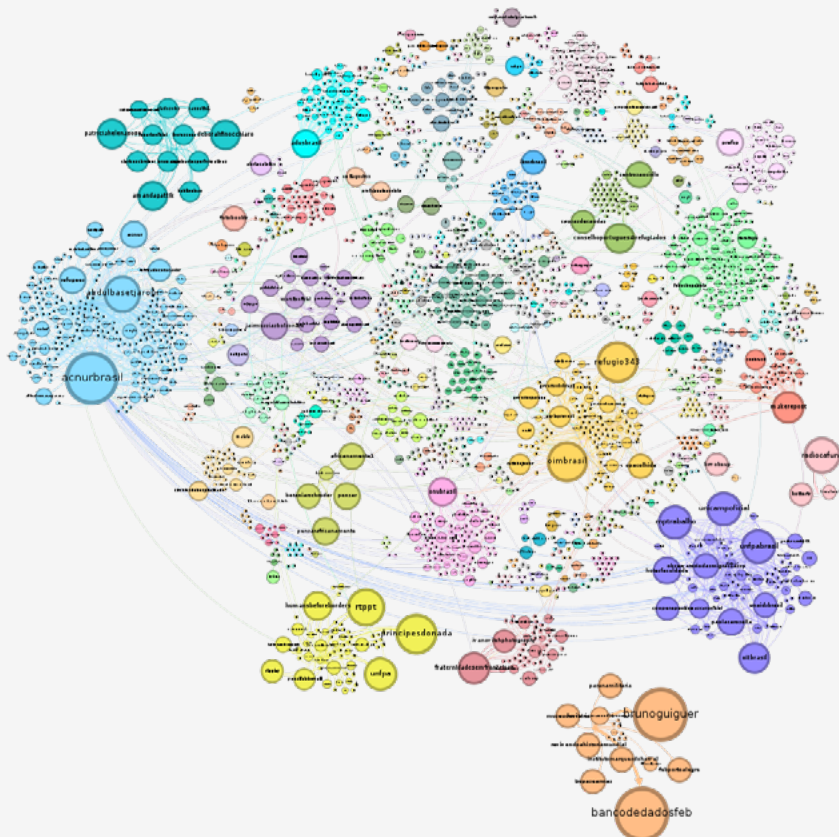


Figura 2: Atores separados por perspectivas
Fonte: Crowdtangle / Ford / Gephi

A perspectiva que mais se destaca é a azul (realçada a seguir na Figura 3), onde está o usuário @acnurbrasil, que representa 8,37% das relações entre os nós. Outros atores presentes nesse grupo são @refugees (habilitada apenas no Instagram), @acnur e @unicef, correspondentes às agências da Organização das Nações Unidas para refugiados (em inglês em português) e para a infância, respectivamente, e @antonio gutierrez, o diretor-geral da ONU.

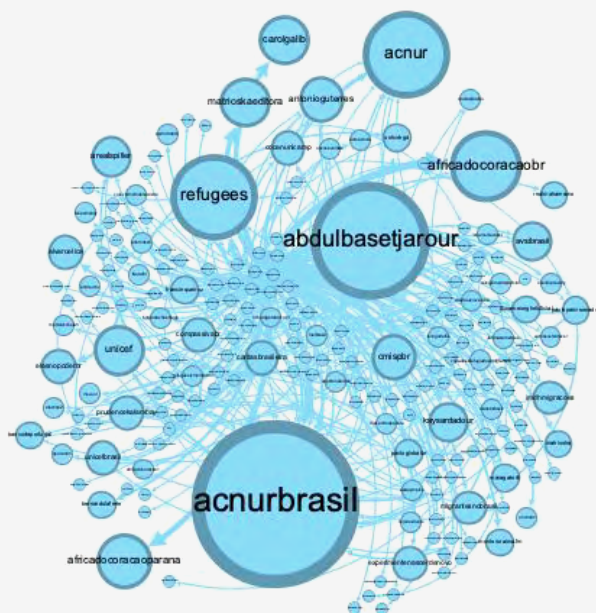


Figura 3: Perspectiva refugiados e influenciadores
Fonte: Crowdtangle / Ford / Gephi

Ainda na perspectiva de mais destaque, é possível verificar a centralidade de alguns atores refugiados, como o sírio @abdulbasetjarour, que reside em São Paulo desde 2014 e preside a organização não

governamental (ONG) Identidade Humana, e o ator @kaysardadour, ex- participante do programa de TV No Limite, na edição de 2021. Outros artistas aparecem no grupo, como @arealspiller (a atriz Leticia Spiller) e @xuxamenegheloficial, ao lado de refugiadas como @franciequeiroz, @carolgalib e @prudencekalambay, reforçando a importância de que pessoas e instituições que promovem e apoiam o acolhimento aos refugiados, bem como páginas temáticas (por exemplo, @africadocoracaobr, do Instagram), deem visibilidade à causa. Nos artigos que revisamos, desses atores com influência, a única que teve sua página analisada foi Prudence Kalambay (Seimoha, 2022) que, no entanto, não aparece em posição tão destacada no grafo.

O segundo grupo com mais destaque na Figura 2 é o amarelo, que se encontra na área central, com 3,93% das citações do corpus (ou das relações entre nós do gráfico). Destacam-se ali as organizações da área de migração, como @oimbrasil e @refugio343, além de representantes brasileiros da área de governo e estado, como @opacolhida (da Operação Acolhida, responsável por reassentar os refugiados no território brasileiro), @governodobrasil, @governoparana, @governodoamazonas, a deputada federal @carlazambelli, o governador paranaense @ratinhojunior e o deputado paranaense @neyleprevost – que até março de 2022 ocupou o cargo de Secretário de Família Justiça e Trabalho no Paraná¹⁶ (@sejusftr também aparece nessa perspectiva), juntamente a outras organizações sociais, artistas e políticos.

Para esta análise, também consideramos relevante observar a perspectiva lilás (ao centro e à esquerda do gráfico), na qual se encontra o presidente do Brasil à época, @jairmessiasbolsonaro, juntamente a atores militares, como @faboficial, @mindefesa e @exercitooficial, ex-militares que se tornaram políticos de extrema-direita, como @genheleno e @vprhamiltonmourao, órgãos de justiça como @mptoficial, @mjspgov e @policiafederal e páginas de direita e extrema-direita, como @nasruasbr, @aliancapelobrasil, @republicadecuritiba, @mavancabrasil e @aliancapelobrasil. Tal perspectiva reflete um grupo alinhado ideologicamente em torno de Bolsonaro, que repercute sua

¹⁶ “Informação do próprio secretário em sua rede social: <https://www.facebook.com/amigoneyleprevost/posts/pfbidOvYMzL6BUq7zu1RNpavoGBviGQaLKDUPLM7WDtFmQ4fMehBSE5TkkuU2ZEtTivCsZnl>, acesso em 24 jul. 2023.”

visita a Roraima, em outubro de 2021¹⁷, a atuação das Forças Armadas no acolhimento aos refugiados e políticas sociais de inclusão, principalmente em viés crítico às cotas universitárias que atendem a ex-detentos e também a refugiados (opondo-se a vagas para os ex-presos).

É possível verificar o impacto das ações e governos locais nas perspectivas verde fluorescente da Figura 2 (à direita, acima, referente ao Rio de Janeiro) e rosa claro (logo acima da verde fluorescente, sobre São Paulo). Outros grupos menores remetem aos estados do Pará e de Pernambuco. O papel da mídia também aparece no grafo, tanto a alternativa (perspectiva cereja, no alto, à esquerda, com destaque para vários perfis da Mídia Ninja e para a Repórter Brasil), quanto a tradicional (a perspectiva laranja, à direita, reúne usuários que tratam da volta do talibã ao governo do Afeganistão, com protagonismo da @cnnbrasil, junto ao @quebrandootabu.

Em várias das perspectivas, nota-se a presença de organizações da sociedade civil em parceria com refugiados, dentre as quais destacamos a perspectiva roxa (abaixo, à direita), de atores que se mobilizaram no início da pandemia em prol da fabricação de máscaras para gerar renda para refugiados. Se uniram em prol dessa causa a Universidade Estadual de Campinas (@unicampoficial), as agências internacionais @oitbrasil, @unfpa e @unaidsbrasil e o Ministério Público do Trabalho (@mptbrasil), dentre outros atores. Da mesma forma, ao outro lado do grafo, acima à esquerda, a perspectiva azul fluorescente, que tem protagonismo da ONG @adusbrasil, reúne atores que se mobilizaram em prol da arrecadação e doação de alimentos para essa população.

Outro aspecto que não se conformou em uma única perspectiva, mas que permeia todo o grafo, é a forte presença religiosa, com atores como @padrejuliolancellotti, @padreomaroficial, @pefabiodemelo, @AlertaCatolico, @Igrejaplena, @esperancaigreja, @igrejadesantacher, @visaomundialbrasil e 16 diferentes páginas associadas à @caritasbrasileira, dentre outros, com um viés comum de dar apoio, no âmbito local ou nacional, às pessoas em vulnerabilidade.

17 Por exemplo, no post publicado em <https://www.facebook.com/456667165070089/posts/1089491455120987>. Acesso em: 25 jul. 2023.

Em relação às pessoas físicas, os mais citados no corpus foram Abdelbaset Jarour e Jair Messias Bolsonaro. Em relação a Jarour, os aspectos predominantes de discursos associados a ele são o combate à xenofobia, a integração, diversidade, a inclusão, a igualdade de gênero e o diálogo. Nesse sentido, é representativo o post da deputada estadual de São Paulo Erica Malunguinho (Imagem 1), do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e titular da “mandata”, um mandato coletivo e feminista, registrando uma reunião com um grupo de refugiados com a participação do líder sírio¹⁸.

A imagem que acompanha o post é de um grupo diverso, com a presença de homens, mulheres e crianças – o que se complementa com a legenda que mostra que os participantes vieram de vários países. Além disso, mostra que o grupo respeita as regras de isolamento social, ao utilizar máscaras durante o encontro. Os posts que observamos contam com poucos comentários¹⁹ e um número maior de curtidas, o que demonstra um apoio do público que os acessou, porém, sem necessidade de registrá-lo de forma mais ostensiva.

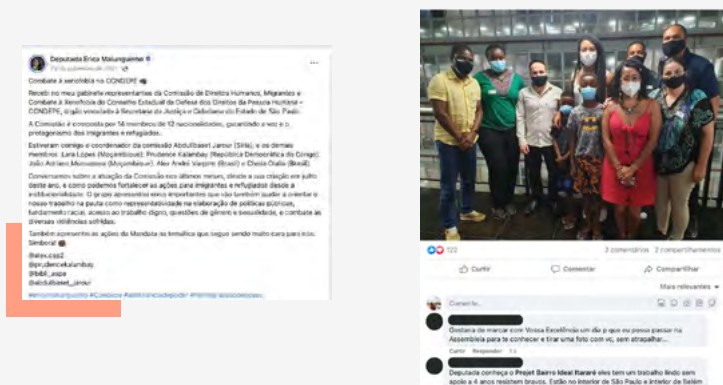


Figura 4: Post que cita Abdelbaset Jarour

Fonte: Reprodução / Facebook

18 Disponível em: <https://www.facebook.com/2061936637354599/posts/2970515569830030>, acesso em: 24 jul. 2023

19 Os comentários de pessoas que não são autoridades foram desidentificados.

Já em relação aos posts que citam Bolsonaro, além do aspecto militar já comentado, predomina o discurso anticomunista, associando a acolhida aos venezuelanos aos problemas que o governo de Nicolás Maduro causa na Venezuela. Nessas publicações, os bolsonaristas buscam associar o modelo do país vizinho ao dos governos brasileiros do Partido dos Trabalhadores. Um exemplo é a publicação da deputada federal Carla Zambelli²⁰, do Partido Liberal, eleita por São Paulo, em que ela reproduz um post (faz um “#repost”) da então ministra dos Direitos Humanos e da Família, Damares Alves (Imagem 2).

Na mensagem, Zambelli parabeniza Bolsonaro “por acolher as vítimas da ditadura instalada na Venezuela!”. A imagem é um card, com fundo vermelho, que traz uma foto de Bolsonaro acompanhado do Alto Comissário para os Refugiados da ONU, Filippo Grandi, e de crianças refugiadas, registrada em visita a Roraima. No texto do card, escrito em branco e amarelo, há, em destaque, “ACOLHENDO AS **VÍTIMAS DO SOCIALISMO**” (grifo do card), e, em seguida, uma frase indicativa dos elogios de Grandi à Operação Acolhida. Nos comentários, tanto o público quanto Zambelli se aproximam do discurso religioso, associando as ações de Bolsonaro aos “ensinamentos de Jesus Cristo”.

77

Nota-se, em todo o *corpus*, que o discurso religioso é sempre favorável à acolhida aos refugiados. No entanto, chama a atenção que os políticos de extrema-direita também se manifestem favoráveis a essa acolhida – diferentemente do que se constata em estudos realizados na Europa. Por outro lado, no Brasil, vive-se atualmente uma forte associação de discursos religiosos com discursos de extrema-direita. Esse fato, somado a que a maior parte dos refugiados no Brasil migrou a partir da Venezuela (cujo governo é esquerda e com relação com a esquerda brasileira).

Mais um motivo para essa sobreposição de discursos políticos em apoio aos refugiados vem do outro grande grupo que chegou ao Brasil nos dois anos analisados: os afegãos, que deixaram o país por perseguição religiosa do Talebã, que retomou o poder. A perseguição religiosa aos cristãos também é parte do discurso político da extrema-direita

20 Disponível em: <https://www.facebook.com/198620036895177/posts/4774650455958756>. Acesso em: 24 jul. 2023.

brasileira, o que reforça o posicionamentom discursivo desse grupo em prol dos refugiados.



Figura 5: Post que cita Jair Bolsonaro
Fonte: Reprodução / Facebook

Nos posts muito identificados com algum grupo, seja ele o de refugiados ou o de apoiadores de Bolsonaro, não se notam discursos de opositores ou discursos xenofóbicos e de ódio. Estes aparecem em publicações de meios de comunicação²¹ ou de agências internacionais²², em que usuários naturalizam o fato de as condições de vida dos refugiados serem piores que as dos brasileiros, ou mesmo chegam a questionar iniciativas de fornecer-lhes recursos necessários à sua sobrevivência em um momento tão crítico como o da pandemia de Covid-19.

21 Por exemplo este post da CNN sobre os salários dos refugiados serem inferiores ao do restante dos brasileiros, disponível em <https://www.facebook.com/413236892771015/posts/1204660433628653>, acesso em 25 jul. 2023.

22 Como analisado em Neves-Hora (2022).

Assim, compreendemos que, apesar de não haver no corpus analisado uma controvérsia, com duas ou mais perspectivas claramente em oposição ou disputa, o método perspectivista contribui para a Análise do discurso digital sobre refugiados ao dar visibilidade a elementos em comum entre determinados atores, indicando relações de poder e de discurso.

Considerações finais

A partir do levantamento bibliográfico realizado e da análise efetiva dos atores em um corpus com mais de 20 mil posts, foi possível perceber que ainda há lacunas na análise de discursos sobre refugiados. Assim, o estudo de AD Digital no Facebook sobre este grupo, apoiado no Método Perspectivista, contribui para dar visibilidade aos atores cujos discursos impactaram a sociedade.

A análise nos permitiu verificar, nos anos iniciais da pandemia de Covid-19, a centralidade do papel das organizações internacionais e das ONGs nos discursos sobre refugiados e a importância de os influenciadores digitais apoiarem essa causa, complementando o que havíamos indicado em estudo anterior, centrado nos léxicos (Neves-Hora, 2022). Os grupos supracitados, junto com instituições de governo e de Estado nacionais e locais e algumas autoridades, contribuem para dar visibilidade não só à causa, mas também a perfis de refugiados, ampliando o alcance dos discursos deles e colocando-os como protagonistas da causa.

Num momento sócio-histórico em que os discursos se encontram altamente polarizados, chama a atenção o fato de não haver uma controvérsia principal em relação ao tema no país. Isso pode ser uma oportunidade para favorecer discursos acolhedores em detrimento dos discursos xenófobos. Ao mesmo tempo, mostra a importância dos estudos locais sobre temáticas globais.

Ressaltamos, ainda, a sobreposição dos discursos político e religioso em relação às migrações. Se por um lado isso tem levado a um amplo público favorável ao acolhimento dos refugiados, pesquisadores

recomendam evitar a associação do refúgio a aspectos político-ideológicos (idem). Por outro lado, em relação ao aspecto político-ideológico, notamos a ausência de atores do Partido dos Trabalhadores em situação discursiva relevante neste corpus.

Estudos futuros poderão expandir os apontamentos feitos até aqui, debruçando-se sobre perspectivas ou grupos de atores específicos, sobre outros períodos ou outras características do discurso digital possíveis de serem analisadas com apoio do Método Perspectivista. Da mesma forma, uma revisão bibliográfica de estudos em outros idiomas possibilitará identificar aspectos dos discursos relativos aos refugiados ainda não encontrados no Brasil, ou que se diferem das características encontradas em nosso país.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Samuel Vitor Pinto De et al. Facebook como dispositivo para expressar o processo de migração: Revisão integrativa. **Tempus – Actas de Saúde Coletiva**, v. 14, n. 3, 17 jun. 2021. DOI: <https://doi.org/10.18569/tempus.v14i3.2871>. Disponível em: <https://www.tempus.unb.br/index.php/tempus/article/view/2871>. Acesso em: 23 maio 2023.

ARCILA-CALDERÓN, Carlos et al. Refugees Welcome? Online Hate Speech and Sentiments in *Twitter* in Spain during the Reception of the Boat Aquarius. **Sustainability**, v. 13, n. 5, p. 2728, 3 mar. 2021. DOI: <https://doi.org/10.3390/su13052728>.

ÁVILA, Otávio Cezarini. A polidez do “hóspede” como ethos do influenciador migrante. **Revista Extraprensa**, v. 15, n. 2, p. 188–207, 15 dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/extraprensa2022.200018>.

BARONAS, Roberto Leiser; LOURENÇO, Julia. Notas sobre uma possível Teoria da Revascularização Discursiva. **Alfa: Revista de Linguística (São José do Rio Preto)**, v. 66, n. e13708, p. 1–31, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-e13708>.

BUCHOLZ, Laura; DA ROSA, Marluza. Migração, sujeito e espaço digital: marcas da (re)existência na língua do outro. **Porto das Letras**, v. 9, p. 255–274, 2023. DOI: <https://doi.org/10.20873.msed1>.

CROWDTANGLE. Crowdtangle. Disponível em: <https://apps.crowdtangle.com/>. Acesso em: 25 jul. 2023.

DEVLIN, Anne Marie; GRANT, Ciara. The sexually frustrated, the dumb and the libtard traitors: A typology of insults used in the positioning of multiple others in Irish online discourse relating to refugees, asylum seekers, immigrants and migrants. **European Journal of Communication**, v. 32, n. 6, p. 598–613, dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1177/0267323117741081>.

DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas: Pontes, 2018.

FIGUEIRA, Mayra Duarte; NEVES-HORA, Lídia Gurgel; HORA, Daniel. Economia e/ou saúde: uma análise pragmática do posicionamento do governo Bolsonaro no ambiente digital durante a pandemia. **Soletras**, n. 43, 23 jun. 2022. DOI: <https://doi.org/10.12957/soletras.2022.64944>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/64944>. Acesso em: 7 mar. 2023.

G1. Demissões em massa, verificado pago, limite de leitura e mais: tudo que Elon Musk fez no *Twitter* até agora. **G1 Tecnologia**, 9 jul. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/07/09/demissoes-em-massa-verificado-pago-limite-de-leitura-e-mais-tudo-que-elon-musk-fez-no-Twitter-ate-agora.ghtml>. Acesso em: 10 jul. 2023.

GALVÃO, Vanda Késsia Gomes. **Refugiado: que lugar de sujeito é esse? análise do discurso de e sobre refugiados no Brasil**. 2019. 174 f. Dissertação de Mestrado em Linguagem e Ensino – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2019. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/handle/riufcg/6957>. Acesso em: 16 jul. 2023.

GÁLVEZ-RODRÍGUEZ, María del Mar; HARO-DE-ROSARIO, Arturo; CABA-PÉREZ, María del Carmen. The Syrian refugee crisis: how local governments and NGOs manage their image via social media. **Disasters**, v. 43, n. 3, p. 509–533, jul. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1111/disa.12351>. GEPHI. Gephi: the open graph viz platform. Disponível em: <https://gephi.org/>. Acesso em: 2 maio 2021.

HELLER, Bárbara; PERAZZO, Priscila Ferreira; SOUZA, Vinicius. Crianças de Zuwara: imagens censuradas no Facebook. **E-Compós**, v. 19, n. 1, 27 abr. 2016. DOI: <https://doi.org/10.30962/ec.1222>. Disponível em: <https://e-compos.org.br/e-compos/article/view/1222>. Acesso em: 4 jun. 2023.

HELMOND, Anne. The Platformization of the Web: Making Web Data PlatformReady. **Social Media + Society**, v. 1, n. 2, p. 205630511560308, 1 jul. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1177/2056305115603080>.

JUNGER DA SILVA, Gustavo et al. **Refúgio em Números**. 8a ed. Brasília, DF: OBMigra, 2023.

JUNGER, Gustavo et al. **Refúgio em Números**. 7a ed. Brasília, DF: OBMigra, 2022.

KRIEG-PLANQUE, Alice. Fórmulas” e “lugares discursivos”: propostas para a análise do discurso político. In: KRIEG-PLANQUE, Alice. **Fórmulas discursivas**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 11– 40.

LABIC-UFES. Ford. Disponível em: <https://github.com/labic/ford-api-py>. Acesso em: 19 maio 2021.

LARA, Glaucia Muniz Proença; DA ROSA, Marluza; TAUZIN-CASTELLANOS, Isabelle. Migrações e refúgio: abordagens discursivas. **Revista da ABRALIN**, p. 1, 6 dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v20i3.2019>.

LATOUR, Bruno et al. ‘The whole is always smaller than its parts’-a digital test of Gabriel Tardes’ monads: ‘The whole is always smaller than its parts’. **The British Journal of Sociology**, v. 63, n. 4, p. 590–615, dez. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1468-4446.2012.01428.x>.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MALINI, Fábio. Um método perspectivista de análise de rede social: cartografando territórios e tempos na rede. In: ZANETTI, Daniela; REIS, Ruth (Org.). **Comunicação e territorialidades: poder e cultura, redes e mídias** (e-book). Vitória: Edufes, 2017. p. 83–106.

MALINI, Fábio. Um Método Perspectivista de Análise de Redes Sociais: cartografando topologias e temporalidades em rede. In: XXV ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. **Anais....** Universidade Federal de Goiás, Goiânia: [s.n.], 7 jun. 2016. Disponível em: https://www.labic.net/wp-content/uploads/2016/06/compos_Malini_2016.pdf. Acesso em: 23 abr. 2023.

MEDEIROS, J.M.R. A economia de atenção vista através das centralidades em redes formadas pelas conversações do #naovaitercopa. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE COMUNICAÇÃO IBERCOM, 14, SÃO PAULO, São Paulo. **Anais....** São Paulo: ECA-USP, 2015. p. 3064–3083.

MIRANDA, Liriane de Jesus. A migração venezuelana no Brasil e a

utilização da rede social Facebook no processo de integralização dos imigrantes. 2022.

MOURA, Raphael Michels Fantinato De; SOUZA, Martha Julia Martins De. O venezuelano invasor em Boa Vista – RR: uma Análise Crítica dos Discursos de Ódio no Facebook. **Revista X**, v. 14, n. 6, p. 44, 28 dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.5380/rvx.v14i6.65739>.

NEVES-HORA, Lidia Gurgel. Refugiados e Covid-19: uma Análise do discurso digital na rede social Facebook. In: MOREIRA, Julia Bertino (Org.). **Migrações forçadas e refúgio na América Latina durante a pandemia de Covid-19**. São Paulo: Centro Brasileiro de Estudos da América Latina-CBEAL, Memorial da América Latina, 2022.

NEVES-HORA, Lidia Gurgel; CAVALCANTI, Camilla Reisler; MALINI, Fábio. #JustiçaporMoise: atores e interseccionalidades nos discursos digitais do macromovimento antirracista. In: TOMAZI ALMEIDA, Micheline Mattedi (Org.). **Estudos do Discurso e Compromisso Social**. Serra: Editora Milfontes, no prelo. p. 155–184.

NEVES-HORA, Lidia Gurgel; CAVALCANTI, Camilla Reisler; MIRANDA COSTA, Ana Paula. O”” bolsonarismo”” no Facebook a partir da perspectiva das fórmulas discursivas. **Calidoscópio**, v. 19, n. 3, 2021.

NEVES-HORA, Lidia Gurgel; DELIMA, Fabio Luiz Malini. Digital discourse analysis about refugees in Brazil: contributions from Perspectivist Method. In: 9TH CONFERENCE ON COMPUTER-MEDIATED COMMUNICATION (CMC) AND SOCIAL MEDIA CORPORA, Santiago de Compostela. **Book of Abstracts. CMC2022...** Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela, 2022. p. 64–65. Disponível em: <https://www.usc.gal/export9/sites/webinstitucional/en/congresos/cmc2022/download/Bookofabstracts.pdf#page=64>.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Em Aberto**, 1994. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2250>. Acesso em: 23 ago. 2022.

PAVEAU, Marie-Anne. A resignificação na web social: princípios teórico-metodológicos. In: PAVEAU, Marie-Anne; COSTA, Julia Lourenço; BARONAS, Roberto Leiser. **Resignificação em contexto digital**. São Carlos-SP: EdUFSCar, 2022. p. 8–57.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas**. Campinas: Pontes, 2021.

PAVEAU, Marie-Anne. L'alternative quantitatif/qualitatif à l'épreuve des univers discursifs numériques. **Corela**, n. HS-15, 15 out. 2014. DOI: <https://doi.org/10.4000/corela.3598>. Disponível em: <http://journals.openedition.org/corela/3598>. Acesso em: 7 mar. 2023.

PAVEAU, Marie-Anne. Le discours des vulnérables. Proposition théorique et politique. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 18, n. 1, p. 135–157, 2017. DOI: <https://doi.org/10.26512/les.v18i1.1571>.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F. ET AL. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Pontes, 1997. p. 61–161.

RECUERO, Raquel et al. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre, RS: Editora Sulina, 2015.

RECUERO, Raquel. **Introdução à análise de redes sociais online**. Salvador: Edufba, 2017. RIBEIRO, Cristiane. Big techs agem para impedir aprovação do PL das Fake News. **Agência Brasil**, 2 maio 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-05/big-techs-agem-para-impedir-aprovacao-do-pl-das-fake-news>. Acesso em: 10 jul. 2023.

SANTOS, Nuno; SOUSA, Lúcio; VIEIRA, Cristina. A chegada de refugiados a Portugal em 2015 – olhares nas redes sociais em media portuguesas face à “crise”. **E-Revista de Estudos Interculturais do CEI-ISCAP**, v. 8, 2020.

SANZOVO, Claudia Cristina. Tecnologia digital e aprendizado da língua portuguesa entre imigrantes e refugiados no Brasil. **Revista Entrepalavras**, v. 11, n. 3, p. 75–89, dez. 2021.

SEARA, Isabel Roboredo; CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. Barbarus ad portas: a agressividade verbal em comentários na rede social Facebook. **Comunicação e Sociedade**, v. 38, p. 139–160, 23 dez. 2020. DOI: [https://doi.org/10.17231/comsoc.38\(2020\).2588](https://doi.org/10.17231/comsoc.38(2020).2588).

SEIMOHA, Karine Rodrigues. **A inserção de quatro mulheres refugiadas no estado de São Paulo através do Facebook**. 2022. 95 f.

Dissertação de Mestrado em Comunicação Social – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo-SP, 2022. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/2195/2/KARINE%20SEIMOHA%202.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2023.

SILVA, G. J. et al. **Refúgio em Números**. 6a ed. Brasília, DF: OBMigra, 2021. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros>.

UNHCR. Global trends: forced displacement in 2022. [S.l.]: UNHCR. Disponível em: <https://www.unhcr.org/global-trends-report-2022>. , 2023

VAN DIJK, Teun A. **Antiracist discourse: Theory and history of a macro-movement**. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

VENTURINI, Tommaso; LATOUR, Bruno. O tecido social: rastros digitais e métodos quali-quantitativos. In: VENTURINI, Tommaso; LATOUR, Bruno. **Métodos Digitais: teoria-prática-crítica**. Lisboa: ICNOVA — Instituto de Comunicação da Nova Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade NOVA de Lisboa, 2019. p. 37–46.



**Enunciadores
de dados:** o uso
de inteligências
artificiais é capaz
de pasteurizar
sujeitos de dados?

Enunciadores de dados: o uso de inteligências artificiais é capaz de pasteurizar sujeitos de dados?



Jackelin Wertheimer Cavalcante
(PPGL-UFSCar/CNPQ)

Primeiras palavras: sobre a memória e o sujeito de dados

Neste capítulo discutiremos, ainda que ensaísticamente, uma possível faceta do conceito de *sujeito de dados*, elaborado, em 2018, por Cristiane Dias em sua obra *Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo*. Nossa questão basilar é pensar o conceito de *sujeito de dados* de maneira ampla, levando em conta novas complexidades impostas pela popularização e pela exacerbação dos processos de promoção e utilização, para os mais diversos fins, das Inteligências Artificiais (doravante IAs). Para isso, é necessário entender o sujeito de dados para além daquele que, em tempo real, constitui-se e constrói o sentido de seus enunciados a partir da contínua capitalização de seus dados (atividades languageiras, hábitos, interesses, geolocalização, conexões profissionais e pessoais, posicionamentos políticos, sociais e ideológicos, necessidades, vulnerabilidades etc.) pelas *big techs* ao utilizar dispositivos tecnológicos e sistemas ou plataformas digitais. Para acrescentar a devida complexidade adicionada por determinados usos de IAs para a produção e circulação de discursos, é necessário vislumbrar a possibilidade de atribuir circulação de discursos a sujeitos que, empiricamente, não existem nem são mais capazes de enunciar e, consequentemente, produzir efeitos sentidos. Tais enunciadores, (re)criados por IAs e produzidos por meio de dados

diversos, podem, então, estar sendo transformados em um novo tipo de locutor angélico, isto é, um ser sem existência corpórea e que só existe em função de uma determinada enunciação e que se materializa por meio da atividade de trabalho de profissionais especializados. Para realizar tal análise, utilizaremos como material o comercial VW 70 anos | Gerações | VW Brasil, estrelado por uma imagem criada com a ajuda de determinado tipo de IA, da cantora Elis Regina e sua filha, a também cantora Maria Rita, esta filmada presencialmente. Além disso, perpassaremos a repercussão que a peça gerou em redes sociais, em particular no YouTube, que tem no vídeo sua forma principal de escritura. A análise será perquirida por meio da mobilização dos conceitos de *sujeito de dados*, conforme concebido por Cristiane Dias, e locutores angélicos. (Maingueneau, 2015);

O conceito de *sujeito de dados* emerge em um contexto político e ideológico em que o funcionamento da memória na produção dos sentidos passa pela escritura de si em redes sociais. Dessa maneira, seu funcionamento se dá a partir da organização ou mesmo pela seleção de posts realizada pelas big techs “segundo critérios algorítmicos, em um feed de notícias” (Dias, 2018, p.157). Assim, as tecnologias influenciam, direta ou indiretamente, a subjetivação pelo digital. Nessa esteira, Cristine Dias pontua que o ato de “postar” é, particularmente, “significado pela ideia de circulação. Uma postagem tem que circular. É pela circulação que se dá sua eficácia tecnológica, sendo a viralização o grau máximo dessa eficácia” (Dias, 2018, p. 158), ainda que este fenômeno não garanta a historicização do sentido e sua consequente influência na inscrição dos discursos na memória.

Essa questão é crucial para a discussão sobre discursos que circulam no e pelo digital, uma vez que os “efeitos de sentido produzidos por seu modo de inscrição histórica são os da eficácia e da transparência técnica que o significa como algo que não falha” (Dias, 2018, p. 160). Nessa esteira, a autora retoma o conceito de memória metálica. Proposto por Eni Orlandi em 1998, ele diz respeito aos aspectos técnicos envolvidos na circulação dos discursos, como os *softwares* e as tecnologias de armazenamento em nuvem, com os quais o sujeito se relaciona e se constitui em suas relações com as mídias digitais.

Ao procurar avançar com a conceituação de Orlandi, Dias debruça-se sobre uma possível relação de contradição entre a memória discursiva,

ao que chama de memória digital. Este conceito descreve um tipo de memória que, ainda que diferente, está intrinsecamente ligado à *memória metálica*, bem como à memória discursiva. Isso ocorre porque, segundo a autora,

se, por um lado, a memória metálica funciona pela quantidade, pela possibilidade de processamento e armazenamento de dados, por outro lado, a memória digital é um resíduo que escapa à estrutura totalizante da máquina e se inscreve já no funcionamento do discurso digital, pelo trabalho do interdiscurso. (DIAS, 2018, p. 161)

A memória digital escapa, portanto, às atualizações tecnológicas implicadas pela dimensão técnica da memória metálica, inscrevendo-se, desse modo, na memória discursiva por meio do interdiscurso. Ela instala-se, dessa maneira, entre as “operações de coerção discursiva e de instrução semântica” (Paveau, 2021, p. 40) e aquilo que há de mais humano nas enunciações, a própria liberdade de pensamento. Trata-se de uma relação com a memória que, se por um lado, é da ordem do dado, organizado pelo algoritmo, e do político, por outro, é desorganizado por *links*, comentários, compartilhamentos etc. Assim, a memória digital é capaz de articular o simbólico e o político, construindo sentidos que, de acordo com o próprio funcionamento do interdiscurso, só podem ser compreendidos em suas relações históricas, sociais e políticas.

Não podemos, contudo, furtar-nos à necessidade de compreender as formas históricas de assujeitamento na sociedade contemporânea, permeada pelo digital, pela plataformização da forma de organização social em que estamos inseridos e pelo extrativismo de dados sobre o cotidiano de sujeitos-consumidores, que grandes empresas realizam continuamente e em tempo real. Tais sujeitos, simultaneamente consumidores e consumidos, são, desse modo, convertidos em sujeitos de dados, tornando-se continuamente monitorados e rastreados pelas *big techs*. Estas passam a conhecer e organizar, segundo suas necessidades comerciais e modelos de negócio, os hábitos de consumo, preferências, percursos e históricos de deslocamento pelos espaços urbanos e qualquer tipo de informação necessária para que o Mercado consiga regular a vida social e as condutas dos sujeitos de dados. Tudo

sob o véu de uma pretensa transparência, inscrita em formações discursivas que insistem em afirmar que todo o conhecimento já produzido pela humanidade está disponível (e pode ser consumido por qualquer sujeito de dados) na internet.

É, contudo, sabido que existe uma opacidade em relação ao funcionamento de aparatos tecnológicos como os algoritmos, principalmente aqueles por trás dos diversos tipos de IA. Quando falamos em IAs do tipo Modelos de Linguagem, a exemplo do popular Chat GPT ou mesmo os autocorretores e ferramentas de predição de palavras em teclados de celulares, nos referimos a sistemas treinados para tarefas como

prever a tendência de uma variável (caracteres, palavras ou strings²³) dado o contexto anterior ou (...) o contexto ao seu redor. Tais sistemas não são supervisionados e, quando utilizados, tomam um texto como dado de entrada, normalmente respondendo com pontuações ou previsões de conteúdo textual (Bender *et al*, 2021, p. 611)²⁴.

Desse modo, podemos compreender que os modelos de linguagem são um tipo de inteligência artificial feito para “costurar, aleatoriamente, sequências linguísticas presentes em seus vastos dados de treinamento, de acordo com informações probabilísticas sobre como elas se combinam, mas sem qualquer referência ao significado” (Bender *et al*, 2021, p. 617)²⁵.

Tal processo tecnológico, quando utilizado para gerar, automaticamente, textos, falas ou imagens de pessoas que já morreram, pode pôr em xeque a visão mais clássica de um processo de individualização do sujeito de dados. Isso porque as circulações geradas por IAs não são fundadas em um objetivo comunicativo da máquina, mas apenas uma resposta simultaneamente preditiva, estatística e automática a

23 Em computação, entende-se por string um tipo de variável que guarda, em si, informações textuais, composta por caracteres de diversas naturezas, como letras, símbolos ou mesmo combinações de símbolos, como emoticons, que ao serem digitados tornam-se emojis.

24 No original em inglês: “predicting the likelihood of a token (character, word or string) given either its preceding context or (in bidirectional and masked LMs) its surrounding context. Such systems are unsupervised and when deployed, take a text as *input*, commonly outputting scores or string predictions”. Tradução nossa.

25 No original em inglês: “haphazardly stitching together sequences of linguistic forms it has observed in its vast training data, according to probabilistic information about how they combine, but without any reference to meaning”. Tradução nossa.

uma interação humana primeira, essa, sim, dotada de significado, intencionalidade e inscrita em formações discursivas específicas. Isso quer dizer que, no contexto da enunciação produzida por uma IA, apenas o *input*, isto é, o estímulo inicial dado à IA, é feito sob a égide do funcionamento do interdiscurso, em suas relações históricas, sociais e políticas.

Para Bender *et al* esse é um fato contraintuitivo, uma vez que os textos gerados automaticamente estão cada vez mais coesos, coerentes e plausíveis. Contudo é necessário levar em conta o fato de que nossa percepção do texto em linguagem natural, independentemente de como foi gerado, é mediada por nossa própria competência linguística e nossa predisposição para interpretar atos comunicativos como transmitindo significado e intenção coerentes, quer eles o façam ou não. O problema é que, se um lado da comunicação não significa, a compreensão do significado implícito é uma ilusão decorrente de nossa compreensão humana singular da linguagem (Bender et al, 2021, p. 616)²⁶.

Trata-se, portanto, de uma tecnologia que permite “atribuir enunciados escritos, ou orais a seres que não são propriamente sujeitos falantes, mas o que se poderia chamar de locutores angélicos” (Maingueneau, 2015, p. 177), seres que surgem e desvanecem ao sabor da duração dos enunciados que proferem, sendo, assim, seres “associados a mensagens elementares: pré-formatadas, estáveis em seu significante” (Maingueneau, 2015, p. 178), ainda que possam estar associados a uma figura antropomórfica.

Para Maingueneau, esse tipo de enunciador é dotado de três características essenciais:

- Não fala por iniciativa própria, mas apenas em resposta a um *input* de outrem, constituindo-se em um “simples portador de mensagens” (Maingueneau, 2015, p. 177);
- Não tem um corpo empírico;

26 No original em inglês: “we have to account for the fact that our perception of natural language text, regardless of how it was generated, is mediated by our own linguistic competence and our predisposition to interpret communicative acts as conveying coherent meaning and intent, whether or not they do”. Tradução nossa.

- É dotado de uma existência condicionada exclusivamente à atividade de fala.

Quando falamos de artistas já falecidos, referimo-nos a sujeitos de dados que não podem mais enunciar por iniciativa própria. Sendo assim, tais sujeitos estão, de certa forma, à margem do processo de individualização de sujeitos pelo capitalismo de plataforma, uma vez que foram forjados em outro contexto sócio-histórico e político, anterior ao momento atual. Não se pode negar, contudo, que as obras e a militância de tais atores sociais geraram dados que, ainda atualmente, produzem efeitos de sentido e até mesmo acontecimentos discursivos, ao estarem, postumamente, assujeitados à inscrição de seu legado na memória metálica da web: outros sujeitos de dados, atualmente vivos, podem postar registros de artistas falecidos para forjarem suas próprias escrituras. A noção de temporalidade, dispersa e esgarçada pelo técnico da memória metálica, convoca uma “presença virtual”, de dados. O digital traz, portanto, novas “formas de visibilidade, mas também de invisibilidades ou des-visualidades” (Dias, 2018, p.118).

Feita essa breve apresentação do arcabouço teórico e conceitual que serve de alicerce para a presente análise, faz-se necessário apresentar e descrever o corpus sobre o qual nos debruçamos. Isso será feito por meio de capturas de tela e mesmo links por meio dos quais é possível acessar o material analisado: trata-se de páginas da rede social e serviço de streaming YouTube, em sua ecologia tecnodiscursiva, marcada por: caráter composto, não linear, relacional, passível de amplificação e relativamente investigável e imprevisível²⁷.

27 Em sua obra *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*, Marie-Anne Paveau faz um trabalho taxonômico para caracterizar os discursos nativos da Web. A autora elenca seis características básicas dos tecnodiscursos: a composição (o caráter linguageiro, multimodal e técnico da materialidade discursiva), a deslinearização (a hipertextualidade como fator que implica o acesso a outros discursos), a ampliação (a maneira como as funções conversacionais e as ferramentas de escrita colaborativa simultâneas desenvolvem o conteúdo tanto quanto os enunciadores), a relacionalidade (maneira como todos os discursos produzidos na web relacionam-se entre si e com as máquinas, além de só existirem a partir da subjetividade do internauta), a investigabilidade (ligada à possibilidade de rastrear os autores de cada discurso veiculado) e a imprevisibilidade (o assujeitamento dos discursos ao tratamento dos algoritmos e outros internautas, de uma maneira que o enunciador não pode prever). Optamos por relativizar a investigabilidade e a imprevisibilidade em função das inovações e atualizações tecnológicas, às constantes modificações dos termos de uso das plataformas e as políticas de análise e extração de dados pelas plataformas digitais das big techs, que tornam-se continuamente mais opacas e insondáveis, até mesmo devido à magnitude dos bancos de dados e data lakes utilizados.

Pequena descrição e análise da campanha VW 70 anos | Gerações | VW Brasil

Antes de descrever a campanha VW 70 anos | Gerações, é necessário resgatar um pouco da história do anunciante: a fabricante de carros alemã Volkswagen. Com isso buscaremos fazer um entrecruzamento da memória social inscrita em práticas corporativas, que podem fornecer insumos para analisar as derivas que orbitam ao redor da ordem linguística e visual dos enunciados presentes no comercial em questão. Assim será possível observar a relação entre o discursivo posto em circulação e, *a fortiori*, em relação ao audiovisual e ao simbólico em seu processo de significação.

A Volkswagen estruturou-se na década de 1930, na Alemanha nazista. A empresa, à época estatal, tinha como missão corporativa desenvolver um carro popular, objetivo que estava apontado no próprio nome da marca, que traz uma justaposição das palavras “povo” (do alemão *volks*) e “carro” (do alemão *wagen*). Sua sede e até mesmo a cidade que a abrigava foram fruto do projeto hitlerista de ascensão do Terceiro *Reich* e da necessidade de angariar mais apoio popular, materializada pelo conforto e fácil acesso a um dos primeiros modelos automotivos da marca, o Fusca²⁸, modelo produzido até 2003²⁹.

A empresa chegou ao Brasil em 1953, por meio de uma montadora que, a partir de peças importadas da Alemanha, montou as primeiras unidades do Fusca. O carro rapidamente tornou-se popular e possibilitou a instalação da primeira fábrica fora da Alemanha, em São Bernardo do Campo³⁰. Menos de uma década depois, a empresa passou a ter participação ativa e espontânea na ditadura civil-militar, que durou de 1964 a 1985. A colaboração da Volkswagen passou por ações que iam do financiamento do regime e disponibilização de veículos a crimes como submissão de funcionários a risco de prisões ilegais e

28 Vale lembrar que o Kübelwagen, modelo utilitário destinado à infantaria do exército alemão, foi o primeiro automóvel produzido pela Volkswagen, não o Fusca.

29 Informações disponíveis em: <https://www.dw.com/pt-br/opini%C3%A3o-a-volkswagen-e-sua-hist%C3%B3ria-pouco-gloriosa/a-43940851>. Acesso em 21 de julho de 2023.

30 Informação disponível em: <https://canaltech.com.br/empresa/volkswagen/>. Acesso em 21 de julho de 2023.

tortura dentro e fora de suas dependências, passando por atos mais simbólicos, como elogios do presidente da filial brasileira ao golpe militar, em correspondência ao presidente da empresa na matriz alemã. Segundo uma reportagem publicada pela *Deutsche Welle* em 2021,

Logo após o golpe de 1964, diz o relatório, a filial brasileira da Volks compartilhava da ideologia do regime e, a partir do fim da década de 1970, tinha interesses comerciais, ao desejar utilizar o “maquinário repressivo do Estado” para impedir greves. O entendimento dos órgãos é de que tudo era feito não só com o conhecimento da alta cúpula da VW no Brasil, mas também da matriz na Alemanha. (Linder, 2021)

Foi justamente durante os anos 1970, que Elis Regina sagrou-se como a voz política feminina, vinculando fortemente sua imagem à resistência à opressão perpetrada pelo regime militar. Tal processo, vale ressaltar, não se deu repentinamente, nem teve sua gênese no início do regime ditatorial, mas se deu em decorrência de transformações artísticas e pessoais da cantora, que vinha sendo monitorada pelo Exército Brasileiro por atuar ao lado de outros músicos considerados subversivos e gravar músicas de protesto.

O acontecimento discursivo que marca a transição que tornou Elis Regina uma aguerrida militante contra o regime militar, segundo Contente (2017, p. 10), deu-se quando ela foi, de certa forma, obrigada a gravar uma chamada televisiva, na Rede Globo, para a Semana da Pátria e a cantar em outros eventos militares.

Receosa por punições contra ela e sua família, cedeu à pressão dos militares, gesto que seria explorado enfaticamente em veículos como “O Pasquim”, considerado “uma das maiores reações intelectuais à ditadura” (Maria, 2015, p. 228). Elis foi “enterrada” pelo cartunista Henfil na seção em forma de história em quadrinhos “Cemitério dos Mortos Vivos do Cabôco Mamadô”, destino das personalidades que apoiavam a ditadura. O episódio abriria uma hemorragia moral que Elis passaria os próximos anos tentando estancar. (Contente, 2017, p. 10)

Em resposta a tal acontecimento discursivo, Elis Regina passou a gravar canções mais enfáticas, levar caravanas de shows a circuitos universitários e ao interior dos estados do Sudeste brasileiro, além de

cantar para operários em suas próprias fábricas e criticar abertamente, em entrevistas a revistas e redes de televisão, o regime militar, a opressão, o capitalismo, o funcionamento da indústria cultural, entre outros fenômenos políticos, econômicos e sociais, sem furtar-se à utilização de um léxico marxista. Contente (2017, p. 11) afirma que o espetáculo “Falso Brilhante”, que estreou em dezembro de 1975, marcou a consolidação do engajamento político da cantora por meio de 46 canções, entre as quais estava a inédita “Como nossos pais”, composta pelo cantor e compositor Belchior. Essa é, precisamente, a canção que, interpretada por Elis Regina e sua filha, a cantora Maria Rita, serviu como *jingle* para o comercial que marca os 70 anos da presença da Volkswagen no Brasil. O comercial VW 70 anos | Gerações | VW Brasil, assinado pela agência de publicidade Almap BBDO, foi lançado no dia 03 de julho de 2023, marcando um acontecimento discursivo permeado por comentários emocionados, denúncias ao CONAR e *re-acts* diversos, alguns emocionados e muitos indignados.

A peça publicitária em questão foi realizada por meio de filmagens contemporâneas tradicionais, de filmagens que simulam a qualidade de vídeo de gravações dos anos 1970 e da utilização de sistemas de inteligência artificial para gerar imagens de Elis Regina dirigindo uma Kombi dos anos 1970 e cantando a canção “Como nossos pais”. Pelo corte de cabelos e aspecto físico das imagens (geradas por IA) da cantora, podemos perceber que os responsáveis pela campanha utilizaram como base imagens e vídeos da cantora do período em que ela lançou o álbum “Falso Brilhante”. Da mesma forma, os próprios arranjos e masterização da nova gravação, em que Elis Regina canta ao lado de sua filha Maria Rita³¹, mostram-se muito semelhantes à primeira versão da canção, embora o gestual da interpretação de Elis Regina, marcada por muitos sorrisos, em nada se assemelhe àquilo que se pode observar da interpretação dada à canção durante os shows e as apresentações relacionadas à turnê do álbum “Falso Brilhante”.

31 Segundo informações divulgadas em artigo do site Mundo do Marketing, foram utilizados como dados para a confecção da versão *jingle* de “Como nossos pais” registros da gravação em estúdio original da canção. A voz entoada no comercial é, portanto, a de Elis Regina, não tendo sido fruto da utilização de IA, mas apenas de métodos tradicionais de gravação e masterização musical.

Imagem 1 – Captura de tela com frame do vídeo do comercial VW 70 anos | Gerações | VW Brasil

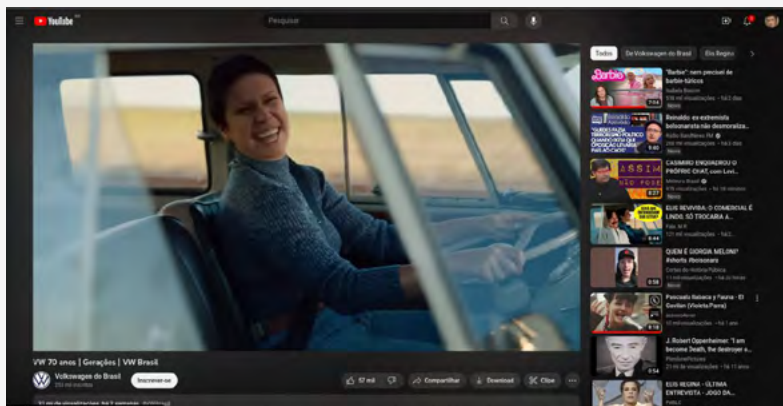


Figura 1: Captura de tela com frame do vídeo de Elis Regina cantando “Como nossos pais”
Fonte: Youtube

97

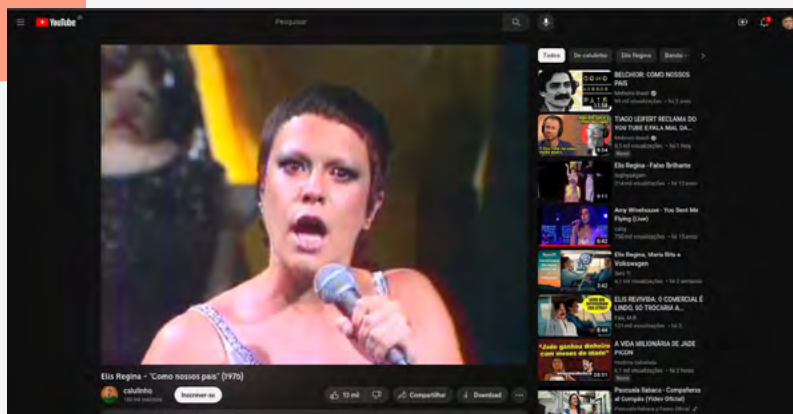


Figura 2: Captura de tela com frame do vídeo de Elis Regina cantando “Como nossos pais” na turnê “Falso Brilhante”
Fonte: YouTube

Segundo artigo publicado veiculado pelo Mundo do Marketing³², a peça publicitária vem causando muito frenesi na internet e tem contado com “comentários emocionados por parte do público, e está sendo celebrada, principalmente, por elementos como a criatividade e a sensibilidade da produção” (Cândido; Oliveira, 2023). A matéria informa também que o comercial

faz parte de uma campanha institucional que comemora os 70 anos da Volkswagen no Brasil, e tem como mote a frase “o novo sempre vem”. No vídeo, a essência do slogan é ilustrada com Maria Rita no comando de uma VW ID.Buzz, uma van elétrica que representa o novo momento da montadora. O veículo é uma releitura moderna da lendária Kombi, que na peça, tem uma unidade pilotada por ninguém menos que Elis Regina. (Cândido; Oliveira, 2023)

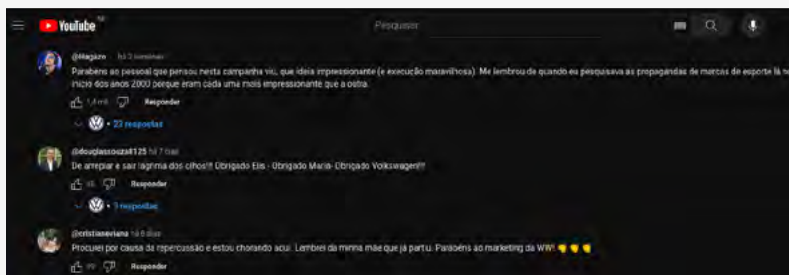
De fato, se observarmos os números relacionados ao vídeo no canal da Volkswagen, percebemos que o vídeo acumula, até o dia 22 de julho de 2023, cerca de 33 milhões visualizações, mais de 57 mil *likes*, nenhum *dislike* e 6.749 comentários. Tais números, pelo próprio funcionamento dos algoritmos do YouTube, favorecem a divulgação do vídeo na plataforma, uma vez que, como sói acontecer nas redes sociais e nos motores de busca em geral, a internet tende a exibir mais frequentemente aquilo que gera mais cliques, comentários e citações por meio de links, aumentando a eficácia tecnológica da circulação e favorecendo a viralização, que é, nas palavras de Dias (2018, p. 158), o grau máximo de eficácia na circulação de discursos *on-line*.

Nesse sentido, a própria ilusão de horizontalidade da internet, conflagrada por uma aparente “horizontalidade dos links, pela ‘inteligência coletiva’ construída pelas trocas e avaliações dos internautas”

32 É importante observar que este é um portal de notícias voltado para profissionais e estudantes de publicidade e marketing, de modo que muitos press releases são enviados por empresas e agências de publicidade como parte de uma estratégia de divulgação da campanha entre profissionais da área, inclusive aqueles responsáveis por anunciantes. Desse modo, não seria enganoso considerar o que o Mundo do Marketing, como hiperenunciador detentor de um ethos mostrado específico, significa os acontecimentos discursivos que provoca ao colocar certos discursos em circulação. Trata-se, pois, de um veículo que está inscrito em formações discursivas específicas, muito alinhadas ao ideário neoliberal, capitalista e até mesmo àqueles a que a Volkswagen (e, por conseguinte e Almap BBDO, enquanto fornecedor de serviços de publicidade) se alinha desde sua fundação.

(Paveau, 2021, p. 43), impõe novos limites e gera polêmicas³³ em relação à memória discursiva construída por Elis Regina e sua militância por meio de uma tentativa de silenciamento que, diferente do que ocorria durante a ditadura militar brasileira, não se dá pela tortura, pela censura ou por agressões, mas por um processo que Orlandi (1999, p. 62-63) define como o esvaziamento de sentidos e uma consequente interdição política de sentidos possíveis e historicamente viáveis. Isso faz com que sentidos possíveis, postos em circulação pela canção “Como nossos pais”, sejam impossibilitados pelo funcionamento de pré-construídos naturalizados, como aqueles mobilizados por dizeres nostálgicos, que trazem “à memória um passado, uma origem para a qual nos voltamos com nostalgia e que desejamos resgatar” (Charaudeau, 2015, p. 16).”

“É possível perceber tal fenômeno de mobilização de sentidos de nostalgia nos comentários mais recentes ao vídeo, frequentemente marcados por emojis de corações e aplausos ao lado de mensagens emocionadas, que mencionam, com nostalgia, lembranças de família, como é possível observar nas capturas de tela com comentários.



33 O presente estudo não entrará nesse mérito, contudo é importante ressaltar que pensamos a polêmica como interincompreensão, cunhado por Maingueneau em sua obra *Gênese dos Discursos* (2008, p. 99-118). A partir dele, compreendemos que a polêmica é uma espécie de tradução regrada de um discurso por outro, a partir de restrições semânticas, que interferem diretamente na formação de sentidos, de acordo com a inscrição dos enunciadores a formações discursivas específicas. Desse modo, pode-se dizer que, se por um lado, certos enunciadores emocionaram-se com o comercial em função da mobilização de memórias afetivas e a mobilização de semas relacionados à família e à tradição que marcaram o período ditatorial brasileiro, deixando de lado aquilo que tomam como “lacração”, por outro, grupos mais progressistas e/ou à esquerda mobilizam semas distintos, retomando a memória dos crimes da Volkswagen durante a ditadura e a militância de Elis Regina contra o regime durante o mesmo período.

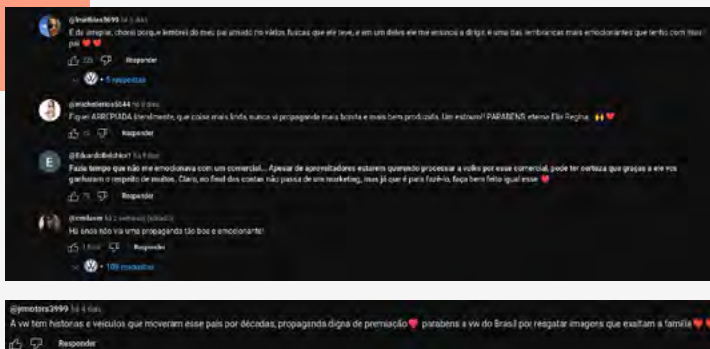


Figura 3: Capturas de tela com comentários sobre o vídeo do comercial VW 70 anos | Gerações | VW Brasil

Fonte: YouTube



Figura 4: Captura de tela com comentários sobre o vídeo do comercial VW 70 anos | Gerações | VW Brasil, incluindo resposta do canal oficial da Volkswagen

Fonte: YouTube

Da mesma forma, é possível observar criticidade e discordância, manifestada seja por comentários mencionando a morte da cantora e sua militância em vida, seja por vídeos de react, automaticamente dispostos entre os resultados de busca pelo vídeo.

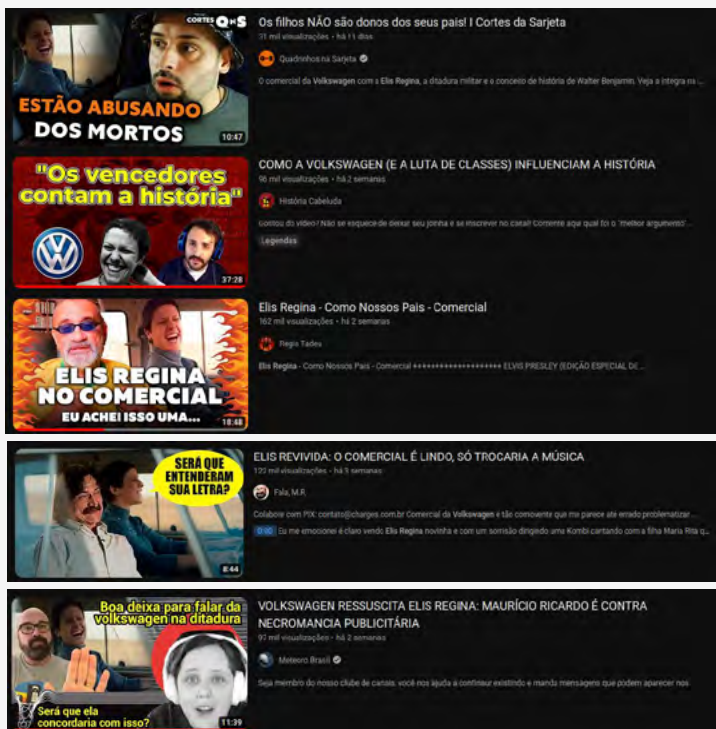


Figura 5: Recorte de capturas de tela de resultado de busca, em conta logada da autora, no YouTube pelas palavras “Volkswagen Elis Regina” com reacts ao vídeo do comercial VW 70 anos | Gerações | VW Brasil.

Fonte: YouTube

De mais a mais, escolha da canção “Como nossos pais”, no comercial cantada por mãe e filha, embalando uma série de imagens que remetem a uma memória discursiva perpassada por sentidos específicos carregados pelo sema “família”, de-significa versos como “você que ama o passado e não vê que o novo sempre vem”, reduzindo possíveis sentidos, que aludem à possibilidade de novas organizações sociais diferentes do capitalismo, à compra de um carro elétrico. Isso é simbolizado, na peça publicitária, pela justaposição da Kombi e do ID.Buzz. Analisando esse verso metonimicamente, observamos interdições de

sentidos na canção. Assim “o que é silenciado em uma formação discursiva é acolhido em outra (...), que corresponde ao viés pragmático e empresarial da política neoliberal desembaraçada dos sentidos mais corrosivos, transformadores do político” (Orlandi, 1999, p. 64).

Elis Regina da Volkswagen: sujeito de dados ou um novo tipo de locutor angélico? Uma análise ensaística

Outro aspecto interessante sobre o comercial VW 70 anos | Gerações | VW Brasil é o tipo de IA e os processos tecnológicos utilizados para a realização da campanha, além da maneira como eles são utilizados para significar o comercial como um todo, alinhando-o às formações discursivas sobre uma suposta transparência técnica e as infinitas possibilidades que a tecnologia proporciona. Segundo a matéria do Mundo do Marketing, a peça publicitária

contou com tecnologia de inteligência artificial treinada especificamente para reconhecimento facial de Elis Regina, diferentemente do que é comumente feito em projetos de IA que utilizam tecnologias pré-treinadas a partir de dados genéricos. (...) Durante dias, a IA recebeu extensivos treinamentos com diferentes tecnologias, combinando a atuação da dublê com os movimentos e imagens de Elis, chegando ao inédito resultado do rosto da cantora (Cândido; Oliveira, 2023)³⁴.

34 Faz-se novamente necessário pensar o hiperenunciador Mundo do Marketing e seu lugar social de enunciação, bem como o momento sócio-histórico em que as discussões sobre IAs, seus modos de funcionamento e implicações circulam e viralizam diariamente na internet e mesmo na mídia hegemônica. Nesse sentido, devemos pensar a repercussão da produção das ciências humanas e sua repercussão em diferentes meios. Em 2021, a linguista Emily Bender, a ex-colíder do Comitê de Ética em Pesquisa de IA da Google e outras pesquisadoras publicaram o artigo seminal *On the Dangers of Stochastic Parrots: Can Language Models Be Too Big?*, artigo crítico à maneira como as pesquisas sobre IA vêm sendo desenvolvido pelas empresas e pela academia. Para além da academia, o artigo gerou grande repercussão entre as big techs e seus departamentos de Marketing e Relações públicas, ocasionando a demissão de Timmit Gebru da Google e a dissolução do comitê que ela liderava, bem como muitos posts de bilionários da tecnologia criticando-o. A tentativa de diferenciar a IA utilizada para produzir a imagem de Elis Regina veiculada pelo comercial pode ser uma tentativa de se diferenciar de mecanismos semelhantes aos dos Modelos de Linguagem, que utilizam grandes bancos de dados genéricos, em uma possível tentativa de atribuir o que se chama de valor agregado ao trabalho desenvolvido pela Almap BBDO para a Volkswagen.

Tal informação pode levar-nos a pensar sobre a cantora Elis Regina como um sujeito de dados de uma natureza diferente daquela sobre a qual Dias se debruça em sua obra. Trata-se, pois, de um sujeito de dados que não forneceu “espontaneamente” seus dados para as *Big Techs* responsáveis pelos *softwares* de IA que produziram o comercial. Tampouco é alguém que, em sua existência real e corpórea, performou escrituras de si, colocando em circulação posts capazes de desvelar seus posicionamentos políticos, ideológicos ou mesmo suas preferências por meio de plataformas digitais universalizantes.

Ao contrário, todas as imagens da cantora, estáticas ou não, disponibilizadas para os bancos de dados utilizados pela IA em questão foram disponibilizados por outrem, seja por canais oficiais de mídia, seja por circulações realizadas por fãs da cantora (que procuravam produzir uma escrituração de si mesmos, não de Elis Regina), seja por Maria Rita. Da mesma maneira, a gravação da voz da cantora, editada de maneira a criar um dueto com a filha, também não foi fruto do arbítrio da cantora. Em outras palavras, os dados de Elis Regina foram, sim, matéria-prima extraída pelas *Big Techs* responsáveis pelo comercial da Volkswagen, porém não criaram uma relação entre Elis Regina, enquanto sujeito, e o social que se engendra em 2023, mais de 40 anos depois da morte da cantora. Trata-se, pois, do fruto de uma relação estabelecida entre a imagem e a voz da cantora, armazenada pela memória metálica e as novas relações discursivas.

Na esteira das reflexões de Dias, é necessário compreender tais relações não como sendo algo da ordem do banal, do individual ou do privado, ou mesmo da perspectiva da utilidade de aplicativos e sistemas que facilitam a circulação de discursos e mesmo o trabalho de pessoas como os produtores do comercial que estamos analisando. Para a autora, tais fenômenos relacionados ao sujeito de dados implicam uma compreensão que deve passar “pela sobredeterminação do político ao econômico, ao consumo, ao mercado de dados” (Dias, 2018, p. 170). A cooptação de um trabalho militante de Elis Regina, reduzido à publicidade de um carro fabricado por uma empresa que deu apoio ativo e espontâneo ao regime contra o qual a cantora lutou mostra uma outra faceta do próprio mercado de dados, que passa a ocupar um lugar que, no Brasil dos anos entre 1964 e 1985, era ocupado pela própria Volkswagen.

É necessário, por mais contraintuitivo que possa parecer, notar que aquela figura antropomórfica que anuncia, em meio a sorrisos, que “o novo sempre vem”, referindo-se a um carro elétrico, não é o sujeito, nem empírico, nem político que Elis Regina representava entre os anos 1970 e sua morte em 1986. Trata-se tão somente de um locutor angélico, conforme a classificação proposta por Maingueneau (2015, p. 177-178) mais elaborado, locutivo (palavra-valise que associa um locutor a um aplicativo), fruto de uma evolução tecnológica que mergulha a memória discursiva associada à cantora a uma série de palavras que foram despidas de sentidos que poderiam ser associados à sua biografia.

Por seu *modus operandi*, a Elis Regina da Volkswagen constitui-se em um locutor angélico, já que não fala por iniciativa própria, apenas anuncia a mensagem de outrem em resposta a um estímulo humano, que resulta do trabalho de grandes equipes: publicitários das mais diversas funções, produtores, funcionários de redes de TV, do departamento de marketing da Volkswagen (que disponibilizaram o vídeo no canal da empresa no YouTube) etc. Embora o faça com a voz da Elis Regina que de fato existiu, o que é possível pelo caráter técnico da memória metálica, essa, a da Volkswagen, é apenas a portadora de uma mensagem e existe apenas enquanto o comercial está sendo veiculado. Ela também não tem um corpo empírico, mas apenas uma associação entre as imagens da cantora, enquanto viva, e os movimentos de uma atriz. Cabe, então, pensar se a Elis Regina da Volkswagen é realmente um sujeito de dados *stricto sensu* ou se, dado o seu caráter locutivo e angélico, ela é apenas uma faceta de um sujeito de dados: um enunciador de dados, desprovido de um processo de individualização.

A Elis Regina da Volkswagen, no limite, tem uma função: a de ajudar a fabricante de carros em sua estratégia de marketing e, no limite, regular as práticas sociais e silenciar, censurar e excluir os sentidos possíveis propalados por Elis Regina durante a ditadura “para que não haja um já dito, um já significado constituído nessa memória de tal modo que isso tornasse, a partir daí, outros sentidos possíveis” (Orlandi, 1999, p. 65).

Algumas considerações finais

A Elis Regina da Volkswagen faz desaparecer toda uma região de sentidos, produzindo um silêncio sobre os crimes da empresa durante a ditadura, bem como a militância da verdadeira cantora. Assim, “fica-se sem memória. E isto impede que certos sentidos hoje possam fazer (outros) sentidos. Como a memória é, ela mesma, condição do dizível, esses sentidos não podem ser lidos” (Orlandi, 1999, p. 66). Trata-se, portanto, de uma espécie de anjo do esquecimento ou da censura, que busca abafar o real histórico e certas ideologias. Contudo, nas palavras de Orlandi (1999, p. 67)

O que foi censurado não desaparece de todo. Ficam seus vestígios, de discursos em suspenso, in-significados e que demandam, na relação com o saber discursivo, com a memória do dizer, uma relação equívoca com as margens dos sentidos, suas fronteiras, seus des-limites.

Os sentidos censurados por esse locutor angélico que, ao enunciar, silencia o sujeito Elis Regina ficam à margem dos sentidos aprisionados pelo comercial, contudo tendem a invadi-lo, como em um deslizamento de encostas, provocado pelo extrativismo contínuo e sem limites de dados e pela produção e exploração desses recursos. Tanto que, na internet, muito se falou sobre a falta de ética do uso da imagem cantora, sintetizada por IA, no comercial de uma empresa que apoiou o regime militar, tendo em vista seus posicionamentos em vida. A repercussão levou o Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (Conar) a abrir um processo ético com base em denúncias de pessoas que, entre outras questões relacionadas às normas do órgão, “questionam se é ético ou não utilizar IA com o objetivo da propaganda, apontando questões sobre o ‘respeito à personalidade e existência da artista, e veracidade”³⁵. O caso deverá ser julgado em cerca de 45 dias, a partir do dia 10 de julho, não tendo resultado até o momento da finalização do presente texto.

35 Informação disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/conar-abre-representacao-etica-contra-propaganda-da-volkswagen-com-elis-regina/>. Acesso em 22 de julho de 2022.

Para finalizar, propomos uma reflexão acerca da relação entre os sujeitos de dados e a utilização de IAs para a criação de enunciados e imagens, bem como para colocar discursos em circulação. Mais que meros locutores angélicos que ajudam a realização de tarefas, é necessário pensar por onde passam os sentidos da individualização, da resistência política e da agência dos sujeitos em 2023, face todas as circulações que buscam atribuir autonomia e inteligência às Inteligências Artificiais. A relação entre memória discursiva, memória metálica e memória digital é apenas um ponto de partida para reflexões sobre a maneira como o digital constrói relações sociais e de poder na contemporaneidade. Nesse sentido, faz-se necessário que observemos que, de fato, “o novo sempre vem” e ele não se resume a plataformas digitais e nem a carros elétricos, mas à própria pulsão de vida humana dos sujeitos, uma vez que o digital, ainda que construa novas formas de opressão, censura e controle, também pode abrir brechas para novas formas de resistência e denúncia.

Referências bibliográficas

BENDER, E. M.; MACMILLAN-MAJOR, A.; GEBRU, T.; SHMITCHELL, S. **On the danger of stochastic parrots: Can Language Models be too big?**. In: Conference on Fairness, Accountability, and Transparency (FAccT '21), 2021. Evento virtual. Canadá. Nova York, NY, EUA.

CHARAUDEAU, P. **Identidade linguística, identidade cultural: uma relação paradoxal**. In: Discurso e [des]igualdade social. Lara, Glaucia Proença; Limberti, Rita Pacheco [Org]. São Paulo. Contexto, 2015.

CONTENTE, R. **“Não se assuste, pessoa, se eu lhe disser que a vida é boa”: a construção das personas políticas de Gal Costa e Elis Regina na ditadura militar brasileira**. Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Recife-PE. Evento realizado em 2017.

DIAS, C. **Análise do discurso digital: Sujeito, espaço memória e arquivo**. 1ª edição. Campinas, SP. Pontes, 2018.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. 2ª. ed. São Paulo: Parábola, 2008. Tradução Sírio Possenti.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. 1ª edição. São Paulo: Parábola, 2015.

ORLANDI, E. et al. **O papel da memória**. 1ª edição. São Paulo; Pontes, 2021.

PAVEAU, M. A. **Análise do discurso digital: dicionário de formas e práticas**. 1ª edição. São Paulo: Pontes, 2021.



5

**O (an)verso dos
sentidos no/do
discurso digital:
perspectivas e
deslocamentos**

AB

O (an)verso dos sentidos no/do discurso digital: perspectivas e deslocamentos



Lauren de Arruda Sanches (UFSCar)
Lígia Mara Boin Menossi de Araújo (UFSCar)
Marco Antonio Almeida Ruiz (UFG)

Introdução

Nos últimos anos, vimos um acontecimento de língua(gem) bastante relevante com o que queremos chamar de a “plataformização da comunicação” por meio do discurso digital, isto é, o que há décadas, quando se aguardava uma notícia ou uma carta pelas vias tradicionais, por exemplo, levavam-se dias para chegar ao destinatário, hoje, graças às diferentes redes sociais e aplicativos de mensagens disponíveis, observamos uma mudança significativa de pensamento sobre essa forma de “tecnologização discursiva” e, consequentemente, uma dependência incontornável desses suportes, proporcionando, assim, um alcance maior da informação – encurtando distâncias – e contribuindo para uma interação cada vez mais dinâmica entre os sujeitos numa dada sociedade.

Para tal, entendemos essa “plataformização” como um conjunto de fatores, virtuais ou não, que caracterizam esses discursos nativos da web sob um olhar pós-dualista, ou seja, não há uma separação nítida e contundente entre o ambiente linguístico e discursivo, mas uma inerência significativa que o constitui a partir de suas condições de emergência. Logo, conforme a linguista francesa, Marie-Anne Paveau

(2021), buscamos compreender esse conjunto como uma materialidade compósita, que ao seu funcionamento nas redes permite-nos construir uma perspectiva teórico-metodológica com elementos que mobilizam uma Análise do discurso digital (ADD).

É nesse caminho do/no digital que propomos, neste artigo, problematizar o funcionamento do discurso no perfil *Greengo Dictionary* da rede social Instagram³⁶ e, desse modo, observar quais elementos constituem os tecnodiscursos (ou discursos nativos da internet) presentes nessa plataforma e como eles, vistos a partir do seu conjunto, fazem com que tal perfil adquira um movimento de sentidos de ordem mais “popular”, organizado por um léxico conhecido pelo público em geral numa dada cultura, o Brasil. Nosso objetivo é fazer um exercício analítico a partir da perspectiva pós-dualista e ecológica de Paveau (2021), cujo material se constitui por recortes desse espaço virtual, em que explicitaremos o modo como se destaca o digital quando a materialidade se (des)constrói na memória coletiva, pelo menos quando referimo-nos ao conceito de *dicionário “tradicional”*, bastante conhecido.

110

Além disso, buscamos analisar seus desdobramentos quando esse imaginário social é deslocado por meio dos tecnodiscursos, resignificando sua constituição inicial – e “tradicional” – numa “plataformização” das redes, que mistura outros elementos compósitos, como as construções de memes, e possibilitam outros sentidos, direcionando o conteúdo tanto para os internautas e seguidores quanto para diferentes anunciantes. Ou seja, trata-se de um dicionário às avessas graças a esses discursos nativos que fornecem elementos capazes de modificar a essência “originária” do dicionário a partir de sua movimentação de sentidos no âmbito virtual.

Nossa empreitada é embasada na organização do material a partir de uma série de conceitos propostos por Marie-Anne Paveau (2021), a saber: composição, deslinearização, ampliação, relacionalidade, investigabilidade e imprevisibilidade. Finalmente, nossa hipótese é a de que a diferença entre esse perfil, o *Greengo Dictionary*, não se configura

³⁶ Disponível em: <https://Instagram.com/greengodictionary?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>. Acesso em: 12 jul. 2023.

do mesmo modo que encontramos no imaginário tradicional dos conceitos e de suas regras padrões, pelo contrário, vemos a forma de disposição das imagens e do discurso como uma contribuição forte do contexto virtual para a (des)construção desse imaginário através de um léxico mais “popular”, característico desse ambiente digital. Nessa “nova” configuração, nesse novo imaginário que se apresenta, só há sentidos produzidos porque há um jogo interativo que coloca no fio do discurso a tecitura da história e da ideologia que rompem uma memória social, ressignificando-a por meio de novas instâncias enunciativas e novos elementos tecnodiscursivos.

Caminhos para uma Análise do discurso digital: (dis)curso e(m) rede:

De maneira geral, a emergência do *Greengo Dictionary* (@greengodic-tionary) ocorre em meados de 2018, idealizado por um designer gráfico chamado Matheus Diniz. Vimos seu primeiro movimento quando o designer fez uma tradução literal na rede vizinha, o *Twitter*, para a língua inglesa da expressão “a jiripoca vai piar³⁷”: “*The jiripoca is going to pew pew*”. Após essa ocorrência, sua postagem foi compartilhada várias vezes e adquiriu contornos expressivos, alcançando milhares de internautas, viralizando³⁸ em diferentes plataformas digitais.

37 A referência aqui retoma uma expressão popular brasileira que surgiu com o comportamento de um peixe de água doce chamado cientificamente de Hemisorubim platyrhynchos ou, na tradição popular, Jurupoca. Esse peixe é encontrado nas regiões Norte e Centro-Oeste, além de alguns estados, como São Paulo, Paraná e Minas Gerais, e se caracteriza por nadar na superfície dos rios, emitindo um som parecido com um pássaro. Essa expressão, “a Jiripoca vai piar” – ganhou notoriedade a partir de um verso musical na voz do cantor sertanejo Daniel – “Hoje a Jiripoca vai piar, vai (...)” – e tem como significado “algo bastante intenso ou forte”; na linguagem popular, é relacionado ao ato sexual. Disponível em: <https://www.significadosbr.com.br/jiripoca>. Acesso em 4 jul. 2023.

38 Viralizar é um termo comumente usado no mundo digital e assume o sinônimo de “difundir” rapidamente, “propagar” de maneira descontrolada. Vale a pena o destaque dessa palavra para pensarmos a relação que se cria com esse termo diante das diferentes esferas enunciativas na sociedade. Por um lado, vemos o “viralizar” como a disseminação de informações, de imagens na rede e, por outro, encontramos seu emprego num discurso científico, quando os vírus atingem o organismo humano como propulsores de doenças. Ambas as formas de utilização são possíveis hoje graças à “plataformização” dos discursos promovidos pelas redes virtuais. Não é à toa que vemos, nesse ambiente digital, por exemplo, o caso de Fake News que se expandem rapidamente na rede e causam bastante desinformação, atuando como se fosse uma espécie de “vírus” do mal, adoecendo também a internet com discursos nativos.

Após esse ocorrido, Diniz ampliou suas publicações criando diferentes perfis no *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*, ligados ao neologismo em inglês – “green” (verde) e “go” (vai) –, formando um jogo semântico que na língua portuguesa se estabelece pela forma usual de se referir a tudo que é de fora, estrangeiro, chamando-o de “gringo”. Hoje, a página do *Instagram*, *Greengo Dictionary*, possui 1.564 publicações e mais de 1,7 milhões de seguidores³⁹.

Como podemos observar no seu funcionamento, a proposta do perfil seguiu a premissa de trazer expressões brasileiras traduzidas *ao pé da letra*, isto é, fazer uma tradução livre do português ao inglês. Fora do padrão lexicográfico, podemos dizer que esse perfil assume a função de muito mais dizer sobre a cultura popular brasileira e os usos da língua no dia a dia do que, efetivamente, proporcionar uma tradução gramatical, tal como exigem todos os glossários. Logo, todas as postagens apresentam elementos que remetem aos verbetes de um dicionário bilíngue, inglês-português, e respeitam uma identidade visual estabelecida que auxilia na construção regular desses tecnodiscursos: um fundo sempre verde, uma expressão em português em destaque e sua respectiva tradução⁴⁰ em inglês, além de, ora sim, ora não, trazer um elemento sonoro e visual. Em sua imensa maioria, ao nosso ver, as publicações têm como objetivo se utilizar da sátira, do meme e, sobretudo do humor nas “traduções”, considerando as diferentes condições de produção em que elas ocorreram.

Assim, conforme Paveau (2021), podemos pensar esse material como um tecnogênero de discurso, o que implica pensar numa “dimensão compósita, derivada de uma coconstituição do linguageiro e do tecnológico” (Paveau, 2021, p. 328). Nesse caminho, ao problematizarmos tal relação, discutimos a composição entre o que é o linguístico e o técnico nos discursos nativos da internet, uma forma pós-dualista da linguística que supõe analisar a (des)construção dos vínculos

39 Informações coletadas até 04 de julho de 2023.

40 Utilizamos aspas em “tradução” no sentido de não contemplar apenas a tradução literal conforme as regras desse campo, sabemos da sua importância e necessidade quando pensada em contextos diferentes, científicos, por exemplo, que precisamos contemplar as características de língua e gramática, mas buscamos, aqui, pensá-la como uma “tradução” feita por uma certa posição-sujeito (FOUCAULT, 2008) que a (res)significa quando colocada no contexto de sua emergência, geralmente em âmbito menos formal e mais popular, desconstruindo esse imaginário rígido e engessado dos dicionários “tradicionais”.

estabelecidos entre o humano e não humano e levar em conta as “realidades sociais verdadeiramente híbridas” (p. 119). Ademais, esse gesto de leitura proporciona compreendermos os usos da língua nessa entremistura com o digital como uma espécie de constituição ecológica, em que os discursos nativos da web 2.0 adquirem uma certa “arquitetura da rede [que] faz com que eles sejam todos materialmente interligados” (p. 33).

Embora o *Greengo Dictionary* tenha como função sistematizar certas expressões populares em verbetes, ele não necessariamente se comporta e se encaixa como sendo um dicionário aos moldes da tradicionalidade, de acepções completas e estabilizadas apenas pela ordem da língua. Se fizermos um trabalho de observação metalinguístico, de trazermos algumas definições sobre a própria função do dicionário na sociedade contemporânea, podemos promover uma atividade diferente, metadiscursiva⁴¹, isto é, de (res)significar sua ordem e a sua própria essência na relação com o virtual que gera, como resultado, uma instância do dizer singular, vejamos:

1. Obra que reúne, em ordem alfabética, as palavras de uma língua ou termos referentes a uma matéria específica, e descreve seu significado, uso, etimologia etc., na mesma língua ou em outra (dicionário de cinema / de inglês). 2. O conjunto das palavras ou termos reunidos nessa obra. 3. Livro ou outro suporte que contém tais informações (dicionário eletrônico). 4. Pessoa de extensos conhecimentos; dicionário ambulante [F.: Do lat. medv. dictionarium. Cf.: glossário]. **Aulete Digital** – Dicionário contemporâneo da língua portuguesa⁴².

41 Entendemos o metadiscorso como um acontecimento linguageiro que se utiliza de elementos além da língua e de sua estrutura para a produção discursiva, isto é, o tomamos como resultado de uma narrativa do acontecimento digital, mais amplo, popular, construído por meio das interações sociais, históricas e ideológicas entre sujeitos falantes que produzem “novos” sentidos conforme as distintas condições de irrupção dos discursos. (RUIZ, 2019). No digital, por exemplo, esse metadiscorso se amplia considerando a sua materialidade compósita. Ou seja, podemos pensar numa (des)ordem do discurso (FOUCAULT, 1996) a partir das condições de emergência que esses materiais, os dicionários, irrompem, produzindo instâncias e significações diferentes das tradicionais. Nessa materialidade compósita, vemos o metadiscorso acontecendo quando há uma resignificação na própria definição da palavra “dicionário”, movida por um perfil que se coloca além da simples definição, adquirindo, assim, particularidades nessa “plataformização” dos discursos.

42 Dicionário Caldas Aulete online. Disponível em: <https://aulete.com.br/dicion%C3%A1rio>. Acesso em: 4 jul. 2023.

O gênero pensado e promovido no dicionário digital não deixa de seguir algumas ordens discursivas (Foucault, 1996) que fazem, de fato, referência ao modelo “tradicional”, mas em sua materialidade compósita, vemos características que determinam não só a ordem linguística das definições na sua relação com as condições de produção, como também um material tecnodiscursivo, nativo dessa rede que se constrói e produz um modo de ressignificar a língua, o “popular”, diante dos acontecimentos e fatos de uma história presente; as imagens disponibilizadas retomam uma certa situação ou um certo meme, também, nativo dessa rede virtual.

Em virtude disso, estamos diante de um não padrão de dicionário que é (res)significado como uma rede social, que não é só responsável por disseminar uma cultura popular por meio da memória sobre a definição de um dicionário, como também (re)produzir uma certa singularidade, característica dessa relação com o digital; mais do que a simples definição, é possível encontrarmos gestos metadiscursivos que (re)definem as práticas sociais ratificando a cultura popular brasileira e os usos da língua numa sociedade a partir das relações sociais, históricas e ideológicas. Tais enunciados emergem nesse novo ambiente a partir das interações entre os sujeitos produtores de discursos que estão imersos em sua cultura e que a reproduz a partir de sua inscrição subjetiva. Esses recursos incluem uma linguagem lúdica, paródica e bem-humorada construída na relação com o social, o histórico e o ideológico. Vejamos:

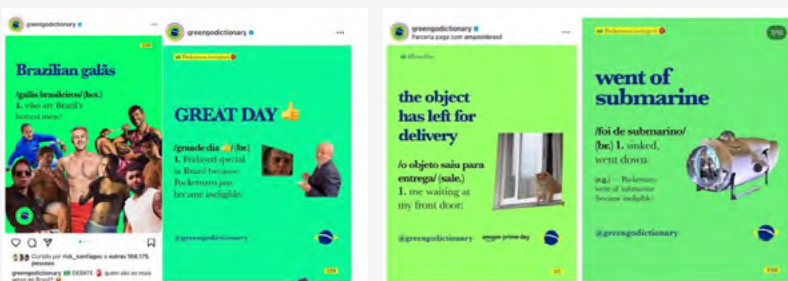


Figura 1: Excertos do Greengo Dictionary

Fonte: Instagram

Na imagem anterior, figura 1, vemos alguns excertos do “dicionário” virtual, que se constrói pela relação política entre as línguas – inglês e português – com a cultura brasileira. É notório a descrição do cenário, pela justaposição da imagem e texto, para a (des)construção do sentido “original”. A partir do contexto de emergência da palavra, do termo ou da expressão, há uma descrição que retoma e (res)significa um fato ocorrido no país e que o marca como um falar tipicamente regional. Do inglês ao português e do português ao inglês não há apenas uma simples tradução literal de sentidos de uma língua para outra, mas a “tradução” que ocorre pelo acontecimento linguageiro que ratifica o popular da língua, o popular de sua cultura. É muito mais do que pensar a materialidade na sua descrição, trata-se de considerar o metadiscurso criado quando todos os elementos dessa “plataformização” são reunidos para não só (des)construir uma memória sobre o que é esse gênero dicionário, como também ampliar essa significação para as condições de sua produção.

Paveau (2021), em suas reflexões acerca do digital, fundamenta sua teoria por meio dos pré-discursos. Segundo ela, esses pré-discursos podem ser brevemente explicados como anterioridades discursivas, construídos sócio historicamente através de um conjunto de saberes, crenças e convicções que antecedem até mesmo a memória discursiva. Nessa perspectiva, a autora afirma que essa memória não está somente transposta entre os falantes, mas distribuída nos mais diferentes ambientes, sendo eles (re)contados pela história, pela cultura e pelo social. Em se tratando do ambiente virtual, ela também mobiliza essa relação ecológica para refletir sobre a materialidade no/do digital que assume contornos nativos e são responsáveis por determinar os efeitos de sentidos gerados nesse tecnogênero discursivo. Ou seja, esse modo de funcionamento discursivo não é limitado às estruturas, mas aos tecnografismos que se inventam e se cristalizam na web, constituindo-se desde então como combinações de imagem e texto, em particular nos discursos militantes.

Conforme Paveau (2021), os tecnografismos compõem-se por meio de uma “produção semiótica que associa texto e imagem num compósito nativo da internet.” Logo, ao observamos o funcionamento do *Greengo Dictionary*, vemos um compósito de imagem fixa ou em

movimento que representa um discurso nativo do ambiente digital “multimidiático”, composto por uma justaposição de elementos – memes, avatares, música, sons, entre outros – que possibilitam na geração de sentidos únicos e ligados às condições de suas emergências. (Paveau, 2021, p. 333). Essa concepção de Paveau (2021) apresenta-se aos estudos discursivos digitais de uma maneira que não exista dissociação, mas uma relação simétrica entre humano e máquina, entre o linguístico e o extralinguístico. Por esse motivo, os elementos tecnolinguageiros presentes nesses respectivos discursos são compósitos, ou seja, tais elementos consideram tanto aspectos linguageiros quanto aspectos técnicos de seus ambientes de produção.

Além de considerar uma perspectiva pós-dualista, simétrica e ecológica, a linguista, ao longo de suas reflexões, aponta que os discursos nativos digitais possuem algumas dimensões próprias que se configuram a partir de seis principais propriedades: a composição, a deslinearização, a ampliação, a relacionalidade, a investigabilidade e a imprevisibilidade. Ao tratarmos da composição, remontemos à constituição do elemento digital que se apresenta tanto num caráter linguageiro quanto técnico. Em outras palavras, podemos pensar que essa organização permite que tais produções nativas digitais sejam compostas de maneira plurisemiótica, construindo em uma mesma semiose não somente o texto, mas também uma imagem fixa e suas derivações, como sons e elementos diversos.

A deslinearização é outra característica listada nas produções nativas digitais, pois, é nesse ambiente que encontramos as movências dos sentidos proporcionadas por elementos “adicionais” que podem ser deslinearizados por conta das possibilidades de ações dos usuários perante a um texto disposto no ambiente digital. Por exemplo, é comum numa relação homem-máquina encontrarmos nessas produções virtuais elementos que são clicáveis – os hiperlinks – que direcionam o nosso olhar a outros textos e a outros sentidos. Esse modo de empregabilidade faz com que uma leitura não seja linear, a deslinearização. Em relação ao aspecto de ampliação, Paveau (2021) pontua que o ambiente digital possibilita uma interação e conversação. Ou seja, nas produções nativas virtuais, as enunciações podem ser ampliadas justamente por estarem inseridas em um ambiente que

facilite as interações e a propagação desses textos a outras instâncias discursivas. Essa propagação pode se traduzir em forma de comentários e fazer menção aos diferentes perfis de usuários por meio das ferramentas digitais.

A relacionalidade implica-nos refletir sobre uma característica que é indissociável desse ambiente, uma vez em que os discursos presentes na web e seus enunciados não são somente resultados de discursos individuais, mas coproduzidos e coconstituídos com a máquina, com a intervenção de metadados e algoritmos e, conseqüentemente, uma existência de natureza compósita. Logo, a dimensão da relacionalidade é um dos traços estruturais presentes nos discursos da web, conforme afirma Paveau (2021), sendo essa ocorrência entendida de três principais formas: entre a relação de um tecnodiscurso com outros tecnodiscursos (porque nos discursos digitais existe a natureza compósita e hipertextual), a relação com os aparelhos de natureza tecnológica, aqueles discursos coproduzidos com a máquina e, por fim, a relação com escritores, que passam pela subjetividade tanto da escrita quanto da leitura do internauta que transpassa sobre sua capacidade de interpretação.

117

O aspecto da investigabilidade, por sua vez, é uma característica que possibilita que todo material produzido na web seja investigado e localizável, pois existem mecanismos inseridos no ambiente digital que favorecem essa busca, muitas vezes, por mecanismos inseridos no código. Já a imprevisibilidade, último elemento definido pela linguista francesa, trata da característica que designa as produções digitais como sendo parcialmente formatadas por algoritmos, que moldam assuntos e discursos que serão apresentados aos internautas. Diante de tais questões empreendidas, podemos dizer que elas mostram características fundamentais para essa Análise do discurso digital e que as utilizaremos como instrumentos de investigação como forma de exemplificar o funcionamento das publicações selecionadas do perfil *Greengo Dictionary*.

Por ser uma página inserida em uma rede social, o Instagram, encontramos diversos sentidos que são criados justamente por conta desse ambiente e que são gerados por tecnografismos, como elementos que não podem ser dissociados de sua materialidade, pois, caso isso

aconteça, o conjunto de significações será desfeito. Nas palavras de Paveau (2021, p. 366-367):

No tecnografismo, as dimensões icônica e textual não são isoláveis e não têm funcionamento autônomo; a ordem do texto e a ordem da imagem se fundem, assumindo a imagem uma posição dominante em relação ao texto, em virtude da virada visual que parece ser realizada atualmente na internet, bem como nos espaços de publicação off-line.

O entendimento desses enunciados é realizado por meio de uma integração entre imagem e texto. Em nosso material, os tecnografismos são apresentados através de *memes* e dimensões icônicas e textuais que não podem ser dissociadas, mas compreendidas como um todo. Do mesmo modo, o elemento Hashtag tem um funcionamento muito similar. Simbolizada pelo cerquilha (#), a *hashtag* é uma tecnopalavra muito usual na contemporaneidade e determina o funcionamento dos enunciados a partir dos seus agrupamentos num espaço de enunciação. Ou seja, podemos dizer que esse uso recupera outros discursos nativos ou não do digital que serão responsáveis pelo conjunto composto de sentidos gerados. Pelo fato de a hashtag ser uma tecnopalavra que desempenha tanto a função linguageira quanto a função digital e, por esse motivo ser uma *tag clicável* que direciona os usuários para outros links, ao clicarmos nela, o internauta é afastado da sua fonte /texto primário sendo direcionado para outro espaço enunciativo; essa função, além de agrupar publicações, *tuítes* e comentários em páginas na internet, faz com que essas postagens sejam rastreáveis e, portanto, tocam não só no aspecto da deslinearização, mas também no da investigabilidade.

Contudo, compreendemos que pelo fato de a ADD possuir um caráter pós-dualista, para conseguirmos realmente analisar esses discursos digitais é preciso que assumamos em nossa análise uma perspectiva em que não haja uma dissociação entre o linguístico e os seus fatores externos, já que é por intermédio dessa ótica que conseguimos contemplar que as interações e ocorrências discursivas no ambiente digital aconteçam de maneira multimodal, por telas e em espaços que abarcam não somente elementos linguísticos, mas técnicos e (multi) semióticos. Tendo em vista essas considerações, a seguir, passaremos

para nosso gesto de interpretativo levando em consideração alguns excertos do *Greengo Dictionary*.

No (an)verso da história: o compósito na materialidade digital

Vimos, ao longo de nossas reflexões anteriores, que para compreendermos o funcionamento discursivo sobre/do digital é preciso ampliar-mos nossa visão sobre a relação do homem e da máquina e abordá-la considerando as características compósitas geradas pelos discursos nativos desse espaço. Todas as postagens do *Greengo Dictionary* compõem-se por uma cor verde exuberante que pode fazer remissão direta com a nossa identidade nacional, a bandeira do Brasil, trata-se da ideia de nacionalismo diante de um cenário próprio de “tradução” da cultura brasileira. De acordo com Paveau (2021), a cor é usada como uma forma “visual que sinaliza uma propriedade dos tecnodiscursos: a hipertextualidade e a coletividade enunciativa” (p. 131).

119

Assim, em se tratando da hipertextualidade, o verde serve como uma marcação de discursos nacionais que exaltam as características do Brasil diante de uma diversidade ambiental singular; não é só usar o verde como forma estática do dicionário bilíngue, mas também analisá-lo por meio de toda a sua caracterização, cujo valor semântico agregado constrói esse novo espaço do dizer, rompendo as memórias coletivas sobre um certo gênero textual “comum”, da escrita, para um novo espaço, o virtual, com som e imagem. Já em relação à coletividade enunciativa, o uso predominante do verde é um símbolo que delimita todos esses traços nacionais, destacando expressões populares e palavras que (des)constróem certas identidades brasileiras.

Escolhemos, para isso, alguns excertos que têm como função mostrar o funcionamento discursivo a partir dos pressupostos teórico-metodológicos tecidos por Marie-Anne Paveau (2021), como um exercício de aplicação da teoria na construção desse espaço discursivo digital. Nossa seleção é composta por duas imagens, por um lado, um *meme*, gênero típico desse ambiente virtual e, por outro, um tipo de discurso

militante ressignificado nos moldes desse perfil, em que é possível observarmos a sua “nova roupagem” lexicográfica emoldurando novos efeitos de sentidos de acordo com a inscrição dos sujeitos que o descrevem a partir de determinadas posições sociais, não conservadoras, por exemplo.

Começaremos falando da publicação sobre o *meme*, elencada na figura 2, logo abaixo:”



Figura 2: “Grávida de Taubaté”, perfil Greengo Dictionary

Legenda da imagem: “^{BR} BRAZILIAN HORROR STORY: grávida de Taubaté há 10 anos atrás, nascia o meme da mãe da Maria Clara, Maria Eduarda, Maria Fernanda e Maria Vitória “me disseram que é FAKE mas eu não acreditei” Duarte, Regina.”

Fonte: Instagram Greengo Dictionary (2021)

Nessa publicação, observamos uma retomada de acontecimentos marcados na história brasileira, uma notícia que repercutiu há 10 anos e que até hoje assume contornos identitários. A construção do sentido desse verbete (figura 2) está relacionado a um casal da cidade de Taubaté que forjou uma gravidez de quatro bebês. A forma como o acontecimento circulou na mídia produziu comoção nacional até o momento em que eles foram investigados e descobertos como mentirosos, de que não havia gravidez, como afirmavam inicialmente. Após esse acontecimento, vemos um deslocamento de sentido produzido pela referência dada à mulher, “grávida de Taubaté”, em que não se

trata mais apenas do município, mas na adição de uma “qualidade” de mentirosa.

De uma comoção geral sobre o estado de saúde da mãe e dos bebês a uma expressão popular que propaga o riso em todo novo acontecimento linguajeiro que a toma como forma de referência, criada também pela ironia. Ou seja, o acontecimento gerou novas narrativas dessa relação metadiscursiva e transferiu o sentido literal para o campo do humor. Vemos como o humor tem adquirido contornos significativos, sobretudo nesses meios não tradicionais de comunicação, isto é, fora do controle homem-máquina, como as redes sociais; qualquer tentativa de romper esse “campo⁴³” (Possenti, 2018) seria uma forma de descaracterizar o público-alvo, pois se não rirem é porque não tem senso de humor. De acordo com Possenti (2018, p. 27), “nos últimos tempos, [...] o humor tenta fugir do controle do politicamente correto, justificando-se [...] com base em certa concepção ou defesa de suas funções e práticas específicas que caracterizam [esse campo]”.

A qualificação da expressão, “de Taubaté”, empregada em diferentes momentos altera o sentido daquilo que está sendo dito, recolocando-a em outros contextos, que perduram pela memória a ser reproduzida por esse “novo” dicionário; o perfil não busca reconstituir o fato ocorrido, pelo contrário, cria condições para que esse discurso se ressignifique em outros contextos como sinônimo da mentira, não importa o tempo que foi, redizê-la é ressignificar o seu sentido numa cultura popular brasileira.

Greengo Dictionary traz a sistematização de um conhecimento popular, a criação de um *meme* que só faz sentido quando inserido na nossa cultura e cujo significado não está moldado nas regras e nos contornos gramaticais específicos. Por conseguinte, observamos que para além de trazer essa ocorrência de uma descrição espontânea, ele se

43 Em *Cinco ensaios sobre humor e análise do discurso*, Possenti (2018) propõe uma nova forma de tratar o humor na análise do discurso, pensando-o como um campo. Assim, ao longo de suas reflexões, retoma a definição de campo criada na teoria sociológica de Bourdieu (1975, 1980), o discute a partir da expansão que Maingueneau (2010) propôs, isto é, de transpor o “campo científico” de Bourdieu em “campo discursivo”, por considerar que seja um espaço no interior do qual interagem diferentes “posicionamentos”, fontes de enunciados que produzem diferentes embates graças à natureza do campo, legitimando e corroborando o seu próprio lugar de enunciação (Maingueneau, 2010). Ou seja, um campo é composto por um conjunto heterogêneo de discursos no interior de um interdiscurso.

distingue e rompe com o que se entende por um dicionário “tradicional”, pois, emprega neste, e, também, em outros verbetes, traduções de outros memes inseridos na cultura, fatos jamais descritos ou vistos na história de composição de versões lexicográficas mais engessadas de acordo as normas da língua.

No que tange ao aspecto previsto na Análise do discurso digital, pontuamos que essa é uma publicação compósita, uma vez que se trata de um tecnografismo construído por diversas semioses que se instauram nesse enunciado: há a presença de imagens, cores, texto e, também, elementos do dicionário que juntos formam essa configuração, um *post de* Instagram. Em termos de distribuição de informações na publicação, observamos que o verbete se encontra na publicação sempre ao lado esquerdo, com seu respectivo significado popular, como em “Grávida de Taubaté”. Ao lado direito, encontramos a imagem que mais circulou na época e que junto, numa simbiose, retoma o acontecimento inicial, mas o ressignifica como uma situação enunciativa mentirosa. Numa tradução não apenas literal do sentido baseada no fato, mas também na inscrição do sujeito como resultado do discurso outro gerado, vemos a seguinte definição: “Há 10 anos, sua falsa gravidez de quadrigêmeas tornava-se a maior fic do Brasil.”

122

É diante desse cenário discursivo produzido que compreendemos o sentido que irrompe, extrapolando o limite dos espaços que compoariam um dicionário nos moldes tradicional; de acordo com Paveau (2021), trata-se de um tecnogênero que emerge a partir dos ecossistemas nativos. Dizendo de outro modo, esse tecnogênero que emerge com essa nova situação enunciativa pertence a um repertório do pré-digital, de um momento real, mas só tornou “completo” de sentido, sobre a mentira, quando sua empregabilidade assumiu contornos no/pelo digital, com características específicas, por exemplo, a oportunidade de visualizar comentários online que ratificam o meme e o caráter humorístico. Logo, tal configuração ratifica o tecnografismo criado nessa instância de enunciação, considerando a justaposição do texto e da imagem que não é possível desassociar.

Ao todo, vemos um material compósito que se constitui pela junção das várias dimensões geradas como resultado desse espaço humorístico. Ao analisarmos tais questões sob os princípios da linguista

francesa, um primeiro ponto é destacar a ampliação do texto e da participação de leituras expandidas, isto é, por esse tecnodiscurso estar inserido em uma rede social, a publicação pode circular em diversos perfis, podendo ser curtida e compartilhada, receber comentários entre outras inserções. A marca do logotipo do Instagram, seguido com o nome do perfil, portanto, desempenha a função de indicar qual suporte é possível encontrar essa postagem, bastando uma procura simples em sites e mecanismos de buscas, o que atesta a validação desse tipo de discurso e da nova configuração que ocupa nesse ambiente. A marca da rede social valida a metalinguagem promovida pelo discurso digital, um verbete que fala sobre si mesmo, mas, de outro modo, instancia um metadiscurso graças às novas configurações que certos elementos, numa “plataformização”, cria no conjunto das condições de possibilidade do dizer mentiroso agregando valor à essa perspectiva do humor.

Outro aspecto compósito que podemos observar é o formato em que o verbete se instaura nesse ambiente virtual. Recortamos a primeira imagem de uma publicação em *carrossel*, um formato digital característico dessa rede social, bastante comum, constituído por um conjunto de imagens em sequência linear que funcionariam como uma espécie de álbum de memórias e não simplesmente verbetes e definições quaisquer. Ao contrário de um dicionário tradicional, em que vemos as acepções sequenciadas em números e casos de ocorrências conforme sua classe gramatical, tempo e modo, por exemplo, no *carrossel*, tal sequência de imagens não se refere aos sentidos estritos da língua, numa espécie de metalinguagem do termo, mas torna reflexo das diferentes condições de emergência desse dizer imerso nas características e elementos dessa “plataformização”, desconstruindo a reprodução do discurso de “perfeição” da língua nos moldes gramaticais para o contexto situacional. Nesse cenário criado pela rede, o sentido se formula pela passagem (ou o deslize com o dedo na tela) de uma imagem a outra dentro dessa nova configuração, o *carrossel*. Esse aspecto, que é uma ocorrência e possibilidade do ambiente digital, torna o discurso parcialmente imprevisível para o sujeito que está navegando, uma vez em que o efeito de sentido é construído por meio de uma publicação que exige a interação com a máquina, um formato de leitura pouco usual e cada vez mais presente nesse formato de texto

nativo digital. Logo, se associarmos esse processo à deslinearização, podemos dizer que o verbete assume uma nova função nesse espaço virtual, um *meme*, que se atesta pelos comentários de seguidores, causando o riso, cujo objetivo deslineariza a leitura do modo “tradicional”, reconfigurando-a a partir das ferramentas da máquina.

Num segundo recorte, encontramos uma definição criada num espaço de enunciação específico, a militância. Não é só de memes ou de risos que esse cenário de construção discursiva acontece. Trata-se de um destaque sobre o aniversário de 33 anos do Sistema Único de Saúde brasileiro, o SUS. Vejamos:



124

Figura 3: “Já defendeu o SUS hoje?”, perfil do Greengo Dictionary”

Legenda figura 3: “ Viva o SUS! 33 anos do sistema de saúde pública do Brasil”

Fonte: Greengo Dictionary (2021)

Esse formato do dizer configura uma ocorrência regular nesse ambiente virtual e possibilita- nos, mais uma vez, observar o funcionamento discursivo como um material compósito, uma vez que o sentido é construído por meio da interação do sujeito com a máquina, impreterivelmente. Embora esse excerto apresente similaridades entre os elementos presentes no tecnografismo, a função discursiva digital que esta publicação desempenha é distinta em relação à

publicação anterior. Podemos observar algumas discrepâncias em relação à disposição de informações que constroem o sentido da publicação (Figura 2) apresentada no perfil de *Greengo Dictionary*. Diferentemente, o tecnografismo neste caso não se aproxima de um verbete que ressignifica ou explana algum *meme* ou termo inserido na cultura brasileira, mas traz um sentido militante através de um posicionamento de defesa ao Sistema Único de Saúde, o SUS. Isso ocorre porque há alguns anos, esse mesmo sistema sofreu duros ataques e cortes que prejudicaram e muito o seu funcionamento e o acesso de pessoas no tratamento de doenças. No relato trazido pelo recorte, é possível exaltar um *modus operandi* que é da ordem coletiva, baseada no conhecimento de mundo sobre as disponibilidades de tratamentos de saúde no Brasil e em outros países, em especial nos Estados Unidos.

Como se trata de um espaço de “tradução” da cultura brasileira para a norte-americana, a resistência se encontra justamente na ironia criada comparando os dois espaços, enquanto no Brasil há a possibilidade de cuidados sanitários gratuitos, nos Estados Unidos não. Com um tom de resistência, um tecnôgênero como esse, o *Greengo Dictionary*, não só pontuamos um fato que é de extrema importância para a sociedade, como também enaltece uma qualidade atribuída apenas ao nosso país, de oferecer gratuitamente tais serviços básicos.

125

Nesse sentido, não se trata apenas de uma descrição de sentido tradicional sobre o SUS, o que facilmente seria encontrado nos argumentos do governo para a sustentação desse sistema, mas é um recorte de comentário recuperado que reforça o funcionamento discursivo desse tecnodiscurso, de ressignificar os acontecimentos a partir da relação com o social, isto é, o metadiscurso. Essa escolha de utilizar de um tecnodiscurso para compor outro tecnodiscurso toca diretamente a dimensão da relacionalidade. Ou seja, quando tomamos os discursos digitais, podemos considerar a relacionalidade como um dos traços estruturais presentes nos discursos da web. Nesse caso, compreendemos que tal traço ocorre principalmente quando existe uma relação entre um tecnodiscurso com outro para a construção de um terceiro e, com isso, gerar sentido. Para a composição dessa figura 3, por exemplo, foi utilizado um recorte tecnodiscursivo já característico desse ambiente interativo, de um outro seguidor, para a construção desta

publicação, o que torna o discurso materialmente relacional, passível de ser feito pelas formas nativas do discurso virtual. Não apenas por recursos linguísticos, a hashtag, como elemento de recuperação, mas um mecanismo que a própria rede disponibiliza para a efetiva (des) construção de sentido nessa nova instância do dizer.

Assim, “já defendeu o SUS hoje?” é um tecnografismo criado como forma de resistir aos ataques constantes que essa política de saúde pública recebe, sobretudo nos últimos quatro anos quando ficou à mercê de políticos negligentes, que mal o conheciam ou sabiam do que se tratava diante de uma grave crise sanitária, a Covid-19. A pergunta, de forma retórica, milita contra a situação vivenciada e trazida pelo comentário destacado. O material compósito é gerado pela forma retórica empregada pelo comentário, um tuíte, que só assume (res)significação quando colocado em um “novo” espaço discursivo, uma atividade que é possível apenas por esse material nativo.

Por conseguinte, podemos observar que essa bricolagem de acontecimentos desloca o sentido primário da publicação (que era, até então, um comentário de experiência pessoal) e passa a ser utilizado como elemento crucial de uma publicação inserida em um dicionário popular em uma rede social, que não só ressignifica o discurso a partir do lugar que emerge e diante de suas condições de dizer, como também a própria definição de um dicionário tradicional que não teria como fazer essas retomadas diretas sem as ferramentas e os elementos do digital. Observar essa ocorrência toca tanto a dimensão de composição quanto a dimensão da ampliação. Ou seja, no que tange à dimensão da ampliação, podemos considerar que esta publicação possui o caráter de ser um texto de leitura expandida, uma vez que o enunciado é construído por meio de um comentário advindo também do ambiente digital, mas que nesse caso é transposto para o perfil, aderindo na publicação uma regularidade presente no *Greengo Dictionary*, promovendo a sua ampliação graças ao metadiscorso.

Além disso, a prática popular de criação desse espaço vai se compor justamente pelo recorte discursivo escolhido, sendo esse comentário removido do ambiente digital para compor o tecnografismo. Dizendo de outro modo, podemos observar que esse comentário possui gírias, como a referência de “brasa” para retomar Brasil e, também, no

seu conjunto, vemos certas incoerências acerca da ortografia, como: “apendice” e “dolares” sem acentuação. Por se tratar de um dicionário popular, essas questões não são pontuadas durante a sua construção e não são apontadas como desvios da gramática normativa porque a função discursiva se prende ao conteúdo apresentado, que é a defesa do SUS.

Considerações finais

Em nossa incursão, analisamos à luz da Análise do discurso digital, alguns princípios relevantes para se pensar o funcionamento discursivo de certos espaços digitais na sociedade atual. Assim, vimos a partir das concepções de Marie-Anne Paveau (2021) como um material compósito surge no contexto discursivo nativo da web e como deslocamentos de sentidos são possíveis quando o tecnodiscurso emerge na (res)significação de imaginários sociais. Nesse caminho, destacamos como um dicionário “tradicional”, uma herança nossa, pode adquirir novos formatos quando pensados na materialidade do virtual. Comparamos essa situação de herança com um caso específico, um perfil em rede social, o *Greengo Dictionary*, que movimenta sentidos não só pela relação linguística, mas também multimodal, pela simbiose de linguagens criadas a partir dos diferentes cenários que emergem diante dessa “plataformização”.

Vimos, com isso, como esse tecnogênero criado pela máquina e pela tecnologia permitem pensarmos e problematizarmos sobre uma “tecnologização dos discursos”, uma vez que não podemos mais considerar somente a relação do homem com a máquina como entidades estanques, separadas, mas como uma relação ecológica que problematiza os discursos nativos da web. Assim, não é mais possível questionarmos os deslocamentos de sentidos pelo *Greengo Dictionary* sem levar em consideração toda a sua materialidade compósita, seu entorno metadiscursivo capaz de (des)construir tecnografismos que gerem a produção de novos efeitos de acordo com os recursos virtuais. Fazer uma leitura linear, diante dessa nova realidade, repleta de *carrosséis* no Instagram, não é mais uma forma definitiva para se

construir sentidos, sendo necessário, nesse jogo enunciativo, elencar outros aspectos que ratificam essa materialidade digital e congrega, desse modo, a novas instâncias do dizer.

Em virtude disso, não queremos esgotar as questões com essas nossas incursões teórico-metodológicas, pelo contrário, queremos incitar, ainda mais, novas perspectivas de trabalho que emergem diante das transformações sociais que recorrem não só a materiais verbais, mas também a toda uma multimodalidade, envolvendo sons, imagens e linguagem verbo-visual. Nesse conjunto de investigação, partimos para problematizar o lugar de leitor como o centro dessa recepção e como ele, face às diferentes formas de enunciar, pode (des)construir sentidos a partir de sua inscrição social. Eis aqui, nossa contribuição.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, P. La spécificité du champ scientifique et les conditions sociales du progrès de la raison. **Sociologie et sociétés**, vol. 7, no. 1, p. 91-118, 1975. Disponível em: http://biblioteca.esec.pt/cdi/ebooks/docs/Specificite_champ.pdf. Acesso em: 12 jul. 2023. BOURDIEU, P. **Questions de sociologies**. Paris: éditions de Minuit, 1980.

Dicionário Caldas Aulete online. Disponível em: <https://aulete.com.br/dicion%C3%A1rio>. Acesso em: 4 jul. 2023.

Greengodictionary. Instagram. Disponível em: <https://Instagram.com/greengodictionary?igshid=MzRlODBiNWFlZA==>. Acesso em: 12 jul. 2023.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

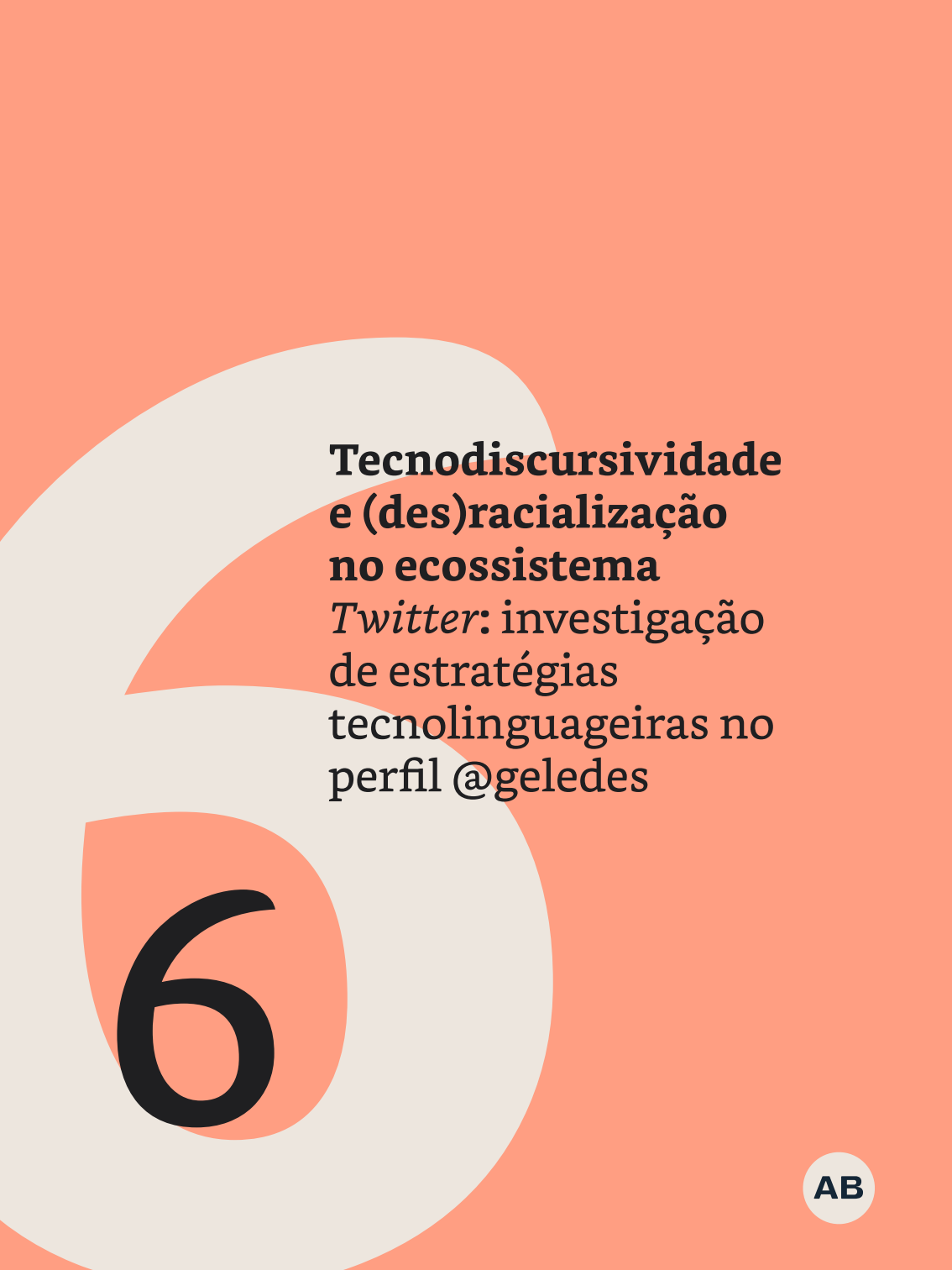
FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 [1969]. MAINGUENAU, D. Doze conceitos em análise do discurso. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. Significado de Jiripoca vaipiar. Disponível em: <https://www.significados.com.br/jiripoca-vai-piar/#:~:text=A%20jiripoca%20ou%20jurupoca%20%C3%A9,que%20quer%20dizer%20%E2%80%9Carrebentar%E2%80%9D>. Acesso em: 12 jul. 2023.

Significado de Jiripoca. Disponível em: <https://www.significados.com.br/jiripoca/>. Acesso em: 12 jul. 2023.

PAVEAU, M. A. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Campinas: Pontes Editores, 2021.

POSSENTI, S. **Cinco ensaios sobre o humor e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2018.

RUIZ, M. A. A. **Por uma ciência da linguagem no Brasil**: percursos e irrupções teóricas. 2019. 217p. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Letras, São Carlos, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/11684/TESE%20versao%20pos%20defesa_Marco%20Antonio_julho_2019.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 13 jul. 2023.”

A large, stylized number '6' is positioned on the left side of the page. It is composed of a light gray outer ring and a solid orange-red inner shape. The number is partially obscured by the text on the right.

Tecnodiscursividade e (des)racialização no ecossistema

Twitter: investigação
de estratégias
tecnolinguageiras no
perfil @geledes

Tecnodiscursividade e (des)racialização no ecossistema Twitter: investigação de estratégias tecnolinguageiras no perfil @geledes

Jorcemara Cardoso (UFSCar)

Eduardo Glück (UNISINOS/NOVA FCSH)

131

Um efeito de começo

Para Foucault (2014), todo saber é cortado pelas relações que o fazem emergir. Dessa forma, a produção e constituição dos saberes científicos não podem ser apartadas de suas condições de emergência. Do mesmo modo, os espaços de divulgação científica não podem ser tomados como lugares de difusões passivos, neutros e imparciais. Partindo da premissa da não neutralidade do dizer, é preciso que façamos, então, algumas perguntas satélites antes mesmo de avançarmos na problemática deste estudo: quem pode dizer e como pode dizer os saberes científicos em diferentes épocas? Quem ou o que legitima que esses saberes emerjam? Suas formas de circulação, difusão e alcance são atravessadas por quais relações de poder?

À medida que adentramos nessas perguntas uma rede de relações se abre e categorias como raça/etnia, gênero, classe social, territórios se mostram constituintes dos regimes de verdade (Foucault, 2004) que fazem emergir determinados saberes e não outros como científicos. Entre essas categorias, a depender dos espaços nos quais transitamos e do lugar social do qual a enunciação emerge, uma categoria terá mais força constituinte que outra.

Segundo Moreira e Massaran (2002), a divulgação científica respondeu ao logo do tempo a motivações e interesses diversificados. Quando observamos a produção da intelectualidade e da divulgação científica na sociedade brasileira, no entanto, especialmente a partir do início do século XIX, é óbvia, ainda que não seja evidente, a regularidade da arquitetura branca nessas motivações e interesses.

Da *Imprensa Régia*, dos boletins eugenistas⁴⁴, do jornalismo científico que passa operar de forma mais articulada a partir dos anos 1980, à produção de divulgação científica nos espaços digitais, as formulações da divulgação científica retiraram de suas camadas de divulgação o quanto seus espaços de voz eram e continuam embranquecidos. Isso não significa que não houve intelectuais e formas de divulgação dissidentes em diferentes épocas, sabemos que houve, ainda que tenham sido por um longo período apagados e, até mesmo, sofrido branqueamento histórico, como é o caso de Machado de Assis no âmbito do literário. Contudo, é com o avançar das lutas coletivas de povos e grupos sociais subjugados e silenciados nesse processo, que a produção de saberes e os próprios espaços de divulgação são tensionados, ocupados e nos são apresentadas não somente outras vezes, mas outras epistemologias.

Com avanço de estudos das práticas discursivas em ambiente digital, cada vez mais compreendemos esse espaço a partir de uma perspectiva pós-dualista, ecológica e integradora (Paveau, 2021). Desse modo, ao lançar uma ordem do olhar sobre os processos de divulgação científica no ambiente digital é preciso que o integremos às práticas

44 Chamado de “Boletim de Eugenia”, o boletim foi um espaço de divulgação das ideias e publicações com fins científicos acerca dos processos eugênicos no Brasil. A ideia era fortalecer na sociedade brasileira como um todo, inclusive e principalmente entre as pessoas não-brancas, a concepção eugênica de “aperfeiçoamento” da humanidade. Para ler mais sobre assunto, sugerimos a leitura de Menezes (2022).

discursivas que os constituem também fora desse ambiente. É preciso que nos distancieemos de uma lógica binarista e antagonica do real vs digital e observemos o real e digital como constituintes das praticas (tecno)discursivas que produzem e estimulam. Dito de outro modo, as singularidades da composicao do digital, com seus cliques, hiperlinks, alcances, suas determinacoes tecnicas, co-constroem as formas tecnolinguisticas que ali se materializam e os enunciadorees digitais que ali se constituem, proporcionando um entendimento sobre as relacoes sujeito, linguagem, maquina e sociedade.

Para este capitulo, observaremos as praticas tecnodiscursivas de um coletivo de mulheres negras que coloca as variaveis raca e genero como centrais em suas producoes de saberes e divulgacao cientifica – Geledés – Instituto da Mulher Negra. Olharemos, mais especificamente, para as formas, taticas, estrategias mobilizadas por esse instituto por meio do @geledes, no ecossistema *Twitter*. Sobre Geledés, de acordo com seu site oficial, fundada em 30 de abril de 1988, *Geledés é uma organizacao da sociedade civil que se posiciona em defesa de mulheres e negros por entender que esses dois segmentos sociais padecem de desvantagens e discriminacoes no acesso às oportunidades sociais em funcao do racismo e do sexismo vigente na sociedade brasileira.*

133

No *Twitter*, o @geledes foi criado em 2009. Na descricao do perfil, temos em evidencia de que não se trata de um perfil individual, empresarial, artistico, mas de uma “organizacao não governamental e sem fins lucrativos”. Apesar de ter como fundadoras grandes nomes da intelectualidade organica negra no Brasil como Solimar Carneiro e Sueli Carneiro, na descricao do perfil encontramos, pois, as primeiras marcas da coletividade sobre a qual o @geledes se sustenta, trata-se de uma organizacao da sociedade civil e de um instituto da (e não sobre) a mulher negra. Há, ainda, a indicacao da sede da instituicao – São Paulo; um link direito para o site oficial Geledés; os numeros de pessoas que o perfil segue – 301, e que seguem o perfil – 71 mil e 700 (até o momento final desta escrita).

Entendendo as praticas do @geledes como formas de ocupar e potencializar certos saberes e não outros produzidos no digital, este estudo tem como pergunta central: de que forma o Geledés – Instituto da Mulher Negra, no ecossistema *Twitter*, apropria-se da

tecnodiscursividade para produzir a si e tensionar os processos de racialização na produção e circulação de saberes em contexto digital?

No batimento descrição e interpretação, assentamos este trabalho nas linhas de uma Análise de discurso fronteira, de borda, de ilharga (Cardoso, 2021), de base histórica e digital, na qual o diálogo epistemológico caminha na direção de descolonizar os saberes, os sujeitos que pesquisam e os objetos de análise. Temos, portanto, como objetivo desde capítulo, analisar aspectos da tecnodiscursividade (Paveau, 2021) na produção de divulgação científica do perfil @geledes no ecossistema mencionado, a partir de uma lente racializada (Silva, 2022; Carneiro, 2023), a fim de compreender como tais aspectos caminham na direção de um desracializa-se, conforme nos encaminha Sueli Carneiro (2023).

Feita esta introdução, passemos para as próximas seções, nas quais faremos a discussão de nossos aportes teórico-metodológicos, as análises dos dados gerados e, em seguida, um efeito de fim deste estudo.

A governamentalidade e a produção de saberes - (des)raciliar a divulgação científica?

Compreendendo o discurso como uma prática que se inscreve na história e que instaura o sujeito da interpretação, nesta seção introduziremos noções como governamentalidade, biopolítica, biopoder, dispositivo (Foucault, 2004) e dispositivo de racialidade (Carneiro, 2023) para pensar a racialização do discurso científico e práticas que tensionam certa norma(lização) do dizer verdadeiro no ambiente digital.

No final da década de 1970, o filósofo Michel Foucault empreendeu estudos acerca dos processos de subjetivação por meio das técnicas de si e da governamentalidade. Esta última, trata-se de uma forma de arte de governar que naturaliza as práticas dos governos em relação aos indivíduos. Essa fase dos estudos de Foucault, conhecida como genealogia da ética ou arqueogenealógica, não se desvincula de outras duas fases: a arqueológica (como os saberes são produzidos) e a genealógica (estudos acerca da articulação entre saber e poder a produzir/

organizar nossa sociedade a partir de uma microfísica do poder). Quanto ao discurso, apesar de Foucault não ter elaborado uma teoria do discurso, a problemática da produção dos discursos está lá, constitutiva de suas reflexões:

Meu objetivo é examinar as diferentes maneiras pelas quais o discurso cumpre uma função dentro de um sistema estratégico onde o poder está implicado e pelo qual funciona. O poder não está, pois, fora do discurso. O poder é algo que funciona através do discurso, porque o discurso é, ele mesmo, um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder. (Foucault, 2003, p. 253)

A governamentalidade, falada anteriormente, promove duas práticas de poder intercambiáveis: as práticas individualizantes e seriadas por meio do biopoder (que potencializam os indivíduos para a produção, concebendo-os como seres-máquina); e as práticas totalizantes por meio da biopolítica (que utiliza técnicas de manutenção e controle sobre a vida da população, como a natalidade, a mortalidade, a velhice, entre outras) (Cardoso, 2021). Esse *modus operandi* do que Foucault chama de poder pastoral, busca normalizar e criar normas diretamente relacionadas à economia política, as quais se aplicam globalmente à população, à vida e aos seres vivos. O biopoder e a biopolítica estabelecem, assim, hierarquias e táticas de representação para legitimar suas ações.

Essa arte de governar os corpos e as massas irrompe, segundo Foucault, com a queda do poder soberano e a emergência do Estado. Há, pois, o deslizamento da máxima “deixar viver e fazer morrer” para “fazer viver e deixar morrer”. O Estado, como um “bom pastor” passa a cuidar não mais dos súditos mas da população. Nessa direção, não se trata mais de “fazer morrer”, mas criar condições de manutenção da vida dos indivíduos do Estado. Mas, quem será iminentemente sujeito do Estado e quem será deixado para morrer?

Foucault (2005) aponta que o que vai permitir que se manifestem os mecanismos de morte é o racismo, mas não necessariamente ligado à cor e/ou à ancestralidade africana do indivíduo, e este é um ponto importante no qual voltaremos mais à frente. Para que não haja levantes contra a institucionalização do racismo no Estado, é preciso

que haja a produção de saberes que a legitime, assim como a produção e estímulos de práticas que a normalizem. Dito de outro modo, para a garantia da manifestação material dessa forma de dominação, é preciso tornar “normal” a morte das pessoas deixadas para morrer ou, mais que isso, é preciso que tal morte seja indigna de comoção e identificação. É preciso, de igual maneira, que os espaços de produção e circulação de saberes não apenas possam espelhar o corpo social alvo da política do “fazer viver”, mas que silenciem, deslegitimem, insignifiquem ou inscrevam com um não-saber os saberes produzidos pela população racializada.

Todo esse aparato, que numa rápida leitura pode parecer simples de se perceber e se cartografar, é produzido por uma rede de relações agenciadas por dispositivos de poder-saber. O dispositivo, na perspectiva foucaultiana, possui sempre uma função estratégica e responde a uma urgência histórica. Se trata de um espaço heterogêneo no qual se constituem redes de interação entre vários elementos. Todo dispositivo tem aquilo que ele diz e apaga excessivamente; que faz ver e que torna invisível; que curva suas linhas de sedimentação e produzem espaços de fuga (Deleuze, 2005). O dispositivo, portanto,

está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam. É isto, o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles (Foucault, 2004, p. 145).

Sueli Carneiro em seu livro *“Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser”*, disserta sobre como a negritude foi inscrita historicamente no signo da morte em território brasileiro sob o manto do poder soberano. Para Carneiro (2023), a mobilização do conceito de *biopolítica*, a partir de uma visão do funcionamento da Europa, não dá conta de responder à problemática do racismo no Brasil. Do mesmo modo, a governamentalidade, pensada por Foucault, trata de uma guerra das raças (raças pensadas numa lógica da segunda guerra mundial), ou seja, da instalação na sociedade europeia do processo de hierarquias de raças que se produzia nas colônias. Segundo a autora, é preciso pensar o biopoder sob as técnicas e táticas de um dispositivo que constrói a superioridade

do “eu-hegemônico”, branco, a partir da negação do Outro, negro. Tal dispositivo ela denomina de dispositivo de racialidade.

Em seu fazer teórico e prático, a filósofa brasileira leva em consideração desde o primeiro momento que as pessoas negras adentram o Brasil. Elas não chegam como pessoas e, destituídas de sua humanidade, são significadas como mercadorias, peças de um comércio e designadas como tais. Em seus territórios eram pessoas, em território brasileiro se tornam “negros/escravos”. A morte, nessa relação de dominação, não tem valor de perda de uma vida, mas valor de perda econômica. Por essa razão, o “deixar/fazer viver”, nos períodos colonial e imperial, não está ligado ao cuidado com a vida, mas com a “proteção/preservação” de um bem material.

A lógica dessa destituição de humanidade é abordada por Carneiro a partir das reflexões de Martin Heidegger sobre o ôntico (referente aos entes particulares ou determinações do ser) e o ontológico (referente ao ser enquanto tal, dimensão na qual a humanidade está inscrita). Para Carneiro (2023, p. 18), essa lógica *nos permite supor que o racismo reduz o ser à sua dimensão ôntica, negando-lhe a condição ontológica e deixando incompleta a sua humanidade.*

137

Assim como Sueli Carneiro, entendemos que o Brasil, por séculos e ainda hoje, foi construído sobre esses alicerces, a lei foi feita para matar, para desproteger, despossuir e criar obstáculos de acesso a espaços de poder às pessoas racializadas. Há o controle do corpo e do pensamento da população negra via produção de práticas discursivas e não discursivas que, de um lado, produzem tecnologias de morte física; de outro, aos que escapam dessa dimensão da morte, outra dimensão é instituída – o epistemicídio⁴⁵, processo fundante na mecânica do processo educacional brasileiro. Segundo Carneiro (2023, p. 97):

O epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado, sequestrando a própria capacidade de aprender. É uma forma de sequestro da razão em duplo sentido: pela negação da

45 Sueli Carneiro toma de empréstimo o termo epistemicídio do intelectual Boaventura de Souza Santos. A nossa ver, esse empréstimo não se caracteriza somente numa relação de aplicação do conceito, mas ela o tensiona e o desloca para pensar a produção dos saberes hegemônicos em território brasileiro a partir de uma lente racializada e de gênero. O portal Geledés, por exemplo, é uma forma de resistência cortada por essas lentes.

racionalidade do Outro ou pela assimilação cultural que, em outros casos, lhe é imposta.

Nesse sentido, a formação educacional no Brasil funcionou e ainda funciona, segundo a autora, como uma forma de manutenção desse dispositivo da racialidade no nosso presente histórico. Aniquila subjetividades, exclui ou bloqueia o poder de fala e pensamento produzido pelos sujeitos racializados. A tese de Sueli não recai somente na ideia de que o dispositivo de racialidade é um dentro tantos a formar o Brasil, mas de que o próprio Brasil é o dispositivo de racialidade atravessado por outros que aqui se instauram e são *cortados* por ele.

Não é aleatório que os povos originários dessas terras, inicialmente chamados de “índios”, ao serem escravizados passam a ser chamados de “negros da terra”. Não é aleatório de que os saberes dos povos ligados a essas denominações sofreram etnocídio durante a colonização/exploração e, por mais de um século, foram excluídos do ambiente formal da educação republicana, sendo necessário a construções de leis⁴⁶ que os reconhecesse enquanto saberes e obrigassem seu ensino. Hoje, ressignificados como luta coletiva, os termos “negro” e “negritude”, assim como indígena, aparecem como materialização na língua de uma disputa simbólica e política de seus sentidos.

Nesta tangente, quando o saber funciona como forma de dominação ou ruptura de sua hegemonia, encontramos com nosso objeto. Acreditamos que não há como pensar o funcionamento dos ecossistemas digitais fora da lógica do dispositivo de racialidade, especialmente quando observamos como os saberes são produzidos e como é feita a forma de alcance de sua circulação nesses espaços.

A título de exemplo, em 2021, foi divulgado um relatório, produzido pela *Science Pulse* em parceria com o *Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados* (IBPAD), que identificou as principais vozes da ciência, referente à Covid-19 no *Twitter*, naquele ano. No caso do Brasil, o top 10 de cientistas e o top 5 de instituições foram as seguintes:

46 As leis em questão são a lei 10.639/03 que trata da obrigatoriedade dos estudos da história e cultura africana e a lei 11.645/08, que expande o art. 26-A da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e trata da obrigatoriedade do ensino da história e cultura dos povos indígenas do Brasil. Ambas acolhem a luta dos povos negros e povos indígenas na formação da sociedade brasileira.



Figura 1: Vozes brasileiras da ciência no Twitter
Fonte: Portal USP São Carlos⁴⁷

Os perfis foram selecionados considerando seus fatores de popularidade (alcance do perfil), autoridade (cientistas conhecidos e respeitados em seus campos de atuação) e articulação nas redes (perfis que funcionam como pontes entre diferentes grupos e que tem maior capacidade de serem difundidos). Não adentraremos nas especificidades do estudo, mas gostaríamos de evidenciar o óbvio, mas que ainda assim precisa ser verbalizado. Dos *top 10* cientistas que aparecem na lista que passou a circular na mídia brasileira, nenhuma pessoa é negra ou indígena, há apenas 1 pessoa amarela⁴⁸.

Entretanto, é importante dizer que um cientista negro aparece em terceiro lugar, quanto à popularidade – o professor, advogado e atual Ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil, Silvio Almeida. Mas, vejam que interessante, esse dado só nos foi possível saber ao lermos a apresentação do referido relatório no site do IBPA⁴⁹. No ecossistema digital *Twitter*, portanto, a “face da ciência no Brasil”,

⁴⁷ Disponível em << [⁴⁸ Tomo o termo amarelo por ser um termo em disputa nessa comunidade, em contraposição a termos produzidos por um olhar eurocêntrico como asiático e oriental.](http://www.saocarlos.usp.br/quais-sao-as-principais-vozes-brasileiras-da-ciencia-no-Twitter-em-2021/>></p>
</div>
<div data-bbox=)

⁴⁹ Caberia um trabalho com maior fôlego analítico somente sobre esse dado, para desenvolver todas as camadas que estão presente na produção dessas vozes a/do saber no ambiente digital. Seria interessante observar como outras variáveis como gênero, classe social, espaços de produção de saberes aparecem na construção dessas vozes no digital.

acerca de um dos maiores eventos de saúde pública mundial no último século, é branca. Paradoxalmente, no mesmo ano, são publicados estudos acerca do impacto da Covid-19 que mostram que a pandemia atingiu um número proporcionalmente maior de pessoas negras e indígenas. Um desses estudos foi liderado por uma mulher negra, a pesquisadora, médica, ativista e divulgadora científica, Jurema Werneck.

Mas, se no digital a lógica dos zeros e uns imperam, seriam, então, os algoritmos racistas? Para Silva (2021), a partir de diálogos com autores e autoras como Sueli Carneiro e Achille Mbembe, os algoritmos não são racistas, é preciso que se inverta a ordem dessas palavras. O racismo se expande e constitui os modos de produção dos ambientes digitais. Silva fala, pois, de racismo algorítmico, denominação que dá nome ao seu livro, intitulado *“Racismo Algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais”*. Segundo o autor, sob os mitos da transparência, democracia de acesso e pluralidade de vozes independente de raça, classe, gênero e classe econômica,

hegemonicamente, então, este mito da descorporificação e superação das identidades fortaleceu-se na intersecção de uma série de motivações, desde o olhar utópico de quem via a internet como um possível éden à cegueira racial que já não via as disparidades estruturais e hiatos digitais (Silva, s/p, leitura online).

Se o racismo se espalha em todas as estruturas, inclusive no digital, e há, na própria formação do Brasil um dispositivo que racializa e subjulga corpos, como resistir a essa forma de dominação? Para Foucault, os processos de resistência funcionam como catalisadores do poder, formas que aceleram o presente histórico e nos ajudam a localizar o poder, descobrir seu ponto de aplicação, seus métodos, suas táticas (Foucault apud Cardoso, 2021). Para Carneiro (2023, p. 62),

o desracializar-se — recusar ou camuflar a identidade racial no plano dos discursos e das práticas — é condição imperativa. A outra possibilidade de reação ao dispositivo de racialidade advém da constituição do sujeito coletivo demandador de direitos, que busca o reconhecimento como sujeito político; será por meio desse reconhecimento que se promoverá a

transformação dos pactos sociais pela inclusão dos negros enquanto coletividade.

Coletividade que rompe com as linhas hegemônicas do dizível e do visível do dispositivo e instaura outras linhas de sedimentação e atualização do ser (Deleuze, 2000). É por meio de práticas ancoradas na coletividade que conhecemos os trabalhos, as lutas feitas e os saberes produzidos por pessoas negras e indígenas. Esses saberes historicamente não nos são dados como referências, mas nos alcançam por meio da resistência desses sujeitos e sujeitas que produzem rachaduras na história e fazem ecoar outras vozes, outras formas de ser e existir. *A saída se dá pelo coletivo, onde o cuidado de si e o cuidado do outro se fundem na busca da emancipação* (Carneiro, p. 12-13).

Feita esta base teórica que corta nosso objeto, na próxima seção, discorreremos sobre os modos de funcionamento do discurso no digital para, em seguida, empreendermos as análises.

Tecnodiscursividade: teoria e características

141

Tendo em vista que a presente investigação se insere também no âmbito do discurso digital, uma vez que nosso ecossistema de análise é o *Twitter*, recorremos à uma das precursoras da ADD, a linguista francesa Marie-Anne Paveau, para dar conta da dimensão tecnolinguageira inerente à nossa investigação. Em vista disso, ao postular sua teoria e a noção de *tecnodiscursividade*, Paveau (2013, 2021) defende que há uma ligação indissociável entre a matéria linguageira e a matéria tecnológica, um verdadeiro imbricamento do discurso com a tecnologia.

Paveau (2013, 2021) concebe a ADD enquanto uma Linguística Simétrica, a partir do conceito de *simetria*, cunhado pelo antropólogo, sociólogo e filósofo da ciência Bruno Latour (2012). Para Latour (2012, p. 158), os objetos têm agência, que significa “estar associado de tal modo que fazem outros atores fazerem coisas”. Em vista disso, o pesquisador advoga o mesmo status e atenção aos atores humanos e não humanos.

Nessa direção, a Linguística Simétrica se opõe à Linguística Logocêntrica, pois rompe com a noção de linguístico e extralinguístico. Na perspectiva logocêntrica, há aspectos que competem à linguagem e outros que são exteriores a ela. Isto é, os observáveis são de natureza puramente linguageira, diferentemente da visão simétrica, em que os observáveis se compõem de natureza tecnolinguageira, num verdadeiro compósito. Dessa forma, para Paveau (2021), as produções nativas digitais são co-constitutivas de linguagem e tecnologia, ou seja, há um continuum entre o verbal e o não verbal.

Nesse sentido, Paveau (2021, p. 1) explica que

os discursos digitais nativos não são de ordem puramente linguageira; [...] as determinações técnicas coconstroem as formas tecnolinguageiras, e [...] as perspectivas logo e antropocêntricas devem ser descartadas em prol de uma perspectiva ecológica e integradora, que reconhece o papel dos agentes não humanos nas produções linguageiras.

Assim, não concebemos a tecnologia enquanto um elemento extralinguístico, como é visto em pesquisas pré-digitais, uma vez que é o ecossistema no qual o usuário está inserido que determinará os caminhos e as possibilidades de interação para ele.

Ademais, para alicerçar sua teoria, Paveau (2017, 2021) desenvolve seis características que definem o tecnodiscurso, a saber:

- 1) composição: natureza indissociável entre matéria linguageira e matéria tecnológica das produções elaboradas e compartilhadas em contexto digital on-line;
- 2) deslinearização: possibilidade tecnolinguageira de conectar dois textos digitais por meio de um elemento clicável, como o hiperlink;
- 3) ampliação: enunciação aumentada devido à conversacionalidade da Web, ou seja, as postagens on-line são aumentadas por comentários, ou até mesmo por ferramentas de escritas que permitem uma enunciação coletiva, como o Google Docs;
- 4) relacionalidade: relação com outros discursos devido à reticularidade da Web, além da relação entre os próprios aparelhos digitais, devido à sua natureza compósita, a qual produz

enunciados em coprodução com a máquina;

5) investigabilidade: possibilidade de rastreio dos discursos por meio das ferramentas de busca, que os tornam encontráveis ou coletáveis;

6) imprevisibilidade: ação dos programas e algoritmos que, por intermédio de suas fórmulas matemáticas gerenciados com a máquina, manipulam forma e conteúdo dispostos em contexto digital.

Apresentada, de forma breve, a ADD, bem como suas características, neste tocante, visamos verificar como a natureza compósita e relacional dos textos digitais nativos produzidos por @geledes interfere em seu ethos tecnodiscursivo na interação com seu interlocutor ao compor seus tuítes de divulgação científica na temática em questão.

Metodologia

Os dados gerados para a presente investigação consistem em tuítes de divulgação científica realizados pelo Instituto da Mulher Negra, Geledés (@geledes), no ecossistema *Twitter*. Dentre os variados tuítes realizados pelo instituto, optamos por aqueles que se sobressaíram quanto aos aspectos da tecnodiscursividade (Paveau, 2021), semioticidade, bem como tratassem de alguns dos principais temas abordados pelo instituto (racismo, sexismo, violência contra a mulher negra, epistemologias afrocentradas, etc.).

Selecionamos os três primeiros tuítes de acordo com as características descritas acima, na segunda quinzena de junho de 2023, momento em ocorreu a geração de dados para a presente pesquisa. Os dados foram gerados no dia 05 de julho de 2023, às 14h, pelo computador do pesquisador @edugluck, via *Twitter*. Desse modo, consoante Paveau (2021), caso a pesquisa fosse feita por um outro dispositivo ou por um outro usuário, a geração poderia ter sido diferente, dadas as características inerentes à tecnodiscursividade (imprevisibilidade, investigabilidade) e aos algoritmos.

Nesse ínterim, tendo em vista esse grande fluxo de publicação, buscamos dar conta de um instante discursivo, consoante Moirand (2020), uma vez que, ao tratar da extensão de corpora em ambiente digital, a referida linguista defende que o analista de discurso digital possa realizar seu estudo a partir do que ela denomina “pequenos corpora”. Para Moirand (2020, p. 21), os pequenos corpora “possibilitam descrever as formas discursivas, raras ou não estabilizadas ainda, [...] bem como as relações entre a linguagem verbal e o mundo (o ambiente, os objetos, os atores e suas ações).”.

Ao desenvolver a noção de pequeno *corpus*, Moirand (2020) postulou três conceitos, visando a dar conta da atualidade de um acontecimento na Web. O pequeno corpus permite sequenciar determinada produção discursiva em três instâncias: (i) acontecimento discursivo; (ii) momento discursivo; e (iii) instante discursivo. Tais instâncias possibilitam, conforme a pesquisadora, um recorte de corpus coerente.

Neste estudo, o acontecimento discursivo refere-se à temática ampla da divulgação científica, ao passo que o momento discursivo concerne aos tuítes postados pelo instituto @geledes. Por fim, o instante discursivo consiste nos tuítes gerados para análise, os quais dizem respeito à divulgação científica de acontecimentos sobre racismo, sexismo etc., que sejam pautas abordadas por Geledés.

A análise dos tuítes gerados consistiu nas seguintes etapas, elaboradas com base na tese em desenvolvimento de Glück (2021): (i) geração dos dados para análise, na temática da divulgação científica; (ii) descrição dos tuítes dos dados gerados, a partir do ecossistema em que estão inseridos, o *Twitter*; (iii) identificação das estratégias tecnolinguageiras do perfil de @geledes sobre essa temática, levando em conta as categorias da ADD (Paveau, 2021); e (iv) averiguar os processos de racialização (Caneiro, 2023; Modesto, 2021; Silva, 2022) para erradicar a discriminação presente na sociedade que afeta mulheres negras contra o racismo e sexismo.

Concluídas as etapas metodológicas, a seguir, passamos à análise dos dados gerados para esta pesquisa.

Análise dos dados gerados

Nesta seção, apresentamos a análise dos tuítes gerados para esta pesquisa, postados por @geledes, no ecossistema *Twitter*. Conforme salientamos na seção metodológica, selecionamos os três primeiros tuítes que se sobressaíram quanto à tecnodiscursividade, à semioticidade e aos temas-chave postados pelo instituto em questão.

A Figura 2, a seguir, exibe o primeiro tuíte da sequência, no ecossistema em que se insere.



Figura 2: Geração de print do Tuíte n.1

Fonte: @geledes (2023)⁵⁰

Na Figura 2, na primeira parte do tuíte, parte superior, vemos instaurada a enunciadora digital do @geledes: uma fotomontagem de uma mulher negra, com uma máscara cirúrgica (uma marca de memória da pandemia da Covid-19); o olhar fixo para frente, nos faz seu rosto apenas de perfil, virado para o lado direito de quem olha para a tela.

50 Disponível em: <https://Twitter.com/geledes/status/1671868576855146497>.

Ao lado da fotomontagem, aparecem o nome de exibição do perfil ou nome – Geledés Instituto da Mulher Negra, e o nome de usuário – @geledes. Mais à frente, discorreremos mais sobre este último tópico. Logo abaixo dessa primeira parte, há um breve texto verbal, com aspas. No momento da geração de dados, o tuíte possuía 3.960 visualizações, 19 retuítes, 5 comentários e 133 curtidas.

Há um aspecto importante na construção da tecnossemiótica do perfil que vai estar presente em todos os tuítes postados – é uma mulher negra que enuncia os saberes, as denúncias, as reflexões, as notícias, as novidades etc. que vão ser tuitados. Tal aspecto do digital se integra a uma das bases constituinte das práticas discursivas de Geledés – a questão de gênero atravessado pela raça/etnia. Em maiúsculo, Mulher Negra, como dissemos na introdução, instaura no linguístico a espessura histórica do coletivo que produz o Instituto.

Abaixo do texto verbal, deparamo-nos com uma marca de deslinearização, própria do tecnodiscurso (Bolter, 2001; Paveau, 2021): um *hyperlink*, em forma de imagem, que traz um homem negro sentado em uma cadeira, sem camiseta. Eis o caso de uma hiperligação extradiscursoiva, consoante Paveau (2021), uma vez que ela se apresenta externamente ao texto verbal. Trata-se de casos recorrentes em discursos nativos digitais (Muniz-Lima; Glück, Gonçalves, no prelo). A referida linguista, ao postular os tipos de deslinearização, propôs o semiótico, o qual diz respeito à combinação de elementos não verbais, como vídeos, imagens, sons etc.

No momento em que o usuário clica nessa marca de deslinearização, ele é remetido ao site Geledés⁵¹. No site, é possível ler a matéria trazida na íntegra, escrita por Luiza Sansão e originalmente lançada no Blog da Luiza, que vai amplificar e indicar a espessura histórica do tuíte. Dessa forma, estamos diante do que Paveau (2021) postula enquanto tecnodiscurso relatado. Nessa ótica, Glück (2021, p. 67) defende que a deslinearização em *corpora* digitais nativos pode dar “origem ao fenômeno da heterogeneidade tecnoenunciativa, uma vez que, por meio da inserção e do acesso ao hyperlink, observamos duas situações de

51 Matéria disponível em: <https://www.geledes.org.br/eu-nao-conheco-a-cidade-o-rio-pra-mim-foi-so-prisao-diz-rafael-braga-apos-10-anos-de-injustica/>. Acesso em: 19 jul. 2023.

enunciação (e seus respectivos enunciadores digitais) conectadas em um mesmo fio enunciativo.”. No caso do tuíte em questão, a inserção desse elemento semiótico de deslinearização interconecta duas situações de enunciação. Nesse caso, o usuário sairia do ecossistema *Twitter* e entraria no ecossistema do Geledés mediante o clique. Trata-se de uma característica endêmica ao discurso digital nativo da Web.

Os efeitos de sentidos e a instalação do sujeito da interpretação no tuíte n.1 é capturável justamente a partir dessa construção tecnosemiótica que interconecta o linguístico, a imagem, e as singularidades técnicas da composição do digital. A iminente deslinearização semiótica está ligada à ativação de certa memória que o tuíte como um todo desperta. Ao trazer entre aspas “Eu não conheço a cidade. O Rio pra mim foi só prisão” e logo em seguida “diz Rafael Braga após 10 anos de injustiça”, o perfil rememora um dos casos símbolos da seletividade prisional no Brasil – o caso Rafael Braga⁵².

Além disso, a imagem, de um homem quase desnudo, amplifica outros discursos que passam a ser inscritos no corpo negro de Rafael. Rafael Braga é duplamente significado no tuíte: sem perda da singularidade de sua história, há a denúncia de uma relação historicamente construída entre (in)justiça e corpos negros. Os adjetivos que aparecem como parte do texto clicável – “abordado, agredido e injustamente preso”, materializam na língua uma rede de memórias e de identificação que, a depender de quem lê, o potencial de clique na imagem aumenta.

Apresentado o tuíte 1, passamos ao 2, que também nos permite observar marcas de deslinearização do tipo semiótica. Vejamos, a seguir, a Figura 3, que ilustra essa ocorrência.

52 Nas manifestações de junho de 2013, no Rio de Janeiro, Rafael Braga, catador de material reciclado, à época com 25 anos, foi abordado, agredido e injustamente preso. Uma das justificativas de sua prisão foi a acusação, por parte da polícia, de que Rafael portava material explosivo, quando tudo o que levava nas mãos eram um frasco de desinfetante Pinho Sol e um de água sanitária, ambos lacrados. Conforme amplamente apurado e denunciado por vários setores e movimentos sociais, Rafael sequer era participante da referida manifestação. Ainda assim, Rafael foi condenado e preso. Após este episódio, Rafael foi alvo de outras formas de dominação do corpo negro empobrecido, conforme pode ser lido na matéria no site Geledés.



Figura 3: Geração de print Tuíte n.2

Fonte: @geledes (2023)⁵³

Na Figura 3, na parte superior do tuíte, visualizamos os mesmos traços descritos no tuíte n.1 acerca da enunciadora digital e do nome de exibição do perfil e de usuário. No momento da geração de dados, o tuíte possuía 798 visualizações, 4 curtidas e salvo por um usuário.

Em seguida, há a marca de deslinearização extradiscursiva – um *hyperlink* em forma de imagem, a qual retrata o logotipo do jornal Valor Econômico. Assim como no primeiro tuíte apresentado, há o caso da deslinearização do tipo semiótico, pois essa marca apresenta-se na combinação de elementos não verbais – nesse caso, como imagem da logomarca do referido jornal. O elemento clicável, em formato de imagem, remete o potencial escritor ao site do jornal Valor Econômico⁵⁴. No momento do clique, o escritor tem acesso à matéria na íntegra, sendo remetido a esse discurso outro. Esse caso de tecnodiscurso relatado (Paveau, 2021) corrobora com uma das discussões-chave proposta pelo Geledés: o combate ao racismo. A matéria do jornal é intitulada *Argumentos econômicos no combate ao racismo*, publicada por Eduardo Belo. Numa leitura rápida, talvez passe despercebida uma das estratégias recorrentes na produção tecnodiscursiva do @geledes – a conexão de uma rede de pessoas pretas e aliadas que ocupam lugares de visibilidade na ordem do dizível dentro e fora do digital.

⁵³ Disponível em: <https://Twitter.com/geledes/status/1673712226102829058>.

⁵⁴ Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/coluna/argumentos-economicos-no-combate-ao-racismo.ghtml>.

Eduardo Belo é um homem negro, jornalista com especialização em Economia e editor da Revista Valor Econômico. Nessa direção, podemos dizer que ao replicar notícias como essa, não se está somente colocando em enfoque o combate ao racismo institucionalizado nos processos do funcionamento da economia, mas, além disso, o perfil desracializa os lugares de poder e os sujeitos e as sujeitas ocupantes desse espaço.

O título e a parte verbal da imagem clicável que descreve a matéria não deixam em evidência a presença de Geledés como um dos organismos trazido no corpo da notícia. Desse modo, ao trazer na parte superior do hiperlink “A presença de Geledés nos fóruns da ONU foi assunto para o Valor Econômico na última quinta-feira, 22.”, nesse momento, entrevemos a conexão do ethos tecnodiscursivo do perfil, constituído como amplificador e mobilizador de vozes e do que é produzido por outras redes nas quais o Instituto instala e se instala, e dos *ethé* político e social do Instituto, constituído como um agente ativo que coconstrói diferentes frentes de lutas, principalmente antirracistas e do feminismo negro na sociedade.

149

Passamos, agora, ao terceiro e último tuíte deste capítulo. A Figura 4, a seguir, o ilustra.



Figura 4: Geração de print Tuíte n.3

Fonte: @geledes (2023)⁵⁵

⁵⁵ Disponível em: <https://Twitter.com/geledes/status/1674024564475527170>.

Na Figura 4, na parte superior do tuíte, visualizamos os mesmos traços descritos no tuíte n.1 e n.2, acerca da enunciadora digital e do nome de exibição do perfil e de usuário. Logo abaixo dessa primeira parte, há um breve texto verbal. No momento da geração de dados, o tuíte possuía 702 visualizações, uma curtida e um comentário. O tuíte em questão é, dos três, o com menor engajamento e entrega. Nesse sentido, apesar de sabermos que, para compreender a relação de produção do conteúdo digital com seu alcance (entrega) gerado pelo ecossistema, precisaríamos nos aprofundar em outras relações técnicas do digital, a partir de estudos como de Silva *et al.* (2020) e de Silva (2022) entendemos que as linhas do visível e do alcançável nos ecossistemas digitais não são apartados de suas condições racistas de produção, como bem salientamos na introdução deste estudo.

Abaixo do texto verbal, temos uma marca de deslinearização: *hyperlink* em forma de imagem (informações sobre o evento intitulado *Prêmio Pontos de Memória 2023*, do IBRAM). Novamente, temos o caso de uma deslinearização semiótica.

Mediante o clique, o usuário é remetido ao site do Instituto⁵⁶. Eis o caso do tecnodiscurso relatado e, em vista desse fenômeno, Paveau (2016, p. 6) postula que:

“O ‘pedido de amizade’ na rede do Facebook, por exemplo, passa pelo botão ‘add’, no qual basta clicar para produzir a declaração de convite, acompanhada (ou não) de uma mensagem escritural explícita. É o mesmo para o compartilhamento de enunciação de um ecossistema (por exemplo, um blog) para outro (por exemplo, rede *Twitter*), que se realiza num simples clique num botão de compartilhamento pré-instalado no site ou pelo escritor mesmo em seu navegador. Esse fenômeno do tecnodiscurso relatado (Paveau, 2015a) apaga a linearidade do discurso das citações para substituí-lo por um gesto de enunciação.

Para Paveau (2016), trata-se de um gesto de enunciação, mediante o qual o usuário tem acesso a um enunciador segundo trazido no tuíte. Portanto, no discurso digital, o usuário tem a possibilidade

⁵⁶ Disponível em: https://www.geledes.org.br/evento-inedito-reune-ibram-e-museu-da-pessoa-para-apresentar-o-passo-a-passo-do-processo-de-inscricao-para-o-premio-pontos-de-memoria-2023/?utm_source=pushnews&utm_medium=pushnotification

(*affordance*) de trazer outrem no discurso citante, desde que o ecossistema permita, como é o caso do *Twitter*. Além disso, ainda quanto à tecnodiscursividade, observamos que a imagem, na condição de elemento semiótico, busca resumir as principais informações da reunião apresentada no tuíte, como um *tuíte-resumo*. Para saber mais, basta que o leitor clique na imagem e leia a matéria. A tecnodiscursividade, assim, também possibilita que o usuário instigue a curiosidade dos leitores a partir de elementos semióticos.

Instigação que sabemos é histórica, discursiva, atravessada por relações que instauram o escrileitor na trama do que ali passa a ser tecida. Trama que potencializa pontos de identificação, de pertencimento, de inscrição de si no discurso outro. Nesse caso, para fecharmos a tripla de tuíte de analisados, neste terceiro, vemos outra marca da desracialização proposta por Carneiro (2023) – é preciso (re)construir as bases de uma outra história negra na formação da sociedade. Com um chamamento para uma reunião no *Google meeting*, pessoa escrileitora é chamada para adentrar no coletivo, a fazer parte dele e a compreender seu funcionamento. Mas como o espaço digital também é um espaço de encontros velozes, passada a data do encontro, a pessoa escrileitora, ao deslizar na tecnotrama que se abre a partir do tuíte n.3, se depara com a Mulher Negra como ponto de memória reconstruindo outros lugares de significação dos saberes da/sobre a negritude.

Vemos que a prática de popularização dos saberes difundidos por @geledes é sempre cortada por uma lente que racializa as discussões para constranger e desconstruir a normatividade hegemônica cis-hétero-masculina-branca que impera historicamente em todos os espaços de saber e poder, inclusive no ambiente digital e, para além disso, potencializa outras bases de construção a partir de um coletivo desracializado.

Efeito de fim

O presente capítulo teve como objetivo analisar aspectos da tecnodiscursividade (Paveau 2021) na produção de divulgação científica do perfil @geledes no ecossistema *Twitter*. Ademais, a partir de uma

lente racializada (Silva, 2022; Carneiro, 2023), busca compreender a componente cor/raça/etnia na produção dessa divulgação. Em vista disso, após termos exposto as marcas tecnolinguageiras na análise dos dados gerados para o presente estudo, constatamos diferentes estratégias utilizadas pela enunciadora digital, desde elementos semióticos, como as imagens, tecnodiscursivos, como os *hiperlinks*, e de processos de (des)racialização inscritos nos formatos e temas das matérias disseminadas nos tuítes.

Nos três tuítes apresentados na seção de análise, observamos o caso da deslinearização extradiscursiva, do tipo semiótica. Em outras palavras, o perfil @geledes escolheu inserir em suas postagens o discurso outro mediante imagens clicáveis, a partir das quais o usuário tinha acesso às matérias na íntegra, no momento em que as clicava. Trata-se de casos de tecnodiscurso relatado, um traço recorrente em discursos digitais na *Web*.

Como visualizamos, a deslinearização conecta dois discursos, e @geledes realiza essa articulação via elemento extradiscursivo. Nos tuítes 1 e 3, o usuário era remetido ao próprio ecossistema do site do instituto estudado. Trata-se de uma tática de @geledes de postar matérias em seu site e as divulgar no ecossistema do *Twitter*, como forma de fomentar seus textos. No tuíte 3, inclusive, havia na imagem com um tuíte resumitivo, com as informações da reunião abordada por Geledés, marca da construção coletiva que alicerça as ideias do Instituto.

Por sua vez, no tuíte 2, o leitor era remetido ao ecossistema do jornal Valor Econômico, com a matéria sobre o combate ao racismo. Desse modo, notamos que o instituto se apropria de aspectos da tecnodiscursividade como forma de trazer discursos racializados que discriminem e/ou abordem temas que afetam sobretudo mulheres negras contra o racismo e o sexismo, uma vez que o próprio nome do instituto é “da Mulher Negra”. No entanto, essas bases de temas não anulam que outros temas sejam abordados, desde que a temática orbite em uma de suas finalidades.

Quanto às táticas, estratégias tecnolinguageiras de @geledes, vemos o “eu-hegemônico” confrontado e seu *status* de razoabilidade (daquele que produz a razão), de normalidade (daquele que produz o normal) e

de vitalidade (que determina a vida) sobre as coisas e os seres ser descontruído. Nesse sentido, raciliza-se o eu-hegemônico, ele é branco, se evindeciam as bases de sua constituição violenta e as relações de saber-poder que garantem sua existência. A negritude, com os pés fincado no feminismo negro, passa a ser inscrita (desracializada) no signo da vida, da razão e da potência de vir a ser, nunca de forma estática. O fazer e o divulgar científico de @geledes, portanto, é atravessado por esses movimentos que inscrevem numa outra relação as pessoas escreitoras que constituem e são constituídas pela trama tecnodis-cursiva que se abre a partir do perfil.

Nosso intuito com este capítulo não é exaurir a discussão; ao contrário, diante do exposto, esperamos que outros trabalhos surjam envolvendo a relação sujeito, linguagem, sociedade e racialização dos discursos, sobretudo em contexto digital, e se juntem a tantos outros trabalhos que desenvolvem e fortalecem estratégias que favoreçam o combate ao racismo, ao sexismo e a demais discriminações.

Por fim, nossa escrita homenageia Solimar Carneiro, fundadora de Geledés – Instituto da Mulher Negra, que, durante o processo de feitura deste trabalho, fez sua passagem para Orun.

Referências bibliográficas

BOLTER, J. D. **Writing space: computers, hypertext and the re-mediation of print**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2001. DOI: 10.4324/9781410600110.

CARDOSO, Jorcemara Matos. Ao internacional e além: as relações de poder-saber na constituição da identidade brasileira inscritas em livros didáticos de Português para estrangeiros. Tese de doutorado. Universidade Federal de São Carlos: São Carlos, 2021.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Zahar, 2023. Edição do Kindle.

FOUCAULT, Michel. **Diálogo sobre o poder**. Ditos e escritos. Estratégias, Poder-Saber.

GLÜCK, Eduardo Paré. **A heterogeneidade tecnoenunciativa em um conjunto de tuítes reunidos pela hashtag #divulgaçãoocientífica**. Orientadora: Maria Eduarda Giering. Co-orientadora: Matilde Gonçalves. 2021. 82f. Qualificação de Tese de Doutorado (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação Doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

LATOUR, B. **Reagregando o Social**. Bauru, SP: EDUSC, Salvador, BA: EDUFBA, 2012.

MENEZES, Adriana Vilar. **Mais de 200 anos de comunicação da ciência no Brasil: falta de letramento científico é determinante para breçar o crescimento da divulgação científica**. In: Cienc. Cult. vol.74 no.3 São Paulo July/Sept. 2022. Disponível em <<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252022000300016>> Acesso em: 20 de julho de 2023.

MOIRAND, S. **A contribuição do pequeno corpus na compreensão dos fatos da atualidade**. Tradutores Fernando Curtti Gibin & Julia Lourenço Costa. Revista Linguasagem, São Carlos, v.36, Dossiê Metodologias de Pesquisa em Ciências da Linguagem, jul./dez. 2020, p. 20-41.

MOREIRA, Ildeu de Castro; MASSARANI, Luisa. **Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil**. In: Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil. Organização e apresentação de Luisa Massarani, Ildeu de Castro Moreira e Fatima Brito. Rio de Janeiro: Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Forum de Ciência e Cultura, 2002.

MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. v. 4.

_____. **Microfísica do poder**. 20.ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

_____. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Nascimento da Biopolítica**: curso no Collège de France (1978-1979). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, Martins Fontes, 2008.

MUNIZ-LIMA, I; GLÜCK, E. P.; GONÇALVES, M. **Tecnodiscursividade, divulgação científica e letramento digital no ecossistema Twitter**: análise de estratégias tecnolinguageiras no perfil @mellziland. In: LIMA; BORGES; ZACCHI (Org.). Estudos na Linguística Aplicada: discursos e formação docente. PPGL/Ufal, no prelo.

PAVEAU, M.-A. **Technodiscursivités natives sur Twitter: une écologie du discours numérique**. Epistémè: Revue internationale de sciences humaines et sociales appliquées, Séoul, [S.l.], n. 9, p. 139-176, sept. 2013. Disponível em: <<https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-00859064/document>>. Acesso em: 04 out. 2022.

_____. **L'écriture numérique. standardisation, delinéarisation, augmentation**. Fragmentum, Santa Maria, n. 48, p. 13-36, juil./déc. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/23296/15104>>. Acesso em: 04 out. 2022.

_____. **Les Prédiscours**: sens, mémoire, cognition. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 2017. Disponível em: <https://books.openedition.org/psn/722>. Acesso em: 19 maio 2023.

____. **Análise do discurso digital:** dicionário das formas e das práticas. COSTA, J. L.; BARONAS, R. L. (Org). 1 ed. Campinas, SP. Editora Pontes, 2021.

SILVA, Tarcizio. **Racismo algorítmico:** inteligência artificial e discriminação nas redes. aspectos centrais da vida contemporânea. Edições Sesc SP, 2022. Edição do Kindle.

SILVA, Tarcizio et al. **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais:** Olhares afrodiaspóricos. LiteraRUA – São Paulo, 2020. Disponível em << <https://drive.google.com/file/d/1TheL9vPo5-kG-VN94PH1HgV-gR3tmumnJ/view> >>.

7

**Análise de discurso
em contexto digital:
uma escrita de
emoji - o filme**

Análise de discurso em contexto digital: uma escrileitura de *Emoji – o filme*⁵⁷



Carlinho Viana de Sousa
(UNEMAT/PPGL-UFSCar)

Introdução

158

Nosso *corpus* se refere à produção cinematográfica de *Emoji: o filme*. A animação de 1h27min foi lançada em 2017 pela *Sony Pictures Animation* e pode ser assistida no canal de streaming da *Netflix*. O enredo tem como tema central a aventura vivida por três *emojis*: *Mãozinha*, *Princesa* e *Gene*, os quais exploram o mundo do smartphone por meio de vários aplicativos (apps). O smartphone no qual eles vivem pertence a Alex, um garoto do ensino médio que, como a maioria, é viciado em celulares. Os três *emojis* são da cidade de *Textópolis* (aplicativo onde eles moram). Cada *emoji* tem uma função específica. Vivem em um cubo, esperando que os humanos, por meio de uma mensagem, os utilizem/enviem. Essa é a razão primordial de existirem. Alex solicita *Gene* por meio de uma mensagem, ele surta e faz várias expressões diferentes.

⁵⁷ Pesquisa de doutorado em fase inicial no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Trabalho publicado com o título: *Análise discursiva de Emoji: o filme* no 2º Congresso Nacional de Estudos Interdisciplinares da Linguagem e Ensino, 16-18 nov. 2022. Disponível em: <https://x.gd/dLoGW>. Acesso em: 24 jul. 2023.

O *emoji* Gene por possuir várias expressões, foi incompreendido pelos pares, inclusive pela chefe deles: a Sorrisete, a qual determinou que ele fosse deletado. Com a ajuda de *Mãozinha* ele consegue sair de Textópolis para procurar um hacker de nome *Rebelde* (codinome da *emoji Princesa*) para consertar seu bug (problema). No final do enredo Alex decide deletar todos os aplicativos (*apps*) de seu smartphone, mas a *Princesa* consegue enviar *Gene* como mensagem para Alex, que a reenvia para Adi. Por meio de suas várias expressões, *Gene* faz Adi se apaixonar por Alex e ele desiste de deletar seus *apps*.

A partir da análise de *Emoji: o filme*, corpus inicial do projeto de doutoramento, nosso objetivo é compreender como se estabelecem as relações discursivas entre o mundo digital e o mundo real, se são dois universos separados (dualismo digital), ou se são dois universos complementares, um como extensão do outro (uma espécie de realidade ampliada). Trazemos a partir da escrita discursiva de *Emoji: o filme* algumas questões para reflexão: Como pensar o real e o digital na contemporaneidade? Como dois universos distintos? Ou haveria um *continuum* entre os dois, uma espécie de realidade ampliada?

159

Ao falarmos de escrita, queremos analisar os discursos digitais nativos, dentro de uma perspectiva ecológica, onde não se separa o humano do não humano, o linguístico do extralinguístico, enfim, o ambiente de produção digital é de suma importância para entender o movimento discursivo que ocorre quando se produz um discurso digital nativo. Para Paveau (2021, p. 159):

A perspectiva ecológica é particularmente necessária para analisar os discursos digitais nativos por várias razões: as formas tecnolinguageiras possuem componentes tecnológicos que uma análise logocentrada descartaria; a produção e a recepção discursivas on-line implicam gestos de escrita do usuário inseparáveis dos enunciados (clique, rolar, tocar); os tecnodiscursos possuem uma dimensão relacional, sendo todos em graus variados e em variadas configurações, ligações técnicas para outros enunciados.

Vale salientar que ao longo da pesquisa (escrita da tese), outros corpos serão mobilizados para dar conta do objetivo geral, inclusive ressaltamos que o *Emoji: o filme* funciona como uma espécie de ancoragem

material para a reflexão que é profunda e relevante para as ciências da linguagem. Estudar as complexas relações entre o real (*off-line*) e o digital (*on-line*) por meio da leitura discursiva de *Emoji: o filme e outros corpos*, poderá trazer importantes contribuições não somente para o campo dos estudos do discurso praticados no Brasil, como também para os campos das ciências da informação e da comunicação e para as humanidades em geral.

Nosso percurso metodológico será baseado nas concepções de Maingueneau (2008; 2015), que por meio de uma teoria enunciativa do discurso discute conceitos como: cenas de enunciação, semântica global, primado do interdiscurso, entre outros. Utilizaremos também alguns conceitos de Paveau (2021), principalmente os relacionados aos tecnodiscursos, procurando compreender como se estabelece a comunicação no mundo digital por meio dos discursos digitais nativos, aqueles que se originam na *web*.

A pesquisa de doutorado está em sua fase inicial. Os resultados obtidos com a análise de *Emoji: o filme* indica um esfarelamento do dualismo digital na contemporaneidade, ou seja, há uma relação inextricável entre humano e não humano em ambientes digitais, ou seja, na produção e circulação de discursos digitais. A máquina é uma extensão de nossas capacidades intelectuais.

Percurso metodológico

Com base nos postulados de Maingueneau (2008; 2015) e Paveau (2021) pensamos nas seguintes etapas metodológicas: i) analisar inicialmente *Emoji: o filme* mobilizando os conceitos de: semântica global, prática (inter)discursiva, primado do interdiscurso, polêmica como interincompreensão etc.; ii) com base em Paveau (2021) verificarmos como funcionam discursivamente as seis características que constituem, enquanto tecnodiscurso, a produção cinematográfica *Emoji: o filme*: 1) a composição; 2) a deslinearização; 3) a ampliação; 4) a relacionalidade; 5) a investigabilidade; e, 6) a imprevisibilidade. Essas características contribuirão na compreensão do dualismo

digital encarnado no esfarelamento que estamos propondo tanto das fronteiras entre a linguagem e a máquina, bem como do esfarelamento dos espaços e dos sujeitos que neles transitam; iii) descrever/interpretar as diferentes cenas genéricas e as diferentes cenografias que constituem *Emoji: o filme* e, a partir delas compreender como a passagem do real para o digital se estabelece e, vice-versa; iv) além disso, tomaremos também como corpora, as resenhas publicadas na web sobre *Emoji: o filme*, bem como os comentários dos internautas, o posicionamento de diferentes atores sociais sobre essa produção cinematográfica; e, v) analisar outros corpora, por exemplo, um episódio da série *Black Mirror*.

Aqui, neste capítulo, mobilizamos somente os conceitos da primeira (em maior grau) e segunda etapas para analisar as cenas de *Emoji: o filme*.

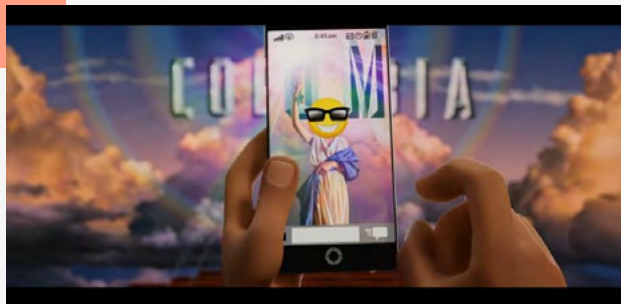
Análise inicial do corpus

Partindo do quadro teórico-metodológico proposto por Maingueneau (2008) e Paveau (2021), mobilizando alguns conceitos acima explicitados, fizemos uma análise inicial do nosso corpus de pesquisa. Cumpre salientar que *Emoji: o filme* traz cenas do mundo real e digital, no entanto, a maior parte de nossas análises, por uma questão metodológica se concentrou no mundo digital, neste caso o mundo dos emojis.

Antes de o filme iniciar (Figura 1), temos uma cena inusitada, na qual alguém pega seu smartphone para tirar uma foto da estátua da Columbia Pictures. Em seguida, realiza uma “trollagem”⁵⁸ na imagem da estátua colocando a carinha de um emoji de óculos escuro sobrepondo seu rosto.

Figura 1: Trollagem na imagem da Columbia Pictures

58 Os Trolls são locutores que minam as conversas on-line. Servem para fazer “baderna” na rede, seja em blogs, em fóruns, em redes sociais ou em qualquer outra plataforma digital onde a conversação on-line ocorra (Paveau, 2021).



Fonte: Printada de *Emoji: o filme*

A imagem da Figura 1 representa o dualismo digital, de um lado o

mundo real (representado pela pessoa que tira a foto) e de outro o mundo digital (representado pelo smartphone e seus apps). O termo dualismo digital foi proposto pelo sociólogo Nathan Jurgenson, para explicitar que o que está conectado e o que não está, constituem dois universos separados. De acordo com Paveau (2021, grifo nosso), o dualismo digital suporta três tipos de evidências binárias: 1) átomos/bits – que constata a matéria das coisas; 2) físico/digital – que mostra o tipo de realidade implicada; e, 3) off-line/on-line – que trata da relação com a web. O termo foi duramente criticado, o que levou Jurgenson (2011, n.p.) a substituí-lo pelo conceito de realidade ampliada, afirmando que:

Estou propondo uma visão alternativa que afirma que nossa realidade é tecnológica e orgânica, digital e física, tudo ao mesmo tempo. Não estamos entrando e saindo de realidades digitais e físicas separadas, como Matrix, mas vivemos em uma realidade, que é aumentada por átomos e bits. E nossos eus não estão separados nessas duas esferas como um “primeiro” e “segundo” eu dualista, mas sim um eu aumentado.⁵⁹

59 Tradução nossa do original: “I am proposing an alternative view that states that our reality is both technological and organic, both digital and physical, all at once. We are not crossing in and out of separate digital and physical realities, ala The Matrix, but instead live in one reality, one that is augmented by atoms and bits. And our selves are not separated across these two spheres as some dualistic “first” and “second” self, but is instead an augmented self”.

Santaella (2007), fala de realidade aumentada, misturada e anotada, os não-lugares, espaços líquidos da mobilidade. Se tudo está a um clique, parece não haver limites de espaços em ambientes digitais, parece haver extensões de nós mesmos, de nossos lugares, de nossas casas, nossas vidas etc., tudo parece se diluir, se misturar, se confundir. A autora afirma ainda que:

Enquanto a realidade aumentada envolve a sobreposição de imagens digitais no campo de visão do observador, a realidade misturada, com um sentido mais amplo, refere-se a um ambiente que combina elementos do mundo físico com os do mundo virtual. A realidade anotada, por sua vez, está mais próxima da computação vestível e diz respeito a informações adicionais (imagens, sons, vídeos, textos etc.) que podem ser acessadas por meio de tecnologias nômades, sem fio (SANTAELLA, 2007, p. 276).

A partir desse ponto começamos a analisar discursivamente nosso *corpus* de pesquisa. Um discurso sempre tem relação com outro/s. “Nossa própria hipótese do *primado do interdiscurso* inscreve-se nessa perspectiva de uma heterogeneidade constitutiva, que amarra, em uma relação inextricável, o Mesmo do discurso e seu Outro” (Maingueneau, 2008, p. 31, grifo nosso).

No caso de *Emoji: o filme*, o discurso de Alex (*discurso primeiro-dp*) está totalmente relacionado com os discursos dos *emojis* (*discurso segundo-ds*), ou seja, há uma heterogeneidade constitutiva que interliga o Mesmo do discurso (*emojis*) e seu Outro (Alex), uma espécie de *realidade ampliada, misturada*. O mesmo processo ocorre internamente no mundo dos emojis, em Textópolis, na relação hierárquica de poder da *emoji* “chefe” e seu Conselho sobre os outros emojis. Podemos identificar tais relações em F1⁶⁰ e F2:

F1: Alex: “Preciso responder a mensagem da Adi, o que eu devo escrever?”

Colega: “**Nada! Palavras não estão com nada!**”

Alex: “Já sei, sem palavras.”

60 F1 refere-se à Fragmento 1, F2 à Fragmento 2 e, assim sucessivamente.

F2: *Gene*: “É...Eu vim aqui pra me defender, mas você tá tão alegre...Então boas notícias?”

Sorrisete: “Hã hã, pois é. Eu tô sempre alegre.”

Gene: “Ah tá! #Óbvio.”

Sorrisete: “A única coisa que detona a minha alegria é quando um emoji da equipe dá erro, porque o Alex poderia deixar de confiar no celular...Aí o nosso mundo poderia ser deletado...”

Gene: “*Sorrisete* eu juro pela placa mãe mortinha que eu nunca mais na vida vou cometer outro erro no cubo!”

Sorrisete: “...vamos entregar você aos melhores robôs antivírus...”

É importante verificar no F1 o texto destacado, tal enunciado caracteriza a sociedade atual, cada vez mais pragmática, mais “cansada” (Han, 2017), procurando por atalhos, por facilidades, principalmente quando querem se comunicar. Os emojis por serem iconotextos, ou seja, “[...] produções semióticas em que imagem e fala são indissociáveis” (Maingueneau, 2015, p. 160) são recursos muito aceitos e usados, principalmente, pelos jovens. O texto pode assumir outras formas, ampliando a estrutura linguística, ele pode ser um ícone, um vídeo, um hipertexto, enfim uma estrutura multimodal. Dessa forma,

A multimodalidade aponta para o fato de que a conversação não possui uma estrutura fixa, estática, mas sim dinâmica. Tem uma estrutura fluida, sistêmica, capaz de se adaptar e se readaptar. Depende [...] das práticas sociais que vão valorizar e construir o espaço da interação e que podem ser negociadas diante dos mais variados contextos (Recuero, 2020, p. 63).

Por outro lado, a economia de palavras, a comunicação curta, o pragmatismo facilitado pelos recursos digitais, pode levar o sujeito ao isolamento, ao medo de falar em público ou com alguma pessoa face a face (comportamento de Alex descrito no F4). Pode ocasionar também dificuldades na escrita e leitura de textos formais, uma vez que para esses jovens, “as palavras não estão com nada”, pode-se escrever de qualquer maneira, usam a linguagem da *web* social: o “internetês”. Sobre o assunto, Rajagopalan (2013, p. 37), diz que:

O internetês – linguagem ou linguajar (como se quiser) que os internautas estão espalhando pelo mundo – vem sendo objeto de desconfiança das gerações mais velhas e de grande familiaridade e júbilo para as mais jovens, em especial para aqueles que se entregaram de corpo e alma aos encantos da internet e as suas múltiplas possibilidades.

Em todos os tempos houve céticos e otimistas quanto à evolução da linguagem. Para os céticos o “internetês” é uma “aberração” da linguagem, pois eles se intitulam guardiões: do falar e escrever bem; da gramática; da norma culta da língua, se intitulam verdadeiros *grammar nazi*, *trolls da web* social que não suportam quem escreve e fala fora das normas da gramática (Paveau, 2021). Do lado dos otimistas, o “internetês” é somente mais uma variação linguística, um novo modo de comunicação, no entanto restrito ao meio em que ele ocorre, o digital. “Toda inovação tecnológica costuma ser saudada com reações imediatas de dois tipos e, muitas vezes, simultâneas, gerando situações um tanto paradoxais” (Rajagopalan, 2013, p. 38).

Na figura 2 é possível identificar o *dualismo digital* (físico/digital), nele temos, de um lado o conjunto de formações discursivas existentes no mundo real de Alex, tais como: discurso escolar, discurso de adolescentes, discurso digital etc. De outro lado, as formações discursivas do mundo digital dos *emojis*, tais como: tecnodiscurso (Paveau, 2021), discurso imagético, discurso multimodal, enfim novas textualidades (Maingueneau, 2015). O conjunto de formações discursivas⁶¹ do mundo **físico/digital** constituem nosso *universo discursivo*.



Figura 2: Universo discursivo

Fonte: Printada de *Emoji: o filme*

61 “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2020, p. 41).

Dentro do universo discursivo de *Emoji: o filme* delimita-se como *campo discursivo*, o **campo digital**, o qual tem uma relação, ora de aproximação, ora de distanciamento, um tipo de *polêmica como interincompreensão*. “Cada discurso repousa, de fato, sobre um conjunto de semas repartidos em dois registros: de um lado, os semas ‘positivos’, reivindicados; de outro, os semas ‘negativos’, rejeitados” (Maingueneau, 2008, p. 99). Esse movimento de aceitação/rejeição ocorre na comunicação entre o *dp*, quando Alex envia mensagens para Adi ou para seus colegas e o *ds*, as ações dos emojis na tela ao serem enviados. O *ds* só pode ser entendido no fechamento semântico do intérprete (*dp*), no simulacro que dele constrói (Maingueneau, 2008). O mesmo processo ocorre internamente em *Textopólis*, mundo dos *emojis*.

Na Figura 2, também, é possível identificar os seres humanos contemporâneos, o *homo digitalis*, termo designado por Han (2018, grifo do autor). De acordo com ele, os espaços na *web* são verdadeiros “enxames digitais”, cheio de ruídos, onde os web consumidores têm as mãos atrofiadas, apenas deslizam os dedos nos aparelhos digitais, são incapazes de agir, apenas enumeram, adicionam: curtidas, *likes* etc. Tal fato pode ser observado em F3:

F3: *Gene*: “Peraí que app é esse aqui? Todo mundo falando de si mesmo. O Alex conhece tantas pessoas.”

Mãozinha: “Essas pessoas não **conhecem ele**. Elas curtiram ele e é isso que importa nessa vida: **popularidade**.”

Gene: “É...sei lá? Acho que eu prefiro ter um amigo de verdade.”

Mãozinha: “Amigo de verdade? Você não chega em lugar nenhum desse jeito. Você precisa é de **fãs**. Eles é que te dão apoio total e irrestrito, desde que você esteja por cima.

No F3 (palavras em destaque), temos alguns termos chaves que definem o **discurso digital**, são eles: likes, curtidas, popularidade, fãs etc. Tanto no mundo digital quanto no real, pessoas e emojis querem estar em evidência, serem idolatrados/as, lembradas. Enfim, almejam alcançar a “felicidade” nas diversas redes digitais. “A alegria que se encontra nas redes sociais de relacionamento tem sobretudo a função de elevar o sentimento próprio narcisístico” (Han, 2017, p. 93).

Por último, delimita-se os espaços discursivos que, no caso de *Emoji: o filme*, restringe-se às trocas de mensagens, ou seja, os discursos digitais, entre emojis e Alex e, vice-versa, por meio do smartphone e os vários apps nele instalados. Os discursos digitais, de acordo com Paveau (2021), obrigam-nos a repensar o quadro teórico-metodológico de análise do discurso. Pois, os discursos digitais nativos (aqueles originários da própria web), nas palavras de Paveau (2021, p. 59-60, grifo da autora), possuem características de:

1. Composição: Os discursos digitais nativos são compósitos, ou seja, são constituídos por uma matéria mista que reúne indiscernivelmente o linguageiro e o tecnológico de natureza informática, de forma manifesta (caso da hashtag ou do pseudônimo no *Twitter* [...], dotados de marcas de composição) ou não manifesta (caso de todos os tecnodiscursos on-line que dependem dos programas informáticos).

2. Deslinearização: Os discursos digitais nativos não se desenvolvem obrigatoriamente em um eixo sintagmático específico do fio do discurso, de acordo com a teoria pré-digital: eles podem ser deslinearizados pelos links hipertextuais, que direcionam o texto fonte e seu leitor para outro discurso, em outra janela do navegador e outra situação de enunciação.

3. Ampliação: Os discursos digitais nativos revelam uma enunciação ampliada, por causa da conversacionalidade da web social (as publicações do blog são ampliadas pelos comentários) ou das ferramentas de escrita ubíquas (como as de escrita colaborativa que permitem que uma escrita coletiva num espaço enunciativo único, mas com a identificação dos diferentes enunciadorees).

4. Relacionalidade: Os discursos digitais nativos estão todos inscritos numa relação: com outros discursos, por causa da reticularidade da web; com os aparelhos, por causa da sua natureza compósita que faz com o que os enunciados sejam coproduzidos com a máquina; com os escritores e os (escri)leitores que passa pela subjetividade da configuração das interfaces de escrita e de leitura.

5. Investigabilidade: Os discursos digitais nativos se inscrevem,

no sentido material do termo, num universo que nada esquece e que é percorrido por ferramentas de busca e redocumentação. Eles são, portanto, investigáveis, ou seja, localizáveis e coletáveis para eventuais menções, utilizações, repetições [...].

6. Imprevisibilidade: Os discursos digitais nativos são parcialmente produzidos e/ou formatados por programas e algoritmos, fato que os torna imprevisíveis para os enunciadores humanos, tanto no plano de sua forma (passando automaticamente de um lugar de enunciação pré-digital a um lugar digital, um enunciado muda de forma), quanto no plano de seu conteúdo (algumas ferramentas, como os programas, redocumentam os discursos nativos dispersos, criando conteúdos originais).

As características, acima elencadas, em relação aos discursos digitais nativos, é latente em *Emoji: o filme*, desde o início com a trollagem (Figura 1), até o final em que os *emojis* invadem o celular de Alex e enviam uma mensagem para ele (F4). O *smartphone* é um **compósito**, assim como todos os *emojis*, pois misturam vários recursos de escrita e comunicação. As mensagens enviadas pelos humanos ou *emojis* podem ser **deslinearizadas**, perdem o fio do discurso, pelo uso dos links e das várias plataformas digitais onde são disparadas. As mensagens trocadas pelos *emojis* e Alex e, vice-versa podem ser ampliadas, por comentários, curtidas etc. Podem ser **relacionadas** com outras mensagens, com outras plataformas digitais, com outros *links* hipertextuais. Podem ser **investigáveis**, pois, deixam rastros na web social. Isso acontece muito no filme, quando os *emojis* percorrem os vários caminhos digitais (*apps*) ou quando começam a controlar as ações do celular de Alex. São **imprevisíveis**, o conteúdo muda de forma, ou perde-se o controle do aparelho, fato que aconteceu no filme, o que levou Alex a querer formatar seu *smartphone*.

Percebe-se no F4 um esfarelamento do *dualismo digital*, pois não se sabe mais o que é real e o que é digital, parece haver um continuum, a máquina parece ser a extensão do homem, de seu pensamento, de sua ação, uma espécie de realidade ampliada, aumentada. A pessoa já não fala por si mesma, o algoritmo toma a decisão por ela.

F4: *Colega*: “Cara! A Adi tá aqui. Vai lá falar com ela.”

Alex: “Toda vez que eu tento eu só vacilo. Eu não tô conseguindo me abrir pra ela.”

Gene: “Se a gente ajudar o Alex a se declarar, talvez ele não delete a gente.”

Princesa: “**Eu posso hackear e mandar uma mensagem do celular dele**, mais só dá tempo de mandar uma.”

Estabelecendo uma relação entre sermos hackeados (texto em destaque no F4) o tempo todo. Tomemos como exemplo uma pesquisa realizada no *Google*, de um produto qualquer que nos interessa. Ao acessarmos outras plataformas digitais, o mesmo produto começa a aparecer em nossas telas, sugestionando-os, fazendo a gente sentir necessidade de adquiri-lo. Inclusive, até mesmo com o nosso aparelho celular inativo, parece que o mesmo sempre está nos “escutando”, querendo saber de nossos desejos e necessidades de consumo. “Aqui não somos mais agentes ativos, não somos cidadãos, mas sim consumidores passivos” (Han, 2018, p. 119). Percebe-se que a tecnologia está a serviço do consumismo, seja ele de qualquer natureza. “O setor financeiro, coração pulsante da economia mundial, é sem dúvida uma das atividades mais características da escalada da virtualização” (Lévy, 2011, p. 52). Isso é perceptível com a questão de monetização do *Google*, o crescimento do *e-commerce* e das criptomoedas, a “guerra” de *marketing* das grandes empresas nas várias redes sociais e televisivas, para citar alguns exemplos.

169



Figura 3: *Emoji Sorrisete*

Fonte: Printada de *Emoji: o filme*

No espaço digital chamado *Textópolis*, aplicativo onde residem todos os emojis, cada qual desempenha uma e, somente uma, *função específica*. Apesar disso, há níveis hierárquicos de poder. Existe uma supervisora de sistema, a “chefe” de todos os emojis: *Sorrisete* (Figura 3). Há, também, um Conselho formado pelos emojis favoritos, os quais deliberam sobre a situação de cada *emoji*.

“Um procedimento que se funda sobre uma semântica ‘global’ não apreende o discurso privilegiando esse ou aquele dentre seus ‘planos’, mas integrando-os todos ao mesmo tempo, tanto na ordem do enunciado quanto na da enunciação” (Maingueneau, 2008, p. 75). Pensando em uma *semântica global*, verificamos em *Textópolis* uma *intertextualidade externa*, ou seja, um campo cita discursos anteriores e exteriores a ele, nesse caso, simula o sistema hierárquico do mundo real, principalmente o relacionado à organização neoliberal. Cada emoji tem sua competência específica, se não a cumprir, poderá ser penalizado pela “chefe” e seu Conselho. O que ocorreu com o *emoji Gene*, que por não se encaixar no padrão, foi condenado à exclusão (ver F2). Relação bastante antagônica, pois, *Sorrisete* e os membros do Conselho também são emojis, assim deveriam cumprir, também, somente uma função específica.

Dentro da formação discursiva há uma *interincompreensão regulada*, uma matriz semântica que provoca o conflito recíproco. O discurso do Outro é trazido para dentro das categorias do *Mesmo*, e é rejeitado. Dessa forma, o *vocabulário*, o *léxico função específica* é explorado de maneira semanticamente contraditória nos dois discursos: *dp (emojis da alta hierarquia) versus ds (emojis subalternos)*.

Em *Textópolis*, o tema principal é: “Cada *emoji* deve cumprir uma *função específica*”. Este é um tema global, imposto pelo sistema de restrições da formação discursiva. Temas impostos se dividem em *compatíveis e incompatíveis*. Embora os *emojis* (subalternos) entendam a incompatibilidade do tema, aceitam-no, pois ele faz parte do conjunto geral de temas do sistema de restrições. Está definido no *estatuto do enunciatador e destinatário*, o que eu enuncio deve ser legitimado pelo meu destinatário, por meio de uma *dêixis enunciativa* que estabelece uma cena e uma cronologia, de acordo com a formação discursiva.

Além do estatuto do enunciador/destinatário e da dêixis, temos em F5 o modo de enunciação:

F5: *Sorrisete*: “Vejam como funciona, não tem nada de mais. Brincadeira, **isso aqui é demais!** Cada um tem seu próprio cubo na barra dos emojis. Quando Alex escolher você, se tiver tanta sorte. **O cubo vai se iluminar!**” Cocô: “Wow! Vou botar pra feder!”

Sorrisete: “O escaner vai fazer sua leitura e essa imagem vai ser enviada diretamente pra caixa de texto do Alex. E eu vou dizer uma coisa: **não há nada como ser escaneado pela primeira vez. Hu hu, vocês vão adorar... juro! E aqui é a sessão de favoritos, os emojis mais populares, e é claro que o meu cubo também fica aqui...**”

Os textos destacados no F5 fazem parte do tom que associado à corporalidade (Figura 4) constituem a cena do *modo de enunciação*. Tal cena faz com que a própria enunciação se torne o tema, e este seja aceito pelo destinatário, de modo coeso, pois cada formação discursiva tem uma maneira específica de construir sua argumentação e passar de um tema a outro: “E aqui é sessão de favoritos, os emojis mais populares... (F5)”. Cumpra uma função e ganhe uma promoção, típico do capitalismo.

171



Figura 4: Modo de enunciação

Fonte: Printada de *Emoji: o filme*

Agora passemos a descrever sobre os *emojis* *Gene* e *Rebelde* (codinome da *emoji* *Princesa*). Esses *emojis*, por meio de suas competências discursivas, não aceitaram as condições impostas em Textopólis.

Num primeiro momento, *Gene* reconheceu suas falhas (*bug*) e junto com o *emoji* *Mãozinha* foi procurar ajuda para ser reprogramado. Nesse primeiro momento, entendemos que *Gene* tem uma competência discursiva, pois reconhece a incompatibilidade dos enunciados de sua formação discursiva, no entanto não os rejeita, pois entende que tais enunciados fazem parte do sistema de restrições global. Tal fato pode ser identificado no F6:

F6: *Gene*: “Então é isso quando eu der as carinhas aqui de novo serei um verdadeiro éh!...”

Num segundo momento, quando sai de *Textopólis*, e vai para a tela de fundo do *smartphone*, conhecendo outros *apps*, outros *emojis*, outras formações discursivas, *Gene* adquire uma *competência (inter)discursiva*, a qual lhe permite:

- ser capaz de reconhecer enunciados como “bem formados”, isto é, como pertencentes a sua própria formação discursiva [...]
- ser capaz de produzir um número ilimitado de enunciados inéditos pertencentes a essa formação discursiva (Maingueneau, 2008, p. 54).”

Assim, *Gene* é capaz de perceber a incompatibilidade semântica do seu sistema de restrições e traduzir essa incompatibilidade dentro seu próprio sistema de restrições, reconhecendo que não precisa mudar sua identidade, apenas aceitá-la, conforme destacado em F7:

F7: *Gene*: “*Rebelde!* Eu, olha só, ah! Eu... eu tenho que te falar que a *emoji* mais legal e mais interessante que eu já conheci é você. E depois de tudo que a gente viveu **eu não quero mudar o meu jeito de ser, porque o que eu tô sentido agora, é... é muito legal!** **Eu acho que eu quero ficar exatamente do jeito que eu sou...**”

A *emoji* *Princesa*, desde o início já tem conhecimento da incompatibilidade semântica do seu sistema de restrições, ou melhor é dotada de competência *(inter)discursiva* para não aceitar as condições impostas às *Princesas (emojis do sexo feminino)*. Utiliza seu conhecimento

informático (*hacker*) para fugir de *Textópolis* e ir morar na “nuvem” (*app Dropbox*). Em F8 e F9 é destacada sua *competência (inter)discursiva*:

F8: *Gene*: “E você acha que como eu sei fazer várias carinhas, ele vai pensar que eu sou emojis diferentes.”

Princesa: “É, mais vê se não esquece que a ideia foi minha. **Os homens sempre levam crédito pela ideia das mulheres.**”

F9: *Princesa*: “Gene se isso é porque você desistiu de ser um éh! Eu dou a maior força. Eu gosto de você como você é, **mas eu tenho planos pra mim.**”

Gene: “Entendi.”

Princesa: “**Eu não sou apenas uma princesinha esperando meu príncipe...**”

Em F8 percebemos um paralelo com o mundo real, no fragmento de texto: “Os homens sempre levam crédito pela ideia das mulheres”. Indubitavelmente, ao longo dos anos e na contemporaneidade as mulheres, embora tenham conquistado vários direitos legítimos, ainda são muito inferiorizadas em relação aos homens. Tal fato pode ser observado em todos os setores: social, político, econômico, religioso, doméstico etc. Passando o olho rapidamente pelos *emojis* presentes em qualquer *smartphone*, também é possível perceber a predominância de *emojis* do sexo “masculino”, o que caracteriza também uma desigualdade entre sexos no mundo digital.

173

Considerações e resultados parciais

Com base, nas nossas primeiras análises de *Emoji: o filme* é possível postular a existência de um esfarelamento do dualismo digital na contemporaneidade, uma vez que as cenas analisadas e descritas apresentam evidências de uma realidade ampliada, aumentada, a máquina como extensão de nossas ações e nossos pensamentos. Superarmos o dualismo digital, significa superarmos a diferenciação do linguístico e extralinguístico, do humano e não humano, e entendermos que o discurso em contexto digital e os elementos de sua produção são inextricáveis.

Para superarmos o *dualismo digital*, precisamos caminhar para uma análise do discurso pós-dualista.

A opção pós-dualista implica ir além de uma abordagem logocentrada nos fenômenos discursivos, que concentra a análise apenas em formas languageiras ou comunicacionais, em detrimento das restrições sociotécnicas e, mais amplamente, ambientais, para integrar os outros componentes da vida humana e não humana; é por isso que se trata de uma abordagem ecológica, já que o posto de observação da análise não é mais apenas o discurso, mas o conjunto dos elementos do ambiente (Paveau, 2021, p. 161).

Em síntese, acreditamos que o conceito de *semântica global* (Maingueneau, 2008) está totalmente relacionado com a concepção de *ecologia do discurso* (Paveau, 2021), pois ambos os conceitos direcionam a análise de qualquer discurso para além da relação binária superfície/profundidade. Isso tem muito a ver com os discursos digitais nativos – onde a relação entre humano e não humano, linguístico e extralinguístico é inextricável. Os discursos digitais nativos perpassam o *dualismo digital*, esfarelam-no, desintegram-no, coconstroem (humano e máquina), criam um novo tipo de realidade discursiva, uma *realidade ampliada*, um não-lugar, uma realidade aumentada.

Referências bibliográficas

HAN, B-C. **No enxame: perspectivas do digital**. trad. Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

HAN, B-C. **Sociedade do cansaço**. trad. Enio Paulo Giachini. 2. ed. ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

JURGENSON, N. Digital dualism versus augmented reality. **Cyborgology**, 24/02/2011. Disponível em: <https://thesocietypages.org/cyborgology/2011/02/24/digital-dualism-versus-augmented-reality/>. Acesso em: 19 jul. 2023.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** Trad. Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. trad. Sírio Possenti. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 13. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

PAVEAU, M-A. **Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas**. Júlia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas (Org.). 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021. RAJAGOPALAN, K. Como o internetês desafia a linguística. In: **Linguística da internet**. Tânia G. Shepherd e Tânia G. Saliés (org.). São Paulo: Contexto, 2013. p. 37-53.

RECUERO, R. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2020.

SANTAELLA, L. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2007.



**Manifestações
tecnodiscursivas e a
ressignificação proposta
por Marie-Anne
Paveau: reflexões sobre
os contradiscursos do
movimento estudantil
secundarista**

Manifestações tecnodiscursivas e a ressignificação proposta por Marie-Anne Paveau: reflexões sobre os contradiscursos do movimento estudantil secundarista

Mariana Morales da Silva (IGR-
Embaixada do Brasil – Argentina)

No marco dos protestos do movimento estudantil secundarista brasileiro contemporâneo, engendraram-se distintas manifestações nas redes sociais digitais com grande articulação com o espaço urbano. Tais manifestações produziram contradiscursos ou discursos-respostas que estabeleceram grandes tensões com as representações e com os discursos produzidos pelos meios tradicionais de comunicação sobre o movimento e suas práticas políticas (Morales Da Silva, 2022).

Nesse contexto, ao indagarmos sobre os novos modos de participação sócio-política graças ao advento da web 2.0⁶² (Paveau, 2021a), o presente estudo tem como objetivo principal compreender o funcio-

62 Paveau (2021a) em seu livro de edição brasileira “Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas”, por um lado, marca a diferença dos termos “internet” e “web”, e, por outro, descreve brevemente a evolução estrutural da web, imprescindível para situarmos nosso estudo. Segundo a autora: “[...] a internet (Inter Network), surgida no final dos anos 1960, é uma rede que conecta os computadores entre si em nível mundial. Essa rede disponibiliza diversos serviços: o compartilhamento de arquivos, a mensagem instantânea, a telefonia, o envio de correio eletrônico e a web. A web (World Wide Web), criada em 1989-1990, é, portanto, um serviço, uma aplicação da internet, e não coincide com ela” (Paveau, 2021a, p. 34). Sendo assim, neste estudo, internet e web não são assumidos como sinônimos e escolhemos fazer uso do termo “web”, mais especificamente web 2.0, da web participativa, das redes sociais digitais “a web 2.0, web social ou participativa, surgida no início dos anos 2000, conecta as pessoas e baseia-se na interação multi-agentes (é a web das redes sociais e do compartilhamento multimidiático)” segundo a autora. (Idem, pp. 34).

namento de distintas estratégias discursivas empregadas pelo movimento e seus apoiadores por meio de contradiscursos nativos da web, sejam eles subversivos ou não.

Para tanto, focalizamos duas manifestações tecnodiscursivas⁶³ fortemente coladas à prática política das ocupações das unidades escolares quando o movimento se organizou contra a proposta de reorganização das escolas paulistas⁶⁴.

Entendemos que as ocupações das unidades escolares são práticas discursivo-políticas do movimento que operaram com grande eficácia como repertório de ação (Tarrow, 2009)⁶⁵ fundamental na organização e visibilidade do movimento. Além de funcionar também como prática catalizadora da construção da identidade do coletivo e, consequentemente, constituir-se como ponto central da disputa discursiva

63 Adotamos, neste estudo, o prefixo “tecno-” em consonância com a opção teórica e metodológica apresentada por Paveau (2021a), segundo a qual essa prefixação “modifica a episteme dominante das ciências da linguagem”. É, em suma, reconhecer que os tecnodiscursos, ou seja, os discursos nativos da web não são da ordem unicamente linguageira, mas também da ordem técnica a qual infere na produção mesma desses discursos, os quais, segundo a autora apresentam seis características: 1. Composição plurissemiótica; 2. Não linearidade; 3. Possibilidade de serem ampliados por meio de recursos conversacionais; 4. São facilmente relacionadas umas às outras, em uma dança constante de discursos e contra-discursos, por exemplo; 5. Deixam rastros digitais que permitem sua investigação e recuperação e; 6. São da ordem do não previsível.

64 A proposta da reorganização das escolas paulistas é, segundo Gohn (2017) e Piolli, Pereira e Mesko (2016), um dos fios das reformas educacionais que começaram a ser tecidas na década de 1990 na “Nova Gestão Pública” de Bresser-Pereira, “a qual focaliza os processos de desconcentração, descentralização, publicização, privatização, terceirização, controle e avaliação dos serviços prestados pelo Estado” (GOHN, 2017, p. 89) que fazem com que “a gestão da educação [passe] a ser tratada, pelos órgãos da administração pública, sob a ótica da mensuração em que modelos empresariais de produtividade (quantitativa) passem a ser os principais indicadores de eficiência e eficácia do sistema.” (Idem, p. 89-90). De acordo com Gohn (2017), foi por meio do Decreto n. 57.571/2011, intitulado “Programa Educação: Compromisso de São Paulo”, que se estabeleceu parcerias entre empresas e empresários com escolas da rede pública. Segundo Piolli, Pereira e Mesko (2016), foram essas parcerias que orientaram a política de reorganização da Secretaria de Educação do Governo do Estado de São Paulo que no ano de 2015 atuou também na proposição do projeto de Reorganização das Escolas Paulistas, o qual “previa o fechamento de 92 escolas e a reorganização para segmento único de mais 754 escolas”. (Piolli, Pereira e Mesko, 2016, p. 23).

65 De acordo com Tarrow (2009) todo movimento social lança mão de certos repertórios de ação como ferramenta para organizar-se, alcançar visibilidade, intervir na agenda midiática, negociar, conquistar adesão e simpatia da sociedade etc. No caso do movimento estudantil secundarista paulista, Ortellado (2016) enumera as seguintes práticas utilizadas pelo movimento como táticas de ação política: protestos nas escolas, bairros e regiões centrais da cidade, abaixo-assinados, passeatas, ocupações das unidades escolares, aulas públicas, bloqueios de vias e avenidas, shows de solidariedade, entre outros. Este autor destaca a grande inovação que o movimento apresentou em relação aos seus repertórios de ação caracterizados por um largo espectro de táticas experimentais, as quais eram abandonadas caso não surtíssem os efeitos esperados e logo novas táticas eram empregadas. Em suas palavras: “Poucas vezes na história social recente um movimento soube utilizar um espectro tão amplo de táticas e se metamorfosear em tão curto espaço de tempo” (Idem, p. 14).

envolvendo mídias tradicionais, mídias alternativas digitais e redes sociais digitais do movimento. Disputa essa que levou à formulação de distintas representações do movimento estudantil secundarista brasileiro contemporâneo (Morales Da Silva, 2022)⁶⁶.

Refletiremos, neste capítulo, sobre a questão teórica da ressignificação e o argumento da salamandra no militantismo na era digital (Paveau, Lourenço, Baronas, 2021) por meio da análise de duas manifestações tecnodiscursivas antagônicas, a divulgação digital dos eventos “Vandalismo cultural” e “Virada ocupação” organizados em apoio às ocupações das unidades escolares e divulgados em páginas do movimento ou em apoio a ele na rede social digital Facebook⁶⁷. Nesse sentido, são analisados os sete critérios que compõem a tipologia das práticas tecnodiscursivas de ressignificação proposta por Paveau (2021a), nos sentidos pragmático, interacional, enunciativo,

66 Em estudo anterior (Morales Da Silva, 2022) analisamos os discursos do jornal Folha de S. Paulo sobre as ocupações das unidades escolares relativas às práticas políticas do movimento estudantil secundarista brasileiro. Identificamos um deslizamento do uso do termo “invasão” para “ocupação” por parte do jornal sem com isso produzir uma migração de formação discursiva (Pêcheux, Haroche, Henry, 2020). Em nossas análises, constatamos que o jornal passou a fazer uso do termo “ocupação” reivindicado pelo movimento, porém esvaziando os sentidos eufóricos de cuidado, responsabilidade, autonomia que são associados ao termo e à prática política nos discursos digitais do movimento. Verificamos que o jornal em certas ocasiões, ao mobilizar o termo “ocupação” o fez associando a ele sentidos disfóricos, historicamente associados ao termo antes utilizado, “invasão”, como por exemplo: vandalismo, baderna, confusão, depredação de patrimônio público etc.

67 Em nossa tese de doutorado (Morales Da Silva, 2022), ao analisar os discursos digitais do movimento estudantil secundarista brasileiro contemporâneo, a partir da observação de seis páginas da rede social digital do Facebook, propusemos a construção de uma categorização para essas páginas, que eram concebidas, em geral, nos estudos sobre o movimento, como um todo indissociável, sem a indicação de diferenciação entre elas, descrição de suas funções sociais e funcionamento tecnodiscursivo. Para construir a categoria por nós proposta, foram observados os seguintes aspectos: (re)nomeações das páginas, grupos administradores, data da primeira publicação ou da criação da página, frequência e tipos de publicações (próprias ou repostagens; gêneros; eventos, entre outros fatores). Com isso, chegamos à seguinte categorização: a) páginas normativas – com função de divulgar discursos considerados como oficiais do movimento, resultante de deliberações realizadas em assembleias. Entendemos que essas páginas foram responsáveis por criar um efeito de unidade para o movimento; b) páginas aglutinadoras-pertencentes a coletivos que apoiaram o movimento. Dentro dessa categoria, cada página opera com funções distintas de acordo com o objetivo do coletivo que a administra e conforme a relação que estabelece com o movimento, se solidária ou de colaboração. Nesse sentido, o funcionamento das páginas também variou. Identificamos dois modos para elas, em um caso como espaço de construção de discursos-resposta às representações tanto das mídias como do governo; e no outro caso, engendra uma função de recoleção de fragmentos das memórias de distintas ocupações, tecendo assim um efeito de reduto da memória do movimento; c) páginas diários de ocupação – dedicadas a registrar e divulgar a cotidianidade das ocupações e assim, construir uma contra-narrativa própria do movimento em oposição, sobretudo, aos discursos das mídias e do governo. Tais páginas pertencem a distintos agrupamentos dos estudantes mobilizados no interior de cada ocupação e contribuíram substancialmente para a disputa das narrativas e noticição sobre as ocupações.

semântico axiológico, discursivo, sócio semântico e pragmático político. O estudo traz como objetivos específicos, por um lado reconhecer como esses discursos se organizaram em seus respectivos espaços de produção e, por outro, verificar quais termos e efeitos de sentidos de cada manifestação tecnodiscurva foram aceitos e rejeitados pelo movimento como um todo.

Ressignificação discursiva e o argumento da salamandra

A resignificação, compreendida como um fenômeno de linguagem, foi objeto de estudos de diversas áreas. Embora a análise semântica muitas vezes seja suficiente para lidar com as mudanças de sentidos, Baronas (2021) alerta que quando tais mudanças integram dimensões técnicas, linguageiras, pragmáticas e políticas, essa abordagem pode mostrar-se limitada. Isso porque, quando pensamos a resignificação como um processo que se dá no espaço digital, são produzidos, conforme Dias (2021) outros modos de simbolização possíveis a partir das especificidades e particularidades do discurso digital.

180

Nesse sentido, é com base na análise de dados que circulam na web 2.0, que Paveau (2021b), propõe uma teorização da resignificação discursiva, por meio da qual a pesquisadora busca dar conta dos contradiscursos de sujeitos ofendidos a partir de um primeiro discurso insultante, subvertendo o insulto ao seu favor, expondo tanto a ferida quanto o agressor e demandando reparação.

Ressignificação para ela se trata, então, de formas particulares de repetição subversiva. Em suas palavras, é a “inversão ou a renegociação semântica e axiológica por recontextualização dos enunciados ofensivos (verbais, icônicos ou compostos [...]) a partir de sua carga ofensiva, efetuada pelos sujeitos agredidos com efeito reparador.” (Paveau, 2021b, p. 23).

A resignificação mais comum, conforme seu estudo, seria por recontextualização enunciativa, que pode dar-se por uma republicação simples, quando o internauta republica pelo recurso de compartilhamento em suas redes sociais digitais uma publicação primeira

interpretada como ofensiva. Mas a ressignificação também pode ocorrer por uma republicação com comentário ressignificante, quando, além de republicar o discursivo interpretado como ofensivo, esse discurso é acompanhado de um comentário sobre ele, alterando assim o tecnodiscurso primeiro. E, finalmente, ela também pode realizar-se por uma retomada enunciativa, quando o discursivo ofensivo é realocado em um contexto novo, permitindo outra circulação a partir do que consideramos serem outras formações discursivas com filiações ideológicas opostas à formação discursiva e ideológica da produção daquele discurso primeiro ofensivo.

Assim, a autora francesa compreende a ressignificação como um processo constituído de quatro etapas: 1) há uma ferida linguística, 2) ocorre uma reapropriação, 3) com inversão 4) e produção da ação. Sendo assim, a autora afirma que a prática de ressignificação é por excelência política, “porque ela produz efeitos sobre os posicionamentos dos sujeitos, interpelando-os a agir.” (Paveau, 2021b, p. 25).

Paveau, então, estabelece 7 critérios linguístico-(tecno)discursivos da ressignificação entendida como processo discursivo-político. São eles:

- 1) Critério pragmático: existe uma ferida linguageira provocada pelo insulto, estigmatização, ataque etc. a respeito da identidade de uma pessoa ou grupo;
- 2) Critério interacional: uma resposta ao enunciado ofensivo é produzida;
- 3) Critério enunciativo: o sujeito agredido é a origem enunciativa da resposta, que ele retoma do enunciado ofensivo por conta própria como auto-categorização, ou ele provoca uma simples recontextualização;
- 4) Critério semântico-axiológico: o enunciado resposta compreende uma inversão ou mudança semântica e/ou axiológica;
- 5) Critério discursivo: o enunciado-resposta é produzido em contexto diferente do enunciado ofensivo, que é recontextualizado pela “abertura a contextos desconhecidos” (Butler, 2005: 234)
- 6) Critério sócio-semântico: o uso recontextualizado do elemento linguageiro é julgado como aceitável e reconhecido como tal pelos sujeitos implicados, que formam um sujeito coletivo;

7) Critério pragmático-político; o enunciado ressignificado é revolucionário, pois produz uma reparação e uma resistência, ampliando a coesão do sujeito militante (Kenert, 2010) (Paveau 2021b, pp. 38-39).

Tendo os sete critérios como base, podemos resumir a definição de ressignificação da seguinte forma. A ressignificação, entendida como uma prática languageira, efetuada por um sujeito individual ou coletivo (3) que se sente ofendido por um discurso primeiro entendido (1) como insultante, opera como uma resposta (2) ao discurso primeiro por meio da auto-categorização ou recontextualização simples (3). A recontextualização engendra um retorno do enunciado considerado ofensivo (4) em um contexto alternativo (5) gerando um novo uso para o enunciado. Este novo uso (4) passa a ser aceito coletivamente (6) produzindo uma forma de resistência e demanda por reparação (7).

É importante esclarecer que a autora pauta sua teorização no fenômeno dos contradiscursos feministas que respondem a práticas de ciberviolência calcadas no discurso de ódio. Considerando esse particular contexto, a autora se vale da metáfora da salamandra emprestada dos estudos de gênero na relação com a linguística, principalmente em Butler (1997).

Segundo Dias (2021), ao valer-se da imagem da salamandra como metáfora da ressignificação, a teoria é significada

pelo discurso da regeneração e não pela metáfora do renascimento, como poderia ser a Fênix mitológica. Ainda que bem menos imponente, no entanto, a salamandra tem a força de “regeneração decorrente de um fermento”, marca no corpo da estrutura, mas capaz de produzir outros acontecimentos. Trata-se de uma regeneração do sentido pela palavra, mas também pela hashtag, pelas afordâncias da web. (DIAS, 2021, p. 116)

Em nosso caso, neste exercício que empreendemos aqui, não pausamos nossas análises em um primeiro discurso típico de ciberviolência calcada no discurso de ódio. Falamos em mecanismos discursivos típicos do discurso jornalístico para a desqualificação e até

criminalização de práticas políticas empreendidas por movimentos sociais (Indursky, 2021)⁶⁸.

Com base em nosso estudo anterior (Morales Da Silva, 2022), partimos do pressuposto que as manifestações tecnodiscursivas eleitas para nossas análises operaram como uma resposta ao discurso jornalístico das mídias tradicionais de comunicação quando associam as práticas políticas do movimento, de ocupação das unidades escolares, a termos ou sentidos disfóricos. Seja fazendo uso do recurso da nomeação pelo emprego do termo “invasão” para nomear a prática política do movimento, ou por meio de sentidos disfóricos de desqualificação e criminalização dessa prática ao associá-la a termos, como “vandalismo”, “depredação de patrimônio”, “prejuízos públicos”, “baderna”, “confusão”, “bagunça” entre outros, mesmo quando se emprega o termo reivindicado pelo movimento, “ocupação”.

O movimento estudantil secundarista brasileiro contemporâneo e a relação com o digital

183

Nos anos de 2015 e 2016, o movimento estudantil secundarista brasileiro se manifestou massivamente em todo o país. Nosso estudo investiga duas manifestações tecnodiscursivas empreendidas no primeiro momento do movimento⁶⁹, mais especificamente no período contra a proposta de reorganização das escolas paulistas.

68 Indursky (2021) constata que nos discursos da cobertura midiática do jornal Folha de S. Paulo sobre a prática política empregada pelo MST de assentar-se em terras improdutivas como forma de protesto, o jornal oscila e flutua entre duas designações opostas: “invasão” e “ocupação”, na qual a primeira é associada a uma tentativa de criminalização do movimento e a segunda utilizada como um efeito ilusório de neutralidade a partir do mecanismo da falsa sinonímia.

69 Conforme estudo anterior (Morales Da Silva, 2022) entendemos que o movimento estudantil secundarista brasileiro contemporâneo é marcado por dois momentos situados no estado de São Paulo durante gestão do então governador Geraldo Alckimin e dois outros momentos de âmbito nacional, um deles pré-golpe de 2016 e outro pós-golpe. São eles: momento 1 – quando o movimento emergiu manifestando-se contra a proposta de reorganização das escolas paulistas, situado no contexto das escolas de ensino regular; momento 2 – quando do escândalo do desvio de verba destinada para a merenda escolar no estado de São Paulo, abrangendo além das escolas regulares, as escolas de ensino técnico. Em âmbito nacional, temos um momento envolvendo de um lado o levante do movimento em distintos estados do país, cada qual com sua demanda local juntamente com a demanda nacional contra o PL Escola Sem Partido. Em outro momento, após o golpe de 2016, em oposição à proposta da Reforma do Ensino Médio.

A escolha desse movimento social se deu pelo fato de ele se caracterizar por um interessante ir e vir entre espaço público urbano e espaço das redes sociais digitais, como pode ser percebido pela descrição que reconstruímos na sequência.

Os primeiros encontros dos estudantes se deram, segundo Campos, Medeiros e Ribeiro (2016) durante protestos nas escolas, ruas e avenidas em apoio à maior greve dos professores paulistas, que ocorreu no início do ano de 2015. Desse encontro em espaço público urbano, os estudantes conformaram uma rede de indignação no espaço digital (Castells, 2017) por meio “da criação de grupos de WhatsApp e fóruns de discussões no Facebook, de acordo com Gohn (2017).

Essa rede de indignação se intensificou em setembro de 2015 logo após o anúncio da proposta de reorganização das escolas paulistas, por meio da qual mais de 700 unidades escolares passariam a oferecer apenas um ciclo de ensino e 92 seriam fechadas. Da indignação comum expressa no espaço digital, o coletivo se consolidou como movimento social no espaço público urbano a partir de assembleias, passeatas, protestos, encontros, ocupações, bloqueios de vias e avenidas (Ortellano, 2016).

Em estudo anterior (Morales Da Silva, 2022) verificamos que esses eventos foram registrados e compartilhados com o público em geral por meio de publicações digitais nas páginas da rede social digital do Facebook, tanto do próprio movimento como nas páginas pertencentes a coletivos colaboradores e/ou solidários a ele. Desse modo, o movimento instaurou o que Castells (2017) denominou como uma rede de interação híbrida, na qual, como se pôde perceber pela descrição anterior, o digital não pode ser separado do espaço urbano ou vice-versa, ou seja, há uma constante interação entre redes sociais digitais e espaços públicos físicos nos quais o movimento se fez presente.

Em outras palavras, a percepção sobre como o movimento se organizou a partir do processo de hibridificação das esferas urbanas e digitais se aproxima à perspectiva pós-dualista do digital (Paveau, 2021a), pela qual se compreende que não haveria uma oposição, separação ou hierarquização entre real/virtual, ou então, entre o *off-line/on-line*. Ao contrário, por essa perspectiva, compreende-se a existência de um

continuum entre tais dimensões, o que nos leva a compreender que as práticas políticas de um movimento social engendradas no espaço urbano são indissociáveis de suas práticas discursivas que se produzem no espaço tecnconectado.

As manifestações tecnodiscursivas e a resignificação no digital: estratégias adotadas e rejeitadas

Selecionamos para este estudo, duas manifestações tecnodiscursivas materializadas na divulgação digital de dois eventos organizados em apoio ao movimento estudantil secundarista e à sua prática política de protesto principal: as ocupações das unidades escolares. O primeiro deles é denominado “Vandalismo cultural”, evento que foi divulgado pela página do Facebook solidária ao movimento, “Não Fechem Minha Escola” e por algumas poucas páginas do movimento dedicadas a registrar o cotidiano das ocupações. O segundo, intitulado “Virada ocupação”, foi divulgado pela página “oficial” do movimento “Secundaristas em Luta”, pelas páginas “Não Fechem Minha Escola” e “O Mal Educado”, coletivo colaborador do movimento e por diversas páginas do movimento dedicadas a registrar o cotidiano das ocupações⁷⁰.

Justificamos que as manifestações tecnodiscursivas aqui selecionadas foram eleitas porque refletem distintas representações do movimento estudantil secundarista brasileiro engendradas em resposta às representações primeiras produzidas pelas mídias de comunicação consideradas pelo movimento e por seus apoiadores como ofensivas por pautarem-se em sentidos de desqualificação e criminalização das práticas políticas do movimento de ocupação das unidades escolares como repertório de ação.”

70 Sobre a categoria proposta para essas páginas, ver nota de rodapé número 6.



Figura 2: Manifestação tecnodiscursiva Vandalismo Cultural.
Legenda: captura de tela de evento divulgado na rede social digital Facebook
Fonte: Página aglutinadora “Não fechem minha escola” da rede social digital Facebook.

186

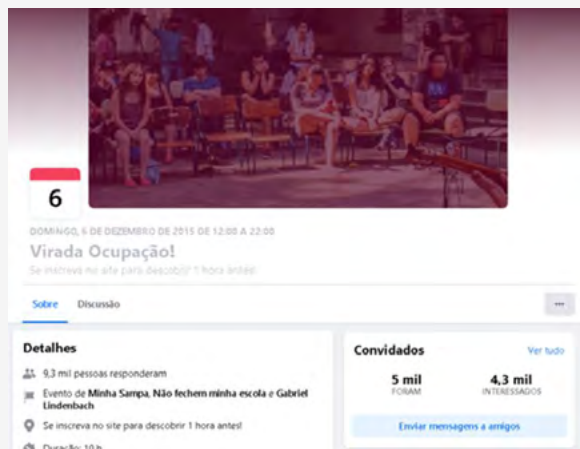


Figura 2: Manifestação tecnodiscursiva Virada Ocupação.
Legenda: captura de tela de evento divulgado na rede social digital Facebook
Fonte: Página normativa “Secundaristas em luta” da rede social digital Facebook.

É pertinente lembrar que ambas manifestações foram propostas em apoio às ocupações das unidades escolares localizadas na capital paulista, cidade que realiza anualmente um grande evento cultural que acontece em toda a cidade chamado “Virada Cultural”. Esse dado nos permite identificar um jogo entre paráfrase e polissemia (Orlandi, 2005) na construção dos nomes dos eventos. No caso da primeira manifestação tecnodiscursiva, o termo “virada” dá lugar ao termo disfórico “vandalismo”, o qual é constantemente utilizado pelos meios tradicionais de comunicação para noticiar as práticas políticas do movimento. Essa substituição gera assim uma apropriação do termo considerado ofensivo e a inverte pela nomeação “Vandalismo cultural”. Já no caso da segunda manifestação tecnodiscursiva, o termo “cultural” é substituído pelo termo reivindicado pelo movimento estudantil, “ocupação”, produzindo a nomeação “Virada ocupação”. Assim, engendram-se distintas estratégias de nomeações de eventos em apoio ao movimento por meio do recurso de substituições disfóricas em um caso e eufórica no outro.

Nesse sentido, interpretamos que a primeira manifestação tecnodiscursiva, “Vandalismo cultural”, busca por meio da repetição subversiva, contorcer o sentido disfórico associado à prática política do movimento pelo discurso jornalístico. Em uma tentativa de direcionar o termo historicamente disfórico em favor do movimento.

Trata-se, em suma, da tentativa de construir uma ressignificação discursiva (Paveau, 2021b) a partir de um discurso primeiro - da mídia tradicional - ofensivo ao movimento estudantil secundarista. Para melhor acompanhar essa tentativa de subversão discursiva, analisaremos a manifestação tecnodiscursiva a partir dos sete critérios propostos por Paveau para a ressignificação discursiva:

- Critério pragmático: existe uma ferida linguageira, qual seja: associar as ações do movimento, mais especificamente as ocupações, a sentidos disfóricos, como vandalismo.
- Critério interacional: uma resposta ao discurso ofensivo é produzida por meio da manifestação tecnodiscursiva que divulga o evento “Vandalismo Cultural”.
- Critério enunciativo: integrantes do movimento ou apoiadores que se sentiram ofendidos pelo discurso primeiro são a

origem enunciativa da resposta, retomando o sentido negativo da ofensa recontextualizando-o.

- Critério semântico-axiológico: o enunciado-resposta “Vandalismo cultural” compreende uma inversão ou mudança semântica ou axiológica ao associar o termo disfórico “vandalismo” ao termo com sentido eufórico “cultural”.

- Critério discursivo: o discurso-resposta é publicado em contexto diferente do discurso ofensivo. No caso, o discurso ofensivo circula no discurso jornalístico das mídias tradicionais de comunicação e a manifestação tecnodiscursiva circula nas páginas das redes sociais digitais do movimento e de coletivos solidários a ele.

Interpretamos que na etapa do critério socio-semântico a tentativa de resignificação encontra com a falha, haja vista que o contradiscurso materializado na manifestação tecnodiscursiva não é aceito pelo coletivo que conforma o movimento e seus apoiadores. Essa inferência pode ser estabelecida considerando a baixíssima adesão ao evento: apenas 76 internautas alegam terem comparecido ao evento e 45 demonstraram interesse nele, como pode-se notar ao observar a Imagem 1 compartilhada anteriormente.

188

Entendemos que ao encontrar com a não aceitação do movimento e da comunidade que o apoia, a manifestação tecnodiscursiva não alcançou o critério pragmático-político, ou seja, não se produziu um enunciado revolucionado e, conseqüentemente, não se produziu uma reparação ou resistência a partir desse contradiscurso ou discurso-resposta.”

“Nesse sentido, essa tentativa falida de produção de um discurso subversivo reflete um “projeto precário”. Segundo Herbert (2015 apud Paveau, 2021b, p. 37): os “projetos precários” de resignificação demonstram que, uma vez alcançada, a resignificação contribui com a luta contra as opressões, mas se falhar, ela se constitui em uma outra nova forma [de opressão]”.

Talvez por esse risco e/ou fragilidade da estratégia discursiva, essa manifestação tecnodiscursiva não alcançou adesão expressiva e a subversão proposta de um termo com sentido disfórico não vigorou

nas estratégias discursivas do movimento, o qual manteve sua prática político-discursiva de reivindicar tanto o uso do termo “ocupação” como a associação de sentidos eufóricos relacionados aos seus repertórios de ação.

Compreendemos que é por essa razão que a segunda manifestação tecnodiscursiva encontrou um êxito diametralmente oposto à primeira. O discurso-resposta que se vale da nomeação “Virada Ocupação”, o qual se vale do termo mobilizado e reivindicado pelo movimento com sentido eufórico, “ocupação”, alcançou adesão gigantesca – 5 mil internautas alegam terem comparecido e 4,3 mil demonstraram interesse no evento, como se pode verificar na Imagem 2 – com apoio de diversos artistas e voluntários na organização do evento que se mostrou um grande festival por toda a capital paulista em apoio ao movimento e celebração às suas conquistas⁷¹, divulgado e coberto inclusive pelos meios tradicionais de comunicação⁷².

Entendemos que essa manifestação tecnodiscursiva marca inclusive um efeito de sentido de uma “virada”, um antes e um depois das ocupações das escolas paulistas, um antes e um depois das práticas de participação política a partir do movimento estudantil secundarista brasileiro de 2015-2016.

71 O movimento alcançou além da suspensão da proposta de reorganização das escolas paulistas, renúncia do secretário da educação do estado de São Paulo, queda da popularidade do então governador do estado, Geraldo Alckmin, construção de um movimento estudantil secundarista sem precedente (Ortellano, 2016; Campos, Medeiros e Ribeiro, 2016; Gohn, 2017), também conquistou a mudança de nomeação histórica de suas práticas políticas por parte de meios tradicionais de comunicação, de “invasão” para “ocupação”, além de trazer luz à disputa político-discursiva dos sentidos associados aos termos de nomeação de seus repertórios de ação (Morales da Silva, 2022).

72 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/12/1715612-artistas-famosos-participam-de-evento-para-apoiar-estudantes-de-sao-paulo.shtml> e disponível também em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/12/1715690-estudantes-assistem-a-shows-gratuitos-em-evento-de-apoio-as-ocupacoes.shtml> Último acesso em: 20/04/2021.

Considerações finais

A partir, sobretudo, das contribuições de estudos que tratam a web como espaço político debatemos como que por meio das afordâncias da web (Paveau, 2021a), sujeitos conseguem se inscrever na disputa pelo dizer, contorcendo sentidos e ressignificando discursos, por meio de estratégias de construção de contra-discursos e discursos-respostas, alguns mais eficientes que outros.

Neste estudo, tivemos a oportunidade de analisar, no espaço das redes sociais digitais Facebook, como o movimento estudantil secundarista construiu seu contradiscurso na relação constitutiva com os sentidos produzidos pelos meios tradicionais de comunicação, os quais ele rejeita. Averiguamos como – em relação com sua rede de apoio, solidariedade e cooperação – o movimento construiu estratégias discursivas e de participação política bastante sofisticadas, e que, quando não eficientes, foram rejeitadas pelo movimento tendo em vista manter a coerência com os seus objetivos de luta.

Para tanto, dedicamo-nos a compreender como se organizou e quais os sentidos que se produziram na narrativa do movimento nas redes sociais digitais, analisando duas diferentes modalidades de manifestações tecnodiscursivas inovadoras. Alicerçado, então, na teoria de ressignificação (Paveau, 2021b), a qual busca dar conta de práticas tecnodiscursivas de repetição subversiva na web participativa, o presente estudo empreendeu um exercício analítico sobre o argumento da salamandra no militantismo do movimento estudantil secundarista brasileiro contemporâneo.

Ao analisarmos o contradiscurso subversivo “Vandalismo cultural” e a estratégia discursiva antagônica “Virada ocupação” por meio dos postulados da teoria da ressignificação de Paveau, refletimos sobre o caso de uma ferida languageira já histórica e típica das construções das narrativas e representações de certos movimentos sociais por parte do discurso jornalístico, qual seja: associar as práticas políticas de movimentos sociais não só a termos mas também a sentidos

disfóricos que levam à desqualificação da ação e do próprio movimento e até sua criminalização. Assim, ao expor essa ferida, entendemos que o movimento reclama não apenas o uso do termo “ocupação” assim como também os sentidos eufóricos a ele associado.

Defendemos que é nessa pluralidade de estratégias discursivas possíveis no e pelo digital, que o movimento estudantil secundarista e seus apoiadores puderam formular e reformular diferentes estratégias, as quais foram adotadas ou rejeitadas pelo movimento na tensa e sempre conflituosa relação de disputa discursiva com os meios tradicionais de comunicação, tendo em vista manter e aumentar a coesão proposta em sua luta política.

Com isso, pudemos perceber como que graças ao advento da web 2.0 as possibilidades de sujeitos coletivos foram ampliadas, acirrando a disputa do dizer, contorcendo os sentidos e, então, permitindo uma quebra com o histórico monopólio de representações discursivas antes legitimado apenas para os meios tradicionais de comunicação.

Referências bibliográficas

BARONAS, R. L. Resignificação: do cedilha intruso a dispositivos tecnodiscursivo culturais de memória e resistência. In: PAVEAU, Marie-Anne; LOURENÇO, Julia Costa; BARONAS, Roberto Leiser. Resignificação em contexto digital / Prefácio: Dominique Maingueneau; Posfácio: Cristiane Dias. São Carlos: EdUFSCar, 2021, pp. 99-114.

CAMPOS, Antonia J. M.; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Marcio M. Escolas de luta / Prefacio de Pablo Ortellado. - São Paulo: Veneta, 2016.

CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na internet. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

DIAS, Cristiane. Resignificação: a pele do acontecimento. Posfácio. PAVEAU, M-A.; COSTA,

J. L.; BARONAS, R. L. Resignificação em contexto digital. São Carlos, Edufscar, 2021, pp. 115-119.

GOHN, Maria da Glória. Manifestações e protestos no Brasil: correntes e contracorrentes na atualidade. São Paulo: Cortez, 2017.

INDURSKY, Freda. O discurso do/sobre o MST: movimento social, sujeito, mídia. Campinas: Pontes editores, 2021.

MORALES DA SILVA, Mariana. Discursos, Mídias e Disputas: o caso do “Movimento Estudantil Secundarista” (2015-2016). Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, 2022.

ORLANDI, Eni Pucinelli. Análise do discurso: princípios e procedimentos. 6ª. ed., Campinas: PONTES, 2005.

ORTELLANO, Pablo. A primeira flor de junho. In: CAMPOS, Antonia J. M.; MEDEIROS, Jonas;

RIBEIRO, Marcio M. Escolas de luta. São Paulo: Veneta, 2016.

PAVEAU, Marie-Anne. *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*. Campinas: Pontes, 2021a.

_____. A ressignificação na web social: princípios teóricos-metodológicos. In: PAVEAU, Marie- Anne; LOURENÇO Julia Costa; BARONAS, Roberto Leiser. *Ressignificação em contexto digital / Prefácio: Dominique Maingueneau; Posfácio: Cristiane Dias*. São Carlos: EdUFSCar, 2021b, pp. 19-57.

PAVEAU, Marie-Anne; LOURENÇO Julia Costa; BARONAS, Roberto Leiser. *Ressignificação em contexto digital / Prefácio: Dominique Maingueneau; Posfácio: Cristiane Dias*. São Carlos: EdUFSCar, 2021.

PIOLLI, Evaldo; PEREIRA, Luciano; MESKO, Andressa S. R. A proposta de Reorganização escolar do governo paulista e o movimento estudantil secundarista. In: *Crítica Educativa* (Sorocaba/SP), v. 2, n. 1, jan./jun. 2016, pp. 21-35.

PÊCHEUX, M.; HAROCHE, C.; HENRY, P. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, R. L. (org.). *Análise de Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. Araraquara: Letraria, 2020.

TARROW, Sidney. *El poder en movimiento. Los movimientos sociales, la acción colectiva y la política*. Madrid: Alianza, 2009.”



A large, stylized number '9' is positioned on the left side of the page. It is composed of a light gray outer ring and a solid orange inner shape. The number is partially cut off by the left edge of the frame.

**Um estudo
tecnodiscursivo
da hashtag
#CRIANÇANÃOÉMÃE
no *Twitter***

Um estudo tecnodiscursivo da hashtag **#CRIANÇANÃOÉMÃE no *Twitter***

Sidnay Fernandes dos Santos Silva (PPGELS-UNEB)
Carina Cardoso Santos (UNEB)

Considerações iniciais

Por meio do digital, práticas sociais são reconfiguradas e inseridas numa dinâmica linguageira que não se realiza apenas pelo aspecto humano. Para Dias (2016), “o digital produziu uma mudança na discursividade do mundo”, transformando relações históricas, sociais e ideológicas, mudanças que não se limitam à constituição dos sujeitos e dos sentidos, mas abrangem “a forma dos relacionamentos, do trabalho, da mobilidade, dos encontros, até mesmo do fazer científico, do qual faz parte a maneira de sua produção e seus meios de circulação” (DIAS, 2016, p. 9).”

Paveau (2021) também destaca as mudanças advindas pelo digital e, independentemente da forma de nomear esse processo “revolução, transformação ou conversão”:

as ações e os efeitos do digital estão aí, o uso das tecnologias digitais, da internet e dos objetos conectados sendo progressivamente integrados a nossas existências, pelo menos nas

áreas culturais, sociais e geográficas nas quais as ferramentas informáticas e as tecnologias digitais puderam se desenvolver (Paveau, 2021, p. 27).

As mudanças provocadas pelo digital impõem também emergências ao campo científico. Na seara dos estudos discursivos, as produções da autora francesa Marie-Anne Paveau e da autora brasileira Cristiane Dias emergem, em vertentes teóricas distintas, e oferecem um referencial robusto aos analistas de discurso que se propõem a trabalhar com a materialidade digital.

É o caso deste estudo que, de modo ensaístico, enfrenta o risco de tomar o discurso digital nativo como materialidade analítica. Por meio da análise da hashtag #criançañãoémãe, coloca-se à prova conceitos postulados por Marie-Anne Paveau no interior da Análise do discurso digital e conceitos já consagrados (e clássicos) no interior da Análise do Discurso derivada dos trabalhos de Michel Pêcheux que são adaptados para o domínio digital por Eni Orlandi e Cristiane Dias.

O digital e algumas condições

As teorizações sobre o digital no campo dos estudos discursivos arquitetadas por Dias (2011; 2016; 2018) e por Paveau (2021) fogem da visão maniqueísta e exploram novas formas de organização e de compreensão do sujeito que se instaura no/pelo domínio digital, não ficando circunscritas à naturalização dos sistemas lógicos digitais focados somente “na matéria linguageira, considerada em sua definição saussuriana e dualista (‘a língua considerada em si mesma e por si mesma’)” (Paveau, 2021. p.2).

Dias (2018) assenta-se naquilo que Pêcheux (1995, p.159) chama de “norma identificadora” sobre o funcionamento da ideologia e interelação do indivíduo em sujeito. A estudiosa assegura que a noção de *ideologia* viabiliza a compreensão do digital e das posições-sujeito que nele se configuram e esclarece que é necessário “compreender a exterioridade constitutiva do discurso digital, as relações e os meios de produção capitalista, os processos da constituição de sentidos e suas

condições de produção” (Dias, 2018, p.27) para se pensar no processo de individuação da forma-sujeito pelo espaço em questão.

É com base nessa perspectiva que este estudo também se ajusta em discutir os sentidos que engendram a *#criançaãomãe* em função dos textos indexados referentes à polêmica das manifestações contra e a favor do aborto infantil; o que coloca em circulação atos e discursos interpelados por sujeitos ideológicos sociais, uma prática que consiste em comentar o acontecimento e expor opiniões condicionadas pelos usuários/sujeitos a partir de suas condições de produção que tornam possível o acontecimento discursivo na rede.

Com base em Orlandi (2020), as condições de produção de um discurso estão relacionadas ao contexto histórico em que o dizer de um sujeito é determinado pelo lugar que ele ocupa no interior de uma formação ideológica. Os sentidos adquirem materialidade condicionados a um conjunto de processos políticos e sociais (contexto circunstancial e o contexto sócio-histórico e ideológico).

Assim como o discurso, o tecnodiscurso também é produzido no interior de processos contextuais, mas a discussão no plano tecnodiscursivo de uma *hashtag* torna-se complexa, pois envolve um conjunto discursivo amplo relacionado tanto à tecnoversacionalidade como à rastreabilidade ao qual ela pertence. É pensando nisso e em outros aspectos alusivos à *hashtag* como a sua variedade morfológica, que Paveau (2021) coloca em pauta a *contextualização reticular*, onde há um encadeamento de enunciados que contribuem no processo de significação ao assumir formas ligadas às trocas e conhecimentos, às expressões da emoção, às argumentações e aos aspectos que se encaixam neste trabalho que estão relacionadas às polêmicas e até ao discurso digital militante.

Para Silveira (2017), os espaços digitais têm um modo singular de funcionamento que incidem sobre a formulação material e o *Twitter* oferece práticas discursivas próprias que se regularizam a partir dos algoritmos. Em diálogo com Paveau (2021):

os algoritmos podem ser considerados operadores de coerção discursiva e de instrução semântica, que, como os pré-discursos, não têm existência linguageira, mas são ativados no nível

da produção linguageira a partir de processos infra linguísticos tácitos, os cálculos.

Assim, tais cálculos ajustam uma identidade digital, procurando, classificando ou hierarquizando informações (Paveau, 2021) que, de certo modo, constroem o sujeito a partir do rastreamento de dados das atividades humanas. Desta maneira, o *Twitter* coloca em circulação dizeres desenhados pela troca de formulações, os quais são atualizados a todo momento e realizados por diferentes suportes que comportam o ambiente digital.

Dentre esses suportes, vale ponderar o tuíte no *Twitter*, o qual Paveau (2021) acentua ser um “enunciado plurissemiótico complexo, limitado a 140 caracteres com espaço, fortemente contextualizado e não modificável” (p.369). De acordo com Silveira (2017), o tuíte se inscreve na temporalidade do on-line que está articulado ao “modo de dizer, rápido, curto e apressado” (p. 82). Para análise de tuítes, é importantes considerar seus elementos constituintes: foto de perfil, nome de usuário, pseudônimo do usuário, data do tuíte (relativa ou absoluta), lista de operações possíveis indicadas por ícones (responder, retuitar, curtir, atividade dos tuítes), entre outros informes clicáveis, os quais devem ser considerados para melhor compreender os fatores constituintes de regularidades enunciativas no ambiente *Twitter*.

Paveau (2021) acrescenta que uma análise digital discursiva não deve se isolar apenas às redes, é preciso pensar num contexto da *hashtag* exterior à plataforma *Twitter*, caso contrário, se o tecnodiscurso estiver restrito à rede haveria um bloqueio de compreensão do fenômeno. Para exemplificar esse fenômeno, cita-se a imagem abaixo indexada à *#criançaããoémãe*. É impossível interpretá-la se o analista não lançar um olhar para as formações histórico-ideológicas pré-digitais.

Paveau (2021) aposta numa investigação integrativa amparada sob três princípios: “o da mediação como espaço de intersecção entre corpo, máquina e linguagem” (p.30) como possibilidades de investigação num mesmo objeto; o que a teórica chama de *afordância*.



Figura 1: Post Leoas Azulinas
Fonte: Twitter, 2022

O contexto imediato do enunciado “*Criança não é mãe*”, em termos de reticularidade, liga-se ao espaço de circulação acolhido pelo Twitter – configurado pelos hipertextos, pelas curtidas, pelos comentários, pelos compartilhamentos, pelas palavras *não-hashtagueadas*, pelos algoritmos, pelos cálculos – através da tela de um smartphone e ao externo à plataforma.

No que tange ao externo, coloca o analista diante da história e da política cultural, uma vez que ao estudioso é proposto ir além do que está

evidente. Assim, além da explícita iniciativa aguda em denunciar o caso da gestação infantil posicionado pelo usuário @LeoasAzulinas, coloca-se em pauta um embate ideológico político entre esquerda e direita no território brasileiro. Esse episódio é notado entre um possível posicionamento esquerdista revolucionário e às cores utilizadas, ou seja, apesar da consciência política da esquerda de romper com as barreiras patriarcais, como é observado, há uma presença forte na cor preta que pressupõe uma imposição ditatorial vinda de discursos de governos autoritários, contradizendo o propósito revolucionário esquerdista.

Outro fato é o que ocorre no *post*:



200

Figura 2: Post Católicas pelo Direito de Decidir

Fonte: Twitter, 2022

As condições de produção para este tuíte também se ajustam no que foi discutido na imagem anterior. O referido documento circula em ambiente externo ao digital, onde ocorre a promulgação da portaria pelo então ministro Eduardo Pazuello. O documento – portaria nº 2561/20 – altera a portaria nº 2.282, de 27 de agosto de 2020, e dispõe sobre o Procedimento de Justificação e Autorização da Interrupção da Gravidez, pontuando atribuições e requisitos para casos de aborto.

Em relação ao digital, observa-se que o texto foi retomado seguido de um movimento de resistência do usuário @ascatolicas, o qual postou em seu feed uma nota de repúdio à portaria e destaca que “aborto é cuidado em saúde e não uma questão criminal”. No que tange à tecnicidade do ambiente, o documento agora se estabiliza dentro do *Twitter* e se constitui por uma soma de links, curtidas, *hashtags*, compartilhamentos, comentários, algoritmos, entre outros recursos atribuídos ao ecossistema digital.

Segundo Paveau (2021), pode-se dizer que tais discursos estão ajustados aos valores partilhados no coletivo social, o que reforça a tese de que há uma linha tênue entre a sociedade ideológica e as formações discursivas engendradas no digital. É sob essa noção de exterioridade que o digital é tomado como condição de produção político-ideológica (Dias, 2018), ou seja, um meio de existência capitalista que ultrapassa a ideia de forma de produção tecnológica.

Nesse sentido, nas palavras de Paveau (2021, p. 49), vale esclarecer que “[o] ambiente é, em teoria do discurso, o conjunto dos dados humanos e não humanos no âmbito dos quais os discursos são elaborados”, no qual, além de questionar uma existência cultural, social e histórica, nos termos de condições de produção da AD, vale situar os produtores de enunciados no ecossistema digital, dando conta de tais aspectos compósitos, isto é, do tecnolinguageiro e do tecnodiscurso. Assim, as condições de produção no *Twitter* funcionam a partir de uma simetria entre agentes humanos e não humanos que, em certa medida, funcionam como um conjunto de recursos ambientais que contribuem no processo de constituição de sujeitos.

Considerando tais discussões, é válido ponderar que um discurso digital é constituído pelas demandas tecnicistas e ganha formatos de

navegação em relação à leitura, à escrita e à visualização, entre outros. Além disso, tem influência considerável do externo ao digital, já que a “tecnologia faz parte dos modos de existência do sujeito” (Dias, 2018, p.13).

Relações interdiscursivas e o domínio do digital

Na perspectiva discursiva de base pecheuxtiana, o sujeito, na produção de um dizer, promove uma relação com dizeres que já foram ditos. Tal caracterização refere-se à noção de interdiscurso ou memória discursiva.

A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (Pêcheux, 1999, p.52).

202

Quando se trabalha com o digital no âmbito dessa teoria discursiva, considera-o na interdiscursividade de sua formação sob uma verdadeira dinamicidade do discurso materializado a partir da memória inconsciente do sujeito mediado pelos dispositivos da rede social da memória metálica, a qual está na base constitutiva do próprio digital (Orlandi, 2007).

Em relação ao processo de constituição de sentidos da Figura 1, indexado à *#criançañãoémãe*, por exemplo, percebe-se um jogo entre a política e a história, de modo que a cor preta, predominante na imagem, produz o sentido de medo, pois, como se sabe, essa cor foi bastante utilizada nas ditaduras quando prevalecia um poder dominante e impositivo. Culturalmente, o preto é a cor do luto, remetendo simbolicamente ao sentido de morte forçada da criança, de sua infância.

O próprio perfil da usuária constrói um sentido de temor, pois, além da cor preta predominante, há a ilustração de uma leoa como ícone do perfil. A leoa pode simbolizar conotativamente uma mulher bela, sensual e, ao mesmo tempo, agressiva.

É nesse processo de sobrevivência da memória, resgatada por esses acontecimentos, que trabalha o interdiscurso, o qual é caracterizado pelo “exterior e anterior à existência” (Pêcheux *apud* Orlandi, 2015, p.144); relaciona-se ao pré-construído segundo o mecanismo da interpelação ideológica ditatorial em que regula/impõe a realidade e o sentido de acordo com a posição da qual os sujeitos falam a partir do “espaço lógico de inscrição” (p. 144). Dizendo de outro modo, as palavras (ou qualquer outra materialidade) não fazem sentido nelas mesmas, os sentidos procedem das formações discursivas em que se inscrevem, determinadas por uma materialidade ideológica em uma dada sociedade.

O tuíte, apresentado a seguir, exemplifica a produção de sentidos que se estabelece numa teia de constituição interdiscursiva.



Figura 3: Post Ana 13
#VamosJuntosPeloBrasil
Fonte: Twitter, 2022

Nesse tuíte (Figura 3), observa-se uma menina negra de cabeça baixa cercada por duas mãos de mulheres com pulseiras feministas. No canto inferior à direita, há o enunciado na cor branca: “Nós mulheres assistentes sociais de LUTA” e, antes do texto verbo-imagético que se configura como texto visual predominante na postagem, apresenta-se o dizer do usuário-enunciador “Ela é uma vítima. Aborto é um direito.” Enunciados que reforçam o sentido de proteção, indicado pelas mãos maiores e mais próximas da figura da menina. As mãos mais distantes aparentemente julgam a criança como é o caso das mãos na extremidade da imagem que possuem um aspecto abstrato, ou seja, elas aparentam ser a sombra de alguém rondando a garota, possivelmente um sentido de medo, enquanto as outras possuem um caráter concreto criminalizador. Uma delas segura um crucifixo e aponta o dedo indicador à menina; da mesma forma, a outra mão que segura o celular em direção a ela, provavelmente tentando entregar a identidade da garota como foi o caso de Sara Winter ao expor uma das vítimas revelando sua identidade.

Esses são os traços que permitem a sobrevivência da memória. No momento de debate político sobre a gravidez de uma criança, vítima de estupro, resgata-se, pela memória, a história feminista, a qual propõe estabelecer a ordem e reparar as injustiças sociais relacionadas à mulher. Na postagem, o pensamento dessa ordem constrói o sentido de contestar os discursos outros que criminalizam a criança grávida marcados pelo crucifixo e o apontar de dedo, uma vez que, pela ilustração, resgata-se a história da religião cristã a qual serviu como principal veículo de manutenção patriarcal que marginalizou e invisibilizou as mulheres na humanidade. A partir dessa análise que se retoma o conceito de *interdiscurso* de modo que, pelo texto acima, atualiza-se esses discursos já-ditos em um outro espaço tempo e o atualiza no âmbito polêmico do digital.

É neste quesito que se observa que o digital também é interpelado pelo que propõe os conceitos discursivos pré-digitais, isto é, a interdiscursividade e a memória discursiva também estão presentes nos tecnodiscursos com base no que foi analisado acima e dialoga ainda com o que Orlandi (2020) postula sobre o interdiscurso, o qual “disponibiliza dizeres, determinando, pelo já-dito”. A presença do

interdiscurso no *Twitter* é notória dado o atravessamento de discursos outros na relação comunicativa entre os sujeitos construídos e personalizados pelo usuário-enunciador, seja através de memes, cartuns, fotos, enunciados, entres outros que atuam como representação do indivíduo construído enquanto elemento de um lugar de fala de onde o sujeito quer ser ouvido.

Nesse aspecto, Cristiane Dias (2018) coteja ainda que há a possibilidade, nesse processo, de o sujeito se constituir e se relacionar nas redes digitais a partir de dizeres repetidamente re-atualizados que são tomados como memória. Orlandi (2020) já havia refletido antes sobre a constituição desta memória no contexto do ciberespaço e apresentou o conceito de *memória metálica*, conceito que se opõe à noção de *memória discursiva* discutida até aqui.

A memória metálica se opõe porque é uma memória do não esquecimento produzida por um constructo técnico (celular, notebook, televisão), mas é um não esquecimento na relação com o acúmulo, com aquilo que é possível de ser reproduzido de modo idêntico, enquanto que a memória discursiva aborda a existência histórica do enunciado a partir de uma conjuntura histórica que vai produzir sentidos para o enunciado.

De acordo com Dias (2018), compreende-se a memória metálica como mecanismo movido pela criação de uma língua formal de modo que possibilitasse uma comunicação universal de sujeitos que se constituiriam, em seu cotidiano, pelo processo da “individuação feita por um Estado econômico-tecnológico” (Dias, 2018, p.16) que garantiria uma unidade de comunicação humana nos sistemas.

Nesse sentido, a AD francesa se depara com um espaço de apagamento das diferenças, isso implica o desaparecimento da identidade e o apagamento da história. Essa uniformidade, permite Cristiane Dias (2018) pensar na descontinuidade da diferença a partir da materialidade digital, provocando uma ameaça à diversidade discursiva e à cultural. Como consequência, os textos seriam submetidos à mundialização cultural e perderiam sua identidade.

Em relação ao termo, Orlandi (2007) apresenta em sua obra *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*:

A memória metálica (formal) “lineariza”, por assim dizer, o interdiscurso, reduzindo o saber discursivo a um pacote de informação, ideologicamente, sem distinguir posições. O que produz o efeito da onipotência do autor e o deslimite dos seus meios (a memória metálica, a infinidade de informações). (Orlandi, 2007, p. 15-16)

Assim o acúmulo da *#criançaãoémãe* permite que o usuário tenha acesso aos textos indexados à tag aqui e ali, com data e hora marcadas da postagem sem que esse mesmo enunciado sofresse o efeito da falha, do equívoco ou do esquecimento, os quais compõem a memória discursiva /interdiscurso. Nesse aspecto, seria possível observar um esvaziamento de sentidos, pois estaria a tag numa enorme variação do mesmo sobre uma lógica matemática, desconsiderando as suas condições de produção, sua história e consequentemente o sujeito.

Para compreender as relações de dados em dispositivos e sistemas digitais é preciso ultrapassar o uso utilitário dos dizeres e também transcender com o conceito de *armazenamento de memórias*, pois, mesmo havendo o processo de metalização nos sistemas, há uma questão que se opõe à ideia de re-atualização, formulada por Cristiane Dias (2018), que atenta para o que Pêcheux (1983) já havia manifestado antes sobre os novos gestos de leitura em relação à informática. A estudiosa propõe, em seu trabalho, que há um acontecimento discursivo digital “que escapa do algoritmo” (p.16), e que por isso há uma grade de leitura ou memória histórica do campo em questão. Deste modo, Dias (2018) afirma que

É preciso considerar que os conceitos têm historicidade, pois são formulados em certas condições de produção e em determinados campos teóricos e institucionais. Nessa perspectiva, ao apontar para a possibilidade de desdobramentos, estou me referindo ao modo de leitura dos objetos na relação com os quais os conceitos significam e se resignificam. (Dias, 2018)

Face a esta explanação, a teórica faz a ressalva de que “a tecnologia faz parte dos modos de existência do sujeito” (p.13) e chega à noção de que a linguagem tecnológica escapa da máquina e se inscreve na história e por isso ela usa o termo “urbanidade conectada” (p.14), o qual remete o pesquisador à vida social, ao sujeito de direito e ao sujeito

de dados numa relação entre a cidade, os sistemas e os dispositivos, e explora, em análises profícuas, tal conectividade. A partir disso compreende-se que a *#criança não é mãe* no/do *Twitter* também absorve acontecimentos de um dado discurso que permite o desdobramento da noção teórica sócio-histórica.

Sobre o discurso digital nativo

O corpus de análise desta pesquisa foi constituído por textos nativos digitais incorporados pelos tuítes, compostos por uma seleção de publicações do *Twitter* e reunidas sob a *tag* *#criança não é mãe*.

O objeto de estudo foi, pois, delineado não pelo discurso, mas pelo tecnodiscurso⁷³, movimento que significa não só uma adaptação teórico-metodológica, mas também algumas reconsiderações epistemológicas próprias a um novo campo conceitual. Diante disso, vislumbra-se a necessidade de compreender os processos de discursivização da língua no digital e é nessa perspectiva que se trata do discurso digital nativo, onde há um “conjunto das produções verbais elaboradas *on-line*” (Paveau, 2021), ou seja, produções languageiras ligadas a ferramentas eletrônicas como computadores, software, blogs, celulares entre outros.

Paveau (2021) define seis (06) categorias do discurso digital nativo: i) **composição** – os digitais nativos “são constituídos por uma matéria mista que reúne indiscernivelmente o languageiro e o tecnológico de natureza informática” (Paveau, 2021, p.58), o que extrapola uma visão dualista entre o linguístico e a máquina e justifica terminologias como tecnolinguageiras, tecnopalavras, tecnogêneros de discurso como reflexo da constituição técnica na língua; ii) **deslinearização** – possui um caráter sintagmático expresso de forma composta por elementos clicáveis que direcionam o usuário a um “discurso-alvo” (Paveau, 2021, p.145). Esses elementos tecnolinguageiros “carregam

73 O tecnodiscurso tem como proposta trabalhar com “formas singulares, compósitas, mistas, repletas de ruídos e de impulsos do mundo, de discursos empíricos nativos dos universos digitais.” (Paveau, 2021, p.30)

uma marca visual específica, a cor ou o sublinhado, que são sinais de deslinearização” inerentes ao tecnodiscurso; iii) **ampliação** – são inúmeras as formas de ampliação praticadas nas escritas digitais, neste estudo interessa a ampliação que ultrapassa a ordem da razão gráfica e se estende à razão computacional e a ampliação por comentários, respostas, compartilhamentos e reblogagens; iv) **relacionalidade** – tecnodiscursos estão inscritos numa relação integrada em razão da reticularidade da Web que permite a co-produção entre máquina e enunciado, e entre os escritores e os (escri)leitores, relação que se dá pela instabilidade, pois nenhum segmento digital “pode ser adotado de uma forma fixa, exceto para extraí-lo e estabilizá-lo off-line”; v) **investigabilidade** – os textos são percorridos por ferramentas de busca e de redocumentação, assim sendo investigável (localizável e coletável) para eventuais menções, utilizações, repetições, entre outros; e vi) **imprevisibilidade** – textos nativos digitalmente são parcialmente delineados ou elaborados no seu conteúdo e nas suas formas pelos programas e algoritmos, são, por isso, imprevisíveis para os usuários enunciadore “prever [em] a forma, a circulação ou mesmo o conteúdo de suas produções linguageiras on-line” (Paveau, 2021, p.249).

É com base nessas características que se trata a *#criançãonãoémãe* como um discurso digital nativo, uma vez que, produzida no ambiente digital, ela garante a sua forma tecnicista nata. Nesse sentido, constata-se que, em seu aspecto tecnodiscursivo, a *#criançãonãoémãe* comporta processos de relação com a rede *Twitter* a qual determina os gestos de interpretação e de produção de posicionamentos enunciativos a depender do seu processo de normatização (algoritmo, cálculos...) para produzir significado.

A noção de *hashtag* é desenvolvida a partir da compreensão de que ela é um elemento cotidiano nas discursividades que circulam nos mais diversos espaços enunciativos informatizados, sobretudo em situações polêmicas. As *hashtags* não podem ser analisadas apenas pela sua natureza tecnolinguageira, pois há nelas discursos indexados que devem ser levados em conta e, consequentemente, os contextos e os sujeitos integrados a elas. Deste modo, as *hashtags* compreendem não apenas o linguageiro e o tecnológico, mas também o cultural, o social, o político, o ético, entre outros.

Conceitualmente, a *hashtag* é:

um segmento linguageiro precedido do signo #, utilizado originalmente na rede de microblogagem *Twitter*, mas adaptado em outras plataformas, como o Facebook principalmente. Essa associação transforma o segmento numa tag clicável, inserida manualmente num tuíte, que permite acessar um fio que agrupa o conjunto dos enunciados que contém a *hashtag* (Paveau, 2021, p.223).

A *#criançañãoémãe*, então, possui em seu aspecto tecnolinguageiro práticas discursivas específicas de natureza morfológica semilexicalizada. A questão fundamental nesse íterim, é pensar sobre o modo de constituição do sujeito a partir do pensamento informático dos domínios da ciência cognitiva e da inteligência artificial em consonância com o trabalho da história social no sujeito, acentuando com maior apelo aos processos históricos, já que há inscrição dos efeitos linguísticos e materiais na história, conforme Orlandi (2020).

A partir dessa perspectiva, aponta-se esse fenômeno com foco no sujeito como extensão da máquina (Dias, 2018), ou melhor, o indivíduo se comunica mediado por dispositivos e, nesse sentido, por um símbolo tecnicista.

209

Sujeitos e acontecimentos de estupro de meninas de 10-11 anos

O que está em jogo em relação à *#criançañãoémãe* são as tomadas de posições que consistem em comentar o acontecimento e expor opiniões condicionadas pelos usuários/sujeitos, como é o caso da situação abaixo:



Figura 4: Post Samysan

Fonte: Twitter, 2022

Esse tuíte reflete o caso de estupro de uma menina de 11 anos em Florianópolis – SC. Diante da situação, a vítima teve o procedimento para interromper a gestação negado pela juíza Joana Ribeiro Zimmer o que suscitou inúmeros posicionamentos no *Twitter* indexados à #criançanãoémãe. No exemplo, o usuário @samy_s2, a qual faz postagens de cunho político em sua página, pontua sua indignação diante da decisão da juíza e afirma não aguentar “nem um pouquinho (...) essas impunidades, esse Brasil doente, essas mortes, pessoas cruéis como você e esse governo imundo...” (Twitter, 2022) e sustenta seu posicionamento com as seguintes hashtags: #eunãoaquentomaisimpunidade, #CriancaNaoEMae, #EstupradorNAOEpai, #BolsonaroNaCadeia, #juizacriminosa.

Nesse tuíte (Figura 04), o usuário critica ainda o governo como se fosse o responsável da ocorrência. Para esse dado, acrescenta-se uma fotografia de um espaço natural com um outdoor um pouco à esquerda. No objeto, expõe-se falas em 2 balões, acompanhada de uma nítida imagem de uma mão ensanguentada. No primeiro balão, destaca-se

o seguinte: “Esse sangue em suas mãos, foi um corte?”. O segundo balão, então, responde ao outro: “Não, foi um voto!”. A data da postagem do tuite foi feita em 21 de junho de 2022, durante o governo do então presidente Jair Bolsonaro.

Seguindo o fato do estupro e da negação ao procedimento para interromper a gestação da menina, é possível observar e refletir outros posicionamentos tuitados entre as inúmeras postagens na linha do tempo da *#criançaãomãe*.



Figura 5: Post Jornalistas Livres
Fonte: Twitter, 2022

O @J_LIVRES (Jornalistas Livres) faz essa postagem apenas com a assinatura e descreve a frase “Discurso total flex”. O título da charge “CAFÉ COM FASCISTAS” está sobre uma faixa preta em letras brancas. Em cima da faixa, a figura de uma xícara de café. O termo “fascismo” se refere ao movimento totalitário na Itália, tendo como líder Benito Mussolini, o qual tinha uma carreira de discursos nacionalistas e extremistas. A discussão entre as duas personagens corresponde aos ideais conservadores do movimento quando se referem a Deus, indicando um discurso religioso.

O conteúdo do texto, apresenta um tom de julgamento em nome de Deus por parte do homem quando afirma que *Deus* seria “implacável com quem aborta” após a mulher relatar sobre o impedimento do aborto legal da menina. No entanto, quando a mulher se refere ao estuprador, imediatamente o homem corta a sua fala, afirmando que “*Deus* é só amor e a tudo perdoa”. A interrupção do homem na fala da mulher sugere uma contraposição ideológica frente aos dizeres/posições-sujeito conservadoras que justificam suas condutas a partir do nome de Deus. Essa crítica é notada a partir das hashtags que o usuário acrescenta no tuíte: #forabolsonaro, #violênciainfantil, #brasil, #CriancaNaoEMae.

Nesse parâmetro, o perfil @coletivojuntas (Juntas! #EleNão) também segue em oposição à gravidez da menina. O perfil tem a seguinte bio-grafia: “Juntas! nós podemos transformar nossa realidade! Queremos retratar nossas lutas no Brasil e ao redor do mundo. A luta das mulheres muda o mundo!”. É um perfil feminista com um propósito revolucionário na vida das mulheres na sociedade.

Destaca-se a seguinte postagem:



Figura 6: Post Juntas! #EleNão

Fonte: Twitter, 2022

Nesse ínterim, atenta-se para o que foi escrito pelo administrador do perfil:

Uma criança vítima de estupro é atacada por fazer um aborto.
Uma jovem vítima de estupro é igualmente atacada por ter um
bebê e entregá-lo para adoção. Nunca foi sobre o direito à vida.
É sempre sobre o julgamento e o controle das mulheres!

Ao encerrar o comentário, o enunciador acrescenta as hashtags *#pelo-direitodedecidir* e *#criança não é mãe*.

Na imagem que se sucede a esse enunciado, destaca-se: “Nunca foi sobre aborto, estupro ou adoção. É sobre o controle dos nossos corpos”, sendo esse enunciado escrito (digitado) numa fonte maior na cor verde e seguido da reflexão com a hashtag *#PELODIREITODEDECIDIR* em caixa alta e numa fonte também maior, mas na cor preta.

A interpretação deve ser feita considerando o conteúdo do texto, as cores, o comentário associado à imagem, além de ponderar o perfil do usuário, o qual possui um ethos revolucionário feminista, o que dialoga explicitamente com o tuíte em questão em defesa do aborto da menor e também através do símbolo feminista no final da imagem.

Nesse ponto, há ainda uma outra ocorrência destacada na postagem referente ao fato da atriz Klara Castanho e a doação de seu bebê, fruto de um estupro. Após a declaração, dezenas de internautas criticaram a atriz como irresponsável, além de ter sofrido ameaças e falta de solidariedade por parte dos profissionais que a atendeu.

A partir dessa descrição, materializam-se críticas sobre o poder de fala anulado de uma mulher que foi estuprada, gerou a criança e a doou, e sobre uma menina, também estuprada e que precisava fazer o aborto em prol da sua saúde física e psicológica. No tuíte, o usuário pondera o controle e o julgamento alheio em relação aos corpos estuprados a partir do que lhes convém. Nesse sentido, lança-se *#PELODIREITODEDECIDIR* – em caixa alta com a fonte na cor preta – com apelo ao não silenciamento das mulheres que, consequentemente, foram engravidadas a partir de um estupro.

Os casos de meninas grávidas a partir de uma violação sexual provocaram o que Paveau (2021) chama de *afiliação difusa*, em que a

#criançaãoémãe foi criada, à medida dos fatos, para discutir e fazer conexão, permitindo a interação de inúmeros tuítes que materializam discursos relacionados à ocorrência.

As postagens retratadas nesta seção, apresentam uma mínima parte desta afiliação entre sujeitos, intermediados pelo *Twitter*. Esta minúscula explanação revela “pontos de conexão com sujeitos” (Dias, 2018, p.17), sujeitos esses que, em diálogo com Orlandi (2020), “[são] produto[s] histórico[s]” (p.50).

O Projeto de Lei do Nascituro e “afiliação difusa” da *#criançaãoémãe*

Quando o Projeto de Lei (PL) 478/07 é colocado em votação em dezembro de 2022, dado o caráter de “afiliação difusa” da hashtag em estudo, esta passa a ser associado à discussão do Estatuto do Nascituro.

O PL 478/07 é um projeto de lei que prevê a criminalização em toda e qualquer situação de aborto, até mesmo em casos de estupro ,com a premissa de viabilizar proteção jurídica ao nascituro⁷⁴, o que suscitou mais uma vez a difusão da *#criançaãoémãe* no *Twitter* associada aos discursos dos sujeitos conectados.

No dia 14 de dezembro de 2022, o PL seria votado na Comissão da Mulher no Congresso Nacional. Por essa ocorrência, o perfil *SOS Corpo Instituto Feminista para a Democracia (@lutafeminista)* convoca os internautas a um Tuitaço. Segue a imagem abaixo:

74 Que ou aquele que há de nascer. Direito diz-se do, ou o produto da concepção, antes de vir à luz. (Dicio, 2023) <https://www.dicio.com.br/nascituro/>



Figura 7 – Post SOS Corpo Instituto Feminino

Fonte: Twitter, 2022

Postada no dia 13 de dezembro, um dia antes da votação, o @luta-feminista esclarece a sua indignação diante do fato e afirma que “Precisamos de todo mundo para pressionar contra este projeto!”. Na imagem do tuíte, há escrito em caixa alta o termo “TUITAÇO” entre dois pássaros correspondentes ao ícone da rede *Twitter*. Esses estão numa semicircunferência de cor verde. Logo abaixo, estão duas hashtags: #EstatutoDoNascituroNao e #GravidezForcadaETortura. Em seguida, uma mensagem: “Contra a votação do Estatuto do Nascituro na Comissão da Mulher”. Destaca-se ainda, nesse passo, a data para o tuitaço e o horário – 14 de dezembro, às 13H00.

Numa fonte menor, na imagem, apresenta-se um enunciado ao lado esquerdo “Frente Nacional contra a Criminalização das Mulheres e pela legalização do Aborto”. Ao lado do enunciado, há o desenho de três mulheres se abraçando. É um desenho em traços com a cor verde do movimento (a única cor) sendo enfatizada em lenços. Além disso, as mulheres são apresentadas com o símbolo de luta feminista destacado na mochila da mulher do meio e em uma tatuagem na mulher à direita. Até o momento do print, o tuíte tinha seis compartilhamentos e nove curtidas. Nem um comentário.

Ao digitar no campo de pesquisa as hashtags do Tuitaço, o *Twitter* logo se redireciona aos tuítes em que as tags estão indexadas, tanto na referida data do movimento quanto a outras datas em que os usuários já faziam protestos.



Figura 8: Post Pat
Fonte: Twitter, 2022

Neste *tuíte* está apenas anexado a #*EstatutoDoNascituroNao*. O usuário @patdopara é um perfil com a seguinte biografia “forró, cachaça e socialismo”, o qual faz postagens de cunho variado do seu dia a dia, inclusive político. No que se refere ao *tuíte* acima, postado no dia 14 de dezembro, o posicionamento discursivo opera sobre o modo subjuntivo ao expressar uma expectativa relacionada à livre escolha das mulheres sobre a gravidez diante de uma situação de estupro. Esse *tuíte* já possuía, na data do print, três compartilhamentos, oito curtidas e nem um comentário.

Nesta difusão tecnolinguageira, segue outro *tuíte*:



Figura 9: Post Livia Duarte
Fonte: Twitter, 2022

Lívia Duarte (@liviaduartepsol) é vereadora do Belém pelo partido do PSOL. Em seu perfil está a seguinte descrição biográfica: “Mãe e Madrasta. Feminista Negra Socialista da Amazônia. Eleita Deputada Estadual.

No *tuíte* indexado às *hashtags do Tuitaço*, a vereadora manifesta sua luta “pela legalização do aborto e pelo fim da violência contra as mulheres”, lembrando das mulheres oprimidas na sociedade: “negras, populares e periféricas!”. Postado no dia sete de dezembro de 2022, o *tuíte* possui sete compartilhamentos, 28 curtidas e um comentário.

Por isso tudo, é evidente que os perfis aqui apresentados, além daqueles que foram observados durante a coleta, filiam-se às *hashtags* do nascituro com o propósito de contrariar o PL 478/07, o qual está em tramitação na Câmara desde 2007.

É nessa perspectiva que a tecnolinguagem, além do seu grau de afiliação, de marcação e de catalogação, pode ser chamada de *ativismo de hashtag*, como é apresentado por Paveau (2021), pois ela age como “argumento nos discursos digitais militantes” (p.232). É por essa reflexão que é possível perceber que os perfis aqui mencionados militarizam a *#criançañãoémãe*, a *#estatutodonascituronão* e a *#gravidezforcadaétortura*, com o intuito de reforçar um olhar de opressão estrutural.

Batalha e argumentação da hashtag

No decorrer das observações acerca do uso da hashtag, atentou-se que *tuítes* opositores foram etiquetados pela *#criançañãoémãe*, os quais criticavam a conduta daquelas que apoiavam o aborto das meninas como é o caso do *tuíte* abaixo:



Figura 10 – Post Sr. Macaco – Sociedade Iludida
Fonte: Twitter, 2022

O tuíte compartilha uma situação diferente do que se presume em relação ao conteúdo da hashtag. Ao analisar as figuras anteriores, constata-se que elas produzem posicionamentos discursivos que refletem o parecer político atribuído à esquerda, caracterizada pela defesa e proteção dos menores.

No entanto, ao que se confere num primeiro olhar é que o enunciado-tuíte apresentado nesta seção, acompanhado a um texto de gênero HQ (história em quadrinho), não condiz com o desempenho argumentativo das postagens analisadas anteriormente.

O usuário @sigasociedade insere junto à HQ a sua clara opinião em tom contestatório “Acabou a narrativa. Fatality!!!” e articula ao seu tuíte outras hashtags que comportam essa discordância, a saber: #esquerdahipocrita, #mataram, #AbortoNAO. A forma-sujeito da hashtag em

discussão revela, então, um tom de contraste ao indexá-la em discursos que divergem com o propósito inicial dela.

Em *Análise do discurso digital*: dicionário das formas e das práticas (2021), Paveau revela sobre essa capacidade da hashtag de gerar embates entre sujeitos a partir do caráter de batalha. Desse modo, a estudiosa afirma que

A batalha de hashtag ou guerra de hashtag é, de fato, um gênero do discurso nativo do *Twitter* e da web participativa em geral: a partir do lançamento de uma primeira hashtag, existem vários métodos para iniciar uma “batalha”, especialmente o lançamento de uma contra-hashtag ou o hackeamento da primeira, por exemplo na forma de paródia. (p.232)

A autora destaca inúmeros acontecimentos polêmicos recentes de *hashtags* e contra *hashtags*, os quais a própria autora afirma que “abundam em todos os domínios” (Paveau, 2021, p.232) e pontua ainda que as batalhas de *hashtags* “podem encontrar respostas nos mesmos dispositivos, a partir das mesmas ferramentas e das mesmas formas tecnolinguageiras” (Paveau, 2021, p.232).

A partir desta teoria que foi possível observar que a *#criançañãoémãe* estava/ está envolvida numa batalha no *Twitter*. Assim como afirma a estudiosa na citação acima sobre os “vários métodos para iniciar uma ‘batalha’”, foi observado que a *#criançañãoémãe* tem uma característica própria de batalha no *Twitter*, uma vez que essa única tag é capaz de comportar sujeitos que divergem no campo do debate político.

Considerações finais

Em linhas gerais, constata-se que a *#criançañãoémãe* tem uma relação com o interdiscurso, considerando as condições sócio-históricas e ideológicas as quais atravessam a máquina. No nível da constituição do sujeito, o encaminhamento de sentidos da *hashtag* se constrói a partir de tais condições, conduzidos pelo acontecimento externo e pela condição interna maquinária.

Não há como desvencilhar os meios digitais do sujeito social, uma vez que o sujeito é a extensão da máquina (Dias, 2020) e isso significa refletir que os sujeitos significam no digital conduzidos por relações de poder ideológico da sociedade. Dias (2020) enfatiza que a ligação entre sujeito e máquina é inseparável, pois grande parte do que se refere às atividades humanas estão arquivadas em redes – uma discussão política, uma viagem, um comentário – suscetível a compartilhamentos e visualizações.

Desta mesma maneira, arquivou-se inúmeros posicionamentos de sujeitos frente ao caso das meninas de 10 – 11 anos de idade grávidas em decorrência de estupro, uma questão complexa e delicada ao se tratar de dois seres humanos indefesos: a criança estuprada e a criança gerada a partir do ato criminoso.

Ademais, ao longo das análises na linha do tempo, foi possível chegar a outras indexações que também se desdobravam sobre o conteúdo do aborto. Refere-se, então, ao PL 478/07 (Estatuto do Nascituro) que pretendia dificultar o aborto no país, inclusive em gravidez decorrente de estupro, e que provocou a emergência de posições-sujeito contra o Estatuto do Nascituro na rede *Twitter* por meio de um Tuitaço – *#EstatutodoNascituroNao* e *#GravidezForcadaETortura*.

A relação entre o real e o digital destas *hashtags*, indexadas às materializações discursivas, é tênue, já que os enunciados agregam valores históricos, ideológicos e políticos, além de comportarem características do nativo digital como: composição, deslinearização, ampliação, relacionalidade, investigabilidade e imprevisibilidade.

Para Paveau (2021), a *hashtag* também reclama sentido histórico-ideológico já que “esse segmento tecnolinguageiro age como um verdadeiro argumento nos discursos digitais militantes” (p.232), o que ultrapassa “sua função de marcação, de filiação ou de catalogação” (p.233). Isso permite ao analista considerar a lexicografia da *#criança não é mãe*, a qual possui valor argumentativo ao afirmar que uma criança não é uma mãe, protestando contra os discursos que não apoiam o aborto.

Em relação ao digital, é preciso levar em consideração os dados de sua contextualização inscrita no código: os metadados, a

redocumentarização, uma data, um lugar de produção, um endereço de IP, algoritmos, cálculos, entre outros conjuntos de elementos que fazem a identidade digital (Paveau, 2021) da *hashtag* em questão e dos textos indexados a ela.

Nesse passo, considera-se que essas *hashtags* tiveram função criadora de trocas e de conhecimentos no *Twitter*, a julgar a capacidade algorítmica da rede de redocumentar com um clique e fazer uma contextualização reticular. E por essa capacidade, ao clicar nas *hashtags* ou ao pesquisá-la no campo de busca do *Twitter*, é possível analisar os *tuítes* envolvidos, além de constatar uma intervenção ao vivo (*on-line*) e participativa dos internautas, seja por comentários, curtidas, compartilhamentos, entre outras práticas.

A partir dessa filiação, permitiu-se chegar ao conceito de *batalha de hashtag* (Paveau 2021) no tocante aos *tuítes* que se divergiam em seus posicionamentos a partir da *#criança não é mãe*. E é possível violência discursiva nas redes sociais e o poder de incomodar a partir de postagens indexadas à *hashtag*, pois o ativismo no *Twitter* provocou ações e discursivizações de teor político.

Este estudo tecnodiscursivo constatou a constituição de tecnosujeitos envolvidos em condições de produção externas, a saber: feministas, conservadores, socialistas, mães, negras, políticos (esquerda e direita), jornalistas. Tecnosujeitos que abriram espaço em suas linhas do tempo no *Twitter* para se posicionarem acerca do aborto de crianças/meninas. É importante considerar esses fatores externos, pois, em conformidade com Paveau (2021), “o contexto da *hashtag* é então exterior à plataforma *Twitter*, e a restrição apenas à rede, e, *a fortiori*, a um só *tuíte*, bloqueia a compreensão desse fenômeno” (p.227). Assim, a *hashtag* revela, em sua função tecnicista, jogos ideológicos na constituição de posições-sujeito das diversas esferas sociais, produzindo e reproduzindo sentidos a partir de uma memória social discursiva e de uma memória metalizada.

Referências bibliográficas

DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas: Pontes Editores, 2018. p. 1-202.

DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital: um campo de questões**. REDISCO Vitória da Conquista. v. 10, n.2, p. 8-20, 2016. ISSN 2316-1213.

DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do corpus**. Estudos linguísticos, São Paulo, 44 (3): p. 972-980, set.-dez. 2015.

DIAS, Cristiane. Memória Metálica. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/endici/index.php?r=verbete/view&id=119> Acesso em: 23 de jun de 2021.

DIAS, Cristiane. **e-Urbano: a forma material do eletrônico no urbano**. In. DIAS, Cristiane. E-urbano: Sentidos do espaço urbano/digital [online]. 2011, Consultada no Portal Labeurb <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/>, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2018.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: Princípios e procedimentos**. 13ª. Pontes Editores, Campinas, SP. 2020.

ORLANDI, E.P. **Análise de Discurso: Michel Pêcheux textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi** – Campinas, SP: 4ª Edição – Pontes Editores, 2015.

ORLANDI, E. P. **Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5ª Edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

ORLANDI, Eni. **Conversa com Eni Orlandi**. In. BARRETO, Raquel. Teias: Rio de Janeiro, ano 7, nº 13-14, jan/dez, 2006.

ORLANDI, E. P. **Língua e Relações sociais no espaço digital**. In. DIAS, Cristiane. E-urbano: Sentidos do espaço urbano/digital [online]. 2011, Consultada no portal Laberub – <https://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/> Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de

Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

ORLANDI, E. P. **Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia**. 3ª edição. Campinas, SP: Pontes Editora, 2017.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Texto: formação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001.

PAVEAU, Marie-Anne. **Palavras anteriores, pré-discursos entre memória e cognição**. 2007.

PAVEAU, Marie-Anne. **Palavras anteriores. Os pré-discursos entre memória e cognição**. Universidade de Paris 13, França. Tradução de Norma Seltzer Goldstein, 2007.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à formação do óbvio**. Tradução: Eni Pucinelli Orlandi [et al] – 2.ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, Michel. **Estrutura ou acontecimento** / tradução: Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1990

PÊCHEUX, Michel. Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux / organizadores 3.ed. Francaise Gadet; Tony Hak; tradutores Bethania S. Mariani... [et al.] — 3. ed. — Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

SILVEIRA, Juliana da. **Rumor(es) e humor(es) na circulação de hashtags do discurso político ordinário no *Twitter***. Maringá, 2015.”



**Análise sintática, semântica
e pragmática de títulos de
notícia dos jornais “Araguaia
Notícia” e “Folha de S. Paulo”**

10

AB

Análise sintática, semântica e pragmática de títulos de notícia dos jornais “Araguaia Notícia” e “Folha de S. Paulo”



Lennie Aryete Dias Pereira Bertoque (UFMT/UFSCar)
Mizael Silva Lima (UFMT)

225

A abordagem que subsidia a análise proposta neste capítulo é a Linguística Funcional, que compreende a linguagem como processo de interação social e analisa contextos reais de comunicação. Nos estudos funcionalistas, considera-se a inter-relação entre níveis linguísticos, porque amplia-se a possibilidade de compreensão sobre os vários fenômenos linguísticos e sobre a complexidade da língua em contextos comunicativos específicos. Assim, são apresentadas as análises na inter-relação de elementos dos níveis sintático, semântico e pragmático.

Do **nível sintático**, são apresentadas as seguintes classificações e esquemas: a estrutura argumental, que é a grade argumental, o “esqueleto” da sentença e indica quais (valência semântica – características ou traços semânticos)⁷⁵ e quantos (valência sintática) argumentos o predicado exige; a estrutura subjacente, que codifica os argumentos

75 Pelo fato de algum ou alguns critérios semânticos serem considerados na identificação da estrutura argumental, considera-se uma relação sintático-semântica.

exigidos pelo predicado, presentes na oração; a predicação, que codifica os argumentos exigidos pelo predicado, presentes na oração, juntamente às informações adicionais (satélites); a ordem dos argumentos, que indica a posição de argumentos (sujeito e objetos) e satélites (adjuntos). Como recorte de pesquisa, optou-se por não analisar as orações ou sintagmas oracionais com verbos no infinitivo e as orações negativas (polaridade negativa-acontecimento não realizado, fato possível). Do **nível semântico**, são apresentadas duas classificações: as tipologias do EsCo, para classificar o tipo de predicado; e os papéis temáticos (ou funções semânticas), para classificar os argumentos e satélites. Do **nível pragmático**, são apresentados dois critérios: a topicalização, que é a classificação do elemento tópico da oração, ou seja, o elemento gramatical que ocupa a primeira posição e possui relevância cognitiva em relação a outros elementos da oração, no Português Brasileiro (PB), podendo este ser o sujeito (S), ou o complemento (C)⁷⁶, ou o adjunto (Adjun)⁷⁷; e a valência pragmática, que se refere ao número de argumentos e de satélites encontrados.

Os principais autores que fundamentam as discussões são: Neves (2000, 2006); Casseb-Galvão (2008); Martelotta (2009), Castilho (2010), Bertoque (2010, 2014), Pezatti (2014) e De Rosa (2020).

A ideia é compreender quais são as características sintáticas, semânticas e pragmáticas predominantes nos títulos de notícia de dois jornais brasileiros *on-line*, “Araguaia Notícia”, do município de Barra do Garças (MT), e “Folha de S. Paulo”, de São Paulo (SP), considerando-se sua função social como gênero discursivo.

O Jornal “Araguaia Notícia” é um jornal produzido e divulgado por meio *on-line*, na região do Médio Araguaia, no estado de Mato Grosso (MT), Brasil. A maioria das notícias se refere a assuntos locais e regionais, incluindo alguns assuntos do estado de Goiás (GO), pois a região do Araguaia se situa na divisa com esse estado.

O Grupo Folha é um conjunto de mídia do país, que inclui: o jornal (Folha de S. Paulo); seu site noticioso (folha.com.br); o Datafolha, que

76 “Complemento” – neste trabalho, nos referimos aos objetos: direto ou indireto.

77 “Adjunto” – neste trabalho, nos referimos aos adjuntos adverbiais.

é um instituto de pesquisa; a agência de notícias (Folhapress); um parque gráfico (CTG-F); e uma gráfica dedicada a jornais e folhetos para empresas, editoras e agências de publicidade (FolhaGráfica). O jornal “Folha de S. Paulo” é produzido na capital São Paulo e é um jornal divulgado de forma impressa e por meio on-line, o corpus foi extraído apenas por meio on-line. As notícias divulgadas são de acontecimentos do Brasil e do Mundo.

A escolha de jornais de alcance distintos se deu porque buscamos verificar as estratégias linguísticas adotadas por empresas jornalísticas com diferentes público-alvo. Foram coletados sessenta títulos de notícia, 30 do jornal “Araguaia Notícia” e 30 do jornal “Folha de S. Paulo”, no período de 7 de junho a 6 de julho de 2021 – um título por dia em cada jornal –, totalizando 60 títulos. Apenas os exemplos (8), (9), (10), (14) e (22) não fazem parte do corpus. Foram apresentados para exemplificar elementos da teoria que não foram encontrados no corpus. Na análise, contemplam-se títulos de notícias com dois predicados, portanto, foram divididas em Xa) e Xb). Assim, a quantidade de ocorrências de um determinado fenômeno, por exemplo, o predicado, é maior que o total de títulos de notícia.

227

Partiu-se do pressuposto de que a topicalização seria usada como estratégia linguística para chamar a atenção do interlocutor; e que as empresas jornalísticas tenderiam a preencher os argumentos com base no nível informacional, ou seja, com objetivo de passar a informação de maneira clara e objetiva, mas, sobretudo, vendável conforme discutem Bertoque (2010) e Bertoque e Casseb-Galvão (2010). Assim, alguns argumentos poderão, por exemplo, ser suprimidos devido à inferência do leitor-interlocutor (princípio de economia linguística)⁷⁸.

Para a classificação do tipo textual em relação a sua rigidez e elasticidade, fundamentamo-nos em De Rosa (2020); e para compreensão

78 Bertoque (2010) explica que é importante considerar as motivações que levam a essa supressão, apresentadas por Givón (1990, p. 567-568), a saber: (a) o agente não é conhecido; (b) o agente pode ser cataforicamente dado; (c) o agente pode ser genericamente predicável ou estereotípico; (d) o agente pode ser universal, não específico; (e) o agente pode não ser importante no discurso; e (f) a demissão do agente pode ocorrer por outras razões de natureza pessoal, interpessoal ou social. No entanto, neste trabalho, não aprofundaremos nessa discussão.

sobre o gênero discursivo, consideramos a proposta de Bakhtin (2003) e Bertoque (2010).

Esta pesquisa é de cunho qualitativo e a apresentação quantitativa foi considerada somente para identificar a predominância de atribuições sintáticas, semânticas e pragmáticas nos dados, ou seja, não expressa uma porcentagem significativa para se caracterizar como quantitativa, mas dá indícios de uma tendência de usos linguísticos nos jornais analisados.

1. Gênero “título de notícia”

O **título de notícia** é “a síntese precisa da informação mais relevante da notícia e deve ressaltar o aspecto mais específico do assunto, não o mais geral” (Bertoque, 2010, p. 65). Isso significa que o título tem um grande conteúdo informacional e que sua função social implica a divulgação de informações relevantes (ou que pareçam relevantes) para a comunidade. O gênero “título de notícia” possibilita a análise da linguagem/língua num contexto social que expressa a comunicação no cotidiano, tanto local, quanto nacional, a fim de compreender a inter-relação dos níveis linguísticos e os possíveis efeitos de sentido.

Nos estudos da Linguística Textual, há, pelo menos, 5 tipos básicos de textos: narração, descrição, dissertação, injunção e exposição. Os “títulos de notícia” podem ser considerados expositivos porque apresentam informações descritivas gerais sobre um objeto ou um fato específico.

Além disso, é possível classificar os textos em três grandes categorias de tipologias textuais, num continuum entre os polos de “rigidez” (vínculo máximo) e de “elasticidade” (vínculo mínimo), distintos pela presença/ausência de alguns traços linguísticos, conforme apresentou De Rosa (2020), fundamentando-se em Sabatini (1990); são elas: Textos Rígidos, Textos Semirrígidos e Textos Elásticos.

A seguir, apresentam-se os quadros (1 a 3) propostos por De Rosa (2020, p. 239-240):

Quadro 1 - Textos Rígidos

Tipologia Textual	Função Textual	Gêneros Textuais
Textos Rígidos (Vínculo Máximo)	Estabelecer Normas e Direitos.	Estabelecer Normas e Direitos.
	Definir e descrever com exatidão fenômenos, objetos, lugares e acontecimentos.	Documentos de identidade, Certificados, Tratados Científicos e projetos..
	Fornecer instruções precisas para realizar operações.	Textos Técnicos (Manuais de instruções).

Fonte: De Rosa (2020, p.239)

Quadro 2 - Textos Semirrígidos

Tipologia Textual	Função Textual	Gêneros Textuais
Textos Semirrígidos (Vínculo Médio)	Explicar uma disciplina a quem não a conhece	Manuais de Estudo
	Aguardar ideias	Ensaaios de crítica
	Dar conselhos práticos e de comportamentos	Guias Turísticos
	Tornar simples conhecimentos complexos.	Literatura de divulgação
	Difundir informações comuns e guardar memórias de fatos, lugares e pessoas	Artigos de jornais, diários.

Fonte: De Rosa (2020, p.239)

Quadro 3 - Textos Elásticos

Tipologia Textual	Função Textual	Gêneros Textuais
Textos Elásticos (Vínculo Mínimo)	Representar mitos, lendas e vicissitudes humanas na cena.	Roteiros de uma peça teatral, de um filme ou de um produto ficcional televisivo
	Reelaborar fatos parcialmente verdadeiros, representar mundos fantásticos.	Textos de narrativa; romances de aventura.
	Compartilhar a própria experiência existencial.	Textos poéticos

Fonte: De Rosa (2020, p.239)

Observando-se essas características, compreende-se que os títulos de notícia são textos semirrígidos e, sobre esse tipo, De Rosa (2020) explica que:

Os textos semirrígidos e elásticos têm em comum a presença de traços de elasticidade, configurando-se como tipologias claramente diferentes dos textos rígidos, que excluem esses traços. De fato, em textos semirrígidos é possível encontrar trechos de elasticidade como o uso de paráfrases e sinônimos, juntamente com trechos de rigidez, como a codificação e repetição de termos técnicos e científicos. Assim podemos contemplar, dentro da categoria de textos semirrígidos, um continuum que vai desde gêneros textuais que permitem poucos traços de elasticidade até gêneros particularmente densos.

Assim, os títulos de notícia podem ser considerados semirrígidos porque apresentam uma estrutura orientada pelos manuais de redação jornalística, mas permitem flexibilidade quanto à supressão de elementos, ordem etc., conforme as motivações comunicativas.

Quanto ao gênero, neste trabalho, optou-se pela nomenclatura **gênero discursivo**, seguindo a proposta de Bakhtin (2003[1979], p. 262), que concebe o gênero “como tipos relativamente estáveis de enunciados”, com base em “cada campo de utilização da língua”. Seguindo a proposta de Bertoque (2010), considerou-se a especificidade do “título de notícia” em relação a sua função social que é distinta da notícia. A função da “notícia” é explicar, expor os acontecimentos; e a função do “título de notícia” é “convidar” o leitor-consumidor para acessar a notícia (Bertoque, 2010). Por isso, também distinguimos o título como um gênero diferente da notícia.

2. Níveis de análise linguística na perspectiva da gramática funcional

As análises apresentadas neste capítulo são resultado da distinção (e não separação) entre os níveis de análise linguística, para relacionar as motivações pragmáticas (contexto) que, por meio da semântica (significado e sentido), organizam a língua (sintaxe). A ideia é que a forma linguística pode apresentar multifunções, de acordo com a atividade comunicativa, na qual está inserida.

231

2.1. Análise Sintática

Na **análise sintática**, se considerará as seguintes classificações e esquemas apresentados por Dik (1997[1989]), Neves (1997), Givón (2001[1984]), Casseb-Galvão (2008), Bertoque (2010, 2014), Bertoque e Casseb-Galvão (2010):

I. Estrutura argumental ou frame (estrutura ou grade) de predicado

– É a estrutura que organiza os argumentos, selecionados pelo predicado, ou seja, é a estrutura que especifica as características sintático-semânticas (CASSEB-GALVÃO, 2008; BERTOQUE, 2014).

a) *Predicado*- é o centro lógico-semântico da oração, que se apoia numa base comum compartilhada entre os falantes – essa base é a percepção (cognição) de uma comunidade de fala sobre o “mundo”

de modo coletivo, compartilhado (Casseb-Galvão, 2008; Bertoque, 2014).

b) *Argumentos*- são as casas preenchidas por sintagmas que ocupam posição antes e posterior ao predicado. Bertoque (2010, p. 21), fundamentando-se em Dik (1997[1989]) e em Neves (2000), explica:

Integra o domínio sintático, a categorização argumental, a determinação do número de casas a serem preenchidas na estrutura do predicado, representada na Teoria da Gramática Funcional (GF) por siglas do tipo A1, A2 e A3 (argumento 1, 2 e 3), em que A1 é posição sujeito, A2 objeto direto e A3 é a objeto indireto. Na organização sintática em português, A1 ocupa a 1ª posição e é o elemento mais à esquerda do predicado na estrutura subjacente da frase, essa é a posição do sujeito ou do argumento externo (Neves, 2000). Na hierarquia de argumentos da estrutura argumental, em ordem de relevância, temos: A1 > A2 > A3 = “A1 é mais acessível que A2, e A2 é mais acessível que A3” (DIK, 1997[1989], p. 278) (Bertoque, 2010, p. 21).

Portanto, os argumentos que ocupam as posições mais à esquerda são mais relevantes cognitivamente – neste trabalho, optou-se por denominar as posições de “Arg.” no lugar de “A”. Em (1), apresenta-se um título de notícia do jornal Folha de S. Paulo:

(1) Pontal do Araguaia oferece nesta semana curso de Apicultura a produtores em parceria com Senar (Araguaia Notícia, 21/06/2021).

Estrutura argumental:

<u>alguém</u>	OFERECER	<u>algo</u>	<u>a alguém</u>
Arg. 1	PREDICADO	Arg. 2	Arg. 3

O centro lógico semântico da oração em (1) é “oferecer”, portanto, o verbo é o predicado, é o elemento que seleciona (“chama”) os argumentos. Os sintagmas nominais “Pontal do Araguaia” (Arg. 1) e “curso de Apicultura” (Arg. 2), bem como o sintagma preposicionado “a produtores” (Arg. 3) são os argumentos exigidos pela estrutura argumental do verbo “oferecer”, que serão apresentados na estrutura subjacente e na predicação.

II. **Valência sintática**- também é chamada de valência quantitativa, porque implica o número de argumentos que o predicado exige. Casseb-Galvão (2008, p. 4) explica que a *organização predicativa valencial* é a “[...] capacidade que o verbo tem de abrir casas a sua volta para serem preenchidas no processo de constituição oracional”. Logo, em (1), a valência sintática é 3: Sintagma Nominal (SN1) + Sintagma Nominal (SN2) + Sintagma Preposicionado (SP).

III. **Estrutura subjacente**- é a configuração esquemática dos elementos que compõem a oração, no nível subjacente, abstrato, no qual a oração se constitui, considerando-se os argumentos exigidos pelo predicado (Dik, 1997[1989], Neves, 1997, Bertoque, 2010). É configurada da seguinte maneira:

Estrutura Subjacente: Modo/Tempo {[VERBO (argumento¹) (argumento²) (argumento³)]} Estrutura Subjacente da oração em (1): Ind./Pres. {[OFERECER (Pontal do Araguaia) (curso de Apicultura) (a produtores)]}

No início da estrutura subjacente, apresenta-se o modo e o tempo verbal. Entre as chaves { }, apresentam-se a configuração total dos argumentos da oração, dentro dos colchetes [], o verbo e os argumentos que ele exige na estrutura argumental apresentados entre parênteses (). Essa é a primeira estrutura que subjaz à oração.

IV. **Predicação**- é a configuração esquemática dos elementos que compõem a oração, no nível subjacente, abstrato, no qual a oração se constitui, considerando-se os argumentos exigidos pelo predicado e as informações adicionais (satélites) que compõem a oração. É configurada da seguinte maneira:

Predicação: Modo/Tempo {[VERBO (argumento1) (argumento2) (argumento3)] (satélite1) (satélite2) (satéliten)}

Predicação da oração em (1): Ind./Pres. {[OFERECER (Pontal do Araguaia) (curso de Apicultura) (a produtores)] (nesta semana) (em parceria com Senar)}

No início da predicação, apresenta-se a mesma configuração da estrutura subjacente, acrescentando-se, após os colchetes, as informações adicionais (satélites) que compõem a oração separando-as também com parênteses ().

V. **Ordem**- os argumentos são apresentados na ordem da oração, ou seja, conforme a posição de cada elemento (S V C Adjun.) na oração analisada. Na oração (1), há a seguinte ordem: S V Adjun. C C Adjun. Garcia (1982 apud Pezatti, 2014) explica que a posição dos argumentos na oração pode indicar relevo às ideias. Além disso, a ordem pode interferir na compreensão do texto, podendo deixá-lo fluido ou não, cansativo ou não. Por exemplo, quando as informações adicionais são inseridas entre S e V, mesmo separadas por vírgulas, pode causar confusão no entendimento da oração.

No quadro 4, apresentamos uma análise sintática da oração (1), com as classificações e os esquemas apresentados acima – ressaltamos que a escrita da análise se dá de baixo para cima, como indica-se na seta:

234

Quadro 4 - Análise sintática da oração (1)

Análise Sintática
Ordem dos argumentos: S V Adjun. C C Adjun. Predicação: Ind./Pres. {[OFERECER (Pontal do Araguaia) (curso de Apicultura) (a produtores)] (nesta semana) (em parceria com Senar)} Estrutura Subjacente: Ind./Pres. {[OFERECER (Pontal do Araguaia) (curso de Apicultura) (a produtores)]} Estrutura argumental: <u>alguém</u> OFERECER <u>algo</u> a alguém Arg. 1 PREDICADO Arg. 2 Arg. 3 Valência Sintática: 3 Fonte: Elaboração própria

VI. Classificação dos argumentos- os argumentos serão nomeados conforme a posição na estrutura argumental e na oração: Arg. 1, Arg. 2 e Arg. 3.

VII. Classificação sintagmática- os argumentos serão classificados em:

- a) Sintagma nominal (SN) - o nome (N) é o núcleo.
- b) Sintagma verbal (SV) - o verbo (V) é o núcleo.
- c) Sintagma adjetival (SAdj) - o adjetivo é o núcleo.
- d) Sintagma adverbial (Sadv) - o advérbio é o núcleo.
- e) Sintagma preposicionado ou preposicional (SP) - é regido por preposição.

VIII. Classificação sintática- os argumentos serão classificados em:

a) *Sujeito* (S) – Segundo Castilho (2010, p. 289), o sujeito (S) apresenta cinco propriedades, considerando os estudos no PB: “[...] (i) é expresso por um sintagma nominal; (ii) figura habitualmente antes do verbo; (iii) determina a concordância do verbo; (iv) é pronominalizável por ele; e (v) pode ser elidido”. Castilho (2010, p. 292) também apresenta as classes gramaticais que ocupam a posição “sujeito”: “o substantivo, o pronome, toda uma sentença substantiva, uma categoria vazia”.

b) *Verbo* (V) – os verbos podem ser apresentados como pleno, funcional e auxiliar, conforme propõe Castilho (2010). Neste trabalho, analisaremos os verbos plenos e as construções verbais (locuções), formadas por verbos auxiliares e verbos na forma participípio. Castilho (2010, p. 397) define “verbo pleno” como “os que funcionam como núcleos sentenciais, selecionando argumentos e atribuindo-lhes papéis temáticos”; e define “verbo auxiliar” como os que estão à esquerda de “verbos plenos em forma nominal, aos quais os auxiliares atribuem categorias de pessoa e número, especializando-se como indicadores de aspecto, tempo, voz e modo”.

c) *Complemento* (C) – trata-se do complemento exigido pelo verbo na estrutura argumental, denominados na gramática como objeto direto (OD) e objeto indireto (OI). Segundo Castilho (2010), o sujeito e os complementos de objeto direto, objeto indireto e oblíquo exercem as funções centrais da sentença. Essa centralidade decorre do fato de que esses argumentos são selecionados pelo verbo. Neste trabalho, não faremos distinção quanto ao tipo de objeto, apenas identificaremos como complemento.

d) Adjunto (Adjun.) – são as informações adicionais ao acontecimento descrito pelo predicado. Castilho (2010, p. 308) explica que sintaticamente, os adjuntos:

- (i) são preenchidos por sintagmas adjetivais, adverbiais e preposicionais;
- (ii) podem tomar por escopo os substantivos, funcionando como adjuntos adnominais, ou o verbo, o adjetivo, o advérbio, como adjuntos adverbiais, ou toda a sentença, como adjuntos adsentenciais; (iii) quando preposicionados, desenvolvem em seu interior uma relação de predicação como aquela que constitui a sentença; (iv) desempenham um papel periférico na sentença, visto que não são selecionados pelo verbo e, portanto, não recebendo caso do predador, não são proporcionais a um pronome; (v) deslocam-se no espaço sentencial com mais liberdade que os argumentos.

Essas informações adicionais são também denominadas de “satélites”, porque podem “se mover” na oração, sem alterar o sentido como podemos observar em (2a), (2b), (2c) e (2d):

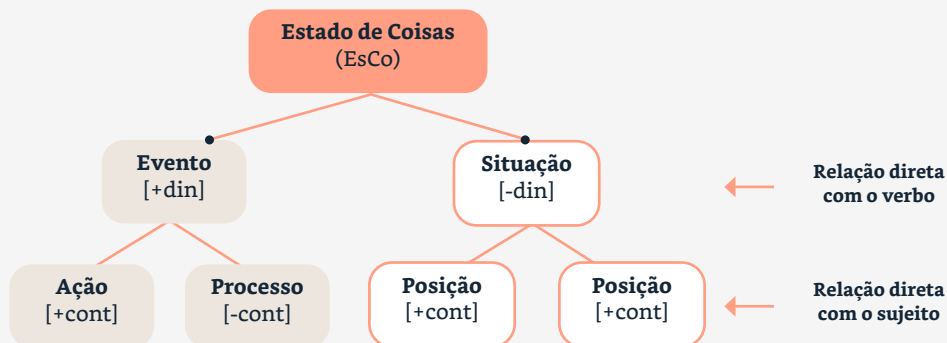
(2) PM e SEMA apreendem espingardas em acampamento no Araguaia (Araguaia Notícia, 25/06/2021).

- 2a) PM e SEMA apreendem espingardas em acampamento no Araguaia.
- 2b) Em acampamento no Araguaia, PM e SEMA apreendem espingardas.
- 2c) PM e SEMA, em acampamento no Araguaia, apreendem espingardas.
- 2d) PM e SEMA apreendem, em acampamento no Araguaia, espingardas.

O argumento “em acampamento no Araguaia”, que é um SP, pode ser “movimentado” na oração, mantendo o sentido. No entanto, (2c) e (2d) apresentam a informação adicional entre a relação SVC, o que não é cognitivamente efetivo para fins informacionais. Já em (2a) e em (2b), a informação adicional está no fim e no início da oração, respectivamente, permitindo mais fluidez e compreensão do acontecimento descrito.

2.2. Análise Semântica

Para desenvolver a análise semântica, considerou-se os seguintes critérios: tipologia de estado de coisa (EsCo) e papéis temáticos. Castilho (2010, p. 396 e 415), fundamentando-se em Dik (1989), explica que “os verbos expressam os estados de coisas” (EsCo) e que esse EsCo “é uma entidade conceitual”. Isso porque o EsCo não é o acontecimento no mundo, mas a descrição do acontecimento (DIK, 1997[1989]); e o elemento que tende a descrevê-lo é o verbo. Para classificar o EsCo, consideram-se os seguintes fatores combinatórios: dinamicidade [din] e controle [cont], conforme apresenta-se no **esquema 1**:



237

Esquema 1- Tipologia de EsCo proposta por Dik (1997[1989])
(Fonte: BERTOQUE, 2014)

Os traços semânticos são apresentados dentro de colchetes [] e os que são considerados para classificação dos tipos de acontecimentos (EsCo) são:

Quadro 5 - Atribuição de papéis temáticos, conforme proposta de Dik (1997[1989]), Bertoque (2010, 2014) e Bertoque e Casseb-Galvão (2010)”

Tipologia de Esco					
Traço		Dados Analisados	Traço	Tipo de EsCo	
Dinamicidade [din] – critério que indica se o EsCo expressa ou não evento.	Evento – ocorre quando o acontecimento descrito pelo verbo (EsCo) expressa movimento-traço semântico dinâmico [+din]	(3) Folha projeta vídeo em rua de SP em homenagem aos 500 mil mortos (Folha de S. Paulo, 9/06/2021). EsCo: evento [+din] .	Controle [cont] – depois de analisada a dinamicidade, analisa-se o critério que indica se a entidade na posição sujeito controla o acontecimento descrito pelo verbo (EsCo).	Ação – ocorre quando a entidade na posição sujeito controla o evento-traço semântico controle [+cont].	(4) Thermas Água Santa agradece PM e prefeito por apoio ao Turismo de Aragarças (Araguaia Notícia, 07/06/2021). EsCo: evento [+din]; ação [+cont] (5) Advogados lançam manifesto contra omissão da OAB-SP sobre violências raciais e de gênero (Folha de S. Paulo, 21/06/2021). EsCo: evento [+din]; ação [+cont]
				Processo – ocorre quando a entidade na posição sujeito não controla o evento-traço semântico controle [-cont].	(6) Sem comorbidades e grávida, professora de 30 anos morre devido a Covid em MT (Araguaia Notícia, 20/06/2021). EsCo: evento [+din]; processo [-cont] (7) Polícia conclui inquérito de Paraisópolis e PMs são indiciados por homicídios culposos (Folha de S. Paulo, 02/06/2021). EsCo: evento [+din]; processo [-cont]
				Posição – ocorre quando a entidade na posição sujeito controla a situação-traço semântico controle [+cont].	(9) Apresentador de TV é afastado após comentar que prefeita estava na manicure (Araguaia Notícias, 12/11/2021). EsCo: situação [-din]; posição [+cont] (10) comércio Motorista, que não almoçou, atropela e mata casal de idosos que estava na porta de (Araguaia Notícias, 20/10/2022). EsCo: situação [-din]; posição [+cont]
	Situação – ocorre quando acontecimento descrito pelo verbo (EsCo) não expressa movimento-traço semântico não dinâmico [-din].	(8) PM prende 2 foragidos em Garças; um deles estava na cachoeira (Araguaia Notícia, 7/03/2023). EsCo: situação [-din]		Estado – ocorre quando a entidade na posição sujeito não controla a situação-traço semântico controle [-cont].	(11) Grafite em ponte no rio Pinheiros alerta para escassez de água em SP (Folha de S. Paulo, 25/06/2021). EsCo: situação [-din]; estado [-cont] (12) Silêncio de Bolsonaro sobre mortos por Covid-19 destoa de discursos históricos (Folha de S. Paulo, 20/06/2021). EsCo: situação [-din]; estado [-cont]

Outro critério de análise selecionado neste trabalho é o papel temático, que, segundo Castilho (2010, p. 254), “são traços semânticos atribuídos por um predicator a seu escopo. É bem antiga a percepção de que as relações gramaticais podem ser entendidas como uma combinação de papéis temáticos, ou de casos. A sentença é o lugar em que se realizam essas combinações”.

Os traços semânticos considerados para combinação e classificação dos papéis temáticos foram baseados em Bertoque (2014). São eles:

- **Controle [cont]** - conforme já fora explicado no quadro 5, quando a entidade na posição sujeito controla o acontecimento descrito pelo verbo (EsCo), seja evento ou situação, a classificamos como controladora [+cont] e, quando não, a classificamos como não controladora [-cont].
- **Animacidade [anim]** - quando a entidade é viva e possui semovência, a classificamos como animada [+anim] e quando não, a classificamos como não animada ou inanimada [-anim]. Consideramos as plantas como entidades inanimadas, conforme propôs Bertoque⁷⁹ (2014), porque não possuem semovência.
- **Iniciação [inic]** - quando a entidade inicia o acontecimento (EsCo), a classificamos como iniciadora [+inic] e, quando não, a classificamos como não iniciadora [-inic].
- **Afetamento [afet]** - quando a entidade é afetada pelo EsCo, ou seja, quando o verbo incide sobre a entidade, a classificamos como afetada [+afet] e, quando não, a classificamos como não afetada [-afet].

A partir da junção de traços semânticos, classificam-se os papéis temáticos, que podem ser atribuídos ao sujeito, ao complemento (objeto) e aos adjuntos (satélites) (Dik, 1997[1989]; Bertoque, 2010, 2014), conforme apresenta-se no quadro 6 e exemplifica-se no quadro 7:

⁷⁹ Bertoque (2014) apresenta também o critério da intenção (como gatilho da ação) para distinguir os seres animados e inanimados.

Quadro 6 - Atribuição de papéis temáticos

	Sujeito	Complemento (objeto)	Adjunto
Papéis Temáticos	Agente (Ag)	Agente (Ag)	Locativo (Loc)
	Paciente (Pat)	Paciente (Pat)	Tempo (Temp)
	Meta/alvo(Go)	Meta/alvo(Go)	Instrumento (Instr)
	Recebedor (Rec)	Recebedor (Rec)	Referência (Ref)
	Experienciador (Exp)	Experienciador (Exp)	Origem (So)
	Processado (Proc)	Origem (So)	

Fonte: Elaboração própria

Quadro 7 - Atribuição de papéis temáticos, conforme proposta de Dik (1997[1989]), Bertoque (2010, 2014) e Bertoque e Casseb-Galvão (2010)

Papel Temático	Dados Analisados	Caracterização
Agente (Ag)	(13) Folha realiza seminário sobre cobertura vacinal (Folha de S. Paulo, 01/07/2021). (14) Quatro comunidades remanescentes de quilombos são reconhecidas pelo Governo de SP hoje (SÃO PAULO, 16/11/2014).	Entidade animada [+anim], inicia [+inic], controla [+cont] e não é afetada [-afet] pelo acontecimento (EsCo).
Paciente (Pat)	(15) Para se defender de agressão, mulher esfaqueia marido (Araguaia Notícia, 10/06/2021). (16) Jovem bombeiro de Barra do Garças é encontrado morto (Araguaia Notícia, 13/06/2021).	Entidade animada [+anim], não inicia [-inic], não controla [-cont] e é afetada pelo acontecimento (EsCo).
Meta/alvo(Go) ⁸⁰	(17) Fósseis de misteriosos seres humanos arcaicos são encontrados em Israel (Folha de S. Paulo, 24/06.2021). (18) PM encontra cargas de milho e bebidas sem notas fiscais em Cocalinho (Araguaia Notícia, 11/06/2021).	Entidade inanimada [-anim], não inicia [-inic], não controla [-cont] e é afetada pelo acontecimento (EsCo).

⁸⁰ Meta/Alvo, do inglês Goal (Go).

Recebedor (Rec)	(19) Escola militar de Barra do Garças ganha livros sobre oratória para ensinar alunos (Araguaia Notícia, 16/06/2021) ⁸¹ .	Entidade recebe algo de outra entidade. A configuração desse papel temático é: [+anim -anim], [-cont], [-inic], [-afet].
Experienciador (Exp)	(20) Leitores enxergam corrupção na compra da Covaxin (Folha de S. Paulo, 23/06/2021).	Entidade que experiência uma situação [-din], e não controla [-cont] o EsCo. A experiência ocorre por meio das faculdades sensoriais ou mentais de algum ser animado, conforme propõe Dik (1997[1989]). A configuração desse papel temático [-cont], [+anim]-anim], [-inic], [+afet].
Processado (Proc)	(21) Policiais recuperam mais R\$ 45 mil de roubo em Nova Bandeirantes e 6 assaltantes já morreram (Araguaia Notícia, 23/06/2021).	Entidade submetida a um processo e indica que o processo verbal descrito parte dela e incide sobre ela. Processado: Proc: [+cont -cont], [+anim -anim], [+inic -inic], [+afet].
Origem (So) ⁸²	(22) Gato despenca de arquibancada e é salvo por bandeira da torcida; veja vídeo (Hypeness, 13/09/2021).	Entidade indica de onde alguma coisa se move ou é movida. O foco desse papel temático não são os traços semânticos, mas a ideia geral do papel temático, já que a configuração desse papel temático é: [+anim -anim], [+cont -cont], [+inic -inic], [+afet] [-afet].
Locativo (Loc)	(23) Jovem chama militar da Rotam para trocar tiros em MT e acaba preso (Araguaia Notícia, 14/06/2021).	Entidade indica a localização espacial.
Tempo (Temp)	(24) PM recupera moto furtada horas após o crime (Araguaia Notícia, 30/06/2021).	Entidade indica a informação temporal de um acontecimento.
Instrumento (Instr)	PM prende suspeito com simulacro de pistola em Barra do Garças durante a madrugada (Araguaia Notícia, 12/06/2021) (sic.).	Entidade é usada por algum controlador na execução de uma ação, ou na manutenção de alguma posição.

81 A entidade doadora foi suprimida do título de notícia.

82 Origem, do inglês Source (So).

Referência (Ref)	BNDES lança programa de aceleração para negócios com impacto socioambiental (Folha de S. Paulo, 06/07/2021).	Entidade indica o termo da relação em referência ao qual uma relação se mantém.
---------------------	--	---

Fonte: Elaboração própria

Ressaltamos que, no quadro 7, distinguimos o papel temático “paciente” de “meta”, considerando-se a animacidade: paciente [+anim] e meta [-anim], segundo Casseb-Galvão (2008), Bertoque (2010, 2014) e Bertoque e Casseb-Galvão (2010).

1.3. Análise Pragmática

Na **análise pragmática**, considerou-se a topicalidade. Segundo Bertoque (2014, p. 117), o “nível pragmático é o nível que diz respeito aos elementos no processo de interação social (linguagem em uso), relacionados ao contexto de enunciação, considerando-se que o processo de interação implica um indivíduo interferindo na ação linguageira do outro.” Neste nível, o foco é analisar os argumentos (sua apresentação ou supressão e sua posição) para compreender a produção de sentidos, com base no contexto de uso específico.

A **topicalidade** é o “domínio que implica a atribuição da função de tópico a um argumento, destacando-o na sentença. [...] Essa atribuição é motivada pragmaticamente porque envolve a relevância das entidades” (Bertoque, 2014, p. 117). Considera-se também o fato de que no PB o “fluxo de atenção” em uma oração se dá da esquerda para a direita, por isso, o argumento no início da oração está em destaque e apresenta relevo cognitivo. (Neves, 1997; Bertoque, 2010; 2014; Bertoque; Casseb-Galvão, 2010).

Pezatti (2014, p. 13), fundamentando-se em Garcia (1982), explica que “a colocação de palavras na frase constitui um dos processos mais comuns e mais eficazes para dar relevo às ideias. Essa afirmação revela a importância da linearização dos constituintes na sentença, que, na cultura ocidental, é representada graficamente da esquerda para a direita.”

Sobre a função tópica, Pontes (1987) explica que o tópico é sempre definido, enquanto o sujeito, pode ser indefinido, de modo que o tópico não precisa ter relação selecionais com o verbo, mas o sujeito sempre tem. “O papel funcional do tópico é constante através das sentenças”. “Ele anuncia o tema do discurso”. Em (27), apresentamos um exemplo de argumento tópico, extraído do *corpus*:

(27) **Alunos de Barra do Garças** participam do TCEstudantil Virtual (Araguaia Notícia, 27/06/2021).

No título de notícia (27), a entidade “alunos de Barra do Garças” indica a informação sobre a qual algo será dito e, tratando-se de título de notícia, especialmente, indica o que é relevante nessa notícia.

A **valência pragmática** se refere ao número de argumentos e de satélites encontrados na oração. Esse número de argumentos pode ou não coincidir com o número de argumentos exigidos pelo verbo na estrutura argumental (valência sintática). Além disso, serão contados os satélites, indicando as informações adicionais o que foram encontradas na oração.

243

Em (28), apresentamos um título de notícia, extraído do corpus, para explicar a distinção da valência pragmática com a valência sintática:

(28) Eduardo Paes anuncia Carnaval em setembro na ilha de Paquetá (RJ) (Folha de S. Paulo, 14/06/2021).

Esquema 2 - Estrutura argumental do predicado “anunciar”



Fonte: Elaboração própria

Conforme o esquema 2, o centro lógico semântico da oração, em (28), é “anunciar”, portanto, o verbo é o predicado, ele é o elemento que seleciona (“chama”) os argumentos. Os sintagmas nominais “Eduardo Paes” e “Carnaval” são os argumentos exigidos pela estrutura argumental do verbo “anunciar”, no entanto, o Arg. 3, que também era exigido, foi suprimido; e foram acrescentados à oração, 2 (dois) satélites: “em setembro”, que indica “tempo”, e “na ilha de Paquetá (RJ)”, que é “locativo”. Logo, a valência pragmática configura-se com 2 argumentos e 2 satélites.

3. Características predominantes nos dados analisados

As análises dos 60 títulos de notícia que compõem o corpus foram organizadas conforme apresenta-se nos quadros 8 e 9, referentes aos exemplos (29) e (30), respectivamente – conforme já fora mencionado, a escrita da análise sintática se dá de baixo para cima, como indica-se na seta:

244

Quadro 8 – Análise sintática, semântica e pragmática do título de notícia (29)

(29) Agentes de segurança recebem treinamento pré-hospitalar policial na PM de Barra do Garças (Araguaia Notícia, 28/06/2021).			
Análise Sintática			
Ordem dos argumentos: S V C Adjun.			
Predicação: Ind./Pres. {[RECEBER (Agentes de segurança) (treinamento pré-hospitalar policial) (Ø)] (na PM de Barra do Garças)}			
Estrutura Subjacente: Ind./Pres. {[RECEBER (Agentes de segurança) (treinamento pré-hospitalar policial) (Ø)]}			
Estrutura argumental:			
<u>alguém</u>	RECEBER	<u>algo</u>	<u>de</u>
Arg. 1	PREDICADO	Arg. 2	Arg. 3
Valência Sintática: 3			
Análise Semântica			



Tipologia de EsCo: evento [+din], processo [-cont] Papéis temáticos: Arg. 1 (Agentes de segurança) - Rec. Arg. 2 (treinamento pré-hospitalar policial) - Go. Satélite (na PM de Barra do Garças) - Loc.	
Análise Pragmática	
Topicalidade: Agentes de segurança (tópico). Valência pragmática: 2 argumentos e 1 satélite	

Oração		Agentes de segurança	recebem	treinamento pré-hospitalar policial	na PM de Barra do Garças
Nível Sintático	Argumental	Arg.1	Predicado	Arg. 2	(Satélite)
	Sintagmático	SN1	SV	SN2	SP
	Sintático	S	V	C	Adjun.
Nível Semântico		Recebedor (Rec)	Processo	Meta/alvo (Go)	Locativo (Loc)
Nível Pragmático		Tópico	-	-	-

245

Quadro 9 – Análise sintática, semântica e pragmática do título de notícia (30)

(30) Presidente da Argentina comanda cerimônia de luto por mais de 92 mil mortos na pandemia (Folha de S. Paulo, 27/06/2021).	
Análise sintática	
Ordem dos argumentos: S V C Adjun. Adjun. Predicação: Ind./Pres. {[COMANDAR (presidente da Argentina) (cerimônia de luto)] (por mais de 92 mil mortos) (na pandemia)} Estrutura Subjacente: Ind./Pres. {[COMANDAR (presidente da Argentina) (cerimônia de luto)]} Estrutura argumental: <u>alguém</u> COMANDAR <u>algo</u> Arg. 1 PREDICADO Arg. 2 Valência Sintática: 2	
Análise Semântica	

Tipologia de EsCo: evento [+din], ação [+cont] Papéis temáticos: Arg. 1 (presidente da Argentina) - Ag. Arg. 2 (cerimônia de luto) - Go. Satélite 1 (por mais de 92 mil mortos) - Ref. Satélite 2 (na pandemia) - Ref.
Análise Pragmática
Topicalidade: Presidente da Argentina (tópico). Valência pragmática: 2 argumentos e 2 satélites

Oração		Presidente da Argentina	comanda	cerimônia de luto	por mais de 92 mil mortos	na pandemia
Nível Sintático	Argumental	Arg. 1	Predicado	Arg. 2	(Satélite 1)	(Satélite 2)
	Sintagmático	SN1	SV	SN2	SP1	SP2
	Sintático	S	V	C	Adjun.	Adjun.
Nível Semântico		Agente (Ag)	Ação	Meta/alvo (Go)	Referência (Ref)	Referência (Ref)
Nível Pragmático		Tópico	-	-	-	-

Em relação à estrutura argumental, a maioria das orações nos títulos de notícia é composta por predicados (verbos) biargumentais, ou seja, que exigem dois argumentos para formar a estrutura lógico-semântica da oração. Na tabela 1, apresentamos os dados encontrados em relação à valência sintática:

Tabela 1 – Ordem dos elementos gramaticais nas notícias

	Araguaia Notícias		Folha S.Paulo		Total	
Estrutura Argumental	Ocorrências	%	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Monoargumental (1 argumento)	2	5,8%	-	-	2	1,7%
Biargumental (2 argumentos)	29	83,2%	2	91,5%	61	88%
Triargumental (3 argumentos)	3	11%	2	8,5%	6	10,3%

Total	34	100%	35	100%	69	100%
--------------	-----------	-------------	-----------	-------------	-----------	-------------

Fonte: Elaboração própria

A predominância de predicados biargumentais pode se justificar porque o gênero “título de notícia” tem como função social a divulgação de informações aos interlocutores sobre acontecimentos e a tendência é que os que “viram notícia” envolvem mais de uma entidade: há a necessidade de dizer, pelo menos, “quem fez” e “para quem ou a que fez”. A segunda maior recorrência foi de predicados triargumentais e a menor foi a estrutura monoargumental.

Na **tabela 2**, apresentamos os dados encontrados em relação à ordem (posição) dos elementos gramaticais:

	Araguaia Notícias		Folha S.Paulo		Total	
Ordem	Ocorrências	%	Ocorrências	%	Ocorrências	%
S V	1	3%	-	-	1	3%
S V C	3	9%	10	30%	13	16%
S V C Adjn	14	43,5%	13	36%	27	37%
S V C Adjn Adjn	8	20,5%	6	15%	14	17,5%
S V C Adjn Adjn Adjn	1	3%	-	-	1	3%
S V Adjn Adjn Adjn	-	-	1	3%	1	3%
S V Adjn	1	3%	2	7%	1	9%
S V Adjn C C Adjun	1	3%	-	-	1	3%
S Adjn V	1	3%	-	-	1	3%
S Adjn V C	1	3%	-	-	1	3%
S Adjn V Adjn	-	-	1	3%	1	3%
Adjn S V C	1	3%	1	3%	2	5,5%
Adjn S V C C	-	-	1	3%	1	3%
Adjn S V C Adjn	1	3%	-	-	1	3%

Adjn S V Adjun Adjun	1	3%	-	-	1	3%
Total	34	100%	35	100%	69	100%

Fonte: Elaboração própria

Em relação à ordem dos elementos gramaticais, a maioria das orações nos dois jornais apresentou a ordem básica do Português Brasileiro (PB), S V C, que foi encontrada com algumas variações, ou seja, ou com mais um complemento (S V C C), ou com acréscimos de um ou mais adjuntos (S V C Adjun, S V C Adjun Adjun, S V C Adjun Adjun Adjun). Se considerarmos que os adjuntos (satélites) na posição inicial, ainda há a ordem básica em outros arranjos (Adjun S V C, Adjun S V C C, Adjun S V C Adjun).

Outros arranjos que não seguem a ordem básica são: S V Adjun C C Adjun, S Adjun V, S Adjun V C, S Adjun V Adjun. Isso ocorre quando os jornais optam por colocar os satélites entre os argumentos do verbo apresentados na oração, o que está ligado à característica de Texto Semirrígido dos títulos de notícia.

248

Na tabela 3, apresentamos os dados encontrados em relação ao tipo de EsCo:

Tabela 3 – Tipologia de EsCo nos dados analisados nos jornais analisados

	Araguaia Notícias		Folha S.Paulo		Total	
Tipo de EsCo	Ocorrências	%	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Ação	27	79,5%	28	81%	55	78%
Processo	7	20,5%	5	14%	12	19%
Posição	-	-	-	-	-	-
Estado	-	-	2	6%	2	3%
Total	34	100%	35	100%	69	100%

Fonte: Elaboração própria

Na tabela 3, podemos observar que a maioria dos EsCo nos dois jornais analisados foi “ação”. Isso pode ser explicado porque os jornais

divulgam acontecimentos cotidianos que envolvem “alguém” que fez “algo” a “alguém”. Erbolato (2004), explica, por exemplo, que o *lead*, uma das partes do jornal precisa responder algumas informações básicas:

Lead é uma expressão inglesa que significa “guia”, “líder” ou “o que vem à frente”. O *lead* é o primeiro parágrafo de uma notícia, geralmente, posta em destaque após o título da notícia. Nele deve vir todas as informações básicas sobre o tema: quem? quando? onde? por quê? como? (Erbolato, 2004, p. 67).

Assim, o EsCo ação é o que mais possibilita a compreensão dessas informações.

Na tabela 4, apresentamos os dados encontrados em relação à atribuição dos papéis temáticos (valência semântica) ao argumento na posição do **sujeito**:

Tabela 4 - Papéis semânticos atribuídos ao sujeito nos jornais analisados

Papéis Temáticos	Araguaia Notícias		Folha S.Paulo		Total	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Agente (Ag)	27	82%	28	81%	55	76,8%
Paciente (Pat)	7	6%	1	14%	3	5,4%
Meta/alvo (Go)	-	-	1	2,5%	1	1,5%
Processado (Proc)	2	6%	1	2,5%	3	2,6%
Experienciador (Exp)	-	-	4	10%	4	7,3%
Recebedor (Rec)	2	6%	1	2,5%	3	5,4%
Total	34	100%	35	100%	69	100%

Fonte: Elaboração própria

A maioria dos papéis temáticos nos dois jornais foi o papel “agente” (Ag), mais uma vez, pelo fato de o jornal ter uma função

social que implica dizer “quem” fez “o quê” “para quem”, que faz parte de sua característica mais rígida (Texto Semirrígido). Além disso, há orientação dos jornais para essa configuração (Erbolato, 2004; Bertoque, 2010). A menor recorrência de papel temático na posição sujeito, no jornal “Araguaia Notícia”, foi “meta/alvo” (Go), que não foi encontrada nenhuma oração. No jornal “Folha de S. Paulo”, há três papéis menos recorrentes, totalizando 1 ocorrência cada: “meta/alvo” (Go), “processado” (Proc) e “recebedor” (Rec).

Na tabela 5, apresentamos os dados encontrados em relação à atribuição dos papéis temáticos

Papéis Temáticos	Araguaia Notícias		Folha S. Paulo		Total	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Agente (Ag)	-	-	-	-	-	-
Paciente (Pat)	7	20,2%	5	16,2%	12	17,2%
Meta/alvo (Go)	22	73,8%	26	80,6%	48	78%
Recebedor (Rec)	2	6%	-	-	2	3,2%
Origem (So)	-	-	1	3,2%	1	1,6%
Total	31		35		63	100%

Fonte: Elaboração própria

“A maioria dos papéis temáticos atribuídos ao complemento nos dois jornais foi o papel “meta/alvo” (Go). A menor recorrência de papel temático na posição complemento (objeto), no jornal “Araguaia Notícia”, foi “origem” (So), que não foi encontrada nenhuma oração. No jornal “Folha de S. Paulo”, há um papel menos recorrentes, “recebedor” (Rec).

Na tabela 6, apresentamos os dados encontrados em relação à atribuição dos papéis temáticos (valência semântica) aos **adjuntos (satélites)**:

Tabela 6 - Papéis semânticos atribuídos aos adjuntos (satélites) nos jornais analisados

	Araguaia Notícias		Folha S. Paulo		Total	
Papéis Temáticos	Ocorrências	%	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Locativo (Loc)	17	41%	9	30,3%	26	37,8%
Tempo (Temp)	7	16,7%	4	12,5%	11	14,8%
Referência (Ref)	16	40%	20	57,2%	36	46%
Instrumento (Instr)	1	2,3%	-	-	1	1,4%
Total	41	100%	35	100%	74	100%

Fonte: Elaboração própria

A maioria dos papéis temáticos atribuídos aos satélites no jornal “Araguaia Notícia” foi o papel “locativo” (Loc). Isso pode ter relação com o fato de o jornal “cobrir” a região do Médio Araguaia e querer indicar com mais especificidade a localização, ainda que genérica, como “Mato Grosso - MT”. A maioria dos papéis temáticos atribuídos aos satélites no jornal “Folha de S. Paulo” foi o papel “referência” (Ref), porque nesse jornal percebe-se a intenção de fazer referências sobre os porquês dos acontecimentos divulgados. A menor recorrência dos papéis temáticos atribuídos aos satélites nos dois jornais foi o papel “instrumento” (Instr), apenas uma no “Araguaia Notícia” e nenhum na “Folha de S. Paulo”.

Na tabela 7, apresentamos os dados encontrados em relação atribuição de tropicalidade (tópico) nas notícias analisadas:

Tabela 7 – Atribuição de tropicalidade nas notícias analisadas

	Araguaia Notícias		Folha S. Paulo		Total	
Tópico	Ocorrências	%	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Sujeito	31	94%	33	94%	64	94%
Complemento	-	%	-	%	-	-
Adjunto	3	6%	2	6%	5	6%
Total	34	100%	35	100%	69	100%

Fonte: Elaboração própria

Em relação ao argumento ao qual é dado relevo, ou seja, ao argumento tópico, a maioria das entidades que ocuparam o “topo”, ou seja, a P1, nas notícias analisadas nos dois jornais, exercia a função sujeito. Isso pode ter relação com o fato de o jornal querer mostrar sempre o iniciador e o controlador do acontecimento. A menor recorrência referente ao tópico, foi da entidade que exerce a função de complemento que, nos dois jornais, não foi encontrada.

Essas características mostraram que os títulos de notícia são Textos Semirrígidos e que sua organização linguística está vinculada à sua função social de informar.

Considerações finais

“A língua é dinâmica e isso é possível porque a sua estrutura, apesar de ter regularidades, é flexível, ou seja, se adequa aos diversos contextos comunicativos.

252

A análise proposta neste trabalho objetivou identificar as características sintáticas, semânticas e pragmáticas mais predominantes no títulos de notícia dos jornais “Araguaia Notícia” e “Folha de S. Paulo”, para cumprir a função social desse gênero discursivo. Semelhantemente aos dados de Bertoque (2010), Bertoque e Casseb-Galvão (2010), constatou-se que umas das estratégias linguísticas frequentemente adotada é a topicalização de argumentos que chamem a atenção do interlocutor; e que as empresas jornalísticas optam por preencher os argumentos com base no nível informacional, de modo que alguns argumentos podem, por exemplo, ser suprimidos devido à inferência do leitor-interlocutor.

Em síntese, as características predominantes nas análises foram:

- (i) estrutura biargumental, que exige dois argumentos;
- (ii) ordem SVC;
- (iii) movimentação e/ou supressão de argumentos e satélites para destacar elementos gramaticais;

- (iv) sujeito agentivo, que é animado [+anim], iniciador [+inic], controlador [+cont] e não afetado [-afet];
- (v) complemento “meta/alvo”, que é inanimado [-anim], não iniciador [-inic], não controlador [-cont] e afetado [+afet];
- (vi) adjuntos locativos (Loc) e referência (Ref), que indicam, respectivamente, lugar onde algo aconteceu e o motivo ou finalidade de algo ser realizado; e
- (vii) sujeito (Ag) na posição tópica.

As análises que inter-relacionam os níveis linguísticos podem mostrar que o nível sintático não é autônomo, mas interdependente do nível semântico e regido, motivado pelo nível pragmático, ou seja, é o contexto comunicativo que “pressiona” a organização linguística. Também foi possível constatar que o gênero “títulos de notícias” tende a ser um Texto Semirregido que mantém características rígidas em relação às orientações dos manuais de redação jornalística, mas também apresenta características elásticas, a fim de cumprir a sua função social: comunicar.

A partir dessa análise sintático-semântica e pragmática, abre-se espaço para análises futuras, especialmente, discursivas sobre as motivações e os efeitos de sentidos que essa caracterização predominante promove, ou seja, essa configuração diz muito sobre esse gênero discursivo, sobre como a sociedade se organiza na promoção, divulgação e recebimento de informações. Assim, mais estudos são necessários e a análise apresentada neste capítulo é uma parte de uma gama de relações necessárias para compreensão de fenômenos complexos, como a linguagem, a língua e o discurso.

Referências bibliográficas

ARAGUAIA NOTÍCIA. **Notícias**. Mato Grosso:. Disponível em: <<https://araguaianoticia.com.br/>>. Acesso em: jun./jul. 2021.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].

BERTOQUE, L. A. D. P. **A funcionalidade de construções de voz em títulos de notícia e em manchetes de jornais impressos**. Goiânia, 2010. 205 p. Dissertação de Mestrado em Letras – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás.

_____. **Elaborações de voz da fala goiana: o destaque ao argumento afetado**. Goiânia, 2014. 245 p. Tese de Doutorado em Letras – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás.

BERTOQUE, L. A. D. P.; CASSEB-GALVÃO, V. C. Construções de Voz em Títulos de Notícias e em Manchetes: uma contribuição para o ensino. **Revista Polifonia**. Cuiabá-MT, v. 17 n. 21 (2010), p. 89-124. ISSN 22376844. Disponível em:<<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/5>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. **Roteiro de aulas da Graduação em Letras da Universidade Federal de Goiás**. Goiânia-GO: [s/ n.] 2008.

CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. ed., 3ª reimpressão- São Paulo: Contexto, 2014.

DE ROSA, G. Características da fala acadêmica monitorada no Brasil: os videoverbetes da Encidis entre PB técnico-científico e PB neo-standard. **Cultura Latinoamericana - Revista de Estudios Interculturales**. Volumen 32, número 2, julio-diciembre 2020. Bogotá: Penguin Random House Grupo Editorial, 2020. Disponível em: <<http://elea.unisa.it/handle/10556/5421>>. Acesso em: 1 mar. 2022.

DIK, S. C. **The theory of functional grammar**. 2.ed. v.1. Revisada. Berlim; New York: Mouton de Gruyter, 1997 [1989].

ERBOLATO, M. L. Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário. 5. ed. São Paulo: Ática, 2004.

FOLHA DE S. PAULO. **Notícias**. São Paulo. Disponível em: <<https://www.folha.uol.com.br/>>. Acesso em: jun./jul. 2021.

GIVÓN, T. ***Syntax***: a functional-typological introduction. v. 1. Amsteram/Philadelphia: John Benjamins, 2001[1984].

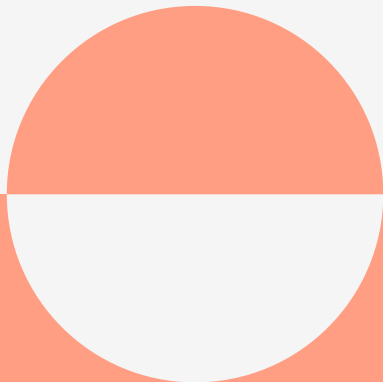
HYPENESS. **Gato despenca de arquibancada e é salvo por bandeira da torcida; veja vídeo**. Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2021/09/gato-despenca-de-arquibancada-e-e-salvo-por-bandeira-de-time-veja-video/>>. Acesso em 12 dez. 2021.

MARTELOTTA, M. E. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2009.

NEVES, M. H. de M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. PEZATTI, E. G. **A ordem das palavras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

PONTES, E. S. L. **O tópico no português do Brasil**. Campinas, SP: Pontes, 1987.

SÃO PAULO, Governo do estado. Quatro comunidades remanescentes de quilombos são reconhecidas pelo Governo de SP hoje. **Portal do Governo**. Disponível em: <<https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/quatro-comunidades-remanescentes-de-quilombos-sao-reconhecidas-pelo-governo-de-sp-hoje/>>. Acesso em: 4 mar. 2022.



**Posturas Enunciativas e a
construção de autoridade
em memes políticos. O
caso da conta do *Twitter*
“Memes de Esquerda”**

1 1

Posturas Enunciativas e a construção de autoridade em memes políticos. O caso da conta do Twitter “Memes de Esquerda”



Stefano Vicari (Universidade de Gênova)
*Traduzido por Renata de Oliveira Carreon e
Marco Antonio Almeida Ruiz*

Introdução

257

O *meme* da internet constitui, hoje, um artefato da cultura digital que faz parte das práticas tecnodiscursivas (Paveau, 2017) cotidianas dos usuários da Web social. Esse artefato tem recebido inúmeras definições que, por vezes, apontam tanto para o seu aspecto viral, como o *Oxford Dictionnary*, que o considera como “An element of a culture or system of behavior passed from one individual to another by imitation or other non-genetic means”⁸³; quanto pelo aspecto material, como Siouffi e Gauthier, para quem o meme é “um objeto cultural composto na maioria das vezes por uma única foto, na qual pode figurar um elemento linguageiro que se assemelha a uma legenda ou citação (Siouffi; Gautier, 2016, p. 7). Outras definições dão mais ênfase ao aspecto comunicacional, como a de Bauckhage, que considera os memes como “piadas internas ou fragmentos de saber da moda e conhecimento que reúnem vários indivíduos” (Bauckhage, 2011, p. 42) ou a de Wiggins (2019), que os entende como unidades discurs-

83 “Um elemento de uma cultura ou sistema de comportamento passado de um indivíduo para outro por imitação ou outros meios não genéticos”. [tradução do autor]

sivas carregadas de uma prática ideológica. No contexto francófono, podemos igualmente recordar a abordagem pós-digital de Wagener (2022), que se aprofunda nos aspectos sócio-discursivos deste tipo de comunicação e considera os memes como parte integrante de “um novo sistema linguageiro” (Wagener, 2022, p. 182-183). A antologia de definições, bem como as categorizações que se seguem (Shifman, 2013; Milner, 2013) testemunham, por um lado, uma certa dificuldade em compreender o que seria próprio dos memes da internet e que permitiria distingui-los de uma forma unívoca e definitiva de outras práticas tecnodiscursivas, por outro, a variedade dos seus usos e de suas funções que cumprem nos diferentes contextos levados em conta pelos estudiosos.

Na comunicação política, Raine *et al.* (2012) mostraram-nos o aumento do número de usuários (incluindo cada vez mais adultos com mais de 35 anos) que se envolvem deliberadamente em discussões de natureza política em plataformas da Web 2.0. Os dados quantitativos analisados por estes estudiosos revelaram que os usuários que assinam sites ou páginas, contas, politicamente ativas, tendem a se engajar ativamente na produção ou compartilhamento de materiais, incluindo principalmente, memes que refletem as suas opiniões políticas. Portanto, parece-nos legítimo compreender como funcionam esses memes de um ponto de vista pragmático, na medida em que levantarei a hipótese de que entre as razões do seu sucesso e da sua força argumentativa estão: (1) os ambientes de difusão e circulação meméticos que estabelecem dissemetrias e hierarquias entre os usuários e; (2) do ponto de vista pragmático-enunciativo, a construção de um discurso repousa em processos de legitimação e credibilidade, vinculados às posturas enunciativas (Rabatel, 2004), atadas aos memes e que permitem a esse tipo de discurso memético ser autoritário para determinadas comunidades de usuários, dado que a autoridade se baseia numa relação de confiança que estabelece uma relação dissimétrica entre pelo menos duas partes (Oger 2021; Origgi, 2008). Se a minha primeira hipótese será apresentada a partir da consideração de diferentes ambientes digitais, que justificam a necessidade de adotar a noção de *espalhamento*, a minha segunda será testada num *corpus* de memes da conta do *Twitter* chamada de “memes de esquerda”.

1. Quadro teórico e objetivos

1.1 Memes políticos e ativismo on-line

As relações entre memes e questões políticas já foram objeto de inúmeras reflexões não só na literatura anglófona (Highfield, 2016; Milner, 2016; Shifman, 2013), mas também na literatura francófona (Wagener, 2022) e italoófona (Mazzoleni; Bracciale, 2019), especialmente nas perspectivas das ciências da comunicação, da análise do discurso e das ciências políticas. Por um lado, estes estudos mostraram claramente que os memes desempenham um papel privilegiado na ampliação da participação dos cidadãos nas temáticas políticas a tal ponto que, segundo Highfield (2016), constituem o principal meio através do qual os cidadãos analisam e comentam a política contemporânea. Por outro lado, essas investigações destacaram que os políticos compreenderam o potencial dos memes e rapidamente aproveitaram esta estratégia de comunicação. Milner (2016) denomina esse fenômeno de propaganda participativa, que consiste na vontade de influenciar percepções e orientar comportamentos para mobilizar audiências na divulgação de informações on-line, sem demonstrar o desejo deliberado de influenciar ou a filiação política e ideológica daqueles que fazem os memes.

No que concerne a grande parte da participação cidadã em questões político-sociais, Ross e Rivers (2017) consideram os memes como uma verdadeira ferramenta de engajamento condutora de um ativismo sociopolítico, embora flexível e leve, que raramente se transforma em uma verdadeira mobilização (Mazzoleni; Bracciale, 2019), mas que, no entanto, seria capaz de modificar as atitudes dos locutores sobre diferentes aspectos sociopolíticos. Logo, segundo Shifman (2013), esse ativismo pode ser de dois tipos. O meme pode constituir uma forma de participação leve, econômica e divertida para expressar opiniões políticas e contribuir para a discussão pública ou pode ser o alicerce, muitas vezes, de um movimento de base que aumente a ação coordenada dos cidadãos por meio de uma construção coletiva de sentidos (como os movimentos #metoo, Occupy Wall Street) e de propaganda política de políticos, partidos e ativistas.

Independentemente da forma de engajamento que os memes alimentam e do posicionamento político dos locutores, eles favorecem a participação coletiva na vida política (todas as orientações políticas difusas, como mostra Raine *et al.*, 2012) através de uma maior circulação de pontos de vistas diferentes (“plurivocality citizenship”, segundo Milner, 2016) e exercem uma forte influência nas escolhas dos eleitores. Assim, esta hipótese é sustentada pelo fato de que os governos da China, Egito, Irã, Azerbaijão e Rússia terem decidido proibir a representação da classe política (Mazzoleni; Bracciale, 2019).

Em relação às batalhas de memes que testemunhamos durante as campanhas eleitorais, a primeira e mais famosa foi aquela travada entre Donald Trump e Hilary Clinton. A crescente atenção dos políticos a este tipo de comunicação sugere que os memes exercem uma forte influência nas escolhas políticas (Hatfield, 2018) e que são, desse modo, susceptíveis de mobilizar um grande número de pessoas durante as eleições.

Resta-nos, portanto, questionar quais as razões desse sucesso, para além das observações da presença do humor que nem sempre está necessariamente presente, do formato facilmente compartilhável, do caráter formal do texto, das referências interdiscursivas, como mostra a lista de características comuns à maioria dos memes estabelecidas por Shifman (2013). Que modelo de difusão sustenta a circulação de memes, especialmente os políticos? Podemos, com isso, observar os mecanismos de construção de um discurso de autoridade para determinados grupos sociais? Para responder a essas questões, antes de apresentar as minhas hipóteses e análises dos memes da conta do *Twitter* “memes de esquerda”, defenderei a adoção do paradigma da “compartilhabilidade”, proposto por Jenkins *et al.* (2013), que consegue melhor dar conta do funcionamento da comunicação memética baseada na agentividade dos usuários, seja ela envolvendo o compartilhamento de imagens simples com texto ou de vídeos curtos.

1.2 Empalhamento, agentividade e autoridade

Geralmente entendidos através do prisma do paradigma da viralidade (Wiggins, 2019, p. 8-11; González-Bailón *et al.*, 2014), os memes

da internet podem ser considerados uma mídia espalhável (Jenkins et al. 2013). A noção de espalhamento⁸⁴ (em francês poderíamos adotar como uma “compartilhabilidade”) proposta por pesquisadores americanos permite enfatizar as razões sociais que regem a ação de compartilhar, fundamentais para a lógica memética. O paradigma da viralidade e o do contágio, que é seu corolário, pressupõe que o compartilhamento seja feito de forma passiva, até mesmo inconsciente, por parte dos usuários: eles seriam o suporte de propagação desses objetos tecnodiscursivos que funcionariam de forma autônoma, o que também é sugerido pela própria escolha do termo “meme”, emprestado de Dawkins. Segundo esse paradigma, a natureza da influência exercida pelos memes não é explicada, ela parece derivar de uma ação inconsciente dos usuários, de um processo de “infecção”: “social media have become remarkable spaces to create public opinion in the digital environment as they channel personal positions and help listen to other users’ ideas, which in turn generate influence through infectious processes”⁸⁵ (Martinez-Rolàn; Pifheiro-Otero, 2016, p. 146). De acordo com Jenkins *et al.* (2013), o problema deste paradigma é que ele não leva em consideração as realidades sociais e culturais que contribuem para a decisão de compartilhar determinados conteúdos em vez de outros. A compartilhabilidade refere-se, então, à “possibilidade tanto técnica como cultural, de os públicos compartilharem conteúdos para os seus próprios fins” (Jenkins *et al.*, 2013, p. 3).

As mídias não se propagam porque estão infectadas ou porque há algo nelas que faria com que as pessoas perdessem o controle sobre sua capacidade de clicar no botão de compartilhamento. Elas difundem-se com base na vontade dos usuários: as características tecnológicas, como a acessibilidade dos conteúdos e o formato tecnológico facilmente manipuláveis, não parecem suficientes para explicar a ação de compartilhamento. Pelo menos é o que demonstram vários estudos em ciência da computação que analisaram as características que favorecem a “viralidade” do conteúdo on-line (Westerman et al., 2014; Gupta *et al.*, 2012; Zaman, 2011; Castillo *et al.*, 2011; Hilligoss

84 “Spreadability” [Nota dos tradutores]

85 As redes sociais tornaram-se espaços fundamentais de formação de opinião pública em ambientes digitais, pois canalizam posições pessoais e permitem ouvir as ideias de outros usuários, o que por sua vez gera influência através de processos contagiosos [tradução do autor].

et al., 2008). Esses investigadores insistem na necessidade de ir além da simples consideração de características técnicas ou da análise de conteúdo (presença de determinadas palavras-chave e *hashtags*) para embasar uma perspectiva mais qualitativa, que tenha em conta elementos discursivos e pragmáticos. E, em particular, no que diz respeito aos memes da internet, algumas pesquisas demonstraram que eles permitem fortalecer os vínculos entre os usuários e, portanto, promovem a construção de identidades coletivas através da empatia (Bozkus, 2016) e do humor (Breheny, 2017); podem, também, desencadear formas de identificação com os alocutários, graças especialmente ao poder das imagens (Dean, 2019) e, por fim, cumprem uma função de contestação sociopolítica em que muitos usuários se reconhecem (Mazzoleni; Bracciale, 2019). Neste contexto, quanto menos um meme estiver diretamente ligado a atores políticos, mais “viralidade” ganhará (Martinez-Rolan; Pinero Otero, 2016). Em outras palavras, a credibilidade do meme político dependeria da sua natureza mais ou menos anônima e/ou coletiva: se for entendido como a expressão de uma ideia comum, popular, e menos engajado, terá mais chances de circular entre os usuários em redes sociodigitais. Finalmente, os motivos de compartilhamento são múltiplos e de natureza mista (tecnológica, afetiva, psicológica, social etc.), mas todos pressupõem um certo grau de agentividade⁸⁶ dos usuários, tal como também demonstram as ações que podem ser realizadas com eles. Essas ações vão desde uma agentividade mínima (curtir, comentar), passando pelo simples compartilhamento e, em seguida, a modificação e a manipulação (amostragens e remixagens), que permitem uma certa apropriação do meme, para atingir, finalmente, o grau máximo de agentividade, representada pela criação memética (a partir de uma imagem macro — refeita — ou antiga). Este tipo de ações corresponde a espaços de ativação de affordances⁸⁷ onde os memes circulam de forma privilegiada e cuja tomada em consideração é necessária para

86 O termo “agentividade” é um neologismo do inglês “agency”. Em um sentido mais amplo, agentividade refere-se à capacidade do sujeito de agir intencionalmente sobre si mesmo, sobre os outros e sobre o ambiente. O sujeito é, então, um agente, nomeadamente “um ser dotado da capacidade de agir, e o termo ‘agente’ designa o exercício ou manifestação dessa capacidade” (Stanford Encyclopedia of Philosophy, 2005; tradução do autor).

87 De maneira geral, a affordance é definida como um incentivo à ação. Para um tratamento aprofundado desta noção nas ciências da linguagem, cf. Ghiliss, Perea, Ruchon, 2019.

compreender o que Wagener chama de “inscrição pragmacontextual dos memes” (2022, p. 99), fundamental para apreender as diferentes funções que os memes desempenham. Se observarmos o espaço francófono, podemos encontrar espécies de “laboratórios de memes”, que fornecem ferramentas e certas normas para a sua criação. Os usuários observam e valorizam as criações originais (“OC” em inglês ou “criação original” em francês): é o caso de certas contas no Reddit e de numerosos grupos do Facebook criados em ligação com as páginas “memes de...”⁸⁸, estas sendo verdadeiros espaços de divulgação de memes francófonos:



Figura 1. Meme Reddit⁸⁹: criação original



Figura 2: Espaço de laboratório “Zona de Atualidades Desinibidas”⁹⁰

⁸⁸ “Neurchis de...” [N. T.]

⁸⁹ Os temas de ecologia e justiça social depois do primeiro turno/ que dia lindo para ir se foder”. [N. T.]

⁹⁰ “Bom dia a todos. Após várias mudanças entre moderadores e alguns de vocês, nós anunciamos a criação de um subgrupo de oficina de memes: a ZAD, Zona de Atualidades Desinibidas”. Esse grupo será sem filtro, então, você pode postar todos os seus memes de atualidades lá, os membros e a moderação poderão fazer comentários que não podemos fazer hoje com o filtro instalado no grupo principal. O objetivo é duplo: permitir que você teste suas criações, melhore-as e possivelmente publique-as no grupo principal e; Nos permitir eliminar postagens delicadas antes que o Zuck derrube o grupo principal. Esperamos todos vocês lá”.

Na Figura 1, podemos observar a presença tanto de um sistema de avaliação (canto superior esquerdo) quanto da menção “criação original”, que acompanha a publicação do meme. Ora, se é verdade que a condição para que conteúdos desse tipo se tornem um meme reside no esquecimento de sua origem enunciativa e na sua difusão de um usuário a outro sem citar a fonte (Lolli, 2021), nesses espaços os usuários se reúnem com o objetivo de selecionar as criações potencialmente mais suscetíveis de serem compartilhadas em outros ambientes, às vezes a ponto de identificar estilos de fabricação dos memes (Jost, 2022). Eles funcionam como filtros criados por comunidades de memes, antes que estas produções não atendam às normas e sejam conhecidas do público em geral. Esse objetivo é ainda explicado na descrição do grupo fechado “Zona de Atualidades Desinibidas” (figura 2), que representa um verdadeiro espaço filtrante, um laboratório preparatório com vistas à publicação na página “Neurchis de l’nouvelles”, da qual se constitui como extensão e onde os memes estão sujeitos a ajustes, julgamentos e avaliações por parte dos seus membros.

Ao lado desses espaços, outros sites configuram-se mais como arquivos e suportes técnicos para a criação de memes. É o caso de sites como Memegenerator, Meme-creator, Kapwingou, Makeameme ou Knowyourmeme, este último também com uma visada enciclopédica:

264



Figure 3. © KnowYourMeme, selon autorisation

Figura 3: KnowYourMeme

A ambição enciclopédica do KnowYourMeme favorece a identificação das regularidades composicionais dos memes, uma espécie de “gramática” memética que, assim como as ferramentas linguísticas (Auroux, 1994), permite aos leigos, por um lado, acessar mais facilmente os diferentes estratos intertextuais dos quais são compostos os memes e, por outro, construir um ferramental, um dispositivo de normas subjacente à constituição de um gênero, apesar do caos proveniente de onde parecem vir (Nissenbaum; Shifman 2015, p. 498). A presença de regras não impede, contudo, a expressão da criatividade dos indivíduos, que são livres para adaptá-las e modificá-las de acordo com as suas necessidades. Isto também é claramente demonstrado pela circulação do que consideramos “meta-memes”, explicando por meio de exemplos as intenções de comunicação de certos quadros meméticos difundidos, como mostra a Figura 4:



Figure 4. Méta-mème © DR

Figura 4: Meta-meme⁹¹

Portanto, estes espaços participam de uma verdadeira codificação e gramaticalização da comunicação memética, que se basearia num sistema de restrições, normas e códigos a respeitar, e que garante a inteligibilidade e de alguma forma mede a sua eficácia, particularmente na comunicação política em plataformas da Web 2.0. Com efeito, uma vez criados, julgados, avaliados e enciclopedizados, os memes espalham-se por todas as redes sociodigitais (RSN), incluindo

⁹¹ Este meme é utilizado para descrever os problemas dos ricos/ Alguém na internet não concorda comigo. [N. T.].

o WhatsApp, com funções pragmáticas variadas, que vão desde a expressão de pontos de vista mais ou menos críticos em torno de interesses comuns em contas nas redes sociais às reações durante as trocas entre usuários da internet. Com essas funções, os memes circulam de forma mais difusa em espaços abertos e visíveis (Cardon, 2019), especialmente através de contas e páginas de memes nas diferentes RSNs, como é o caso da conta do *Twitter* “Memes da esquerda”.

De maneira geral, essas lógicas de difusão atestam a transição de uma circulação restrita às comunidades de memes, geeks, onde se valoriza a criação original, a seleção e o respeito aos padrões de composição para uma circulação mais ampla entre os normies, que usam os memes para comentar a agenda sociopolítica, entre outros. Parece-me, portanto, que apesar do caráter horizontal, participativo e aparentemente caótico da comunicação memética, essas lógicas de criação e difusão permitem reintroduzir uma dimensão “vertical”, dissimétrica, que se apoia no respeito pelos códigos e regularidades meméticas e na criação de pelo menos duas comunidades (geeks e normies), com domínio e habilidades desiguais sobre memes e seus códigos e usos.

1.3 Hipóteses e objetivos de estudo

Minha hipótese é que a adoção de uma perspectiva pragmático-enunciativa permitiria mostrar que uma das razões do sucesso dos memes reside na construção de um discurso veiculador de vozes coletivas, que se apresentam como dóxicas ou pelo menos partilhadas, e que favorecem a adesão de grupos de usuários a pontos de vista comuns. Este regime pragmático-enunciativo aproximar-se-ia verdadeiramente da autoridade polifônica (Ducrot 1984), na medida em que o discurso memético se apresentaria como universalmente aceitável e se realizaria através do recurso a formas de sobre-enunciação e de co-enunciação (Rabatel 2004), que permitem a inscrição a um ponto de vista dominante e que se apresentam como crível e fiável aos olhos dos alocutários, como nossas análises deverão demonstrar. Em razão dessas características enunciativas, os memes contribuiriam assim para instaurar uma forma de autoridade social, pois é verdade que “a autoridade é também e sobretudo conferida por uma base de

valores e por um conjunto de enunciações partilhadas que excedem em muito o quadro da atestação devidamente reconhecida” (Oger, 2021, p. 103). E particularmente, para além dos procedimentos humorísticos ou irônicos, que são frequentes, mas não necessários, parece-nos que a enunciação memética se caracteriza mais pelo recurso a uma confrontação entre pelo menos dois pontos de vista em posições dissimétricas onde um se apresenta como legítimo, verdadeiro, e suscetível de representar valores grupais e compartilhados, o outro é deslegitimado e rejeitado por meio de processos multissemióticos variados. Logo, esta enunciação promoveria, desse modo, a gestão coletiva dos discursos meméticos e daria credibilidade aos dizeres, ao mesmo tempo em que construiria um discurso de confiança (Origgi 2008), que se apresenta como universalmente partilhável. Como veremos a seguir, as análises mostrarão, por meio dos memes selecionados, a suposição de um ponto de vista (PDV) comum e dominante que é favorecido pelo fato de que o enunciador, anônimo e/ou coletivo, não é necessariamente percebido como um ator político engajado a interesses particulares, mas sim como um membro do grupo capaz de interpretar e explicitar as suas reações diante dos discursos políticos.

2. A Conta do *Twitter* “memes de esquerda”: *corpuse* metodologia

Criada em 2021, “memes de esquerda”⁹² é uma conta no *Twitter* com mais de 37 mil usuários que publicam memes sobre política, de esquerda, como especificam os administradores desde o início, nas poucas linhas do perfil (“Qualquer assimilação ao Esquerdismo é fortuita”, “Criador e disseminador de memes de esquerda”, “Mande seus memes por DM, compartilhamos, citamos ou retuítamos”). Os usuários podem enviar memes (imagens e textos ou vídeos curtos) por mensagem privada que serão selecionados e, eventualmente, publicados no *feed* da conta. Este mecanismo de aprovação de publicações mostra a existência de uma hierarquia de seguidores na conta do *Twitter*. Com efeito, como responsáveis pela publicação e divulgação

92 Disponível em: < https://Twitter.com/meme_gauche. >. Acesso em: 20 fev. 2024.

de conteúdos, os administradores cumprem uma função editorial que lhes confere uma posição elevada em relação à maioria dos usuários, cujas propostas de memes endossam e autorizam.

O nome da conta (“memes de esquerda”) bem como o subtítulo (“Juntem-se a nós, camaradas!”) manifestam um certo desejo militante ou, pelo menos, circunscrevem não apenas a tipologia das publicações (memes), mas também o seu tema e orientação, o que provavelmente criará uma rede de usuários com a mesma orientação política. Isto parece ser confirmado pelos dados quantitativos e qualitativos relativos a certas práticas tecnodiscursivas, bem como à comunidade de usuários-assinantes mais ativos na conta. Entre janeiro e abril de 2022, as *hashtags* mais utilizadas nas publicações exibem uma natureza bastante militante (*#freeassange*, *#anarchism* e *#eelv*) ou os nomes de políticos de esquerda frequentemente colocados em memes (*#iiielenchon2022* e *#rousse12022*⁹³). Esse militantismo também parece confirmado pelos usuários mais retuitados e citados pelo perfil: existem, essencialmente, outras contas que apresentam não só temas políticos, mas também orientação de esquerda, como Marxovitch, Neurchi De Fabien Roussel, PasDuhring e @GoDoc, além do desejo de divulgar opiniões de esquerda. A conta em análise parece, portanto, participar plenamente desse ativismo memético, flexível e leve, identificado por Mazzoleni e Bracciale (2019).

Os retuítes das publicações desses perfis e suas menções nos textos que os acompanham permitem, de fato, uma maior circulação desses discursos. O *corpus* de tuítes publicados no período considerado fica, assim, constituído:

01/01/2022 25/04/2022	Nº total de tuítes	Novos tuítes	Respostas	Respostas
Memés esquerda	170	126 (74%)	15(9%)	29(17%)

Tabela 1: Composição do *corpus*

93 Optou-se por manter as *hashtags* no original. [N. T.]

A maioria dos tuítes são postagens originais de seguidores ou dos administradores da conta. O reduzido número de respostas mostra que as interações se desenvolvem principalmente entre os assinantes: os administradores raramente intervêm nos debates que surgem em torno dos memes publicados e, ainda mais raramente, respondem com outros memes. Por esse motivo, o corpus de memes selecionado é constituído por 155 memes (de 170) publicados como novos tuítes e retuítes.

3. Autoridade social e posturas enunciativas em “memes de esquerda”

Do ponto de vista pragmático-enunciativo, as análises mostrarão que podemos identificar no corpus diferentes casos enquadrados em duas macrocategorias, a saber: os memes onde a origem do ponto de vista dominante é identificado e aqueles onde não o é. No primeiro caso, essa origem pode ser dóxica, perceptual ou baseada em argumentação lógica (*logos*), no segundo, ou o ponto de vista é atribuído a uma fonte legítima (científica ou midiática), ou é apresentado como emanado de um determinado grupo social. Qualquer que seja a instância de validação dos dizeres, como veremos, os memes caracterizam-se pelo emaranhado de PDVs essencialmente relativos a posturas de sobre-enunciação, tais como: “a expressão interacional de um ponto de vista dominante, no qual tal caráter de dominação é reconhecido pelos outros enunciadores” (Rabatel 2004, p. 9) e a sub-enunciação, que corresponde à “expressão interacional de um ponto de vista dominado, em benefício de um sobre-enunciador” (ibid., p. 10).

269

3. 1. Origem enunciativa não identificada

3.1.1. Sobre-enunciação dóxica

Nesses exemplos, a posição crítica veiculada pelo discurso memético não é explicitada, é inferida pelo alocutário a partir de valores comuns e partilhados, ela é, desse modo, antes *mostrada, dada a ver*. Este é o caso do meme a seguir, construído a partir da estrutura memética “Swole Doge vs. Cheems”:



Figura 5: Sub-enunciação dóxica⁹⁴

Este quadro revela-se particularmente útil para exibir um confronto entre duas épocas, dois momentos distintos. Permite, com isso, colocarmos em jogo três PDVs, nomeadamente os dois PDV atribuídos a Macron (PDV 2, à esquerda e 3, à direita) e o PDV do locutor-criador do meme (PDV 1). O PDV1 transparece na parte icônica e, em particular, na escolha desse quadro memético que justapõe dois PDV diferentes para mostrar a sua natureza contraditória. O PDV1 é dominante e, por meio de um verdadeiro jogo irônico, rejeita os PDV2 e 3. Ou seja, os PDVs de Macron não são explicitamente rejeitados: cabe ao alocutário inferir a crítica a partir tanto do quadro memético conhecido quanto de valores compartilhados de natureza dóxica. Esses valores estão na base de uma série de discursos contemporâneos contra a classe política em geral e desvalorizam a presumida inconsistência na atuação dos políticos. Assim, a denúncia do caráter incoerente e contraditório das posições macronianas apoiam-se numa vox populi que nem sequer precisa ser explicada para se apresentar como crível e fiável, dado que é partilhada pela comunidade de usuários.

94 11 de abril de 2022: Não existe mais frente republicana, não posso fingir que existe/ Eu quero um voto de adesão/ A frente republicana é tãooooo 2002. 20 de abril de 2022: Uh, temos que colocar uma barreira aí/ Não brinquem, pessoal. [N. T].

3.1.2. Evidência perceptual

Nessa categoria de memes, a origem enunciativa assegura credibilidade e legitimidade daquilo que é apresentado como uma evidência perceptual. É o caso do meme seguinte que apresenta uma série de imagens, cuja indicação cênica, mínima, se limita a explicitar o que ali figura e, portanto, é capaz de representar a realidade. Essa realidade contradiz a enunciação na parte superior do meme, vejamos:



Figure 6. Mème – évidence perceptuelle © @meme_gauche, selon autorisation

Figura 6: Meme – evidência perceptual⁹⁵

O PDV1 do locutor-criador do meme é evocado pelas imagens, que mostram voluntários trabalhando em diferentes esferas da vida pública com sucesso: esse PDV explora todo o poder da visualidade (Dean, 2019) na representação da realidade e, assim, transmite, aparentemente, percepções objetivas, percepções genéricas (Rabatel, 2005) baseadas em dados autênticos. A partir daí, a origem enunciativa confunde-se com o que se apresenta como realidade, o enunciador esconde-se atrás da suposta objetividade veiculada pelas imagens e seu PDV se sobrepõe à citação direta não atribuída “sem o lucro como motivação ninguém seria produtivo!” do PDV2. Ao mesmo tempo em

95 Sem o lucro como motivação, ninguém seria produtivo!/ Colaboradores da Wikipédia/ jogadores de Minecraft/codificadores de open source/ bombeiros voluntários. [N. T].

que indicam a retomada literal das palavras, as aspas aqui permitem sinalizar um distanciamento e marcar com mais clareza o regime de sub-enunciação ao qual o PDV1 relega ao PDV2. Em virtude disso, se por um lado as aspas criam um efeito de plausibilidade ligado a uma maior fidelidade das afirmações relatadas, por outro, a não atribuição explícita a um locutor individual permite que essas observações sejam apresentadas como emanadas de um enunciador coletivo, suscetível de representar grupos sociopolíticos específicos, preferivelmente de direita, uma doxa “de direita” à qual o locutor-criador, como a maioria dos assinantes da conta, não adere. A dependência de evidências perceptuais é acompanhada pela desinscrição enunciativa do PDV1, que só se manifesta por meio de imagens capazes de captar de maneira objetiva a realidade e se caracteriza pela ausência de marcas de subjetividade muito visíveis.

3.1.3. O recurso ao logos

Apesar do seu formato extremamente condensado, que privilegia estratégias de captação baseadas no humor e nas emoções em geral, certos memes políticos recorrem a argumentos relativos ao logos para apoiar o PDV veiculado. Este é o caso do meme a seguir, que apresenta um mapa das intervenções militares dos Estados Unidos em todo o mundo:



Figura 7: Meme-logos⁹⁶

96 Os EUA: “Por que tanto ódio contra nós?” Também os EUA: / Intervenções militares estadunidenses e ações da CIA no mundo desde a 2ª Guerra Mundial. [N. T.].

O PDV2 atribuído aos Estados Unidos através da formulação de uma questão é imediatamente subvertido pelo grande número de intervenções militares representadas no mapa, que constitui o PDV1. Logo, o PDV1 não só responde à questão expressa pelo PDV2, mostrando a presumida agressividade dos Estados Unidos na política internacional, mas também, ao fazê-lo, torna a questão inútil, se não ridícula, face às evidências dos fatos. Nesses memes, a dissimetria entre os PDVs baseia-se em uma justificativa racional e lógica que deve ser inferida pelo alocutário e permite que um dos dois PDVs seja sobre-enunciado e, conseqüentemente, invalide o outro que lhe se opõe. Além disso, nos dois últimos exemplos (figuras 6 e 7), o PDV sub-enunciado é formulado através de enunciados generalizantes atribuídos às políticas, às quais opomos um PDV sobre-enunciado que deveria mostrar um acúmulo de “fatos” e que o público pode constatar, invalidando o outro PDV.

3. 2. Origem enunciativa identificada

3.2.1. Uma fonte legítima

Em muitos memes, a origem enunciativa do ponto de vista dominante é identificada em uma fonte legítima, como no caso a seguir:



Figure 8. Mème – source légitime C@me_gauche, selon autorisation

Figura 8: Meme – fonte legítima⁹⁷

97 Os custos são demasiado elevados/ Os impostos sobre a produção devem ser reduzidos/ Não podemos contratar/ Muitos impostos para sermos competitivos/ Em 2021, as empresas CAC40 pagaram valores recordes aos seus acionistas. [N. T].

A estrutura bipartida destaca claramente o confronto entre dois pontos de vista, tanto a nível textual quanto a nível visual. No topo, o ponto de vista é o do mundo empresarial (PDV2): o afogado representa metonimicamente os empresários a quem são atribuídas as frases – fórmulas que justificam o afogamento metafórico. Por outro lado, a parte inferior do meme supostamente representa o que “realmente” está acontecendo e, portanto, visa desmascarar a hipocrisia dos líderes empresariais (PDV1). A incrustação da imagem na qual até reconhecemos a tipografia de um título de jornal (*Le Monde*) decodifica a metáfora visual que, nos códigos meméticos, já é bastante difundida e facilmente inteligível (na forma da parte submersa do *iceberg*, que constitui um quadro memético muito difuso e enciclopedicizado⁹⁸). O PDV1 repousa, portanto, a sua força argumentativa em uma fonte enunciativa legítima que, por sua vez, reforça o poder de esquematização discursiva (Grize, 1996) do quadro memético utilizado. Além disso, a metáfora visual subjacente a este quadro corrobora a posição do PDV1 e funciona como argumento por analogia, cuja importância é conhecida na apreensão ordinária da realidade (Lakoff; Johnson, 1980), bem como a sua capacidade de convencer o auditório no quadro de um discurso argumentativo.

Pela superposição desses diferentes estratos argumentativos, visuais e textuais, o PDV2 é invalidado e rejeitado. Assim, essas estratégias permitem sublinhar o contraste entre um discurso apresentado como ideológico, proveniente do mundo empresarial, e um discurso que se supõe representar a “realidade dos fatos”. Dizendo de outro modo, tudo isso leva a duas consequências: em primeiro lugar, uma representação da verdade, que estaria escondida atrás das aparências e, em segundo lugar, uma representação do discurso memético, que permitiria desvendar, revelar esta suposta verdade face a um discurso político mentiroso.

98 Veja a página dedicada no Knowyourmeme no seguinte endereço: < <https://knowyourmeme.com/memes/iceberg-tiers-parodies>. >. Acesso em: 20 fev. 2024.

3.2.2. O grupo social

Nos memes nos quais o ponto de vista dominante é atribuído a grupos sociais, temos em cena enunciadores coletivos, como nos dois exemplos a seguir que dizem respeito a feministas e trabalhadores (figuras 9 e 10), inseridos como grupos sociais cujos membros devem compartilhar o mesmo PDV:



Figure 9. Mème – groupe « féministes »
©@meme_gauche, selon autorisation



Figure 10. Mème – surénnonciation dóxica
©@meme_gauche, selon autorisation

Figura 9: Meme-grupo feministas⁹⁹

Figura 10: Meme-sobre-enunciação dóxica¹⁰⁰

Esses memes emprestam a fala ou reação a grupos os quais contribuem para representar de forma homogênea e que, além disso, o locutor-criador do meme afirma conhecer as opiniões sobre diferentes acontecimentos ou situações. No primeiro, observamos o PDV2 sub-enunciado, constituído pela primeira parte textual que delimita o quadro interpretativo e facilita a apreensão da reação mostrada na imagem, o que constitui um padrão composicional recorrente nas próprias reações. Esses memes condensam em uma imagem reações emocionais particularmente divertidas, que facilmente chamam a atenção dos usuários e provocam risos. No entanto, a analogia da reação de consternação do pássaro com a das feministas não se limita

99 Marlène Schiappa fala de feminismo/ As feministas: [N. T.].

100 Funcionários há 40 anos:/ Graças ao nosso trabalho, poderemos comprar uma casa/ Funcionários agora:/ Não tenho certeza se posso comprar este magnífico sanduíche Sodebo por 4,99. [N. T.].

a instaurar o humor, mas também permite deslegitimar a figura de Marlène Schiappa, cuja função no governo consiste justamente na luta contra a discriminação, incluindo a de gênero.

No segundo meme, o PDV do grupo de funcionários é representado tanto no nível icônico (no qual notamos uma lacuna entre os dois estados) quanto no nível textual, em que observamos a presença de processos discursivos generalizantes. Nesse sentido, em primeiro lugar, os dêiticos temporais (“há 40 anos” vs “agora”) com função enciclopédica (Gary-Prieur, 1998) estabelecem uma clara oposição entre duas épocas numa perspectiva declinista, e referem-se a saberes comuns, partilhados e tácitos concernentes ao padrão de vida nesses distintos momentos. Assim, o uso do presente do indicativo confere a essas duas atitudes um estatuto prototípico dos dois períodos contrastantes. Por fim, o uso de dêiticos na primeira pessoa do singular e do plural favorece a identificação dos alocutários com esses enunciadores grupais. A estratégia de generalização diz respeito também à parte icônica, graças à representação estilizada dos enunciadores.

276

3.2.3. O alocutário entre a sobre-enunciação e a co-enunciação

A identificação do alocutário com o ponto de vista apresentado como dominante é ainda mais evidente quando os memes apresentam enunciadores genéricos, nos quais os usuários são suscetíveis de se reconhecer, pelo menos no nível dos ideais e dos princípios dos quais os memes se fazem detentores.



Figura 11: Meme-funcionário¹⁰¹

101 O que eu fabrico todos os dias/ meu salário diário. [N. T.].



Figura 12: Meme-temporário¹⁰²

Nestes dois exemplos, o uso da primeira pessoa do singular inclui o alocutário, integra-o na situação de enunciação memética ao dar-lhe a palavra e, conseqüentemente, desencadeia um jogo de projeções/identificações. Na Figura 11, se o ponto de vista dos patrões não for diretamente solicitado, a representação metafórica do desnível entre a quantidade/qualidade do trabalho e o salário correspondente constitui uma crítica indireta dirigida ao mundo empresarial. Por outro lado, na Figura 12, os dois PDVs são explicitados e representados pelas partes textuais e icônicas (“Eu:...” PDV1 do trabalhador e “O SMIC...” PDV2 do patrão). A referência à cultura pop (Liam Neeson em Star Wars) também nos permite ridicularizar o PDV2 dos patrões, cuja reação não é proporcional ao que é expresso pelo PDV1 tanto em relação à importância do tema quanto em relação ao nível de linguagem adotada pelo PDV1: à expressão metafórica fixa retirada do registro vulgar do patrão responde com uma frase de estilo suscito que demonstra grande indiferença por parte do patrão pela situação do trabalhador temporário. Dessa maneira, em ambos os memes, o PDV do trabalhador é de dominação ao dos patrões, na medida em que lhes permite denunciar as desigualdades de que se sentem vítimas.

A enunciação na primeira pessoa do singular conduz a uma fusão de instâncias enunciativas (enunciador memético e trabalhador) o que aproxima esse regime enunciativo daquilo que Rabatel chama de

¹⁰² Eu: arraso como trabalhador temporário durante o verão/ O patrão:/ O salário mínimo resolverá. [N. T.].

“co-enunciação”, ou seja, “a coprodução a partir de um ponto de vista comum e partilhado” (2004, p. 9). Essa coprodução promove a identificação do alocutário em relação ao PDV já-dito, tendo como consequência o seu apoio e adesão.

Esses memes são, então, caracterizados por uma complexa estratificação enunciativa que estabelece dissimetrias e simetrias. As primeiras rejeitam e distanciam-se do PDV atribuído a grupos socioprofissionais e figuras políticas. As segundas, por sua vez, incluem outros grupos sociais na expressão de um PDV partilhado e comum, baseado na mesma visão das relações socioprofissionais.

Concluindo: Memes políticos e construção de uma autoridade social

Ao final desta análise das lógicas de difusão dos memes e das características pragmáticas e enunciativas dos memes políticos, a partir da conta “memes de esquerda”, parece-nos que os memes possibilitam a construção de um “espaço de confiança” (Origgi, 2008), no qual os discursos são legitimados por meio de diferentes estratégias. No que concerne às lógicas de difusão e aos vários espaços onde os memes circulam, funcionam como formas de autorização dos memes suscetíveis de serem compartilhados nas diferentes RSNs, mostrando, claramente, a existência de “boas razões” para o seu compartilhamento: classificações, comentários, espaços laboratoriais, criação de bons padrões de composição e de uso memético correspondem a etapas e ambientes, que testemunham dissimetrias entre comunidades de usuários mais ou menos experientes.

Ao lado dos processos enunciativos, o discurso memético caracteriza-se pelo confronto de PDVs sob-enunciados, sub-enunciados e co-enunciados essencialmente através da interação entre partes textuais e imagens/quadros meméticos. Esta interação do PDV permite construir posturas discursivas de verdade a partir de PDVs dominantes, apresentados como coletivos e baseados em normas e valores partilhados pela comunidade de assinantes, como forma de promover a sua adesão aos discursos assim veiculados. Em particular, as configurações enunciativas identificadas mostram que a enunciação coletiva

e anônima responsável pelo PDV dominante não só favorece a identificação do enunciador memético a um membro do grupo a quem se dirige, mas também lhe permite apresentar-se como imparcial, longe de interesses individuais ou de um engajamento excessivamente partidário que sem dúvida prejudicaria a credibilidade e a legitimidade do seu discurso, como sugere a noção de *legitimidade da imparcialidade* proposta por Rosanvallon (2008).

Se o tipo e a dimensão do corpus não permitem qualquer generalização verdadeira sobre o funcionamento dos memes políticos em ambientes digitais mais heterogêneos do ponto de vista dos posicionamentos políticos, essas configurações enunciativas parecem justificar o sucesso dos memes como forma de participação da vida política contemporânea com seu poder de influência na direção das escolhas políticas. Para além da aparente horizontalidade desse tipo de comunicação, a existência de dissimetrias tecnológicas e pragmático-enunciativas permitem aos memes instaurar uma forma de autoridade social partilhada, baseada em razões e valores sentidos como comuns pelo menos na rede de assinantes que a conta construiu no seu *feed* de publicações.

Referências bibliográficas

AUROUX Sylvain, 1994, *La Révolution technologique de la grammatisation*, Liège, Mardaga. BAUCKHAGE Christian, 2011, “Insights into Internet Memes”, in AA.VV. *Fifth International AAAI Conference on Weblogs and Social Media*, Palo Alto, AAAI Press, 42-49.

BOCCIA ARTIERI Giovanni, 2013, “Postfazione. La cultura della circolazione: media diffondibili e contenuti “spalmabili” oltre le ideologie del Web 2.0”, in JENKINS Henry, FoRD Sam & GREEN Joshua (eds.), *Spreadable media: I media tra condivisione, circolazione, partecipazione*, Santarcangelo di Romagna Trans, Apogeo, 327-341.

BOZKUS Seyda Barlas, 2016, “Pop polyvocality and internet memes: as a reflection of socio-political discourse of turkish youth in social media”, *International peer-reviewed journal of communication and humanities researches*, 44-74.

BREHENY Caitlin, 2017, « “By any memes necessary”: Exploring the intersectional politics of feminist memes on Instagram », *Media and Communication Studies*, 12, 123-131.

CARDON Dominique, 2019, *Culture numérique*, Paris, Presses de Sciences Po.

CASTILLO Carlos, MENDOZA Marcelo & POBLETE Barbara, 2011, « Information credibility on *Twitter* », in SADAGOPAN Sowmya, *WWW’ 11 : Proceedings of the 20th international conference on World wide web*, 675-684.

COMPAGNON Antoine (dir.), 2008, *De l'autorité. Colloque annuel du Collège de France*, Odile Jacob, Parigi.

DEAN Jean, 2019, « Sorted for memes and gifs: Visual media and everyday digital politics », *Political Studies Review*, 17, 255-266.

DUCROT Oswald, 1984, « Esquisse d'une théorie polyphonique de l'énonciation », *Le dire et le dit*, Paris, Minuit, 171-233.

GARY-PRIEUR Marie-Noëlle, 1998, « La dimension cataphorique du démonstratif. Étude de constructions à relative », *Langue française*, 120, 44-50.

YOSRA Ghliiss, PEREA François & RUCHON Catherine, 2019, « Introduction : Les affordances langagières, levier d'une réflexion postdualiste du discours numérique ? », Corela, 28, <<http://journals.openedition.org/corela/8282>, [consulté le 15/04/2023].

GONZÁLEZ-BAILÓN Sandra, WANG Ning, RIVERO Alejandro, BORGE-HOLTHOEFER Javier & MORENO Yamir, 2014, « Assessing the bias in samples of large online networks Social Networks », 38, 16-27.

GRIZE Jean-Blaise, 1996, Logique naturelle et communication, Paris, PUE GUPTA Aditi & KUMARAGURU Ponnurangam, 2012, « Credibility ranking of tweets during high impact events », PSOSM, 2-8.

GUTIERREZ-RUBI Antoni, 2014, Tecnopolitica: El uso y la concepción de las nuevas herramientas tecnológicas para la comunicación, la organización y la acción política colectivas, Generación Millenials, <<https://www.gutierrez-rubi.es/2014/11/21/tecnopolitica-2/>>, [consulté le 02/02/2023].

HATFIELD Sierra K., 2018, "The Potential Electoral Influence of Internet Memes", Oswald Research and Creativity Competition, 17, <<https://uknowledge.uky.edu/oswald/17/>>, [consulté le 02/02/2023]. HIGHFIELD Tim, 2016, Social Media and Everyday Politics, Malden, Polity Press.

HILLIGOSS Brun & RIEH Soo Young, 2008, "Developing a unifying framework of credibility assessment: Construct, heuristics and interaction in context", Information Processing and Management, 44, 1467-1484.

JENKINS Henry, FORD Sam & GREEN Joshua, 2013, Spreadable Media: Creating Value and Meaning in a Networked Culture, New York, London, New York University Press.

JOST François, 2022, Est-ce que tu mèmes ? De la parodie à la pandémie numérique, Paris, CNRS Éditions.

KAPLAN Frédéric & NOVA Nicolas, 2016, La culture internet des mèmes, Lausanne, Presses polytechniques et universitaires romandes.

LAKOFF George & JOHNSON Mark, 1980, Metaphors We Live By, Chicago, University Chicago Press. Lon,' Alessandro, 2020, La guerra dei meme. Fenomenologia di uno scherzo infinito, Orbetello, Effequ.

MARTINEZ-ROLÁN Xabier & PIÑEIRO-OTERO Teresa, 2016, « The use

of memes in the discourse of political parties on *Twitter*: analysing the 2015 state of the nation debate », *Communication & Society*, 29, 145-159.

MAZZOLENI Gianpietro & BRACCIALE Roberta, 2019, *La politica pop online. I meme e le sfide della comunicazione politica*, Bologna, Il Mulino.

MILNER Ryan 2013, "Pop Polyvocality: Internet Memes, Public Participation, and the Occupy Wall Street Movement", *International Journal of Communication*, 7, 2357-2390. —, 2016, *The World Made Meme: Public Conversations and Participatory Media*, Cambridge, The MIT Press.

NISSENBAUM Asaf & SHIFMAN Limor, 2015, « Internet memes as contested cultural capital: The case of 4chan's /b/ board », *New Media & Society*, 19, 483-501.

OGER Claire, 2021, *Faire référence. La construction e l'autorité dans le discours des institutions*, EHESS, Paris.

ORIGGI Gloria, 2008, *Qu'est-ce que la confiance ?*, Paris, Vrin.

PAVEAU Marie-Anne, 2017, *L'Analyse du discours numérique. Dictionnaire des formes et des pratiques*, Paris, Hermann.

PERELMAN Chaim & OLBRECHTS-TYTECA Lucie, 1958, *Traité de l'argumentation*, Paris, PUF. RABATEL Alain, 2003, « L'effacement énonciatif et ses effets pragmatiques de sous-et de sur-énonciation », in LOPEZ Muñoz Juan-Manuel, MARNETTE Sophie & ROSIER Laurence (dirs), *Formes et stratégies du discours rapporté : approche linguistique et littéraires des genres de discours*, *Estudios de Lengua y Literatura francesas*, Université de Cadix, 33-61.

RABATEL Alain, 2004, « L'effacement énonciatif dans les discours rapportés et ses effets pragmatiques », *Langages*, 154, 3-17. RABATEL Alain, 2005, « Effacement énonciatif et argumentation indirecte : on-perceptions, on-représentations et on-vérités dans les points de vue stéréotypés », in RACCAH Pierre-Yves (dit), *Signes, langues et cognition*, Paris, L'Harmattan, 85-116.

RAINE Lee, Smith Aaron, LEHMAN Kay, BRADY Henry & VERBA Sidney, 2012, *"Social Media and Political Engagement"*, Report Pew Internet & American Life Project, Washington<<http://www.pewinternet.org>>

pewinternet.org/2012/10/19/social-media-andpolitical-engagement>, [consulté le 02/02/2023].

ROSANVALLON Pierre, 2008, *La légitimité démocratique. Impartialité, réflexivité, proximité*, Paris, Éditions du Seuil.

Ross Andrew S. & RIVERS Damian J., 2017, "Digital cultures of political participation: Internet memes and the discursive delegitimization of the 2016 U.S Presidential candidates", *Discourse, Context & Media*, 16, 1-11.

SHIFMAN Limor, 2013, *Memes in Digital Culture*, Chicago, MIT Press.

SIOUFFI Gilles & GAUTIER Antoine, 2016, « Les mèmes langagiers : propagation, figement et déformation », *Travaux de linguistique*, 73, 7-25.

VAARA Eero, 2014, "Struggles over legitimacy in the Eurozone crisis: discursive legitimation strategies and their ideological underpinnings", *Discourse Society*, 25, 500-518.

WAGENER Albin, 2022, *Mèmologie. Théorie postdigitale des mèmes*, Grenoble, UGA Éditions. WESTERMAN David, SPENCE Patric & DER HEIDE VAN Branden, 2014, "Social Media as Information Source: Recency of Updates and Credibility of Information", *Journal of Computer-Mediated Communication*, 19, 171-183.

WIGGINS Bradley E., 2019, *The Discursive Power of Memes in Digital Culture. Ideology, Semiotics, and Intertextuality*, New York, Routledge.

ZAMAN Tauhid, HERBRICH Ralf, VAN GAEL Jurgen & STERN David, 2010, "Predicting information spreading in *Twitter*", in *Proceedings of the Workshop on Computational Social Science and the Wisdom of Crowds*, New Orleans, NIPS."

Sobre os/as autores/autoras



Bárbara Daniel

284

Mestranda no programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural na Universidade Estadual de Campinas (LABJOR/Unicamp - CAPES), sob orientação das Professoras Doutoras Cristiane Dias e Renata de Oliveira Carreon. Graduada em Comunicação Social com habilitação em Midialogia pela Universidade Estadual de Campinas (2021).

Carlinho Viana de Sousa

Professor efetivo da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Graduado em Licenciatura em Computação, Mestre em Educação, ambas as formações pela UNEMAT. Atualmente é Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (PPGL/UFSCar), sob orientação do Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas.

Carina Cardoso Santos

Graduada em Letras: Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Atuou como

bolsista de Iniciação Científica da Fapesb (UNEB). Professora de Língua Portuguesa (Ensino Fundamental I) na Escola Municipal Teotônio Marques (Tanque Novo/BA) e no Programa Universidade para Todos (UPT/Cursinho Preparatório para Vestibular e Enem) na Universidade do Estado da Bahia/Campus VI. Membro do grupo de pesquisa Laboratório de Estudo do Discurso (LAEDis/UNEB).

Eduardo Glück

Doutor e mestre em Linguística Aplicada, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Concluiu seu Doutorado Sanduíche no Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (NOVA FCSH), sob orientação da Profa. Dr^a. Matilde Gonçalves, com Bolsa PDSE/CAPES (2023). Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Inglesa (UNIP). Graduado em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literatura (UNISINOS). Pesquisador integrante do grupo de pesquisa Comunicação da Ciência: Estudos Linguístico-Discursivos (CCELD), do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Unisinos (PPGLA), coordenado pela Profa. Dr^a. Maria Eduarda Giering. Pesquisador integrante do grupo de pesquisa Gramática & Texto, do Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa (NOVA CLUNL), coordenado pela Profa. Dr^a. Maria Antónia Coutinho. Atua como membro de corpo editorial do Projeto LER -Literatura e Ciência (UNISINOS, FACCAT e Grupo Sinos), bem como da Revista SFU Educational Review, da Universidade Simon Fraser (Vancouver, Canadá). É sócio da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN).

285

Fábio Luiz Malini de Lima

Professor Associado III no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), onde coordena o Labic (Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura). Atua na pesquisa aplicada no campo da ciência de dados, discursos políticos e análises de redes sociais. É professor do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (Mestrado e Doutorado). E-mail: fabio.malini@gmail.com

Jackelin Wertheimer Cavalcante

Publicitária graduada e pós-graduada pela Universidade Mackenzie, começou sua trilha acadêmica, após quase uma década de trabalho com Marketing Digital, no curso de extensão Análise do Discurso: O que é, como se faz?, do COGEAE, instituição da PUC-SP. Em seguida, com a ajuda da CAPES, fez seu mestrado com foco em Análise do Discurso Enunciativa e Ergologia no LAEL, PUC-SP, sob a orientação da professora doutora Maria Cecília Pérez Souza-e-Silva, trabalhando a maneira como os blogs se inserem no hall das atividades de trabalho de profissionais de diversas áreas em meio à midiatização, em prol da empregabilidade, de suas carreiras. Agora está cursando doutorado na PPGL- UFSCar, sob a orientação do professor Roberto Leiser Baronas, no LEEDIM, e está pesquisando o papel das Inteligências Artificiais na neutralização de sentidos relacionados ao desenvolvimento econômico e sustentabilidade face à emergência climática.

Jorcemara Cardoso

Mestre e doutora em Linguística, com ênfase em Linguagem e Discurso, pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Realizou estágio doutoral na Sorbonne Université, sob a supervisão do prof. Dr. Dominique Maingueneau, com bolsa PDSE/CAPES (2018). Conferencista na Fridrich-Schiller- Universität Jena. Pesquisadora nos grupos de pesquisa ImaGine e LEEDIM. Coordenadora da Comissão de Diversidade, Inclusão e Igualdade da Abralín (2023-2025) – CDII/Abralín. Idealizadora do projeto de divulgação científica Empoderamento Linguístico no Instagram e no YouTube.

286

Lauren de Arruda Sanches

Bacharel em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Na graduação, se dedicou aos estudos relacionados à Análise do discurso digital (ADD) a partir dos estudos de Marie-Anne Paveau. Atua profissionalmente no âmbito do marketing digital desde 2018.

Lennie Aryete Dias Pereira Bertoque

Licenciada em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso

(UFMT) - Campus Universitário do Araguaia (CUA). Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutora em Letras e Linguística também pela UFG. Realiza Estágio Pós-doutoral pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) com parceria com a Università Roma Tre (UniRoma 3) [em andamento]. É professora na UFMT-Araguaia, atuando nos Cursos de Letras, Jornalismo e Direito; na Pós-graduação lato sensu do Curso de Letras. É membro do grupo de pesquisa Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais (LEEDiM) da UFSCar. Participa do “Projeto Rede de Estudos da Língua Portuguesa ao Redor do Mundo”, que reúne pesquisadores do Brasil, Itália, Portugal e Macau, coordenado pelo “Grupo de Estudos Funcionalistas: análise, descrição e ensino” (GEF) da UFG. É presidente da Associação “Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste” (Gelco), gestão 2023- 2024.

Lidia Gurgel Neves-Hora

Jornalista formada pela Universidade de São Paulo (USP), é doutoranda em Estudos Linguísticos na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes, bolsista PDSE/Capes no Barcelona Supercomputing Center e ex-bolsista do Centro Brasileiro de Estudos da América Latina - CBEAL/Memorial da América Latina), sob orientação de Fábio Malini, e mestre em Relações Internacionais e Comunicação pela Universidad Complutense de Madrid. Tem 20 anos de experiência em comunicação digital e comunicação pública, trabalhos pelos quais recebeu os prêmios Fapes/Confap 2021, A Rede 2013 e Avina 2008. Participa do Grupo de Estudos sobre o Discurso da Mídia (Gedim/Ufes), do Observatório da Mídia/Ufes e do Leedim/UFSCar.

Lígia Mara Boin Menossi de Araújo

Professora do Departamento de Letras e do Programa de pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Doutora e mestre em Linguística pela UFSCar, pós-doutora em Filologia e Língua Portuguesa na USP e em Linguística na UFSCar. É integrante do LEEDIM - Laboratório de Estudos Epistemológicos e Discursividades Multimodais, coordenadora do Gestar- Maternidade e Ciência e embaixadora do Parent in Science.

Marco Antonio Almeida Ruiz

Professor adjunto na área de Linguística e Língua Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e doutor em Sociologia pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris (EHESS). Realizou estágio de pós-doutorado na Universidade de São Paulo (USP). É bacharel em Linguística pela UFSCar e licenciado em Letras (Português e Inglês) pela Unifran.

Mariana Morales da Silva

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/Capes), Mestre em Educação e Licenciada em Pedagogia pela Universidade de São Paulo (USP), graduada em Letras, habilitação português e espanhol pela FAVENI. Realizou doutorado sanduíche com financiamento Capes PrInt em 2019/2020 na Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, Espanha. Atualmente é professora do Instituto Guimarães Rosa de Buenos Aires vinculado à Embaixada do Brasil.

288

Mizael Silva Lima

Licenciado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) – Campus Universitário do Araguaia (CUA). É membro do Grupo de Estudos “Linguagem e Cognição Araguaia” (LinCA-UFMT). Seus trabalhos se inserem na área de Letras/Linguística, com ênfase em Linguística Funcional (LF), atuando nos seguintes temas: Descrição e Análise de Língua Portuguesa (Sintaxe), sob a perspectiva da LF; e Gramática e Ensino.

Renata de Oliveira Carreon

Professora permanente do Mestrado em Divulgação Científica e Cultural (MDCC) - LABJOR (Unicamp). Pós-doutoranda em Linguística na Universidade Estadual de Campinas (Labeurb/Unicamp- FAPESP processo 2021/07055-1) sob a supervisão da Profa. Dra. Cristiane Dias. Mestre (2013) e doutora (2018) pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL - CAPES) da UFSCar sob orientação do Prof. Dr. Roberto Baronas. Estágio doutoral em Buenos Aires (UBA

- Argentina) com o Prof. Dr. Mariano Dagatti (CAPES/PDSE). Formada em Licenciatura Plena em Letras com habilitação em português e espanhol pela Universidade Federal de São Carlos (2010).

Renata Rodrigues Coutinho

Jornalista formada pela Universidade Federal do Espírito Santo (2023) e atual mestrande do curso de comunicação social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atuou como bolsista de iniciação científica do CNPq, para desenvolver estudo sobre desinformação e vacinas no Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic).

Roberto Leiser Baronas

Possui graduação em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT - Campus Universitário do Araguaia, em Pontal do Araguaia - MT (1994) e doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Campus de Araraquara (2003). Com apoio de Bolsa Capes, desenvolveu sua tese sob a orientação de Edna Fernandes dos Santos Nascimento. Com apoio de bolsa PDEE/Capes, fez doutorado sanduíche na Université Paris Est - Créteil - Val de Marne - França, no Centro de Estudos de Discursos, Imagens, Textos, Escritos e Comunicação - CÉDITEC - sob a supervisão de Simone Bonnafous (2003). Realizou estágio de Pós-Doutorado de um ano com bolsa PDS do CNPq, junto ao Grupo de Pesquisa/CNPq Linguagem, Identidade e Memória, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem/LAEL/Faculdade de Filosofia Comunicação Letras e Artes/ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP, sob a supervisão de Beth Brait (2012).

Sidnay Fernandes dos Santos

Doutora e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Especialista em Literatura Brasileira pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e Licenciada em Letras pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professora de Linguística e Língua Portuguesa na Graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade

(PPGELS) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus VI). Trabalhou como professora de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental e Médio no Instituto de Educação Anísio Teixeira, durante quatorze anos. Atuou como coordenadora do Núcleo de Pesquisa e Extensão do Departamento de Ciências Humanas/Campus VI (UNEB). É uma das editoras da Revista Cenas Educacionais. Líder do grupo de estudos Laboratório de Estudos do Discurso (LAEDis/UNEB) e pesquisadora do grupo de pesquisa Laboratório de Estudos Epistemológicos e Discursividades Multimodais (LEEDIM/UFSCar). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Análise do Discurso, atuando principalmente nos seguintes temas: discurso midiático, discurso e ensino, Análise do discurso digital, linguística popular.

Stefano Vicari

Professor associado do departamento de língua e cultura moderna na Universidade de Gênova (Unige). Possui doutorado em Linguística pela Università di Brescia Università di Paris XIII - Brescia Parigi – IT com a tese intitulada “Les représentations de la langue française attitudes prédiscours questions de confiance”. Desenvolve pesquisa na área da linguística popular, linguística profana, novas tecnologias para o ensino de francês como língua estrangeira e, por fim, a interdisciplinaridade entre escritos populares e análise do discurso.

EDITORAS

Ana Paula Scher (USP/UFJF/CNPq)
Olga Ferreira Coelho Sansone (USP)

CONSELHO EDITORIAL

Adeilson P. Sedrins (UFRPE/UAG)
Adelia Maria Evangelista Azevedo (UEMS)
Ana Paula Scher (USP)
Aniela Improta França (UFRJ)
Atilio Butturri Junior (UFSC)
Carlos Alberto Faraco (UFPR)
Carlos Piovezani (UFSCar)
Carmem Luci Costa e Silva (UFRGS)
Cassiano R. Haag (MPSC)
Cátia de Azevedo Fronza (Unisinos)
Cláudia Regina Brescancini (PUCRS)
Claudia Toldo Oudeste (UPF)
Dermeval da Hora (UFPB)
Eduardo Kenedy (UFF)
Edwiges Maria Morato (Unicamp)
Eliane Silveira (UFU)
Elisa Battisti (UFRGS)
Esmeralda Negrão (USP)
Heloisa Monteiro Rosário (UFRGS)
Heronides Moura (UFSC)
Indaiá de Santana Bassani (UNIFESP)
Ingrid Finger (UFRGS)
Jairo Nunes (USP)
Janaína Weissheimer (UFRN)
João Paulo Cyrino (UFBA)

Juciane Cavalheiro (UEA)
Leonel Figueiredo de Alencar (UFC)
Luiz Carlos Schwindt (UFRGS)
Luiz Francisco Dias (UFMG)
Mailce Mota (UFSC)
Marcelo Ferreira (USP)
Marcos Lopes (USP)
Marcus Lunguinho (UnB)
Maria Eugenia Duarte (UFRJ)
Mariangela Rios de Oliveira (UFF)
Pablo Ribeiro (UFSM)
Plínio Barbosa (Unicamp)
Rafael Minussi (Unifesp)
Renato Basso (UFSCAR)
Ronice Muller de Quadros (UFSC)
Ruth Lopes (Unicamp)
Simone Guesser (UFRR)
Simone Sarmiento (UFRGS)
Sirio Possenti (Unicamp)
Sonia Cyrino (Unicamp)
Tânia Maris de Azevedo (UCS)
Ubiratã K. Alves (UFRGS)
Vitor Nóbrega (UFSC)
Viviane de Melo Resende (UnB)

OBRAS JÁ PUBLICADAS

· COLEÇÃO ALTOS ESTUDOS EM LINGUÍSTICA

A aventura de Saussure

Eliane Silveira

Aquisição atípica da linguagem: modelos linguísticos e prática clínica

Cristiane Lazzarotto-Volcão, Marian Oliveira e Maria João Freitas

Formas de tratamento e "cordialidade": mudança linguística e conceptualizações culturais

Geisa Mara Batista

Monotongação de ditongos orais no português brasileiro: uma revisão sistemática da literatura

Nancy Mendes Torres Vieira

Uma abordagem da cena genérica como embleante paratópico: em pauta as cartas privadas de Mário, Drummond, Freud, Sêneca e John Wesley

Manuel Veronez

Linguagem, cognição e ensino: reflexão sobre a linguagem em crianças com e sem diagnósticos

Thalita Cristina Souza Cruz e Fernanda Moraes D'Oliveira

Gramaticalização e gramática gerativa

Lorenzo Teixeira Vitral

"Ai, se seu te pego...": aspectos prosódicos de estruturas desgarradas em língua portuguesa

Aline Ponciano dos Santos Silvestre

Educação intercultural, letramentos de resistência e formação docente

Rodriana Dias Coelho Costa Edinei Carvalho dos Santos e Kléber Aparecido da Silva

O caso mais grosseiro da semiologia: o que Saussure pode nos dizer sobre os nomes próprios?

Stefania Montes Henriques

Investigações em linguística geral: textos escolhidos de Martin Haspelmath

Felipe Bilharva da Silva, Gabriel de Ávila Othello, Melissa Lazzari, Pablo Nunes Ribeiro, Sérgio de Moura Menuzzi

Fonologia e Ensino: descobertas e interfaces

Ubiratã Kickhöfel Alves e Gladis Massini-Cagliari.

Ensino de pronúncia e formação docente

Amanda Post da Silveira, Cristiane Conceição e Felipe Flores Kupske

O espanhol da Costa Rica segundo os ticos: um estudo de linguística popular

Carla Victória Jara Murillo; tradução Mariana Morales da Silva, Roberto Leiser Baronas, e Marcelo Rocha Barros Gonçalves

• COLEÇÃO LINGÜÍSTICA E SOCIEDADE

Linguagem simples pra quem? A comunicação cidadã em debate

Adelaide Silvam, Xoán Lagares e Marcus Maia

Da Subjacência à Superfície: A Contribuição de Leda Bisol para a Materialização da Fonologia no País.

Uma homenagem da Associação Brasileira de Linguística

Ubiratã Kickhöfel Alves e Gladis Massini-Cagliari.

• COLEÇÃO LINGÜÍSTICA EM AÇÃO

Introdução à estatística para linguistas

Livia Oushiro

Investigando os sons de línguas não nativas: uma introdução

Felipe Flores Kupske, Ubiratã Kickhöfel Alves e Ronaldo Manguiera Lima Jr.

Linguística no feminino. Vozes femininas que fizeram a linguística no Brasil

Danniel Carvalho e Raquel Freitag

Manual de Morfologia Distribuída

Ana Paula Scher, Indaiá de Santana Bassani e Paula Roberta Gabbai Armelin

Manual de Prosódia Experimental

Plínio A. Barbosa

Uma introdução à semântica argumentativa

Vicente de Souza Cardoso Jr

